

REGINA TAVARES DE MENEZES

**MEMÓRIA EM PAPEL
O JORNALISMO POPULAR E A MEMÓRIA COLETIVA**

**MESTRADO
CIÊNCIAS SOCIAIS - ANTROPOLOGIA**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SÃO PAULO - 2007

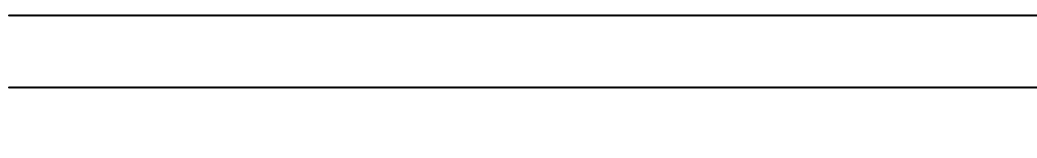
REGINA TAVARES DE MENEZES

**MEMÓRIA EM PAPEL
O JORNALISMO POPULAR E A MEMÓRIA COLETIVA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais - Antropologia, sob orientação da Profa. Dra. Eliane Hojaj Gouveia.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

SÃO PAULO - 2007



Aos responsáveis por minha existência e mais esta conquista:
Meus familiares (José Antônio, Maria Lúcia, Lárissa e Nair)

AGRADECIMENTOS

- Aos meus pais (Sr. José Antônio e Sra. Maria Lúcia) pela forma como entregaram suas vidas em prol da formação de seus filhos. Estas linhas são ínfimas se comparadas ao meu amor por vocês;
- Às minhas irmãs Lárissa e Nair pela compreensão e atenção concedidas nesta ocasião de minha vida;
- À Profa. Dra. Eliane Hojaj Gouveia pela forma afetuosa com que me acolheu no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, bem como pela sua crença e paixão pelo tema proposto nesta dissertação. Foram fundamentais as conversas, os conselhos e as sugestões ao longo do caminho;
- Às professoras convidadas para a banca de qualificação Dr^a. Teresinha Bernardo e Dr^a. Vera Lúcia Crevin por suas indicações e sugestões;
- Ao companheiro Ricardo pela forma como preservou nossa relação durante o mestrado. Sou eternamente grata pelo apoio concedido nesse momento;
- Ao fiel amigo Aparecido Pereira dos Santos pela diagramação de jornais produzida exclusivamente à minha dissertação e pela companhia “rabugenta” e encantadora nos últimos sete anos;
- Aos amigos (Alessandro, Tatiana, Elaine, Liliane, Paula, Roziane, Amanda e Kelly), eternos professores (João, Vilma, Luís Antônio, Juarez e Luiz Wanderley) e alunos (William, Raphael, Lisandra, Ricardo, Márcia, Vivian e Glauber). Sinto pelos momentos que me ausentei em função dos estudos. Contudo, sei que vocês conhecem meus sentimentos e compreendem meus ideais. Seria impossível pontuar as inúmeras vezes em que suas palavras generosas e sinceras renovaram meu espírito em minha trajetória acadêmica;
- Aos sujeitos diretos e indiretos desta pesquisa. Sinto-me lisonjeada por conhecer suas memórias. Sem dúvidas, suas lembranças serão inspirações luminosas em minha vida;
- À CAPES pela concessão da bolsa de estudos.

RESUMO

O presente estudo de caso tem como foco a memória coletiva da região de São Miguel Paulista, a partir da análise do jornal impresso *GRITA POVO* (1982 – 1991) e da pesquisa oral empenhada junto aos sujeitos produtores do veículo. A pesquisa é datada e situada. Trata-se do período ditatorial e de redemocratização nacional vivenciado na zona leste do município de São Paulo. O estudo recebeu orientação histórica e sócio-anropológica sobre a Igreja Católica, o Estado militar, os movimentos populares e as ações de comunicação promovidas por eles na ocasião. No que tange aos aspectos teóricos, a abordagem refere-se à comunicação popular e à memória coletiva. Além da pesquisa bibliográfica, este estudo se apóia no resgate e análise do mencionado jornal; além de utilizar-se de fontes documentais como os documentos históricos levantados em etnografia no acervo do extinto Centro de Comunicação e Educação de São Miguel Paulista (CEMI). As fontes documentais foram responsáveis por revelar a intenção da comunidade em questão: idealizar um jornal popular como objeto evocador e armazenador da memória coletiva da região. Já as fontes orais auxiliaram a composição dos aspectos históricos deste estudo, assim como estabeleceram diálogo intenso com o arcabouço teórico da pesquisa bibliográfica. Tais fontes foram selecionadas qualitativamente e de acordo com o vínculo com a Igreja Católica, os movimentos populares e os meios de comunicação popular da região nas décadas de setenta a noventa. Entre os objetivos propostos, foi possível: observar o termo memória numa perspectiva interdisciplinar; entender a comunicação popular para além da simples concepção de mídia; conhecer os aspectos centrais dos movimentos populares; resgatar e preservar parte considerável do acervo do CEMI. Conquistas como a restauração de parte considerável do acervo do CEMI e a retomada do grupo responsável pelo centro por um objetivo em comum já atestam a vivacidade da memória desta comunidade. Almeja-se que o trabalho realizado junto ao acervo do CEMI possa - no futuro - chegar à população local de forma democratizada e contribuir para a evocação e a fixação da memória coletiva da própria comunicação popular. Espera-se ainda, que o acervo do CEMI, bem como o jornal *GRITA POVO* tornem-se fontes valiosas para pesquisas empenhadas pelas ciências humanas em todo o Brasil. Enfim, este estudo pretende despertar uma nova consciência para com patrimônios culturais marginalizados por motivos diversos. Uma nova possibilidade de pensar o lugar do jornal no amanhã é traçada nesta dissertação.

PALAVRAS – CHAVE: Memória; Memória Coletiva; Jornalismo; Jornalismo Popular; Zona Leste; Jornal *GRITA POVO*.

ABSTRACT

The present case study focuses on the collective memory of the region of São Miguel Paulista (city of São Paulo), based on the analysis of the printed newspaper *GRITA POVO* (1982 – 1991), and on an oral research carried out with the subjects who produce the vehicle. The research approaches the dictatorship and redemocratization periods experienced in the east zone of the city of São Paulo. The study received historical and socio-anthropological guidance about the Catholic Church, the military State, popular movements and the actions of communication promoted by them on the occasion. Regarding the theoretical aspects, the approach refers to popular communication and collective memory. Besides the bibliographic research, this study restores and analyzes the above-mentioned newspaper; it also uses documental sources such as the historic documents collected through an ethnographical work carried out at the extinct *Centro de Comunicação e Educação de São Miguel Paulista* (CEMI – Center for Communication and Education of São Miguel Paulista). These documental sources were responsible for revealing that community's intention: to idealize a popular newspaper as an object that evokes and stores the collective memory of the region. The oral sources, in turn, helped in the composition of the historical aspects of this study, and also established an intense dialogue with the theoretical framework of the bibliographic research. These sources were selected qualitatively and according to the link with the Catholic Church, the popular movements and the means of popular communication of the region from the 1970s to the 1990s. Among the proposed objectives, it was possible: to observe the term *memory* in an interdisciplinary perspective; to understand popular communication beyond the simple conception of media; to learn about the central aspects of popular movements; to restore and preserve a considerable part of CEMI's collection. Achievements such as the restoration of a major part of CEMI's collection and the recovery of the activity of the group in charge of the Center around a shared objective confirm the vivacity of this community's memory. It is hoped that the work performed in CEMI's collection can – in the future – reach the local population in a democratized way and contribute to evoke and fix the collective memory of popular communication itself. In addition, it is hoped that CEMI's collection, as well as the newspaper *GRITA POVO*, become valuable sources for research carried out by the human sciences throughout Brazil. In summary, this study wishes to awaken a new awareness regarding cultural heritages that are marginalized for several reasons. A new possibility of thinking about the newspaper's place in the future is outlined in this thesis.

KEY – WORDS: Memory; Collective Memory; Journalism; Popular Journalism; East Zone; Newspaper *GRITA POVO*.

SUMÁRIO

	Página
APRESENTAÇÃO	13
I NO OLHO DO FURACÃO (<i>ASPECTOS HISTÓRICO-SOCIAIS</i>)	20
I.I DO GOLPE À ABERTURA: UM CONTURBADO PERÍODO NACIONAL.....	22
II MEMÓRIA DE PAPEL (<i>ASPECTOS TEÓRICOS</i>)	53
II. I A COMUNICAÇÃO POPULAR COMO AMPLIFICAÇÃO DAS VOZES	55
II. II MEMÓRIA: UM OBJETO DE INTERESSE INTERDISCIPLINAR	70
II.III JORNAL E MEMÓRIA COMBINAM?	74
III CAMINHOS TRAÇADOS (<i>ASPECTOS METODOLÓGICOS</i>)	82
III. I ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS	84
III. II ETNOLOGIA EM MEIO A RUÍNAS	85
III. III ENCONTROS E DESENCONTROS NOS RELATOS MEMORIALISTAS	91
IV ESTUDO DE CASO	101
IV. I ETNOGRAFIA	103
IV. II <i>GRITA POVO</i> : UM JORNAL REVOLUCIONÁRIO (DESCRIÇÃO).....	107
IV.III PÁGINAS POLÊMICAS (CONTEÚDO)	114
IV. IV NA LÍNGUA DO <i>GRITA POVO</i> (LINGUAGEM).....	121
IV. V UM JORNAL FEITO POR MUITAS MÃOS (PRODUÇÃO).....	122
IV. VI MEMÓRIA EM PAPEL (REGISTROS DE MEMÓRIA INDIVIDUAL E	126
COLETIVA).....	
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	131
REFERÊNCIAS	138
ANEXOS	206

IMAGENS DO CAMPO

	Página
Imagem I	150
Imagem II	150
Imagem III	151
Imagem IV	151
Imagem V	152
Imagem VI	152
Imagem VII	153
Imagem VIII	153
Imagem IX	154

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1	156
Figura 2	157
Figura 3	158
Figura 4	159
Figura 5	160
Figura 6	161
Figura 7	162
Figura 8	163
Figura 9	164
Figura 10	165
Figura 11	166
Figura 12	167
Figura 13	168
Figura 14	169
Figura 15	170
Figura 16	171
Figura 17	172
Figura 18	173
Figura 19	174
Figura 20	175
Figura 21	176
Figura 22	177
Figura 23	178
Figura 24	179
Figura 25	180
Figura 26	181
Figura 27	182
Figura 28	183
Figura 29	184
Figura 30	185

Figura 31	186
Figura 32	187
Figura 33	188
Figura 34	189
Figura 35	190
Figura 36	191
Figura 37	192
Figura 38	193
Figura 39	194
Figura 40	195
Figura 41	196
Figura 42	197
Figura 43	198
Figura 44	199
Figura 45	200
Figura 46	201

LISTA DE TABELAS

	Página
I Periódicos impressos localizados	203
II Exemplo da análise de conteúdo das edições do jornal <i>GRITA POVO</i>	205

APRESENTAÇÃO

Por ser moradora da região da Zona Leste e freqüentadora da paróquia Nossa Senhora de Fátima, desde a infância ouvia muito sobre o papel da Igreja Católica nos “anos de chumbo”, vividos durante a ditadura militar.¹ Sempre escutava os mais velhos contarem e recontarem lembranças saudosas acerca da importância dos jornais populares e católicos da época na construção de uma democracia que despontava “lenta e gradualmente” no solo brasileiro por volta dos anos de 1980.

Entre os jornais mencionados, estava o periódico quinzenal *GRITA POVO* (1982 – 1991), intitulado por seus realizadores como porta-voz dos movimentos populares da Zona Leste. Contudo, por desconhecer seu valor para a história da comunicação popular, jamais dei importância às lembranças relativas ao *GRITA POVO*.

Somente mais tarde, com o passar dos anos - durante a graduação - tive a oportunidade de acompanhar diferentes grupos e lutas sociais em São Paulo e, então, reconhecer o valor da comunicação popular numa sociedade democrática ou repressiva. Entre os movimentos que acompanhei, chamou-me atenção os que prezavam democratizar a comunicação por meio do exercício da comunicação popular. Como exemplo, cito as rádios comunitárias que conheci.

Oportunamente, os jornais populares atravessaram o meu caminho, motivando-me, inclusive, a participar do jornal comunitário *Sintonia*, no Jardim Popular². Conforme eu me envolvia com o jornal, acentuava-se a convicção de que os jornais populares são importantes ferramentas nas lutas travadas por movimentos sociais.

Em 2002, novamente a comunicação popular me surpreendeu. Naquele momento, passei a entender sua relevância para o histórico de uma comunidade, no caso, a comunidade em que eu sempre vivi.

Na condição de aluna de jornalismo e estagiária do Canal Universitário de São Paulo (CNU-SP), fui designada para uma extensa reportagem sobre a história da comunicação popular no Brasil, em tempos de ditadura. Daí em diante, nos três

¹ Utilizarei a primeira pessoa do discurso para me referir a experiências pessoais vivenciadas e a procedimentos idealizados e/ou realizados por mim, a fim de definir uma estratégia discursiva de aceitação do “sujeito-pesquisador”.

meses que se seguiram, constatei a importância dos movimentos populares da região para a história da comunicação popular nacional e, inclusive, latino-americana. Foram determinantes para esta conclusão pesquisas, entrevistas, visitas e, principalmente, a localização de um rico acervo sobre a comunicação popular da Zona Leste, do país e da América Latina, infelizmente legado ao descaso até então. Tratava-se do acervo do Centro de Comunicação e Educação de São Miguel Paulista (CEMI).

A possibilidade de reportar a inúmeros telespectadores as condições em que estava o acervo da Igreja, despertou certa represália por parte daqueles que eram, à época, os responsáveis. Os quais temiam que a reportagem denotasse descaso da Igreja para com o patrimônio histórico. Apesar de preservar o nome da Igreja na reportagem, fui desautorizada a visitar o acervo durante um ano.

Em 2003, com o término da graduação, manifestou-se em mim o desejo de pesquisar com maior profundidade acadêmica a comunicação popular da Zona Leste. Para tanto, a primeira atitude foi procurar a devida autorização para acessar o acervo, a fim de realizar uma possível pesquisa acadêmica. Autorização concedida, passei a freqüentá-lo regularmente e, para minha surpresa, constatei que os itens ainda estavam em sua totalidade no mesmo local e da mesma forma em que os deixara há um ano. Antes mesmo do ingresso como aluna regular no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, me dediquei a compreender tais itens, assim como me familiarizar com os funcionários do Instituto de Teologia de São Miguel - onde se situava o acervo do antigo CEMI -, com a intenção de adquirir confiança e respeito.

No início, pensei em reconstituir todo o acervo encontrado e integrá-lo a um espaço reservado a patrimônios históricos, por exemplo, o do Museu da Imprensa, onde se podem alocar coleções de jornais antigos e representativos para a história nacional. Mas, logo tal idéia veio por terra. Além do contato com a fonte documental da pesquisa, eu também conheci os indivíduos vivos e moradores da região que atuaram no CEMI e no jornal *GRITA POVO*. Para eles, a situação atual do acervo do CEMI não era novidade e, em absoluto uma realidade gratuita, pois àquele respeito havia uma intenção clara: esquecer. Retirar o acervo dali – como eu desejava – e alocá-lo no Museu da Imprensa não resolveria o “esquecimento” proposto por aquele

² Ver Figura 45.

grupo da Igreja. A cada dia que passava, eu notava, por meio da pesquisa exploratória e da pesquisa-ação, uma questão emergente: a existência de uma profunda “amnésia” na região, dotada de intencionalidades e conseqüências.

Portanto, a institucionalização do acervo, única e exclusivamente, era insuficiente para a construção de um passado significativo para o futuro. Principalmente, se levarmos em conta que o acervo é, em sua maior parte, composto por jornais populares, considerados pela sociedade, por vezes, como fontes marginais. Ou seja, a pesquisa-ação realizada até então denotava que, para mostrar à sociedade a memória coletiva de São Miguel presente nas páginas do *GRITA POVO*, seria necessário, além da institucionalização, um considerável trabalho de conscientização.

Prova disso eu obtive em sala de aula, como docente da disciplina de Comunicação Comunitária na Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), situada na região. Incomodava-me observar como os estudantes desconheciam a história da comunicação popular da Zona Leste e sua relevância para a democracia, e ainda me descontentava o modo como eles desvalorizavam a comunicação popular e supervalorizavam a comunicação de massa sem criticidade. Passei então, a ensinar a aplicação da comunicação popular na vida prática, e a história da comunicação popular na Zona Leste. E ainda, a expor como a comunicação popular foi fundamental para o processo de redemocratização nacional. Posteriormente, diversos professores da disciplina passaram a me solicitar informações e materiais sobre o CEMI e o *GRITA POVO* para repassar aos seus alunos.

Finalmente, decidi resgatar, preservar e até restaurar o acervo do CEMI, no mesmo local onde ele esteve desde seu surgimento, na esperança de que os atuais responsáveis fossem sensibilizados e permitissem que ao menos os alunos da presente Faculdade de Teologia tivessem acesso a ele.

Além de realizar tal trabalho, em decorrência de uma possível disponibilização à população local, pensei ainda como os diversos jornais e materiais do CEMI seriam fontes valiosas para pesquisas empenhadas pelas ciências humanas em todo o Brasil. Para mim, a restauração do CEMI passou a ser uma possibilidade efetiva de resgatar a “memória esquecida” daquela comunidade.

Foi assim que a memória passou a ser foco de interesse de meus estudos. Durante as aulas de pós-graduação pela PUC-SP (2º semestre/2005 - 1º

semestre/2007), o tema memória trouxe inquietude e acalento ao estudo, além de favorecer o desenho do projeto de pesquisa.

Após delinear a hipótese citada abaixo, resolvemos - minha orientadora e eu - compreender o jornal popular como uma possibilidade de registro e evocação da memória coletiva, à luz de um estudo de caso específico: o jornal popular *GRITA POVO*. A hipótese era:

O jornal *GRITA POVO* foi concebido, produzido e difundido, entre diversos motivos, sob a intenção de registrar e, futuramente, possibilitar a evocação da memória individual e coletiva de São Miguel Paulista, sendo o contexto sócio-político (ditadura militar) determinante para a idealização deste projeto.

De tal hipótese e das reflexões trazidas pela pesquisa-ação e pelas disciplinas cursadas, diversos questionamentos eram promovidos. Alguns deles:

Quais são os principais aspectos antropológicos da concepção, produção e difusão do jornal popular impresso e sua relação com o processo de constituição da memória individual e coletiva de uma determinada comunidade assolada por um regime estatal ditatorial? Tendo em vista a não-preservação do jornal *GRITA POVO* e o seu acesso restrito à população geral, qual é a vocação do jornal popular como objeto da memória? A atual condição do acervo possui significados? O resgate, a preservação e o acesso democratizado do *GRITA POVO* e do acervo do CEMI são capazes de produzir significados ao passado e ao devir? A imprensa é encarada como fonte efetiva das ciências humanas? E a imprensa popular, ocupa instância inferior por ser popular? E para a sociedade, qual o valor patrimonial e histórico do *GRITA POVO* e do CEMI?

Guiada por tais questionamentos, avaliamos (eu e minha orientadora) a metodologia mais adequada à pesquisa e iniciei a coleta e a análise dos dados com base na pesquisa qualitativa e de pluralidade metodológica, tendo como unidade de análise o estudo de caso, como já foi dito. Portanto, além de utilizar o jornal mencionado como fonte, procurei sujeitos da época, a fim de valorizar a história de vida do indivíduo na reconstituição da memória regional.

A dissertação, fruto desta pesquisa empenhada há aproximadamente dois anos, está compreendida em quatro capítulos.

O primeiro refere-se aos aspectos histórico-sociais do estudo de caso: o contexto político estrutural e conjuntural, compreendido entre os anos sessenta e oitenta do século passado; a Igreja Católica e uma nova fundamentação teológica na

América Latina e no Brasil; a história do CEMI e do jornal *GRITA POVO*. Vários autores contribuíram para a revisão desta bibliografia, entre eles, Hobsbawm, Fausto e Gaspari ampararam teoricamente as questões sócio-econômicas e políticas nacionais e internacionais; enquanto Alves, Mendes, Betto, Arns, entre outros, as questões relacionadas à Igreja Católica.

O segundo capítulo aprofunda os aspectos teóricos mencionados no capítulo anterior e apresenta os conceitos-chave da dissertação: a comunicação popular e a memória coletiva. Antes de tratar efetivamente da comunicação popular, abordei questões relacionadas à comunicação social e suas teorias, a fim de refletir sobre a comunicação como objeto da memória. Nesse sentido, me valeram autores que pensam a comunicação para além da mídia, como Canclini, Martín-Barbero e Benjamin. Especificamente sobre a comunicação popular, são referências a pesquisa de mestrado de Gomes, a respeito do jornal *GRITA POVO* no período compreendido entre 1982 e 1987, e os estudos empenhados por Festa e Peruzzo.

A memória, como proposta metodológica ou como conceito teórico, é vista numa perspectiva interdisciplinar por diferentes autores : Benjamin, Bergson, Jeudy, Pollack, Bosi e Halbwachs, este último, autor do termo “memória coletiva”, amplamente empregado neste estudo. Ainda neste capítulo, o subcapítulo “Jornal e memória, combinam?” trata do lugar do jornal no ambiente acadêmico e na sociedade em geral.

O terceiro capítulo traça o caminho metodológico percorrido durante a pesquisa, a fim de esclarecer e justificar determinadas escolhas, atitudes e resultados obtidos. Num primeiro momento, traz-se a reflexão sobre a coleta e análise dos dados decorrentes da pesquisa. Em seguida, há um registro sobre o período de restauração do acervo localizado e o jornal *GRITA POVO*, e também se discorre sobre a análise de conteúdo realizada sobre ele. Por último, comenta-se o período exploratório da pesquisa e a coleta de dados fundamentada na observação participante e nas técnicas de história oral, especialmente, na modalidade de história de vida.

Finalmente, o quarto e último capítulo trata dos aspectos relacionados ao estudo de caso do jornal *GRITA POVO*. O capítulo subdivide-se em: etnografia do jornal (descrição, conteúdo, linguagem, produção e registro de memória individual e coletiva) e reflexões finais.

Entre os objetivos propostos neste estudo, observei o termo memória numa perspectiva interdisciplinar, conheci os aspectos centrais dos movimentos populares, resgatei e preservei parte considerável do acervo do CEMI e ainda me dediquei a compreender o contexto sócio-político de produção do jornal *GRITA POVO* e analisei sua vocação como objeto armazenador e evocador da memória coletiva da comunidade em questão.

O resgate memorialista proposto neste estudo deseja despertar uma nova consciência para com a preservação do acervo do CEMI e do jornal *GRITA POVO*, além de disponibilizar os dados coletados aos pesquisadores de áreas como Ciências Sociais, História e Comunicação. Em última instância, espera contribuir para a evocação e a fixação da memória coletiva da própria comunicação popular.

O estudo traz determinadas conclusões, claramente desencadeadoras de novas inquietações para estudos futuros.

“(...) mais de uma década em que nossa América Latina esteve em chamas: a chama da criatividade e o fogo dos fuzis iluminando processos revolucionários que perseguiram a construção de um homem novo, um mundo livre e solidário. Tempo em que as utopias deixavam o plano da entelúquia para materializar-se em transformações da realidade.”

Paulo Cannabrava Filho

I.I DO GOLPE À ABERTURA: UM CONTURBADO PERÍODO NACIONAL

“Apesar de você, amanhã há de ser outro dia.
 Você vai se dar mal, etc e tal.
 La, laiá, la laiá, la laiá...”
*Chico Buarque*³

Convém inicialmente - mesmo que de forma panorâmica - apresentar os principais aspectos histórico-sociais deste estudo. Notoriamente, os fatos selecionados a seguir decorrem de uma investigação bibliográfica delimitada, a fim de compreender a possível relação existente entre um veículo de comunicação popular católico - o jornal *GRITA POVO* - e a memória coletiva da região diocesana⁴ de São Miguel Paulista, nas décadas de 1970 e 1980. Desta forma, seguem observações a respeito da Igreja Católica, da comunicação e da comunicação popular em um determinado período histórico do país.

No que tange ao momento histórico, em meados da década de 70, o mundo vivenciava o que ficou conhecido como “guerra fria”⁵. A economia mundial experimentava uma profunda crise que atingiu seu ápice no início da década de 80. No plano da cultura e da comunicação, meios de comunicação de massa como o rádio e a TV ganhavam destaque na sala de estar de muitas famílias, alimentando a idéia de que a comunicação de massa era um investimento econômico rentável e um projeto de manipulação bem sucedido para as classes dominantes. (HOBSBAWM, 1995)

Ainda é Hobsbawm quem afirma que, no mesmo período, a América Latina e o Caribe demonstravam um espírito altamente revolucionário, para preocupação do então presidente dos Estados Unidos da América (EUA), Ronald Reagan. Nas

³ A música *Apesar de você*, composição de Chico Buarque de Holanda, utiliza metáforas, analogias e demais figuras de linguagem para tecer uma crítica ao período da ditadura nacional. Outras músicas do compositor e intérprete têm o mesmo objetivo, a exemplo de *Cálice* e *A banda*.

⁴ Anteriormente, a região era intitulada como “episcopal”. Entretanto, utilizo aqui o termo atual: região diocesana.

⁵ Confronto entre as superpotências (EUA e URSS) emergentes da Segunda Guerra Mundial.

palavras do historiador, o fim da década de 70 fez o mundo inclinar-se para a esquerda em resposta aos estados ditatoriais emergentes:

(...) o Terceiro Mundo agora se tornava o pilar central da esperança e fé dos que ainda acreditavam na revolução social. (...) Parecia um vulcão global prestes a entrar em erupção, um campo sísmico cujos tremores anunciavam os grandes terremotos futuros. (ibidem, p. 424)

Enquanto o mundo ocidental vivia esta intensa fase política e cultural, no Brasil - assim como em outros países do dito “Terceiro Mundo” - a população experimentava os “anos de chumbo”, trazidos pela ditadura militar. No Brasil, o golpe militar teve início em 31 de março de 1964, sendo concretizado apenas em 2 de abril do mesmo ano, quando o presidente João Goulart deixou o país, tornando vago o cargo de Presidente da República.

Na ocasião do golpe, instituições como a Igreja Católica, na figura da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) se dividiu em alas conservadoras e progressistas. No caso específico da Igreja, enquanto uma apoiou a intervenção dos militares sob o pretexto de salvar o país do comunismo e da corrupção (ALVES, 1984), outra se preocupou em contrariar o regime militar. Como exemplo deste dualismo, destacam-se as gestões dos bispos de São Paulo (ala progressista) e do Rio de Janeiro (ala conservadora).

Assim como as alas internas da Igreja, a sociedade assumiu posturas diferenciadas perante o regime. Tendo em vista o avanço do movimento popular, desde o início da década de 1950, boa parte da burguesia acreditou que o golpe e a instauração de um breve período militar seriam favoráveis aos seus interesses econômicos e uma boa estratégia para a contenção das massas revoltosas em relação ao atual cenário sócio-político.

Para conter manifestações contrárias ao regime, o governo militar criou o Serviço Nacional de Informações (SNI) e instituiu a censura à imprensa, aos artistas e aos intelectuais. Seus esquemas de espionagem e vigilância passaram a controlar a pretensa subversão dos civis, graças a uma vasta campanha de perseguição em todo o país, inclusive em espaços religiosos como atentam os relatos de Dom Paulo Evaristo Arns, então Bispo de São Paulo (1985).

Em vinte anos de ditadura, a Constituição - vigente desde 1946 - foi suspensa e atos institucionais foram decretados para ampliar os poderes do Executivo e,

conseqüentemente, limitar os do Legislativo e do Judiciário. Em 1967, o Congresso Nacional foi pressionado a votar uma nova Constituição, aos moldes dos militares. A “linha dura” do regime começava a se formar. Já nessa ocasião, determinadas alas de instituições que haviam apoiado o golpe, notaram que a permanência do estado ditatorial seria mais duradoura do que o prometido. Dessa maneira, as alas mais progressistas das mais variadas instituições, como a Igreja, as Universidades, as comunidades profissionais organizadas, entre outras, resolveram declarar oposição ao Estado. (FAUSTO, 1978)

No caso da Igreja Católica, faz-se necessário ressaltar que com exceção das “alas mais progressistas” da Igreja, boa parte do clero chegou a apoiar o regime ditatorial desde sua efetivação, como citado anteriormente.

Por este motivo, denota-se que a Igreja Católica não é um grupo uniforme, e sim, constituído por uma diversidade de tendências polêmicas entre si. As ramificações internas da Instituição oferecem perspectivas diferentes de atuação no mundo, além de concepções morais diversas. Diante da história peculiar da Igreja no país, podemos destacar como exemplo: a progressividade das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e o conservadorismo consolidado posteriormente na Renovação Carismática. Cabe dizer que essas tendências diversas também são encontradas na forma como os meios de comunicação são utilizados pelos diversos grupos católicos.

Assim, faz-se necessário considerar a diversidade de perspectivas da Igreja ao longo da história nacional e, especificamente, no que diz respeito à relação mantida entre Igreja e Estado, como apontam os estudos dos autores: Azevedo (2004)⁶, Beozzo (1981) e Mainwaring (1989).

De acordo com os relatos dos sujeitos desta pesquisa, as estratégias autoritárias dos militares no poder, como o uso da tortura e o desrespeito aos

⁶ Azevedo ressaltava em seus estudos as rupturas mais marcantes entre a Igreja e o Estado na história nacional do século XX: Durante o período Colonial, a Igreja estava subordinada ao Estado e funcionava como um de seus instrumentos de dominação. Um marco na crise deste modelo foi a expulsão dos jesuítas, em 1759, e a instauração progressiva de uma mentalidade racionalista e iluminista. Em 1840, durante o segundo reinado, a Igreja colocou-se sob as ordens diretas do Papa, desvinculando-se da Coroa Luso-brasileira, em um processo de Romanização que incluiu três fases: o investimento na formação do clero de acordo com a disciplina do catolicismo romano; a separação entre Igreja e Estado com a proclamação da República; e a terceira, a partir de 1922, conhecida como NeoCristandade, em que a Igreja decide atuar de forma visível na arena política. (Azevedo, 2004).

direitos humanos, fizeram com que uma esfera progressista da Igreja⁷ estabelecesse uma profunda cisão com o Estado. Carlos Strabeli⁸, padre em exercício durante os anos de 1970 comenta com exclusividade a esta pesquisa:

No primeiro momento, ela (a Igreja) apóia a ditadura, depois ela percebe o tamanho do estrago que a ditadura estava fazendo ao nível (sic) dos direitos sociais, ao nível dos direitos humanos, ao nível de tudo que a Igreja sempre tinha construído. É então que a Igreja vai se tornar a grande opositora do regime. (STRABELI, 2003)

Como aponta Strabeli, a agressão aos direitos humanos foi um dos motivos que corroboraram para a mudança gradativa de pensamento da Igreja, na América Latina e no Brasil, cujo ápice se deu em 1962, durante o Concílio Vaticano II convocado por João XXIII. Entre as intenções do Concílio, estava a necessidade de refletir a situação emergencial de miséria e opressão vivida pela América Latina. Havia uma real vontade de renovar a Igreja, buscando uma aproximação maior com as classes menos favorecidas.

Dois encontros foram determinantes para traçar este novo perfil evangelizador: as Conferências do Episcopado Latino Americano (CELAM) em Medellín (1968) e em Puebla (1979) (MATOS, 1996). Foi em Medellín que a Igreja Católica pensou criticamente sua forma de evangelizar e se inserir na sociedade efetivamente contra quaisquer formas de opressão, em busca da libertação⁹. A ênfase dada à palavra “libertação” fez com que esta nova diretriz teológica recebesse a denominação de Teologia da Libertação¹⁰.

No Brasil, a Teologia da Libertação se refletiu, entre várias formas, na experiência das CEBs, como aponta Tufte, em seus estudos sobre a comunicação

⁷ O termo Igreja será utilizado para referir-se à Igreja Católica.

⁸ Depoimentos concedidos à pesquisadora em 2003 e 2005: Carlos Strabeli (ex-diretor do CEMI e antigo coordenador regional da Comissão dos Direitos Humanos, nomeado por Dom Paulo Evaristo Arns. Atualmente, é gerente do Posto de Saúde Santa Inês). Na região, Carlos Strabeli é considerado um líder popular relevante no contexto histórico das décadas de 1970 e 1980. Ainda hoje, como gerente do posto, Strabeli desenvolve encontros para a discussão de melhorias na região. Ele não exerce mais a função de padre e reside com mulher e filhos na Zona Leste.

⁹ Em entrevista, Strabeli comenta a influência da Teologia da Libertação na doutrina da Igreja da época: “(...) era uma tentativa de ler a bíblia com um outro olhar, não o olhar dogmático da verdade fechada e acabada, mas uma bíblia com experiência de um povo que também lutou pela sua sobrevivência”. (STRABELI, 2005)

¹⁰ Aproximadamente 40 bispos latino-americanos, inspirados pela idéia da Igreja dos pobres, do papa João XXIII, “reuniram-se nas catacumbas de Santa Domitila em Roma e fizeram o Pacto das Catacumbas” (PILETTI e PRAXEDES, 1997, p. 325). Foi um ato simbólico em 16 de novembro de 1965, no final do Concílio para a proclamação da Igreja dos pobres.

na América Latina. “Os movimentos populares tiveram uma participação decisiva nos processos de eleições livres, sobretudo as Comunidades Eclesiais de Base (...)” (TUFTE, 1996, p. 30). Para o autor, religiosos e leigos compuseram por meio das CEBs verdadeiras redes de organização popular em prol de diversas causas, entre elas, as eleições livres.

Naquele período, as CEBS passam a representar a ação pastoral da Igreja, valorizando o papel do leigo - o homem do povo - na renovação da Igreja, proposta pelo Concílio Vaticano II. Regularmente, ocorriam encontros interclesiais de base para avaliar desempenhos e traçar novas formas de atuação.

As preocupações das CEBs no Brasil giravam em torno de diversas questões, entre elas, a preservação dos direitos humanos durante o regime ditatorial, tendo em vista que muitos homens e mulheres sofriam torturas e repressões, impunemente. Outra preocupação das CEBs dizia respeito à miséria em que viviam milhares de famílias brasileiras desfavorecidas economicamente, triste realidade que se configurava como outra forma de agressão aos direitos humanos, segundo os militantes das CEBs.

Isso se explica, em parte, ao analisarmos o fim do crescimento econômico, após o dito “milagre brasileiro”, que teve como conseqüências a grande concentração de renda, a inflação dos preços, o desemprego em massa e o aumento da dívida externa.¹¹

No Estado de São Paulo, especificidades devem ser consideradas. O Estado era o destino de migrantes de todo o país, principalmente da Região Nordeste e do homem do campo em busca de sobrevivência. Pelos motivos expostos e outros mais complexos, o Estado também compreendeu a formação de periferias desamparadas pelo poder público. *São Paulo 1975 - Crescimento e Pobreza* foi uma publicação polêmica nos anos 70 e 80. Trata-se de uma pesquisa feita pelo CEBRAP que revelou graves índices de miséria na grande metrópole, apesar da forte concentração de renda, em relação ao Produto Interno Bruto (PIB) do país.

¹¹ A crise do petróleo, mais precisamente sua alta, propiciou uma crise econômica em países capitalistas de todo o mundo, em 1974. Após constatar a pertinência de tal menção, empenhei uma pesquisa mínima a respeito, dado o tempo previsto para entrega da dissertação, e pude perceber a relevância da questão financeira para a compreensão do regime ditatorial. Inclusive, a maioria dos autores (Fausto, Gaspari, entre outros) interessados neste tema, pauta a produção de conhecimento com base em dois eixos temáticos: a ditadura moral e a ditadura abalada pela crise econômica.

(CEBRAP, 1982) A pesquisa serviu para indicar os problemas sociais da cidade às CEBs e aos movimentos populares que se organizavam naquele período.

No bairro de São Miguel Paulista, onde está situado este estudo de caso, a situação se assemelhava à da cidade, até em caráter mais calamitoso. Para compreender a condição histórica daquele período, identifiquei a necessidade de entender o processo de consolidação da região como um “bairro dormitório” de trabalhadores. É Imamura (2007) quem nos traz, por meio de seus estudos, os aspectos históricos de São Miguel. Uma das principais características de urbanização e do desenvolvimento econômico do bairro foi a instauração, em 1935, de uma indústria de grande porte na região, que atraiu migrantes, principalmente os nordestinos, para trabalharem em suas instalações. Anos depois, em virtude desta característica, o bairro estaria destinado à ocupação residencial, sendo intitulado, inclusive, como “bairro dormitório” (IMAMURA, 2007). Entre os pesquisadores interessados neste tema de estudo, Bomtempo (2000) e Imamura (2007) lançam olhos - respectivamente -, às origens históricas de São Miguel Paulista e ao desenvolvimento urbano do bairro.

Tomando por base as histórias de vida que coletei, pude perceber a presença nordestina - observada por historiadores - nos costumes dos moradores e nas características de seus locais de convívio. Como exemplo, cito a conhecida “Praça do Forró”, oficialmente nomeada pela Prefeitura da cidade como Praça Padre Aleixo Mafra. A praça recebeu o título “do Forró” por causa das manifestações culturais nordestinas realizadas no local. Segundo Antônio Luiz Marchione (mais conhecido como Pe. Ticão¹²), sujeito desta pesquisa e padre em exercício na região desde a década de 1970, as Igrejas da Zona Leste anunciam as datas e os horários de chegada e partida de ônibus clandestinos na praça, responsáveis por fazerem viagens ao Nordeste e à metrópole paulistana.

De acordo com Imamura, pode-se considerar como marco histórico da expansão urbana de São Miguel Paulista a construção, em 1920, da Rodovia São Paulo-Rio que cortava o bairro e o colocava no principal circuito comercial interestadual; em 1930, a inauguração de uma linha de ônibus entre Penha e São

¹² Depoimentos concedidos à pesquisadora em 2003 e 2005: “Pe. Ticão”, Antônio Luiz Marchione, ex-líder de CEBs e atual padre da Paróquia São Francisco de Assis. O entrevistado já participou de inúmeros movimentos populares desde os anos de 1980 na região, destacando-se aí sua atuação

Miguel, que amenizou a situação do transporte; a construção de uma variante da Estrada de Ferro Central do Brasil e a inauguração da estação de São Miguel, no centro histórico do bairro, em 1932. Em 1935, se dá a instalação da Companhia Nitro-Química Brasileira que inaugurou a fase industrial do bairro e marcou, assim, a época da modernização da região. Instalada distante do centro da cidade, em uma área de aproximadamente 503.000 m², próxima à estação ferroviária, a Nitro-Química provocou um considerável deslocamento humano que reforçou a dimensão demográfica do bairro. (IMAMURA, 2007)

Segundo o autor, a idéia de um “bairro dormitório” surgiu, quando foi construída uma vila operária, paralelamente à construção da fábrica, como uma forma de fixar o trabalhador perto do local do trabalho, já que não havia locação de moradia na região, e o transporte ferroviário começava a tornar-se deficitário para atender à demanda da enorme expansão demográfica da cidade de São Paulo. Ainda, de acordo com os estudos de Imamura, para se ter uma idéia do tamanho da indústria para a região, basta dizer que, em 1940, ela já empregava cerca de 2.700 funcionários, ou seja, um número equivalente a um terço do total da população de São Miguel Paulista, que na época contava com aproximadamente 7.600 habitantes. (IMAMURA, 2007)

Como visto, a história da Zona Leste e as características de seu povo justificam o surgimento de movimentos populares na época. Wanderley (2005), em seus estudos sobre os movimentos populares, faz questão de enfatizar:

Dadas as necessidades provenientes do urbano, as classes populares procuram resistir às condições de vida a que estão submetidas e formulam inúmeras reivindicações: água, luz, habitação, saneamento etc. (WANDERLEY, 2005, p. 44)

A tese de Wanderley se confirma, ao observarmos os dados coletados das fontes documentais desta pesquisa, do levantamento dos temas propostos pelo jornal *GRITA POVO* e dos relatos de antigos moradores, militantes de movimentos e membros de CEBs da região. Para citar os movimentos mais aparentes durante a pesquisa: Movimento de Moradia, Movimento de Educação, Movimento dos Lixões,

nos Movimentos de Moradia e Educação. Ainda hoje, o Padre é referência aos movimentos populares do bairro e, igualmente, respeitado por instâncias políticas.

Movimento de Saúde, Movimento de Mulheres, Movimento de Arte Popular e os demais movimentos surgidos do seio das pastorais.

Sob o apoio da Igreja, inclusive com o auxílio de Pe. Ticão, mais de 300 famílias ocuparam terrenos inativos da prefeitura e promoveram um significativo Movimento de Moradia na região. Ao pesquisar os arquivos presentes no acervo do CEMI, constatei a presença de documentos, como fotos, manifestos e cartazes relacionados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), os quais me levam a supor que o CEMI chegou a elaborar e confeccionar produtos comunicacionais para o respectivo movimento. Hoje, a antiga ocupação chamada de Favela de Santa Inês é urbanizada e conta com a gestão paroquial de Pe. Ticão¹³.

Ao entrevistar Dom Angélico Sândalo Bernardino¹⁴, outro sujeito desta pesquisa, lembranças sobre o movimento foram mencionadas. Vale dizer que Dom Angélico representa para os demais entrevistados desta pesquisa um ícone de evangelização e uma inspiração para os movimentos populares do período.

Essas reivindicações foram gloriosas. Uma vez estávamos numa inauguração de casas populares e uma mulher de raça negra falou: “Bispo, venha ver minha casa”. E eu falei: “Espere um pouco, minha filha”. Acabou a manifestação, ela me pegou pela mão e me levou até a sua casa. “Eu tenho 75 anos e o senhor não imagina, é a primeira vez que eu tenho uma casa. Posso dar um beijo no senhor?”. E me beijou. Tantos beijos sacramentais que eu ganhei que tenho até marcas no rosto. (BERNARDINO, 2007)

Dom Angélico ainda revelou que o Movimento de Moradia era uma das prioridades do povo na época. Segundo ele, apesar de conquistas como a referida no seu depoimento, muitas famílias continuam sofrendo por este motivo até os dias de hoje.

O acervo do CEMI revela também a existência de um expressivo empenho pelo Movimento de Educação. Segundo os entrevistados, o movimento começou após

¹³ Sobre esta ocupação, um vídeo desenvolvido por Júlio Verner chamado *Há lugar?* registrou este momento e circulou em todo o Brasil, a fim de estimular outros movimentos de moradia. O vídeo faz parte do acervo do extinto CEMI. Hoje, Júlio Verner atua como diretor responsável pela TV PUC-SP.

¹⁴ Dom Angélico Sândalo Bernardino nasceu em 1933, 26 anos depois teve sua ordenação presbiterial na Catedral São Sebastião, em Ribeirão Preto. A ordenação diocesana aconteceu em 1975, na Catedral de São Paulo. Atuante em suas funções religiosas foi diretor espiritual e professor em seminários, coordenador da pastoral arquidiocesana, bispo auxiliar de São Paulo, responsável pela Pastoral Operária Arquidiocesana e jornalista responsável do *GRITA POVO*. Hoje, atua em Blumenau.

ser exigida a cobrança da taxa da Associação de Pais e Mestres (APM). A luta iniciou-se, precisamente, quando nos anos 70, determinadas escolas estabeleceram o pagamento desta taxa, e as famílias que não pudessem pagá-la, deveriam apresentar um atestado de pobreza o que, de acordo com as lembranças coletadas, trazia situações de humilhação e vexame aos mais carentes.

A partir daí, se iniciou o movimento de educação *“lutando pela dignidade do pobre”*, segundo Strabeli (2003). Depois da extinção da taxa da APM, o movimento percorreu um longo trajeto: empenhou-se na geração de vagas nos ensinos Fundamental e Médio; criou um verdadeiro mutirão de alfabetização de jovens e adultos pelo método Paulo Freire¹⁵, chegando a contar com a presença do educador em um evento sobre os rumos da educação na região; por fim, desencadeou seu maior desafio, a luta pela “Universidade Pública do trabalhador”. Os responsáveis pelo projeto chegaram a consultar universidades em todo o país, como Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica (PUC) e Universidade Federal Paulista de Medicina (UNIFESP).¹⁶

Outro movimento representativo foi o dos lixões. As condições inapropriadas de esgoto, sanitarismo e lixo da região também mobilizaram centenas de pessoas em manifestações, com a finalidade de reduzir e extinguir aterros sanitários. Ressalta-se mencionar que Strabeli foi um dos líderes deste movimento. De acordo com suas lembranças, os moradores se queixavam de suportar o lixo produzido pela comunidade e por outras regiões centrais.

Mobilizações em prol de melhorias na área de saúde também eram regulares naquele período, o que explica em parte a presença atual de antigos militantes em postos de saúde na condição de gerentes, como é o caso de um dos sujeitos desta pesquisa, Carlos Strabeli. *“Caravanas eram organizadas até a Secretaria Estadual da Saúde com milhares de pessoas (...)”* (STRABELI, 2003), conforme a capa da 18ª edição do jornal *GRITA POVO* (Ver Figura 7). Para ele, as manifestações eram resultado do escasso número de equipamentos de saúde na região.

¹⁵ Ver cartaz do evento do Movimento de Educação em que Paulo Freire participou (Figura 39)

¹⁶ Sobre este movimento e a chegada do campus da USP na Zona Leste, realizei um vídeo-documentário chamado *Uniperiferia* e um artigo no livro *USP Leste e seus vizinhos*, publicado pela USP.

O feminismo presente na década de 1970 também incentivou a liberdade de expressão de inúmeras mulheres na Zona Leste. Durante a pesquisa exploratória, tive a oportunidade de conhecer a *Rede Mulher de Educação* e suas fundadoras Moema Viézzler e Beatriz Cannabrava¹⁷. Em várias ocasiões de suas entrevistas, elas recordam com carinho da Zona Leste e da pesquisa participante realizada com as mulheres da região.

E fizeram poesia, canto, conto, arte... Seminários, debates, questionários, ricas discussões culminaram em produtos que retornavam ao grupo como a peça de teatro *E agora, Maria?*, o audiovisual *Por ser mulher* e uma publicação responsável por reunir todos os depoimentos das envolvidas no processo da pesquisa. (CANNABRAVA, 2003)

Cannabrava relata ainda que nos encontros regulares, mulheres “ditas” comuns se reuniam para discutir liberdade sexual, política e autonomia no casamento. Sendo a *Rede Mulher de Educação* uma rede mundial, as mulheres da Zona Leste criaram uma associação regional semelhante, no final dos anos 80, a Associação de Mulheres da Zona Leste (AMZOL).

A cultura também era uma das preocupações dos moradores da região. A forte presença da migração nordestina, as diferentes descendências, as diversas etnias e culturas distintas aqueciam o caldeirão efervescente da cultura. O Movimento de Arte Popular (MAP) já foi foco de pesquisa para inúmeros estudiosos das Ciências Sociais, entre eles, Arantes. “*Esse movimento agregou vários indivíduos e grupos ligados ao teatro, dança, música, poesia, artes plásticas, etc.*” (ARANTES, 1984, p. 157)

Em seus estudos, o autor revela como o movimento se relacionava com os espaços públicos do bairro, entre os quais o da Igreja. Em suas reflexões, Arantes surpreende-se com a diversidade e a riqueza cultural dos moradores de São Miguel Paulista.

Com base no levantamento feito por esta pesquisa nas fontes documentais e orais, identifiquei ainda o trabalho das pastorais em prol de lutas sociais também cultuadas naquele período, como: o negro, o menor, o trabalhador, o jovem, etc. De acordo com os documentos consultados, a partir do momento em que uma

¹⁷ Ver descrição do perfil da entrevistada no capítulo III CAMINHOS TRAÇADOS (ASPECTOS

determinada mazela social tornava-se enfoque de uma pastoral, imediatamente um grupo se formava para sua devida gestão. Isto revela como o trabalho realizado pelas pastorais era valorizado no seio da Igreja e dos movimentos populares.

Finalmente, tomando como fundamento a pesquisa oral, vale registrar os seguintes números sobre a região:

(...) quando chego aqui em 75 havia 40 paróquias e 20 capelas. Em 88 quando eu saio nós tínhamos 44 paróquias, cresceu apenas 4 paróquias, mas em compensação tínhamos 257 comunidades de base estruturadas e essas comunidades que eram de fato assim o celeiro, sabe, a sementeira da luta popular. (STRABELI, 2003)

É possível notar nestes parcos exemplos e superficiais em suas descrições como a Zona Leste se constituía num campo farto de inúmeros movimentos populares por melhores condições de vida, numa época adversa aos desfavorecidos economicamente. Este mesmo motivo influenciou diversos pesquisadores acadêmicos em todo o Brasil a estudar tais movimentos populares.

E como não poderia ser diferente, a motivação desta pesquisa também recebeu influências diretas deste aspecto característico da região.

Diante desta situação de calamidade pública na Zona Leste e na Grande São Paulo, a Igreja procurou organizar suas ações, descentralizando poderes e multiplicando seu alcance.

Dom Paulo Evaristo Arns¹⁸ colocou um bispo auxiliar em cada uma das sete regiões de São Paulo. Cada região foi dividida em setores, com um coordenador de pastoral. Cada setor era composto de aproximadamente dez paróquias. Dessa forma, assegurou-se a colaboração direta de colégios episcopais de porte, que proliferaram por toda a cidade, com autonomia moderada e controle hierárquico marcante.

Esta ala da Igreja descomprometida com o Estado e estruturada junto às camadas populares configurou-se como espaço privilegiado à organização popular.

METODOLÓGICOS)

¹⁸ Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns é Cardeal da Santa Igreja Romana e Arcebispo Emérito de São Paulo. Nasceu em Santa Catarina em 14/9/1921, recebeu a ordenação Sacerdotal no Rio de Janeiro em 30/11/1945. Foi Arcebispo Metropolitano de São Paulo de 1/11/1970 a 22/5/1998, Membro da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, Coordenador do Colégio Diocesano de São Paulo e Grão Chanceler da Pontifícia Universidade Católica - SP. Como

De acordo com Mendes, foi *“se tornando a Igreja uma das únicas instituições a destoar do enquadramento promovido pelo regime”*. (MENDES, 2003, p. 154) Em entrevista a esta pesquisa, Strabeli, concordando com o autor, afirmou: *“A igreja era o único espaço institucional onde os militares não tinham coragem de intervir, pela tradição da igreja, pela autoridade moral que ela tinha”*.(STRABELI, 2003)

O caráter de espaço religioso e, por conseqüência, respeitoso - mencionado pelo entrevistado - não abonou a Igreja de receber as censuras previstas pelo regime.

Contudo, os religiosos progressistas não se intimidaram e resistiram à ameaça repressiva. Mesmo em períodos de endurecimento do regime, como o do decreto do Ato Institucional de nº. 5 (AI-5) de 13 de dezembro de 1968, a ação progressista da Igreja paulistana manteve-se cautelosa, porém firme. Segundo Gaspari, *“(...) nos meses que se seguiram à edição do AI-5, o episcopado respondeu ao regime com sinais cautelosos”* (GASPARI, 2002, p. 256).

Para o autor, o enfrentamento entre a Igreja e o Estado era cauteloso e prudente, com exceção de determinadas ações isoladas, por exemplo, na defesa de presos políticos e denúncias de impunidades, como na ocasião da morte do jornalista Vladimir Herzog¹⁹ e do operário Santo Dias.

Em entrevista exclusiva a esta pesquisadora, o respeitável mobilizador da antiga região episcopal de São Miguel - Dom Angélico - revelou como se envolveu no caso “Santo Dias”, ao lado de Dom Paulo Evaristo Arns, pela promoção dos direitos humanos.

Um dos fatos marcantes da minha vida em São Paulo foi quando houve a greve dos metalúrgicos, e eu estava numa reunião com a liderança pastoral e Dom Paulo me chamou: “Mataram um membro da pastoral operária”. Aí Dom Paulo, eu e mais uma religiosa norte-americana fomos a postos de saúde procurando o membro pela Região Sul e nos informaram que ele estava no Instituto Médico Legal (IML). Lá, um aparato militar de primeira linha e Dom Paulo abriram caminho e logo na porta encontramos com a esposa dele (de Santo Dias) que estava muito aflita. Com Dom Paulo entramos no

Arcebispo, Arns se tornou um dos maiores defensores dos direitos humanos, durante o regime militar brasileiro.

¹⁹ Em 1975, o jornalista Wladimir Herzog, da TV Cultura de São Paulo, foi chamado a depor no DOI-CODI (sigla para Destacamento de Operações de Informações – Centros de Operação de Defesa Interna) e, dias depois, apareceu morto. A versão oficial era de que havia se suicidado, enforcando-se numa janela cuja altura era menor que a dele. Foi realizado um culto ecumênico na Catedral da Sé, que reuniu cerca de 10 mil pessoas, apesar das ameaças dos militares.

IML onde estavam todos os corpos nus nas mesas e em uma delas, o de Santo Dias. Então, Dom Paulo rezou um Pai Nosso. Eu coloquei a mão no corpo nu de Santo Dias. Ali tinha a marca da bala. Eu nunca contemplei em minha vida a imagem de Jesus morto como naquele momento. A lança do soldado cortou o peito de Jesus. O tiro do militar rasgou o peito de Santo Dias. São lances que minha memória pode relatar. (BERNARDINO, 2007)

Antes de realizar a entrevista com Dom Angélico, eu havia tido contato com a atual *Pastoral Operária* e conhecido essa história, por meio de uma entrevista com Waldemar Rossi²⁰, dirigente da *Pastoral Operária* e amigo pessoal de Santos Dias. Em suas recordações, Rossi lembrou da participação de Dom Angélico e enalteceu a “bravura” de Dom Paulo em relação ao regime.

Como visto, a postura de Dom Paulo Evaristo Arns revelou-se como forte opositora do regime da época, em especial, no que dizia respeito à agressão aos direitos humanos. “(...) aqui em São Paulo de forma especial, através da postura de DOM Paulo Evaristo, a Igreja vai se tornar um ícone em termos de oposição aos militares”.(STRABELI, 2003)

Dom Paulo despertou tamanha antipatia da ditadura que chegou a receber ameaças rotineiras (Sydom e Ferri apud Bertolin, 2005). Numa reportagem investigativa após o período ditatorial, o jornalista Kucinski (1982) apurou que o saldo resultante da guerra não-declarada entre Igreja e Estado é muito mais alarmante do que se imagina. De acordo com publicação da CNBB em 1979, Kucinski revela que, durante a ditadura, centenas de Igrejas foram invadidas, oito religiosos, assassinados, onze, banidos, 122, presos e 34, submetidos a torturas. Foram presos também 131 ativistas cristãos leigos até a data de publicação. Pe. Ticão rememora a repressão vivida pela Igreja:

Tinha um agente do Dops que ia todas as missas até que um dia me falou: “Padre, eu sou sanfoneiro, vamos fazer um acordo? Eu toco aqui nessa igreja e faço um relatório bem ameno (...)”. A gente teve uma convivência assim tranqüila durante três anos. (MARCHIONE, 2003)

²⁰ Ver descrição do perfil do entrevistado no capítulo: III CAMINHOS TRAÇADOS (*ASPECTOS METODOLÓGICOS*)

A relação harmoniosa comentada por Pe. Ticão não se repetiu em outras ocasiões. Anos depois, o entrevistado revelou que foi preso mais de uma vez, além de ter vivido embates conflituosos com a polícia e se lembra de algumas passagens, como a ocorrida em 1979, quando distribuía boletins sindicais numa fábrica no bairro da Penha e foi surpreendido pela polícia.

(...) nós encostamos o carro e a polícia já nos prendeu. O delegado falou que eu deveria estar rezando uma missa. Então, nos levaram pro DOPs (...) caímos numa quadra com mais 150 presos. Pensei: “eu não estou sozinho”.(MARCHIONE, 2005)

Mais tarde, em 1984, quando acompanhava o Movimento de Moradia na ocupação de aproximadamente 350 casas na Zona Leste, sofreu uma nova repressão.

Eu me lembro que a polícia chegou para tirar o povo. E a gente chegou junto. (...) o coronel gritou: “Tenente, vai falar com o superior desse padre, que ele está atrapalhando a desocupação”. O tenente chegou pertinho dele e falou: “o superior dele (Dom Angélico) é pior do que ele”. (MARCHIONE, 2005)

O “padre superior” citado era Dom Angélico. *“(...) no período do regime militar, ele foi preso, pressionado, perseguido (...) era um bispo jornalista, psicólogo, teólogo e nem sei mais. Uma pessoa espetacular, ele chegou aqui em 1975, na Zona Leste (...) Um grande homem.”* (idem, 2005)

Sobre o assunto, Dom Angélico²¹ me disse em entrevista: *“Levaram o Ticão para a delegacia, a gente ia e vinha, nós passeávamos no meio dos cachorros, da repressão do homem que vinha nos ameaçar com metralhadora e cachorro”.*(BERNARDINO, 2007) Ao relembrar sua chegada na Zona Leste, Dom Angélico revelou que já no primeiro dia notou qual era a realidade daquele povo:

Dom Paulo Evaristo fez uma reunião com os Bispos e foi falando: “Olhe, eu acho que você deveria ir pra lá e você deveria ir pra cá”. Aí,

²¹ Sobre sua vida pessoal, Dom Angélico diz: “Eu sou de uma família de nove filhos, eu sou o do meio, são três rapazes e seis meninas. Os meus pais eram muitos devotados, minha mãe era dona de casa, lavadeira, cozinheira, ainda do Apostolado da Adoração, e o meu pai era trabalhador da roça, depois foi ser metalúrgico em Piracicaba. O testemunho deles de fé, a herança que meus pais deixaram pros filhos, era uma herança tríplice, amor ao trabalho, amor à família e amor à religião, à igreja.” Nota-se em sua fala como a família foi determinante para que seguisse o caminho religioso.

então ele falou: “Você vai para Zona Leste”. Naqueles anos, a Zona Leste estava unificada. (...) veio um Padre de Itaquera para me levar para a Zona Leste e quando estávamos no Artur Alvim, numa rua que estava junto com a estrada de ferro, vi um aglomerado. Aí, eu perguntei para o Padre Júlio: “Padre, o que é aquilo?” “Não sei”. E aí chegamos no aglomerado onde estava um jovem que tinha caído do trem e esperava por socorro. E ele tinha cortado no trem a perna. Daí eu perguntei: “Onde estava a perna dele?” Pensando em recolocar a perna dele. Aí eu desci e peguei a perna dele. Coloquei o rapaz no banco de trás, ele estava em choque. O Levei para o hospital Santa Marcelina e imediatamente o acolheram. E eu levei a perna dele. Esse foi o primeiro encontro que eu tive com a realidade concreta na Zona Leste e que sempre me acompanha. (BERNARDINO, 2007)

Com base em minhas observações e na história oral empenhada, verifica-se que Dom Angélico é lembrado pelos moradores da Zona Leste como uma pessoa bem quista, carismática, capaz de atrair centenas de pessoas em suas celebrações. Suas homilias e demais discursos utilizavam figuras de linguagem, contos, ditos populares, entre outras estratégias, para cativar a população independente de seu perfil etário, sócio-econômico, etc.

De acordo com o levantamento empregado nesta pesquisa, Dom Angélico viveu na região da Zona Leste por quinze anos. No início, morou numa casa alugada no Parque Cruzeiro do Sul. *“Lá eu morei. Numa casa verde durante um bom tempo”*.(BERNARDINO, 2007) Aproximadamente um ano depois, passou a morar na Catedral de São Miguel Paulista. Sobre o período, Bernardino rememorou: *“Procurei viver com o meu amado povo da região episcopal de São Miguel. Do qual, eu aprendi muito, do qual eu guardo muitas lembranças”*.(BERNARDINO, 2007)

Na condição de Bispo da região, concedeu atenção especial às comunidades mais carentes, a exemplo do Jardim das Oliveiras. Num determinado momento, chegou a auxiliar a construção de uma comunidade intercongregacional no referido bairro, conforme seu depoimento:

Então, eu passei nas horas vagas a dar mais atenção ao povo do Jardim das Oliveiras, eu estava muito perto deles. Um dia, peguei tijolos que estavam armazenados na Catedral de São Miguel. Pegamos os tijolos, colocamos num caminhão e fizemos um templo e fizemos outro e outro. Lá no Jardim das Oliveiras (...) e depois fizemos no Kemell. Mas, os templos nunca me encantavam porque são de pedra. O que sempre me encantou foram os templos dos divinos espíritos santos, as pessoas. Homens e mulheres extraordinários. Que têm as contradições que todos temos, mas com muitas qualidades. (BERNARDINO, 2007)

É possível entender por meio da fala de Dom Angélico como havia a vontade em proliferar o número de espaços católicos no bairro, assim como regia a descentralização da Igreja, por meio das determinações de Dom Paulo Evaristo Arns. Além deste aspecto, verifica-se na fala do entrevistado, a valorização dada aos moradores da Zona Leste.

Durante a entrevista, ele insistiu em valorizar a vocação do povo da região ao guiar suas lutas sociais, seja na Igreja, seja nos movimentos populares. Para ele, muitas conquistas obtidas no bairro são frutos da organização popular e da

(...) grandeza de um povo que tem sido deixado de lado pelas lideranças políticas e econômicas. Poderia ser melhor, tem direito de ser melhor e se não é, não é por causa do povo, é por causa da omissão daqueles que não querem o desenvolvimento do povo. (BERNARDINO, 2007)

Durante sua gestão como Bispo auxiliar de São Paulo, em um encontro sobre a participação e a organização popular (25 de novembro de 1979) fez um discurso²² emocionado aos participantes, o qual se iniciou falando de uma Igreja que faz o povo.

Estamos diante de um fato maravilhoso, no Brasil: devagar, nossa gente vai tomando consciência de seu valor, de sua importância e vai se unindo. Vencendo obstáculos dentro do Povo e colocados em cima do Povo pelos opressores, nosso Povo vai se unindo e se organizando. É uma caminhada lenta, como fiozinho d'água que desce da montanha com vocação de se transformar em rio. Os que detêm o poder no Brasil, na sua maioria, montaram uma escola de fazer massa, de repressão. A Igreja está montando uma escola de fazer povo, que vai crescendo (...) (BERNARDINO, 1979)

Ao ser questionado sobre esta declaração, Dom Angélico declarou em entrevista exclusiva a esta pesquisa o quão foi relevante, naquele período, o papel da Igreja e sua orientação teológica de libertação para as camadas sociais acometidas pelas desigualdades. Segundo o entrevistado, apesar da situação de calamidade em que vivia a maior parte da população da Zona Leste, havia um clima

²² O discurso transcrito faz parte do acervo do CEMI.

de esperança muito intenso. Para ele, havia esperança num novo povo que se formava: o Povo de Deus.(BERNARDINO, 2007)

Quanto ao papel da Igreja, o notável articulador Dom Angélico afirmou:

O Cristo se manifesta hoje, sobretudo no povo sofredor. A Igreja tem credibilidade, no mundo de hoje, na medida em que se volta para o bem do sofredor que deve ser libertado. O Cristo é o explorado, o menor abandonado, a prostituta, etc., que continua a ser vendido. Congregar. Hoje somos fracos. Amanhã seremos fortes. Capazes de implantar, sem violência, uma civilização de amor. (idem)

Neste trecho do discurso, o Bispo ressalta o compromisso da Igreja com os “sofredores” e como isto traz credibilidade ao catolicismo no mundo. Outro aspecto que nos chamou atenção no discurso foi o repúdio de Dom Angélico a uma sociedade violenta. Em 2007, ele ainda diz ter fé numa “*sociedade de amor e compaixão*” (BERNARDINO, 2007)

É ainda pelas palavras de Dom Angélico que se entende como as reivindicações feitas naquele momento incomodavam o “sistema”.

E vão explodindo reivindicações: água, lixo, transportes, custo de vida. São agulhadas no elefante. O elefante é o sistema, construído pelo egoísmo. Reivindicações isoladas incomodam, mas não desalojam o elefante. Ele é esperto e sabe reagir. Porém, há outras que o colocam em perigo e em prontidão: as greves, como, por exemplo, a dos metalúrgicos e a dos bancários. Estamos diante de um processo dinâmico de libertação. Requer paciência histórica. (idem)

De acordo com Dom Angélico, as iniciativas promovidas pelos diversos movimentos da região, inegavelmente, incomodavam o “sistema”. O Bispo acreditava que, um dia, a pressão promovida pela sociedade civil resultaria no recuo dos militares.

Dom Angélico não estava errado, pois, em 1974, o general Ernesto Geisel assumiu a presidência e desencadeou um processo tímido de redemocratização nacional, após o avanço do movimento popular, o desgaste do regime militar e a crise econômica internacional e, conseqüentemente, nacional²³.

²³ Cabe mencionar que temas como o avanço do movimento popular, o desgaste do regime militar e a crise econômica não serão problematizados por não fazerem parte dos objetivos diretos desta pesquisa.

Em 19 de março de 1974, na ocasião da primeira reunião ministerial do general Geisel, anunciou-se a “abertura democrática”²⁴. Instalava-se, segundo os militares, o processo de redemocratização nacional que consistiria em transferir um regime ditatorial explícito em um estado policial vigilante e discreto, amparado por “salvaguardas eficazes dentro do contexto constitucional”.

Fingindo uma falsa abertura democrática, os integrantes do governo acreditaram que poderiam conter provisoriamente o descontentamento da sociedade, enquanto se mantivesse o estado de recessão. Para os entrevistados desta pesquisa, no entanto, a abertura democrática se deu inversamente e se evidenciou como um dos períodos mais cruéis da ditadura.

Enquanto isso, no mesmo período, os trabalhadores promoviam greves em diversos setores industriais, destacando-se o setor metalúrgico do ABC paulista e a liderança sindical do atual Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva. Os estudos de Sader (1988) demonstram que a inserção dos trabalhadores no cenário nacional trouxe um novo reforço à luta democrática no país. Além de Sader, estudiosos como Gaspari e Fausto ressaltam a atenção dada pela Igreja ao operariado ao apoiar a Pastoral Operária, a Oposição Sindical, os Movimentos Sindicais e, mais tarde, o Partido dos Trabalhadores (PT).

Em entrevistas realizadas durante a pesquisa exploratória, membros da Pastoral Operária e da Oposição Sindical concordam com os estudiosos mencionados e reiteram o papel da Igreja para a luta operária da época.

Na década de 1980, também se organizaram ações promovidas por militantes, por lideranças comunitárias e por agentes pastorais, entre outros. Nesse período, a mobilização popular já alcançava um novo estágio de organização, expresso na criação de Associações de Moradores, Clube de Mães e movimentos populares no campo e na cidade. Em 1980, por exemplo, movimentos diversos da Zona Leste já

²⁴ Anúncio do início de um “processo democrático”, emitido pelo Presidente Ernesto Geisel, na íntegra: “Envidaremos sinceros esforços para o *gradual*, mas seguro aperfeiçoamento democrático ampliando o diálogo honesto e mutuamente respeitoso e estimulando maior participação das elites responsáveis e do povo em geral para a criação de um clima salutar de consenso básico e a institucionalização acabada dos princípios da Revolução de 64. Os instrumentos excepcionais de que o governo se acha armado para manutenção da atmosfera de segurança e de ordem, fundamental para o próprio desenvolvimento econômico-social do país sem pausas de estagnação nem muito menos retrocessos sempre perigosos, almejo vê-los não tanto em exercício duradouro ou freqüente, antes com potencial de ação repressiva ou de contenção mais enérgica e, assim mesmo, até que se vejam superados pela imaginação política criadora capaz de instituir, quando oportuno, *salvaguardas eficazes dentro do contexto constitucional*”. (grifo nosso).

participavam da Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais (Anamos).

Estudos científicos eram encomendados por CEBs, movimentos sociais e partidos políticos em situação de clandestinidade. Tais estudos serviram à tomada de decisões e à formulação de estratégias sociais desses grupos. Assim, a investigação científica feita em Universidades e centros de pesquisa, os auxiliou a compreender melhor a realidade da população e a sustentar as iniciativas dos movimentos.

Festa (2003) comenta, em artigo recente, a respeito da relevância da investigação científica para os movimentos populares e sobre o seu impacto nas tomadas de decisões:

Na maioria dos países, formaram-se importantes centros de informação e pesquisa, possibilitando no final da década a formulação de estratégias sociais mais amplas para as sociedades democráticas emergentes da América Latina. (FESTA, 2003, p. 3)

Por meio de análises sobre a América Latina daquele período, Canclini (1997) afirma que Intelectuais, artistas e profissionais liberais, como jornalistas, médicos, cientistas sociais e professores também participavam deste processo:

À noite, os artistas iam aos vernissages das galerias de vanguarda de São Paulo e no Rio de Janeiro, aos happenings do Instituto di Tella em Buenos Aires; e na manhã seguinte, participavam das ações difusoras e “conscientizadoras” dos Centros Populares de Cultura ou dos sindicatos, combativos. (CANCLINI, 1997, p. 87)

Além dos destacados centros populares de cultura e dos sindicatos vinculados aos trabalhadores, outro tipo de espaço representativo para os movimentos populares foi o centro de comunicação e educação popular e alternativa. Tais centros serviam aos movimentos no sentido de dar subsídios aos seus trabalhos de comunicação, tão necessários para a divulgação de suas ações. Este movimento não ocorria, somente no país, e sim, em toda a América latina. A descoberta da importância da comunicação na condução das lutas sociais travadas pelos movimentos propiciou ainda a troca de experiências de comunicação entre países marcados por estados ditatoriais. De acordo com as lembranças dos entrevistados, nota-se o valor de tais trocas de experiências para a proliferação dos centros, entre eles, o CEMI em São Miguel Paulista.

“Tivemos aqui a visita de um padre do Peru (...) então começamos a trocar experiências”.(MARCHIONE, 2003) Por toda a América Latina, trocavam-se informações na área de comunicação, especialmente em CEBs e pastorais.

Nós começamos a perceber que na América Latina não éramos os únicos que estavam sob um regime autoritário, mas a América Latina toda nesse período. E havia reações importantíssimas, principalmente no Peru, na Colômbia e na Bolívia. Então, eu tive a oportunidade de conhecer centros de comunicação popular, fui pra Lima e pra La Paz trocar um pouco dessa experiência, uma riqueza fantástica. Quando nós voltamos de lá, voltamos com a certeza, com a convicção de que nós tínhamos que fundar um centro de comunicação popular aqui na Zona Leste. (STRABELI, 2003)

Assim como Pe. Ticão e Strabeli, gradativamente, outros membros da Igreja reviam seu papel numa sociedade em constante mudança e passavam a reconhecer o mundo contemporâneo, os avanços tecnológicos e, entre tantos aspectos, a representatividade dos meios de comunicação como possibilidade de evangelização, instrumento de mobilização popular, espaços de denúncias e rompimento da censura, assim como aporte da memória coletiva das classes populares. Mais adiante, o entrevistado Strabeli comenta a respeito: *“Nós começamos a perceber a importância da documentação, isso é, de preservar a memória das lutas (...)”* (idem, 2005)

As palavras do entrevistado remetem a uma etapa específica dos movimentos populares, principalmente, daqueles em que a Igreja marcou sua presença. Tratava-se de uma fase em que os movimentos viam a necessidade de registrar e guardar a história e a memória de suas lutas sociais e também “sócio-religiosas” para as gerações futuras.

O trabalho de Montelatto e Reginaldo²⁵ chama atenção para a importância do processo desempenhado pelos centros de comunicação e documentação para compor a memória dos movimentos populares, principalmente, no que diz respeito ao período centrado na formação e construção da “Igreja do Povo”:

²⁵ O Guia de pesquisa e movimentos sociais, elaborado pelo Centro de Documentação e Informação Científica (CEDIC) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) dedicou-se a catalogar os centros de comunicação e educação popular nascidos a partir dos anos 70 e ligados à Igreja, aos evangelizadores e grupos sociais de seu entorno. Entre as observações feitas pelos pesquisadores deste guia, foi identificada a real preocupação dos centros para com a documentação e a memória dos movimentos sociais da época.

Entre os centros emergentes, uma perspectiva constante é a de “documentar-se como prática, para se conhecer a própria história” (...). No Brasil, alguns centros também expressam dimensões da construção da “Igreja do Povo”, sobretudo a partir de 1970, quando parte significativa do episcopado, do clero e de leigos se envolve na luta pelos direitos humanos, pelo direito à terra, à moradia, à saúde à educação etc (...). O trabalho primordial é o de oferecer aos movimentos populares e evangelizadores maneiras de resgatar sua memória e ter acesso à informação. (MONTELATTO; REGINALDO, 1991, p. 29)

Na região diocesana de São Miguel Paulista, no município de São Paulo, a mencionada “Igreja do povo” também organizou um Centro de Comunicação e Educação de São Miguel Paulista (CEMI)²⁶ situado na antiga Catedral de São Miguel Arcanjo, na Praça Aleixo Monteiro Mafra, nº.13. Entre seus inúmeros objetivos, também havia a vontade de documentar as lutas sociais para a posteridade.

Com o intuito de conhecer mais a fundo a história e a memória do CEMI levantamos na pesquisa documental fontes capazes de indicar como se deu sua constituição. A investigação no antigo acervo do CEMI possibilitou identificar a direção do referido centro exercida por Carlos Strabeli, o que o tornou sujeito de pesquisa elementar para este estudo.

Identifiquei ainda que para a criação do centro, duas plenárias ocorreram na Casa Paroquial de Itaquera (CIFA), reunindo em média 90 pessoas. Na ocasião, se discutiram os temas: “Poder Popular”, “Conselhos Populares” e “Unificação dos Movimentos Populares”.

Segundo entrevistados, a preocupação do encontro era criar mecanismos e espaços de integração para os movimentos populares. A descoberta e a análise detalhada da ata de criação do CEMI exprimem a vontade de seus fundadores em acentuar o poder popular.

Julgamos que este Centro deva se guiar por uma linha que julga fundamental o respeito à independência dos Movimentos frente ao Estado, Partidos, Igrejas ou outras Instituições; que julga fundamental a democracia interna nos movimentos; que julga fundamental a construção, a partir dos movimentos, de um poder popular que juntamente com as demais lutas dos trabalhadores

²⁶ Antes da oficialização do CEMI em 15 de maio de 1983, o centro era chamado de “Centro do Manoel do Ó”.

dispute, desde já, o poder a nível político, social, econômico e cultural; que julga fundamental que este poder popular caminhe na direção do socialismo, de uma sociedade justa e democrática, sem exploradores ou explorados (...) A finalidade básica que justifica a criação desta Entidade, é promover de forma sistemática, o apoio a todas iniciativas que visam a articulação e unificação entre si dos movimentos populares na região, na direção da construção de um poder popular. (CEMI, [s.d])

Mais adiante, a ata revela quais eram os principais objetivos do CEMI, a saber:

- Realizar cursos, debates, encontros e projeção de filmes sobre os problemas com que se defrontam os militantes dos movimentos;
- Ter um jornal informativo que facilite a circulação das experiências, idéias, agendas, realizações e lutas dos movimentos;
- Preparar e ter disponível material audiovisual de apoio aos movimentos;
- Ser um local que preserve e divulgue a memória e a história de toda a produção criada pelos movimentos;
- Realizar estudos sobre os Órgãos Públicos da região (atuação, projetos, estruturas, orçamentos etc) e verificar aspectos técnicos e políticos de áreas como transporte, saúde, habitação, educação, cultura etc;
- Montar uma infra-estrutura que ajude materialmente os movimentos, preparando, por exemplo: informativos, boletins, panfletos e outros impressos elaborados pelos movimentos e entidades. (idem, grifo nosso)

No trecho grifado, destaca-se a preocupação do centro com a memória dos movimentos, dado que interessa a esta pesquisa, na medida em que foi fundamental para a elaboração da hipótese central deste estudo, isto é, os movimentos populares tinham a intenção de documentar suas respectivas memórias.

Ao analisar o acervo deixado pelo CEMI, também verifiquei que o centro dava apoio à concepção, impressão e veiculação de publicações de diferentes CEBs e pastorais, e também arquivava veículos de comunicação da época, como os jornais: *Opinião (1972) e Movimento (1975)*.

Pelo alto número de *clippagens*²⁷ de jornais de circulação encontradas naquele período e pelas características das anotações anexas, nota-se que os funcionários do CEMI se interessavam pelo que era noticiado na imprensa popular e de massa, em especial, no que se referia à Zona Leste.

²⁷ *Clippagem* é o processo de selecionar notícias em jornais, revistas, sites e outros meios de comunicação, geralmente impressos. Muitas vezes, este serviço é realizado por assessorias de

No acervo deixado pelo CEMI também foram encontrados inúmeros textos de e sobre artistas, ambientalistas, estudantes, intelectuais²⁸, jornalistas, mulheres, negros, índios, operários, trabalhadores rurais, entre outros. Como exemplo, os relatos das experiências do Movimento de Arte Popular, como já mencionado.

No que se refere à educação popular, dezenas de cartilhas²⁹ foram localizadas. Seus temas transitam entre a criação de um jornal mural ou a organização de um evento cultural na comunidade.

A partir da localização e análise dos documentos de formação do CEMI, realizadas por esta pesquisa, nota-se que as ações promovidas pelo centro eram as mais variadas:

- Concepção e, anos depois, a impressão de veículos de comunicação impressos, como boletins, cartazes, jornais, abaixo-assinados, convocatórias e cartilhas de educação popular;
- Elaboração e realização de produtos culturais, como peças de teatro, contos, poesias, músicas, literatura de cordel;
- Elaboração e realização de gincanas e dinâmicas de integração grupal;
- Interpretação crítica dos processos e produtos de comunicação massiva como a grande imprensa, a publicidade, a novela e o cinema;
- Criação de rádios populares;
- Feitura de vídeos populares, cópias de filmes nacionais e internacionais;
- Organização e divulgação de eventos, como congressos, encontros e seminários;
- Arquivo de veículos de comunicação populares, comunitários, católicos, entre outros;
- Registro e documentação de fatos realizados na região.

imprensa para identificar as referências a determinado cliente ou tema de interesse. No caso do CEMI, a clippagem servia para selecionar temas sobre à região da Zona Leste. Ver exemplo, Fig. 33.

²⁸ Como exemplo de texto científico localizado por esta pesquisa: EVERS, T., PLATENBERG, C.M., SPESSART, S. Movimentos de bairro e Estado (Lutas na esfera da reprodução da América Latina).[s.n.t].

²⁹ Exemplo localizado: Cartilha educativa para trabalho em grupos populares do Movimento de Educação Popular Integral. Cartilha educativa para trabalho em grupos populares. São Paulo: Fundação Fé e Alegria do Brasil, [s.d.].

Segundo um entrevistado, o conteúdo das ações e do acervo do CEMI era considerado na época ameaçador à ditadura, entretanto seu vínculo com a Igreja minimizava a censura *in loco*. Apesar disso, os entrevistados desta pesquisa sinalizam que a repressão sofrida em virtude da comunicação popular era uma constante. De acordo com Pe. Ticão:

No Cemi, a gente se reunia nas segundas à noite, com portas fechadas, porque tinha escuta. A gente pra ler livros da Teologia da Libertação ou do marxismo fechava as portas. No grupo, a gente tinha até um código para se comunicar no telefone e, mesmo assim, tinha sempre gente fiscalizando. (MARCHIONE, 2005)

Para o então diretor do CEMI, Carlos Strabeli, o centro foi pioneiro no uso do vídeo-tape, na implantação das rádios “cornetas”³⁰ e na criação do jornal *GRITA POVO*.

Os inventários produzidos pelo CEMI e localizados por esta pesquisa registram no início da década de 80, aproximadamente 40 mil itens, entre eles: documentos, correspondências, cartazes, livros, informativos, periódicos, fotografias, fitas cassete e de vídeo, *slides* e estudos científicos.

Inúmeras razões levaram o CEMI ao término de suas atividades, entre elas um possível enfraquecimento da doutrina proposta pela Teologia da Libertação no mundo, a crise do jornal *GRITA POVO* e até as investidas do Governo Reagan para desestruturar manifestações contrárias ao projeto neoliberal³¹. O governo de Ronald Reagan, eleito em 1980, ficou conhecido pela adoção do neoliberalismo como modelo político e sua constante cruzada contra o “império do mal”.

A cruzada contra o “Império do mal” a que - pelo menos em público - o governo do presidente Reagan dedicou suas energias destinava-se assim a agir mais como uma terapia para os EUA do que como uma tentativa prática de restabelecer o equilíbrio de poder mundial. (HOBBSAWM, 1995, p. 246)

Reagan preocupou-se em conter correntes contrárias ao capitalismo, em especial, no terceiro mundo. “*O ideário do neoliberalismo havia sempre incluído,*

³⁰ Sistema de propagação sonora, instalado no alto dos postes ou na torre de uma igreja.

³¹ Não cabe aqui pesquisar com profundidade os motivos que levaram à crise e à conseqüente queda do CEMI. Interessa-nos, sim, entender os vários aspectos do jornal *GRITA POVO*, entre eles, o fim do periódico naquele mesmo período.

como componente central, o anticomunismo mais intransigente de todas as correntes capitalistas do pós-guerra. (ANDERSON, 2000, p.12). No ano de posse do presidente Reagan, destaca-se a emissão do “Documento de Santa Fé”, para o programa de política interamericana, redigido no Novo México por agentes do Conselho de Relações Exteriores dos EUA. Este documento é incisivo quanto aos meios de comunicação atrelados à Igreja na América Latina, conforme se observa no trecho selecionado por Chauí (1984), em um de seus artigos à imprensa da época.

A manipulação dos meios de informação através de grupos vinculados à Igreja e de outras camarilhas encarregadas de debates em torno dos chamados direitos humanos tem desempenhado um crescente e importante papel na derrubada de governos autoritários, sim, mas pró-norte-americanos – substituindo-os por ditaduras antinorte-americanas, comunistas ou pró-comunistas, de caráter totalitário. A política exterior dos EUA deve começar a enfrentar (e não simplesmente reagir) a Teologia da Libertação, tal como é utilizada na América Latina pelo clero da Teologia da Libertação. (Documento de Santa fé apud CHAUI, 1984, p.3)

Nos artigos da autora, àquela época, estava a tese de que a Igreja se preocupava com o pragmatismo trazido pelo Concílio Vaticano II e exprimia a intenção de encontrar maior misticismo da parte de seus fiéis. De certa forma, a democratização do país apontava a existência de uma Igreja que não queria mais se dedicar, exclusivamente, às questões políticas. Crescia a demanda de fiéis carentes de um acalento puramente espiritual.

Enquanto isso, com o avanço democrático, especialmente a partir da Constituição Federal de 1988, a vida cidadã ganhou espaços diferentes dos oferecidos pelo catolicismo em contraponto à ditadura, a exemplo dos sindicatos, dos partidos políticos, dos movimentos sociais, das Organizações Não-Governamentais (ONGs), entre outros. Desta forma, podemos aferir que, antes do período da redemocratização nacional, a Igreja servia como espaço institucional seguro para a sociedade civil, como bem afirmou Strabeli anteriormente. E diferenciando-se num período posterior, segundo Rosado Nunes: “*A função de porta-voz da sociedade, necessária em tempos ditatoriais, deixou de sê-lo!*” (ROSADO NUNES, 2004, p. 23)

Para a compreensão desta possível “inversão de papéis”, cabe se ater às principais referências teóricas no plano da sociologia e da antropologia. A religião

sempre foi objeto de estudos sociológicos. Entre seus autores mais representativos, destaca-se o pensamento de Marx, ao denunciar a religião como “ópio do povo”; Durkheim, ao refletir sobre as funções de coerção e coação dos fenômenos religiosos, e Weber, ao compreender as relações existentes entre religião e ação social. (SOUZA; MARTINO, 2004)

Além de estudos empenhados em compreender a história das religiões, inúmeras pesquisas se concentraram nas teorias dos autores referidos. Desse modo, apoiando-nos no pensamento weberiano, podemos trazer à tona reflexões a respeito da influência de determinadas mudanças sociais no país, que recebera no passado o título de maior país católico do mundo e hoje é composto por uma população religiosa de católicos, protestantes, espíritas e até cidadãos sem religião.

O último censo oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) mostra que o número de católicos no Brasil diminuiu. Para os estudiosos que se dedicam à sociologia da religião, o fato se explica pelo tradicionalismo presente em religiões como a católica. Para Pierucci, *“Qualquer religião tradicional, majoritária, numa sociedade que se moderniza, estará fadada a perder adeptos”*.(PIERUCCI, 2004, p. 14) O autor também nos sugere compreender este dado com base na história da sociedade brasileira e não do catolicismo brasileiro.

Assim como tantos sociólogos da religião, Rosado Nunes (2004) também presta um valioso auxílio teórico ao desenvolver a tese de que a queda do número de católicos não pode ser reduzida única e exclusivamente ao fato da Igreja ter - possivelmente - se afastado dos problemas da sociedade e ter se aproximado da Igreja Romana. Segundo a autora, a sociedade também se distanciou da Igreja.

Para a história do pensamento antropológico também ficou claro que diferentes culturas produziram distintas expressões religiosas ao longo da história da humanidade, provando assim a conexão entre religião, sociedade e cultura. Em publicação recente, Gouveia se posiciona a respeito das relações religiosas e socioculturais *“(...) percebe-se que as fronteiras étnico-religiosas fechadas (...) em tempos de globalização das economias e dos encontros multiculturais, tornarem-se borradas, disformes e indefinidas”*.(GOUVEIA, 2004, p.153)

Mais adiante, a autora faz menção a um dos elementos presentes nas relações modernas entre religião, sociedade e cultura: a comunicação de massa. Identifica-se aí, uma transição de preocupações, da comunicação popular para a comunicação de massa. Se antes a condição histórica levava à procura por veículos de comunicação

populares de acesso restrito e condições de produção e veiculação artesanais, hoje se convencionou a procura - por motivos diversos - pela comunicação de massa de profissionalismo apurado e alcance abrangente.

Ao ser questionado sobre os atuais meios de comunicação na Igreja, Dom Angélico ressalta a inexistência de integração entre eles, uma vez que, segundo o bispo, os diferentes meios de comunicação na Igreja trabalham de forma pulverizada. Ele ainda acrescenta que há ausência de programas que não se atenham apenas a veicular celebrações, mas que abordem diversos temas em programas televisivos comuns. Em conversa informal, Dom Angélico disse acreditar na força da comunicação popular como instrumento de informação e formação, religiosa ou não.

Meios de comunicação da Igreja são sempre encantados. Abriu uma rádio: “Parabéns!” “Abriu um canal de TV. Parabéns!” Eu gostaria de ver a Igreja, em um veículo nacional de comunicação em que nós realmente pudéssemos evangelizar de forma moderna com programas, novelas e uma série de coisas. Anunciar a boa nova de Jesus, anunciar um som de uma nova sociedade, um Brasil diferente. Nós estamos ainda pulverizados. Nós temos muitos meios de comunicação. Nós temos, sobretudo, rádios. Somos fortes em rádio difusão, mas nós precisamos melhorar a qualidade dos programas. (BERNARDINO, 2007)

Para o entrevistado, em grandes metrópoles como São Paulo, os veículos de comunicação - a citar no caso dos jornais impressos católicos: *O São Paulo*³² - roubaram o cenário antes predominantemente ocupado por veículos populares. O entrevistado ainda afirmou que a comunicação popular precisava se renovar e acompanhar a evolução do mundo para atingir o cidadão, mesmo que ela tenha que se assemelhar na forma - ou seja, nos formatos e gêneros - à comunicação de massa. (BERNARDINO, 2007)

Esse momento histórico no qual a comunicação de massa - entre outros motivos apresentados abaixo - ganha destaque em relação à comunicação popular abalou o jornal *GRITA POVO*.

De acordo com a pesquisa documental realizada em dezembro de 1991, o jornal *GRITA POVO* emitiu sua última edição. O CEMI sofreu uma evasão de seus

dirigentes e colaboradores. E muitos dos envolvidos deixaram de ter vínculo com a Igreja, como é o caso de Strabeli. Em paralelo, numa escala menor de relevância, se deu a perda de financiamentos nacionais e internacionais a setores públicos e privados na América Latina³³. *“Aqui na Zona Leste eu vou dizer que, se não tivesse esse apoio de algumas igrejas da Europa, muitos projetos em comunicação não teriam acontecido”*. (MARCHIONE, 2003)

Referimo-nos aos problemas econômicos - a perda do financiamento - como algo inferior, por não compreender relações diretas de “causa e efeito” da crise econômica sob a postura da Igreja. Enfraquecido por novos tempos e diversas causas, o CEMI foi fechado em meados da década de 1990.

Entre essas causas, é inegável pensar que os movimentos populares também sofreram uma profunda crise e que tal fator abalou os meios de comunicação popular da época, tendo em vista que veículos como *GRITA POVO* eram instrumentais de uma determinada luta social.

Dessa forma, se explica o baixo número de veículos populares combativos de caráter semelhante ao do *GRITA POVO*, quando há poucas mobilizações sociais. Sobre o assunto, Dom Angélico, diz: *“Nós estamos em maré baixa, a respeito dos movimentos populares. Esse é o problema. Isso é uma pena para o sistema democrata. É preciso ter participação popular. Povo na rua, pressionando o Congresso, o Judiciário...”* (BERNARDINO, 2007) Ao debruçar-se na compreensão da crise dos movimentos populares, Wanderley (2005) diz:

A matriz organizadora desses movimentos é um grupo, uma instituição, uma associação, uma comunidade. A sua organização normalmente é precária, predominando alto grau de voluntariado em suas atividades. O tempo de duração oscila bastante, havendo forte tendência a se extinguirem logo que a reivindicação esteja atendida. (WANDERLEY, 2005, p. 43)

³² Ver a respeito, LANZA, F. *Matrizes ideológicas dos arcebispos paulistanos (1956-85): Um olhar sob o prisma do semanário “O São Paulo”*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2006.

³³ “Em meados da década de 80 a abertura política e econômica de países do Leste europeu e as crises sociais no continente africano levaram as fundações internacionais e órgãos de cooperação a redirecionar parte de seus recursos para financiar programas de desenvolvimento naquelas áreas do mundo, forçando as organizações latino-americanas a buscarem alternativas para sua sustentabilidade.” (ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS E MCKINSEY & COMPANY, Inc., 2001, p.15)

Ao prosseguir em sua análise, o autor traz outro elemento denunciador a respeito do fim dos movimentos populares: *“Repetindo o que já foi dito, esses movimentos são espontâneos, de composição social heterogênea e, em muitos lugares, tendem a se esgotar quando a reivindicação imediata for conseguida”*.(WANDERLEY, 2005, p. 50)

O autor nos leva a pensar sobre a relevância do grupo para a existência do movimento popular para, em seguida, ressaltar a curta duração dos movimentos baseados em uma determinada reivindicação, tendo em vista que, geralmente eles são desfeitos tão logo a reivindicação seja atendida pelo Estado.

Também é relevante registrar o possível desencantamento com o socialismo, evidente no discurso dos entrevistados deste estudo. Dom Angélico, por exemplo, não esconde o que ele chama de “decepção” em relação ao socialismo:

Eu tenho algumas decepções, mas não amarguras. Quando caiu o muro de Berlim, eu esperava que o Leste Europeu aparecesse com uma coisa nova, depois que tiveram a experiência árdua do comunismo, do regime militar. Daí a pouco eu vejo que foram validos pela onda neoliberal do consumismo (...) eu acho que a onda avassaladora do neoliberalismo sepultou muitas utopias. Depois o governo popular aqui no Brasil comparado aos outros governos eu estou contente, mas eu acho que realmente não era bem isso. (BERNARDINO, 2007)

Strabeli, outro entrevistado e membro da Igreja daquele período, também compartilha do pensamento de Dom Angélico ao dizer:

A gente já começava a questionar enormemente a questão do socialismo real. Que a gente tinha nos países do leste europeu, da Rússia, de Cuba e etc. Então acaba se perdendo uma perspectiva de mudança estrutural da história, isso vai desanimar muito as lideranças (..) Pela ditadura ter caído, muitas lideranças que alimentavam o movimento popular, que estimulavam, que lideravam as lutas, acabam entrando no campo institucional como partidos políticos, escolas, ONGs, etc. Fazer o quê? (STRABELI, 2003)

Nota-se na fala de Strabeli um certo descontentamento em relação aos membros de movimentos populares que migraram para instituições, como partidos políticos. No que tange aos partidos políticos, Dom Angélico também exprime contrariedade ao citar a atual presidência.

Além das mudanças observadas no campo da comunicação realizada pela Igreja, nos movimentos populares da época e até no pensamento político da época, também se notam mudanças na estrutura interna da Igreja.

No final dos anos 80, após ter sido transferido de cidade por determinação do Vaticano, Dom Angélico se posicionou sobre o assunto e, desde a ocasião já discordava da estrutura vigente, conforme deixou claro em seu depoimento:

Devo dizer que a Igreja não tem uma solução para presença episcopal na metrópole. Isso vale para São Paulo, para o Rio, para as grandes cidades. É evidente que ser Bispo numa metrópole não é o mesmo que ser bispo em Blumenau. Há uma complexidade enorme, e o Bispo tem que trabalhar nisso. A experiência que nós tivemos durante vastos anos em São Paulo, na minha modesta opinião não pode ser disfarçada pela Igreja. (BERNARDINO, 2007)

De acordo com o entrevistado, as atuais mudanças não favorecem a atuação da Igreja e muito menos dos Bispos. Para ele, o rodízio de Bispos impede que haja um trabalho mais apurado do religioso na região, quer no aspecto evangelizador, quer no social. Ele ainda diz que a Igreja deveria ter tomado por base a história para criar seu atual modelo de gestão.

A Igreja, em âmbito mundial fará bem se debruçar sobre modelos vividos. A arquidiocese de São Paulo viveu um modelo novo. Paris também. Madri também. O simples fato de seccionar a metrópole, na minha opinião, não resolve a problemática. O simples fato de termos um bispo com bispos auxiliares que ficam um tempinho e depois se vão, para mim, também não resolve. Eu continuo firme na opinião de que a Igreja não tem um modelo de presença episcopal colegiada na metrópole. Tem muitas estruturas eclesiais que precisam ser redirecionadas. Há muitas coisas da Idade Média. (BERNARDINO, 2007)

Além da transferência de Dom Angélico por Dom Fernando Legal³⁴, em 28 de maio de 1989, e da alteração estrutural da Catedral para a Diocese de São Miguel Arcanjo, CEBs e pastorais foram abaladas, e teólogos contrários às novas determinações do Vaticano foram punidos severamente, chegando até à

³⁴ Dom Fernando Legal nasceu em São Paulo, no dia 17/12/1931. Foi ordenado sacerdote em 8 de dezembro de 1959 e eleito Bispo de Itapeva em 28 de março de 1980. Transferido para a Diocese de Limeira, pelo Papa João Paulo II, no dia 8 de maio de 1985, tomou posse da Diocese no dia 2 de julho. Em 15 de março de 1989, foi transferido para a Diocese de São Miguel Paulista.

excomunicação de determinados membros da Igreja brasileira, como o caso de Frei Leonardo Boff.

Diante deste último argumento e dos demais apresentados, somos levados a conceber o fim do CEMI por motivos de diversidade e complexidade espacial e temporal consideráveis e que devem, futuramente, ser estudados com apuro e atenção científicos.

Atualmente, o acervo do CEMI é mantido pela Arquidiocese de São Miguel Arcanjo e passou por um processo tímido, porém significativo, de restauração e organização, desde o início desta pesquisa, conforme será relatado adiante.

No mais, após encontrar, organizar e levantar os diversos itens presentes no acervo do CEMI, a análise do jornal *GRITA POVO* se deve à necessidade de compreendê-lo como objeto de registro e armazenamento da memória individual e coletiva da região diocesana de São Miguel.

Para elucidar tal questão, a seguir verificam-se os principais aspectos teóricos desta discussão: a comunicação popular, o jornalismo popular e o jornalismo católico pelas lentes da memória individual e coletiva.

“Sem memória, não há resistência.”

*Jean-Luc Godard*³⁵

54—————

³⁵ A epígrafe citada pode ser encontrada na obra: HIRSZMAN, L.; ECHEVARRÍA, N.; LAMATA, L. A.; CARRI, A. *Memória, história e identidade*. São Paulo: Aeroplano, 2004.

II. I A COMUNICAÇÃO POPULAR COMO AMPLIFICAÇÃO DAS VOZES

“Um mimeógrafo vale mais que mil carabinas”.
Autor desconhecido

Para encaminharmos este estudo, fez-se necessário fundamentar teoricamente os principais conceitos encontrados durante a pesquisa, a saber, a comunicação e a memória. Assim, verifica-se uma abordagem referente à comunicação social e à comunicação popular, perpassando por sua conceituação e epistemologia.

Logo em seguida, procura-se compreender - brevemente - como o conceito memória é trabalhado na filosofia e nas ciências humanas, físicas, biológicas e sociais. Por fim, um ensaio deve provocar inquietações, despertadas do encontro entre os conceitos comunicação e memória.

Desde o início do século XX, os avanços da ciência não se limitaram à concepção de uma teoria exclusiva da comunicação.

Do Funcionalismo à Teoria Crítica, as correntes teóricas mais significativas em comunicação nasceram no seio de países centrais e foram adaptadas aos países latino-americanos, ao longo do tempo. Diante do regime ditatorial vivenciado por diversos países da América Latina, a partir da década de 1960, seus pesquisadores contrapuseram esta antiga imposição teórica e refletiram criticamente sobre os avanços da Indústria Cultural³⁶. Notava-se que a comunicação de massa não se prestava de forma ingênua e despreziosa ao entretenimento e/ou à informação. Pelo contrário, era utilizada como forte aliada do Estado, em especial, daqueles de caráter autoritário.

O endurecimento de governos ditatoriais, como o brasileiro, condicionou os veículos de comunicação e o cidadão comum à censura, o que, conseqüentemente, cerceou a liberdade de expressão. Enquanto milhares de brasileiros confiavam em

³⁶ É o conjunto de empresas e instituições cuja atividade econômica é a produção de cultura, com fins lucrativos. No sistema de produção cultural estão a TV, o rádio, jornais, revistas, etc; que são elaborados de forma a aumentar o consumo, modificar hábitos, educar, informar, pretendendo ainda, ter a capacidade de atingir a sociedade. A expressão "indústria cultural" foi utilizada pela primeira vez pelos teóricos da Escola de Frankfurt: Theodor Adorno e Max Horkheimer.

notícias manipuladas por interesses diversos, outros se arriscavam na aventura do fazer comunicativo.

O surgimento de militantes resistentes ao regime militar e a formação de seus respectivos grupos cresceram, vertiginosamente, a partir da década de 1970, em cujas trajetórias, a comunicação foi descoberta como instrumento de luta social. A comunicação tornou-se necessária de acordo com a expansão, o alcance ou a audácia dos movimentos populares, como mostram os estudos de Festa.

Negros, mulheres, indígenas, menores abandonados, prostitutas, ecologistas, comunidades de base, trabalhadores rurais, operários, bancários, professores, movimentos de defesa do consumidor, equipes esportivas, grupos culturais, estudantes e outros implementaram projetos de comunicação, nem sempre libertadores ou democráticos, porém, presentes em esferas políticas mais amplas (onde se dá o consenso), como na Constituinte e nas eleições presidenciais. (FESTA, 1984, p.33)

Neste contexto marcado por redefinições culturais, políticas, religiosas e reestruturações sócio-culturais é que se dá o ápice da comunicação popular por todo o país, e em especial, da comunicação popular na Zona Leste de São Paulo. Inúmeros veículos de comunicação foram feitos por sujeitos comuns para se expressar livremente, denunciar injustiças e reivindicar seus direitos. Mais adiante, a autora ressalta o surgimento de veículos de comunicação utilizados como instrumentos do fazer político: *“(...) as experiências de comunicação alternativa e popular constituíam-se, na maioria dos casos, como ação instrumental e como parte do aparato institucional do fazer político.”* (idem, 2003, p. 3)

Entre as formas assumidas pela comunicação popular estão: jornais, boletins, vídeos, revistas, rádios, folhetins, cartazes e cartilhas. Outras expressões culturais também estiveram presentes como: teatro, apresentação com fantoches, poesia e música. A diversidade ao se comunicar se deve à vontade de atingir o maior número possível de pessoas, entre elas, intelectuais, analfabetos, jovens, idosos, mulheres, homens...

Ao observar a história da comunicação popular na Zona Leste do município de São Paulo verificou-se, por meio da memória dos sujeitos produtores destas ações de comunicação, o diálogo entre a história da comunicação popular e a história dos movimentos populares. Segundo o entrevistado Strabeli, a primeira forma de comunicação popular descoberta foi a “boca-a-boca”:

Acontecia qualquer problema de violência policial, qualquer repressão ao movimento, a gente convocava as lideranças da Zona Leste e em menos de dez horas estavam todas em alerta. Isso tudo no (sic) boca-a-boca, uma grande ferramenta de comunicação. (STRABELI³⁷, 2003)

Ao analisar o cotidiano destes atores sociais, pude perceber pela fala dos entrevistados que os centros de comunicação popular também se caracterizavam como instrumentos de defesa – verdadeiros escudos – a serem acionados assim que um movimento ou um militante fosse ameaçado.

Progressivamente, a comunicação falada passou a contar com o apoio de novos mecanismos, como o reco-reco e o mimeógrafo. Este último teve as fases: manual, a álcool, à tinta e elétrico. O mimeógrafo serviu a impressão de boletins, folhetos, convocatórias para reuniões, atos públicos, etc. Para os entrevistados, os avanços tecnológicos na área da comunicação facilitaram, progressivamente, o trabalho dos centros.

Em entrevista, Pe. Ticão contou como se dava o processo de utilização do mimeógrafo manual:

A gente batia o texto de noite numa “maquininha” de escrever; cerrava, tirava ou cortava com a gilete as letras; levava a letra “o” e colocava ao lado da letra “e”, por exemplo. Caso errasse, concertava com esmalte. Quando chegou o mimeógrafo à tinta, foi assim uma revolução. (MARCHIONE³⁸, 2003)

Dado o alto índice de analfabetismo, a comunicação visual também assumiu diferentes formas na comunicação popular, ou seja, o vídeo, as artes cênicas, outros, como descrito a seguir:

(...) o uso de marionetes e fantoches (...) nós resgatamos textos, contos, fábulas, parábolas (...) a gente retrabalhava essas histórias dando um cunho político, numa linguagem bem acessível (...) descobrimos o teatro improvisado, do esquete (...) a gente percebeu que as pessoas tinham facilidade de se comunicar, quando elas dramatizavam situações concretas. (STRABELI, 2003)

³⁷ Depoimentos concedidos à pesquisadora em 2003 e 2005: Carlos Strabeli (ex-diretor do CEMI e antigo coordenador regional da Comissão dos Direitos Humanos, nomeado por Dom Paulo Evaristo Arns. Atualmente é gerente do Posto de Saúde Santa Inês).

Atento em demonstrar aqui a forte associação entre a comunicação e a emoção com base no que foi mencionado pelo entrevistado. Para ele, o sujeito, ao se emocionar, se move para fora; dito de outro modo, o sujeito se exterioriza pelo movimento de seu corpo.

Em contraponto ao uso dos veículos impressos, além das artes cênicas, o vídeo destacou-se naquele período, conforme relembra Strabeli:

(...) um outro meio que estava começando era o vídeo (...) compramos uma câmera de vídeo, uma das primeiras que saiu e a gente então filmava tudo: assembleias, apresentações, grupos, peças teatrais, discursos, palestras e cursos. Essa fita rodava os grupos, nós tínhamos dois aparelhos de projeção de vídeos. Pirateávamos filmes. Tornou-se um material fantástico ao nível da (sic) educação.³⁹ (idem, 2003)

Foi Festa quem se dedicou a estudar o uso do vídeo pelos movimentos da época. Para ela, em detrimento aos meios impressos de comunicação, os altos índices de analfabetismo da região enalteciam a eficácia de um produto audiovisual como instrumento de reivindicação, conscientização, formação política e registro das memórias das lutas sociais. Na ocasião de elaboração do projeto da televisão do Partido dos Trabalhadores, ela disse:

É isso que dá ao vídeo sua razão de existir, quando se pensa em sua relação com os movimentos populares, e tal tecnologia tem, no momento, oferecido um espaço de atuação, sem que o acreditemos revolucionário e transformador por si só, mas como mais um instrumento de comunicação, bastante apto à memória, divulgação e discussão dos movimentos populares. (FESTA, 1986, p.170)

Cabe mencionar que o uso do rádio também se tornou uma experiência ímpar para a comunicação popular, cujo modelo adotado pela Zona Leste foi exportado a outros países:

Nós chegamos a ter cerca de 80 rádios comunitárias (...) Eu me lembro que a TV Bandeirante ficou sabendo e veio ver a experiência. Aí a moça veio filmando e falou: - cadê a rádio? Nós apontamos para o alto, eram quatro ou cinco cornetas numa torre da igreja e em

³⁸ Depoimentos concedidos à pesquisadora em 2003 e 2005: “Pe. Ticão”, Antônio Luiz Marchione (ex-líder de CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) e atual padre da Paróquia São Francisco de Assis).

³⁹ O entrevistado Carlos Strabeli cita a relevante participação da então professora da Universidade de São Paulo (USP) Regina Festa. “(...) uma jornalista e professora que deu uma contribuição importantíssima é a Regina Festa (...)” (STRABELI, 2003).

postes. Depois aqui passaram muitas pessoas de fora, até da Europa para ver a experiência. (MARCHIONE, 2003)

Ao estudar o hibridismo da cultura popular e culta na América Latina, Canclini lança olhos ao uso dos meios de comunicação eletrônicos (televisão e rádio) pela cultura popular e, conseqüentemente, pelos movimentos populares.

Os meios de comunicação eletrônica, que pareciam destinados a substituir a arte culta e o folclore, agora os difundem maciçamente. Não se trata apenas de estratégias das instituições e dos setores hegemônicos. (...) É possível vê-las também na “reestruturação” econômica e simbólica (...) quando os movimentos populares inserem suas reivindicações no rádio e na televisão. (CANCLINI, 1997, p. 18)

Mesmo observando o uso da televisão e do rádio pela comunicação popular, pelas observações de Canclini, notamos, de imediato, que a comunicação popular tem alcance limitado e se desenvolve de forma artesanal pelo e para o povo.

Contudo, esta definição ainda parece insuficiente e ambígua a este estudo. Se a comunicação popular é realizada para e pelas classes sociais ditas subalternas e oprimidas, o que dizer da comunicação feita na parceria entre o povo e os profissionais da comunicação, defensores das causas populares?

Em estudo realizado em 1987, Gomes analisou o jornalismo eclesiástico, adotando o jornal "*GRITA POVO*" e seu projeto de comunicação popular. - Gomes⁴⁰ (1987) realizou pesquisa para aferir em qual categoria o referido jornal deveria se inserir e o que deveria torná-lo um veículo popular. Os questionamentos eram: O *GRITA POVO* é um produto da comunicação popular? Ou, da comunicação alternativa? Talvez, da comunitária? Seria ele um jornal popular? Alternativo? Popular e alternativo são sinônimos? Seria ele um jornal? De acordo com o autor: “*O problema da comunicação popular não é pacífico, nem claro*”.(GOMES, 1987, p. 46)

Segundo Gomes, por muito tempo, estudiosos da área conceituaram a comunicação popular fundamentando-se na análise do emissor, da mensagem, da linguagem, do meio ou até dos efeitos.

⁴⁰ A dissertação de mestrado realizada por Gomes é intitulada como O jornalismo nas Comunidades Eclesiais de Base (Um estudo de caso do jornal *GRITA POVO* da região episcopal de São Miguel Paulista). Em 1990, o conteúdo da dissertação de Gomes foi publicado no livro O jornalismo alternativo no projeto popular. São Paulo: Paulinas, 1990.

Ao total, até o final da década de 1980, havia mais de 33 definições diferentes para comunicação popular (ibidem). Entre as definições reducionistas, o autor destacou algumas para observação, as quais detalhamos na seqüência.

Quanto às pesquisas que levavam em consideração o produtor da mensagem, o autor questiona as definições que concebem a comunicação popular como produzida, exclusivamente, pelo e para o povo. Para ele, a comunicação popular não pode ser identificada pela classe social daquele que a realiza, na medida em que qualquer indivíduo de classe social adversa pode estar comprometido com os ideais das classes populares⁴¹. Tomando como referência a pesquisa de Carlos Eduardo Lins da Silva, ressalta:

(...) podemos dizer que alguns jornais defendem os interesses das classes populares, mas não são feitos por elas nem a elas se destinam. Outros, embora tenham as classes populares como destinatárias principais, defendem os seus interesses, não são feitos por elas. Outros, ainda defendem os interesses das classes populares, são por elas produzidos e a elas dirigidos. (ibidem, p. 80)

Não se nega, contudo, que a comunicação popular tem a ver com o povo e seus próprios códigos e que seu principal objetivo deve ser a promoção da justiça social. (ibidem)

Acrescenta o autor que linguagem também não serve como parâmetro na definição de comunicação popular, tendo em vista que a linguagem pode ser lexicalmente popular e não servir aos ideais das classes populares, como era o caso do jornal *Notícias Populares*, marcado na história da imprensa como um jornal sensacionalista.

É Martín-Barbero quem nos remete à discussão sobre o lugar do “popular” no jornalismo ao dizer que “(...) *entre a linguagem da notícia e a do folhetim há mais de uma corrente subterrânea que virá à tona ao se configurar aquela outra imprensa que, para ser diferenciada da “séria”, chama-se sensacionalista ou popular.*” (grifo do autor) (MÁRTIN-BARBERO, 1997, p.183)

No que compete à mensagem, Gomes enfatiza a importância de se vinculá-la à realidade social. Para o autor, a comunicação popular não anda sozinha, sempre

⁴¹ Das definições que encontrou, Pedro Gilberto identificou o termo “classes trabalhadoras”, termo empregado pelo autor Carlos Eduardo Lins da Silva. Por entender a necessidade de um termo mais

está aliada a um movimento organizado e interessado em enfrentar a manipulação e a opressão de classes dominantes: *“Sozinha, a comunicação não vai modificar a sociedade, por melhor que se realize; ela pertence à instância superestrutural”*.(ibidem, p. 51)

A condição histórica na qual a prática comunicativa está situada emite significados para a investigação científica. Para Festa, o Brasil carrega, marcadamente, esta característica:

No campo da comunicação (alternativa e popular) no Brasil, e ao contrário do que ocorre na Europa ou Estados Unidos, a principal característica da produção cultural é a identidade com as formas de opressão social”. (FESTA, 1986, p. 29)

Portanto, este momento da história latino-americana, em especial brasileira, provou a existência de uma relação íntima entre o ambiente do indivíduo e a forma que o processo de comunicação deve assumir. Ou seja, a comunicação é um fenômeno social por excelência, cuja forma varia de acordo com as possibilidades do ambiente.

Após essas considerações, torna-se necessário revisitar uma expressão da época: a comunicação popular dá “voz ao povo”. Nos estudos de caso (de Gomes e desta presente dissertação) há a concordância em que os indivíduos possuíam “vozes” antes mesmo de os veículos de comunicação popular se consolidarem no final dos anos 80. Isso por conta do poder de mobilização alcançado por eles, sem o uso de ferramentas de comunicação. Portanto, a comunicação popular veio amplificar ou potencializar tais vozes. Sob esta ótica, convém lembrar que a comunicação popular não é coisa exclusiva, recente ou rara.

Retomando as análises de Gomes, nota-se que outros pesquisadores pensaram em identificar a comunicação popular por seus efeitos libertadores e conscientizadores. Ou seja, quando uma comunicação combate a classe dominante, *“(...) exerce função contrária à da comunicação burguesa.”* (GOMES, 1987, p. 55)

Após avaliar o argumento de inúmeros pesquisadores, o autor entende que a comunicação é popular pela *“(...) forma como se conduz o processo e o contexto no qual se insere. O problema da comunicação não é tanto o que dizer, mas como dizê-*

amplo, Pedro substituiu o termo “classes trabalhadoras” por “classes populares”, este último também adotado por este estudo.

lo.” (ibidem, p. 114) Em relação ao conceito de alternativo, o autor expõe: “O contexto alternativo não é a comunicação alternativa, mas apenas o que torna uma comunicação popular.” (ibidem, p. 58)

Em sua pesquisa, Gomes também se dedicou a entender o jornalismo e o jornal popular. Para o autor, jornalismo popular compreende a assunção dos princípios básicos do jornalismo clássico, suas principais categorias e gêneros. Tais princípios, reproduzidos por Gomes, são da autoria de José Marques de Melo:

Em primeiro lugar, para ser verdadeiramente jornalismo, também ele (o jornalismo popular) deve obedecer às leis jornalísticas. Por isso, as suas características – periodicidade, universalidade, atualidade e difusão – devem estar presentes também no jornalismo popular. As duas categorias - opinativo e informativo - assim como os gêneros correspondentes a cada uma (informativo: nota, notícia, entrevista, e reportagem; opinativo: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta) fazem parte de todo jornal. (ibidem, p. 114)

Verifica-se que as características do jornal tradicional também são necessárias ao jornal popular. No entanto, para ser jornal popular, além das mencionadas características, é fundamental sua inserção num contexto alternativo. Pode-se notar que a definição de comunicação popular é emprestada à definição de jornal popular.

Em sua argumentação teórica, Gomes já demonstrava apreço à concepção de comunicação popular como algo proveniente da cultura, que se evidencia, quando o autor reforça o contexto sócio-político e cultural como sendo capaz de atribuir o título de popular a uma determinada comunicação.

Após a defesa de sua dissertação, publicações como a dos autores Peruzzo, Canclini e Martín-Barbero, em meados da década de 1990, confirmaram a consolidação desta tendência teórica.

A fim de atualizar a pesquisa bibliográfica de Gomes, nos cabe verificar os estudos de Peruzzo. Para ela, pensar a comunicação popular nos leva a três correntes de estudo. A primeira diz respeito ao popular-folclórico. Trata-se das expressões culturais tradicionais do povo, como os ritos, os mitos, as festas e as crenças. A segunda seria o popular-massivo. Ela refere-se à ocasião em que a comunicação de massa se apropria da cultura popular, de sua linguagem e de outras características em busca de altos índices de audiência. Como foi citado anteriormente, o jornal *Notícias Populares* é um exemplo notório. Por fim, a terceira

corrente refere-se ao popular-alternativo (PERUZZO, 1998). Esta parece mais condizente com o estudo de caso aqui proposto e com a preocupação de Gomes anos atrás.

Como escreveu Canclini, trata-se de uma nova maneira de pensar o popular, ligando comunicação e cultura. Ela ocupa-se da comunicação no contexto de organizações e movimentos sociais vinculados às classes subalternas ou, como dizem enfaticamente, da comunicação “ligada à luta do povo” por melhores condições de existência e pela sua emancipação, mediante movimentos de base organizados. (ibidem, p. 119)

Tomando por referência a tese de culturas híbridas, pensada pelo autor Canclini, ressalta-se a necessidade de uma discussão providencial sobre o que seria o popular e o massivo diante da amálgama cultural contemporânea.

Assim como não funciona a oposição abrupta entre o tradicional e o moderno, o culto, o popular e o massivo não estão onde estamos habituados a encontrá-los. É necessário demolir essa divisão em três pavimentos, essa concepção em camadas do mundo da cultura, e averiguar se sua hibridação pode ser lida com as ferramentas das disciplinas que os estudam separadamente (...) Precisamos de ciências sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que ligam esses pavimentos. Ou melhor: que redesenhem esses planos e comuniquem os níveis horizontalmente. (CANCLINI, 1997, p.19)

Peruzzo também se viu desafiada a entender o termo “alternativo”. Para a autora - assim como para Gomes, a comunicação não é alternativa, e sim, o seu contexto. Contudo, ela acredita que no Brasil, ao menos, o jornalismo oferece diferenças quanto à denominação popular e alternativa:

No Brasil, a expressão “imprensa alternativa” tem recebido conotação específica, entendendo-se por ela não o jornalismo popular, de circulação restrita, mas os periódicos que se tornaram uma opção de leitura crítica em relação à grande imprensa editorialmente enquadrada nas regras da censura imposta pelo regime militar, mas confortavelmente assentada na condição de monopólio informativo. (GOMES, 1987, p.120)

Conforme descrito por Gomes, a condição da “imprensa alternativa” no país, em tempos de regime militar, justifica o interesse do CEMI por jornais alternativos. Exemplo de tal interesse está expresso no fato do CEMI ter arquivado coleções de jornais alternativos da época, como *Opinião* e *Movimento*, conforme consta da investigação que realizei no acervo do centro.

É ainda Peruzzo quem diz não haver um consenso quanto à atribuição do termo “alternativo” aos jornais feitos por igrejas, partidos políticos, sindicatos ou comunidades. Ela sinaliza que alguns autores concebem os jornais católicos - por exemplo - como alternativos. Entretanto, adverte que outros profissionais de comunicação e pesquisadores da área divergem desta opinião.

Pelo exposto até aqui, pode-se aferir como a comunicação popular provocou inquietações profundas no meio acadêmico, por jamais ter sido encerrada em uma teoria única e fechada.

Os estudos de comunicação popular também suscitaram questões pertinentes à Teoria da Comunicação, a começar pela valorização do receptor, por muito tempo, desprezado pelos pesquisadores em comunicação em seus estudos, uma vez que não era considerado como sujeito de atitudes autônomas e imprevisíveis. Para a Academia, o receptor era incapaz de escapar às imposições da Indústria Cultural.

O receptor deixava de ser identificado com a massa amorfa e uniforme, passiva e manipulável, passando a ocupar o lugar do dominado - o trabalhador organizado, a feminista, o militante -, cujas apropriações expressavam um receptor crítico. (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p. 264)

Nesse sentido, a chegada da comunicação popular nos estudos em comunicação provocou uma verdadeira revolução paradigmática, porque, tendo trazido o enfoque da pesquisa para o sujeito-receptor, despertou o interesse do (a) pesquisador (a) pela cultura.

O estudo da comunicação popular redefiniu os marcos de problemática da comunicação. Durante muito tempo, falar de comunicação significou falar de meios, canais, mensagens. Agora, falar de comunicação popular implica falar de cultura, de relação. E necessita, para tanto, da interdisciplinaridade em seu sentido mais profundo. Trazer a comunicação para o espaço da cultura fez introduzir a dimensão do conflito (...) histórico do qual o popular se define enquanto movimento de resistência (...). E conseqüentemente, a idéia de ação, de *práxis*. (BERGER apud PERUZZO, 1998, p.113)

Mártin-Barbero (1987) concorda com tais considerações e acredita que a comunicação popular foi fundamental para o desenvolvimento da Teoria da Comunicação numa compreensão dialética. Com o curso da história, o reconhecimento do receptor pela investigação científica incentivou o surgimento de

linhas de pesquisa, como a Comunicação Popular, os Estudos Culturais e os de Recepção.

Começo a ver nos movimentos sociais uma aproximação aos fenômenos de comunicação ligada à cultura e ligada ao cotidiano; ligada a um peso muito maior das matrizes a partir dos quais a comunicação funciona, quer dizer, uma comunicação que não se explica nem se encerra no fenômeno comunicativo. (MÁRTIN-BARBERO apud PERUZZO, 1998, p.138)

Tais pensamentos - como o de Martín-Barbero - compreenderam a comunicação para além da simples concepção de mídia.

Os estudos culturais na América Latina são, assim, uma tendência científica que gradualmente esclarece uma teoria como um escopo metodológico com um crescente número de estudo empírico. Tanto a antropologia quanto a sociologia tornaram-se mais orientadas em relação a esse campo de estudo, pelas mediações que ocorrem nas “mestiçagens” e as “culturais híbridas”, caracterizando o cotidiano contemporâneo da maior parte dos latino-americanos. (TUFTE, 1996, p. 44)

Assumiu-se, então, que o “sujeito-receptor” (não profissional da área de comunicação) era capaz de ser produtor da mensagem, de acordo com as condições que o seu ambiente sócio-político e cultural lhe oferecia, assim como também poderia refletir criticamente sobre a mensagem que a comunicação de massa lhe impunha.

Vale dizer que a reflexão dos intelectuais sobre a comunicação popular não foi construída posterior, mas paralelamente à sua prática, quer dizer, a comunicação popular foi construída na *práxis*. Os intelectuais tiveram posturas pontuais diante do momento político e assumiram que a ciência não era ingênua. Neste sentido, a pesquisa-denúncia, na década de 1970, e a pesquisa-ação, participativa ou militante na década de 1980, são referências da incorporação da cultura e do popular à *práxis* da Teoria da Comunicação, assim como de um novo posicionamento do pesquisador diante do pesquisado. Rompia-se a conflituosa relação sujeito-objeto para abrir espaço à relação sujeito-sujeito.

A introdução do estudo da comunicação popular alterou a pauta da teoria da comunicação: solicitou outras referências teóricas e metodológicas; propiciou um deslocamento do espaço universitário

(precisou ir aos bairros populares para pesquisar); deixou de lado a exclusividade de tratar da cultura. (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001, p.264)

A comunicação popular também foi marcada pela interdisciplinaridade, tendo em vista a inserção da cultura como objeto de pesquisa de seus estudos. A contribuição das Ciências Sociais é nítida, em que se destacam Freire⁴² e Gramsci no pensamento condutor das ações de determinados movimentos populares, especialmente, os apoiados pela ala progressista da Igreja.

Paulo Freire é provavelmente o mais influente pensador que inspirou movimentos culturais e sociais nas últimas duas ou três décadas, particularmente no Brasil, mas também por toda América Latina e em outros países do terceiro mundo. (...) Entretanto, Freire não se referiu explicitamente aos meios de comunicação de massa, mas focalizou em primeiro lugar o processo pedagógico de criação da consciência humana (...) A filosofia de Freire é crítica e orientada para a ação. Toda comunicação deve basear-se no diálogo. O diálogo, o engajamento e a constante dialética ação-reflexão-ação são os elementos centrais de sua filosofia. (TUFTE, 1996, p. 28)

No caso deste estudo em São Miguel Paulista, faz sentido considerar a influência de Freire no pensamento da época, tendo em vista a presença efetiva do professor, em ações a que se dedicou amplamente o Movimento de Educação.

Dentre as questões colocadas por Gramsci, ganhou destaque a idéia de um intelectual que renunciaria ao elitismo acadêmico com o objetivo de ajudar as massas a construir uma outra sociedade. *“Para Gramsci, memória não era recuperação da tradição, mas recomposição de um corte histórico-cultural de classe, o que poderia ser feito com a participação do intelectual da organização da cultura e da sociedade civil”*⁴³. (FESTA, 2003, p.2)

De acordo com a pesquisa oral desenvolvida no estudo que origina esta dissertação, nota-se que os entrevistados julgam a atual comunicação popular como enfraquecida por uma suposta apatia da sociedade civil.

⁴² O Advogado, educador e filósofo brasileiro Paulo Freire deu uma contribuição substancial para o pensamento crítico na América Latina, nos anos de 1960 e 1970. FREIRE baseou o seu trabalho acadêmico em uma experiência prática com a educação de adultos, trabalhando originalmente com programas de alfabetização para os camponeses do Nordeste do Brasil, no fim da década de 1950.

⁴³ Sociedade civil, no significado dado pelo filósofo comunista Antônio Gramsci, designava o conjunto de forças políticas e sociais sem ligação orgânica com a máquina do Estado.

A educação comunitária perdeu um pouco de classe, ela perdeu um pouco dessa visão clara, sabe, do que é necessário mudar. Ela se tornou mais informativa. Seguindo um pouco o padrão dos meios de comunicação de massa que trabalham mais a questão da informação pela informação, e nenhuma análise mais substancial que ajude as pessoas a pensarem (...). (STRABELI, 2003)

Para Strabeli, a comunicação popular deve formar (politicamente, religiosamente, etc) e não somente informar, o que, segundo ele, já é feito pela comunicação de massa. Mais uma vez, as observações dos estudiosos da comunicação mencionados (Festa, Peruzzo, Gomes) fazem sentido, quando levam a refletir que a comunicação popular está intimamente ligada ao contexto social. Desta forma, em diversas ocasiões levam a crer que a comunicação vive uma “maré baixa” em tempos de democracia.

Sem dúvida, esta compreensão é imediatista, uma vez que o ambiente democrático forja uma aparente liberdade de expressão no setor da comunicação, pois este ambiente favorável à liberdade de expressão não se confirma, quando pensamos na natureza da comunicação de massa em nosso país.

A exemplo, vale dizer que, em pleno século XXI, a concessão de veículos de comunicação tornou-se “barganha eleitoral” na mão do governo. Oligopólios formam-se no país, a fim de impor à população uma visão de mundo manipulada.⁴⁴ Em paralelo, com o correr dos dias, o processo de feitura da comunicação de massa distancia-se cada vez mais do sujeito-receptor, que, não dominando tal processo, deixa de ser compreendido como ser pensante e crítico.

Em última instância, iniciativas de comunicação popular que têm tido ressonância em comunidades por todo o país são combatidas severamente pelo Estado com proibições e regulamentações. Um bom exemplo estaria nas rádios comunitárias. A respeito do assunto, os entrevistados se posicionam:

Eu tenho acompanhado a questão das rádios comunitárias, reprimidas pelo governo democrático, tanto quanto na época da

⁴⁴ “Presente em todos os estados, a maioria dos principais grupos regionais de mídia são afiliados à Globo, o que não impede que 86% dos seus veículos estejam concentrados na região de maior circulação de verba publicitária, o Sudeste. Do total da verba publicitária, abocanha US\$ 1,5 milhão, deixando US\$ 600 milhões para o SBT e 300 para a BanDom O resultado é uma audiência de 54% , contra 23% dos índices alcançados pelo SBT, sua concorrente mais próxima. Subordinados às cabeças-de-rede, que dominam os principais mercados, os grupos afiliados à Record, Band, SBT e Globo também reproduzem a concentração do mercado, ficando restritos a pequenos mercados regionais.”(WANDELLI, R. Pesquisa mostra cartelização da mídia brasileira. São Paulo: INSTITUTO GUTEMBERG - CENTRO DE ESTUDOS DA IMPRENSA, 2002)

ditadura. A questão das ondas do rádio é um instrumento fantástico ao nível da (sic) comunicação popular, da comunicação comunitária e há muitos grupos desenvolvendo trabalhos interessantes. Eu tenho um trabalho com uma rádio comunitária. Eu não vou dizer onde que ela fica, mas a gente trabalha a questão da saúde, tendo ali informações importantes pra manutenção da saúde pessoal e coletiva. Tem também uma análise dos direitos dos cidadãos por uma saúde melhor, o pessoal do Sem Terra, a questão de gênero das mulheres, a questão racial (...) essa comunicação torna-se um veículo altamente politizador, conscientizador, importante e forte. Eu acho que as rádios comunitárias hoje eram as antigas rádios populares no meu tempo. (STRABELI, 2003)

Todos os meios de comunicação como as rádios comunitárias que eu acho que deveriam ser valorizadas não são. Elas não são rádios piratas coisa nenhuma. Piratas são essas que pirateiam em cima do povo. Elas são as vozes do povo. E o governo devia ajudar esses meios, protegê-los, regulamentá-los. São meios simples e populares, mais efetivos, de comunicação. (BERNARDINO, 2007)

Todo movimento deveria ter sua rádio comunitária, ou melhor, toda comunidade local deveria ter sua rádio e essa rádio ela deve estar a serviço democraticamente de todos. (MARCHIONE, 2003)

De acordo com as citações, observa-se que há um movimento de comunicação popular, persistindo até hoje, inclusive, realizado pelos entrevistados. Fica claro, ao menos, que os entrevistados refletem sobre o assunto ou até mesmo participam efetivamente de veículos populares.

Segundo a pesquisa a que se propôs neste estudo, verificou-se que Dom Angélico mantém em Blumenau um jornal popular católico; Strabeli atua em uma rádio comunitária com uma programação voltada para a área da saúde; por fim, Pe. Ticão produz em sua paróquia, aproximadamente, quinhentos boletins diários, para informar à população o que ocorre no bairro⁴⁵.

Por esta perspectiva, me parece injusto desprezar o esforço das atuais iniciativas de comunicação popular. Para os entrevistados, este tipo de comunicação deve ser estimulado pela sociedade na medida em que desempenhou papel decisivo no processo de redemocratização do país nos anos 80, assim como deve preservar a democracia na atualidade.

Festa, intelectual engajada em diversos projetos de comunicação concorda com a opinião dos entrevistados e comenta os méritos da comunicação popular:⁴⁶

Com relação à comunicação e aos *mass media*, conquistou-se o direito de acesso (e direito de resposta) dos partidos políticos de oposição à televisão e ao rádio nas campanhas eleitorais; conquistou-se a liberdade de imprensa, o direito à privacidade, direito de acesso aos meios escritos, regionalização cultural e a transferência do poder sobre as concessões de rádio e televisão do Executivo para o Legislativo e a formação do Conselho de Comunicação Social, a ser regulamentado. (idem, 1984, p.34)

O estudo apresentado aqui pretende revelar, ao lado de pesquisas como a de Festa, o papel da comunicação popular na sociedade brasileira e latino-americana.

Apesar dos impasses já referidos, como a oligopolização da mídia brasileira e a punição do governo às rádios comunitárias, a comunicação popular ainda se mantém ao longo da história, como alternativa, dialógica, comunitária, sindical, etc.

Entre as perspectivas futuras de investigação científica em comunicação, está a emergência de estudos a respeito da relevância da comunicação popular, não só para democracia, mas também para a preservação da memória popular deixada como legado em veículos de comunicação comunitários, populares e alternativos.

Mártin-Barbero (1983), considerado inquieto “formulador de questões”, comenta a urgência de estudos sobre modos de presença, ausência de afirmação e negação, de confisco e de formação e deformação da memória popular nos meios de comunicação. A preocupação do autor vai ao encontro do pensamento de Gramsci - forte influência para os movimentos apoiados pelas esferas progressistas da Igreja Católica - no qual as massas deveriam refazer suas memórias em sentido contrário ao das classes dominantes.

É nesse sentido que o estudo empenhado aqui, a respeito do jornal *GRITA POVO*, surge de forma oportuna, já que propõe um fortalecimento da interdisciplinaridade entre a Antropologia e a Comunicação como essenciais na compreensão da memória coletiva.

Para continuar, as reflexões teóricas partem dos estudos de comunicação para alçar vôo em direção à cultura em Ciências Sociais e Antropologia.

⁴⁶ Convém mencionar que, apesar das conquistas adquiridas na redemocratização do país, adversidades sociais, econômicas e de outras ordens permaneceram ou se agravaram neste mesmo período. Como exemplo, temos os altos índices de inflação no país.

Antes de promover o encontro oportuno entre tais áreas do conhecimento, analisa-se como o conceito memória vem ganhando aportes teóricos na Filosofia e nas ciências humanas, físicas, biológicas e sociais.

II. II MEMÓRIA: UM OBJETO DE INTERESSE INTERDISCIPLINAR

"Na realidade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças."

Henri Bergson

Pretende-se, neste ponto do trabalho, pensar como os referidos aportes teóricos sobre memória, na filosofia e na ciência, podem trazer elementos capazes de compreender a relação mantida entre o jornal e a memória.

Em nossa sociedade, a memória é suscitada a todo o momento, seja em conversas entre amigos ("Você se lembra?") ou em ocasiões individuais ("Onde eu estou com a cabeça?"). Em seus estudos, Chauí afirma que utilizamos a memória perceptiva para reconhecer coisas, lugares e pessoas; a memória habitual, para repetir gestos ou palavras; a memória pessoal, para lembrarmos de coisas, pessoas ou acontecimentos de importância afetiva para nós; e, finalmente, a memória sócio-histórica para construir e valorizar mitos, registros, documentos entre outros objetos de significação coletiva (CHAUI, 2003).

Na Filosofia, o tema é alvo de questionamentos há pelo menos 17 séculos e apresenta inquietações tão atuais quanto na época de suas formulações, consoante o questionamento de Santo Agostinho em sua obra *Confissões*:

Chego aos campos e vastos palácios da memória onde estão os tesouros de inumeráveis imagens trazidas por percepções de toda espécie. Aí está também escondido tudo o que pensamos, quer aumentando quer diminuindo ou até variando de qualquer modo os objetos que os sentidos atingiram. (...) Quem poderá explicar o modo como elas se formaram, apesar de se conhecer por que sentidas foram recolhidas e escondidas no interior?

Para o filósofo, é o indivíduo - em suas razões pessoais - o responsável por selecionar determinadas lembranças a serem armazenadas na memória, o que prova uma relação estreita, mantida entre percepção subjetiva e memória. A referência a tal relação também foi encontrada como tese nos meios acadêmicos.

Bergson, um dos autores mais representativos a respeito escreveu que *“perceber acaba não sendo mais do que uma ocasião de lembrar”* (BERGSON, 1999, p. 69)

A concepção de indivíduo epicentro, único, racional e individual remonta o Renascimento do século XVI e o Iluminismo do século XVIII. A noção de sujeito social é despertada com o surgimento das Ciências Sociais, conseqüentemente da Sociologia, com sua idéia de que a identidade de cada um é constituída na interação “eu e o outro”, ou melhor, eu e a sociedade. Santos diz que a interação do indivíduo com o social pode ser compreendida em quatro momentos, ou seja, por quatro seres práticos.

Todos nós somos configurações humanas em que se articulam e interpenetram os nossos quatro seres práticos: o ser de família, o ser de classe, o ser de indivíduo, o ser de nação. E como cada um desses seres, ancorado em cada uma das práticas básicas, é produto-produtor de sentido, o sentido da nossa presença no mundo e, portanto, da nossa ação em sociedade é de fato, uma configuração de sentidos. (SANTOS, 1989, p.49)

Apesar de defender a idéia de que a memória pertence ao plano da subjetividade e portanto da identidade de cada indivíduo, Bergson assim como Santos não nega “a presença do indivíduo no mundo” e chega a distinguir dois tipos de memória: a memória-hábito e a memória-pura, das quais, a última possui seis classificações.

Entre elas está a memória social ou histórica, ou seja, fixada por uma sociedade por meio de mitos fundadores, de relatos, documentos, monumentos, obras de arte e outros objetos. (BERGSON, 1999)

A classificação de memória social fixada em objetos é aparente em nossa sociedade. Para o autor Hall (2001), os patrimônios históricos de uma nação ou de uma comunidade nada mais são do que as memórias do passado, o desejo pelo conjunto e a perpetuação da herança.

Em seus estudos, o autor concebe a identidade cultural como determinante para as memórias do passado, o desejo pelo conjunto e a perpetuação da herança cultural. Ele recupera Giddens, para comentar a crise atual da noção de identidade cultural sociológica e, por conseguinte, a memória social ou local/coletiva na era da “globalização”.

A globalização implica um movimento de distanciamento da idéia sociológica clássica da “sociedade” como um sistema bem delimitado e sua substituição por uma perspectiva que se concentra na forma como a vida social está ordenada ao longo do tempo e do espaço. (GIDDENS Apud HALL, 2001, p. 68)

Nota-se, então, que a idéia clássica de sociedade foi abalada pela globalização, e seus reflexos estão apontados numa possível crise da memória coletiva. O desejo pelo conjunto faz com que haja a preservação e o processo contínuo de registros memorialistas. Portanto, se a memória social estiver em crise, a identidade cultural será afetada.

Assim como Hall, autores como Proust e determinados filósofos acreditam que a memória é a maior garantia de nossa identidade, mesmo quando nos referimos às memórias de dimensões coletivas ou sociais.

Tendo em vista o estudo de caso discutido por esta pesquisa, interessa apontar a memória sob o ponto de vista social, até porque toda memória individual é também memória coletiva segundo os estudos empreendidos.

Entre as pesquisas dedicadas à tese de que há uma relação íntima entre a memória individual e o meio social, está a de Halbwachs⁴⁷ (2004). Em sua breve trajetória como pesquisador, ele desenvolve o conceito de memória coletiva, amplamente usado neste estudo: “*O grupo é suporte da memória se nos identificamos com ele e fazemos nosso seu passado (...)*” (HALBWACHS Apud BOSI, 1994 , p. 414).

No entanto, o coletivo abordado pelo autor não diz respeito ao coletivo compreendido pela história, pois Halbwachs acredita que os quadros coletivos da memória não se formam a partir das datas, nomes e fórmulas reconhecidamente memoráveis para toda uma sociedade, e sim, com base em eventos memoráveis para um determinado grupo do qual o indivíduo faça parte. Isto significa aceitar a memória sob diversas classificações, por exemplo, a classe social.

Toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo. Não se pode concentrar num único quadro a totalidade dos acontecimentos passados senão na condição de

⁴⁷ O livro *Memória Coletiva* de Maurice Halbwachs (1887-1945) foi publicado postumamente em 1950. O autor foi aluno de Henri Bérgson, mas logo se mostrou durkheimiano, ao contrapor o mestre na realização de um estudo sobre *Les Cadres sociaux de la Mémoire* (Os quadros sociais da memória). Seu conceito de memória coletiva é amplamente empregado neste estudo.

desligá-lo da memória dos grupos que deles guardavam a lembrança, romper as amarras pelas quais participavam da vida psicológica dos meios sociais onde aconteceram, de não manter deles senão o esquema cronológico e espacial. (HALBWACHS, 2004, p. 90).

Festa também concorda com o autor:

“É verdade que a questão da memória é um assunto nacional, mas ocorre que os grupos populares estão a fim de criar sua memória, descobrir as várias dimensões da sua experiência. A memória dos pobres jamais será a memória dos grupos dominantes”. (FESTA, 1986, p.144)

Sob outro ângulo, os estudos biológicos, psicológicos e sócio-culturais alimentam o debate. Nos últimos 15 anos, as Ciências Biológicas, especificamente, a neurociência, tem se dedicado com afinco aos estudos de memória. Atualmente, temos assistido ao grande avanço das ciências dedicadas ao cérebro e aos mecanismos fisiológicos da formação, fixação e evocação da memória (IZSQUIERDO, 2004).

Para Damasio, apesar da dedicação excessiva à compreensão dos processos químicos, físicos ou fisiológicos, desencadeados no cérebro durante a atividade subjetiva da consciência, pouco se elucidou sobre a cosmologia⁴⁸, o sentido da vida e o provável destino de ambos.

A consciência humana é um ingrediente indispensável da mente humana criativa, porém não é toda a mente humana e, a meu ver, tampouco é o ápice da complexidade mental. Os truques biológicos que causam a consciência têm muitas conseqüências, mas vejo a consciência como um intermediário e não como o ponto culminante do desenvolvimento biológico. A ética e o direito, a ciência e a tecnologia, a arte e a compaixão – estes são os ápices da biologia, ao meu entender. (DAMASIO, 2000, p. 93)

Rompendo com uma visão dogmática sobre a produção do conhecimento científico, diversos pesquisadores têm sinalizado a união entre as ciências sociais e biológicas, em estudos sobre a memória, o que confirma, definitivamente, a vocação da memória como objeto de interesse interdisciplinar.

⁴⁸ Em epistemologia, a cosmologia reúne o conjunto de disciplinas que estabelecem as leis da matéria e, mais precisamente, qualquer teoria científica do universo (DUROZOI; ROUSSEL, 1942, p. 108).

A Academia vem gradativamente questionando a cisão cartesiana entre biologia e antropologia⁴⁹ e prezando a totalidade humana. Esta tese remonta o conceito de “hipercomplexidade” presente nos estudos de Morin, e apesar de ser por diversas vezes aceita no plano teórico, nem sempre se concretiza na prática: *“Assim, a biologia estava encerrada no biologismo (...) tal como a antropologia no antropologismo. (...) A vida parecia ignorar a matéria físico-química, a sociedade, os fenômenos superiores. O homem parecia ignorar a vida”*. (MORIN, 1979, p. 23)

Numa perspectiva, possivelmente, “antrobiopsicossociológica”, segundo o autor, estudar a questão da memória é circunstancial para a humanidade, já que ela promove a adaptação do ser ao meio e contribui decididamente para a sua sobrevivência. Assim, mais do que recuperar o passado por meio de entrevistas, inventários, classificações e ordenamentos de conservação, este estudo se interessou em compreender a função social da memória dentro da metamorfose constante da sociedade.

Após traçar a discussão teórica que acompanha as questões da comunicação e do jornalismo popular, bem como da memória e da memória coletiva, façamos provocações sobre a relação mantida entre as duas questões.

II.III JORNAL E MEMÓRIA COMBINAM?

“A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialismo histórico. Todos os que até hoje participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão.”
Walter Benjamin

Em São Miguel Paulista - parafraseando o autor Eder Sader (1988) -, novos personagens entraram em cena e descortinaram aos demais um país jamais

⁴⁹ Ver mais em DAMÁSIO, A. R. *O erro de Descartes. Emoção, razão e cérebro humano*. São Paulo, Companhia das letras, 2003.

imaginado pelos telespectadores do *Jornal Nacional* ou de outros veículos de comunicação aliados ou reféns do regime ditatorial na ocasião.

Para expor a outra versão histórica que tais personagens faziam a respeito de seu tempo e espaço, surgiu a idéia de usar o jornal popular como registro memorialista. Destarte, esta atitude suscita uma das questões centrais desta pesquisa: jornal e memória combinam? Para responder a esta questão, temos que nos reportar a alguns desafios vividos durante a pesquisa, como o determinismo epistemológico construído ao redor da inviabilidade do jornal como possibilidade de registro memorialista e a estreita relação existente entre a precariedade da experiência na modernidade e a questão da memória.

Ao opor o jornal à ausência de experiência na modernidade ou ao assassinato da capacidade de narrar; Benjamin (1994) não esconde seu desafeto pelo relato jornalístico e, possivelmente, jamais concebesse que alguém poderia utilizá-lo como recurso memorialístico. Talvez, ficasse mais decepcionado ainda se se deparasse com o impacto das novas tecnologias sobre a mídia e como esse aspecto tem afetado a informação e a capacidade de narração na atualidade.

Em um de seus ensaios, o autor promove a oposição da narração ao romance e à informação jornalística moderna e define a última como incapaz de ser apreendida pela memória, por conta de sua pecha de produto a ser consumido instantaneamente.

Nesse sentido, esta pesquisa diferencia-se, por trabalhar com um veículo de comunicação popular. Não por supor ingenuamente que inexistem relações de interesse entre a comunidade e o Estado, anunciantes, partidos políticos entre outros setores. Mas, por ver esta imprensa assumir formas alternativas e até marginais de conceber, produzir e difundir a informação.

De antemão, o momento histórico deste estudo de caso não deve ser ignorado. Tal circunstância induziu os moradores a encontrarem uma forma de constituir uma memória que se diferenciasse da que era construída pela imprensa aberta, criando uma memória paralela. É possível aqui, fazer uma alusão à alegoria em que Benjamin (Ibidem, 1994) revela a necessidade de se “escrever a história a contrapelo”. Ou seja, escrever a história no movimento contrário ao que os vencedores dariam, revelando desta forma, ao ouriçar dos pêlos antes tão bem escovados, todo o embaraço das atrocidades e idiossincrasias presentes na superfície escovada e omitida por tanto tempo no mesmo sentido.

Sendo preocupação do autor o abandono da modernidade à linguagem narrativa, também foi de interesse desta pesquisadora observar a forma como esta memória foi escrita no “jornal-objeto” deste estudo. Ao desenrolar desta pesquisa, notou-se que a linguagem empregada pelos moradores da região e também pelos jornalistas populares de então não atende a nenhum padrão específico. Após a análise de conteúdo, verificou-se ainda que a oralidade narrativa está presente sob a forma de depoimentos, relatos, testemunhos, histórias...

Apesar dos argumentos apresentados em defesa do jornal como memória, é inegável que a idéia de um jornal - seja ele convencional ou não - prestar-se à memória é discutível. No aspecto prático, ao se considerar a física, surge o primeiro impasse. O papel em que o jornal é impresso é um dos mais ácidos e, por conseqüência, não foi feito para durar.

Além do aspecto prático, a questão teórica está também latente. No tocante ao aspecto teórico, alguns autores se recusam a conceber a imprensa como possibilidade de memória, pela forte influência dos princípios da cultura de massa⁵⁰ sobre o indivíduo que emite e recebe a informação jornalística. Para Bosi⁵¹, está nítido que a informação se preocupa apenas com o novo e que o jornal de hoje deve embrulhar o peixe na feira de amanhã; nas palavras do autor: “*A informação só nos interessa enquanto novidade e só tem valor no instante que surge. Ela se esgota no instante em que se dá e se deteriora (...) O receptor da comunicação de massa é um ser desmemoriado*”. (BOSI, 1994, p. 87)

Tanto para Benjamin como para Bosi, o sujeito moderno - ávido leitor de informações - apresenta uma nova forma de lidar com a memória. E, se para a imprensa só importar o que é o “novo”, ela estará condenada a não ter pretensões à questão da memória.

Por este prisma os autores têm razão. Atualmente, enquanto a informática e a eletrônica poupam o indivíduo de técnicas mnemônicas, como a de evocar a lembrança de um determinado número de telefone, corporações empresariais de porte investem milhões de dólares para reconstituir ou preservar sua memória, dita, institucional. O paradoxo ilustrado é mínimo diante das gerações que desconhecem a memória de sua família, de sua escola, de sua Igreja ou até do bairro onde reside.

⁵⁰ Ver conceituação do termo em WOLF, M. *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

O indivíduo privado que quer consumir sua própria vida tende a valorizar o presente. Fica, além disso, cada vez mais privado do passado; este não lhe fornece mais sabedoria e norma de vida; os antigos valores, as grandes transcendências são esmagadas por um devir acelerado. Esse homem cada vez mais privado de passado está cada vez mais privado de futuro. Aliviado das preocupações acumulativas, não ousa encarar um futuro incrível. (MORIN, 1984, p.175)

De fato, as considerações dos autores mencionados e de outros de pensamento semelhante são relevantes para a reflexão a respeito da imprensa na modernidade.

Entretanto, ainda em combate ao determinismo teórico a respeito do jornal e a memória, o artigo *Cultura e memória no discurso jornalístico* de Fernandes (2000) faz um apelo contra o maniqueísmo desta dualidade. Segundo a autora, é perigoso reduzir a história ao conhecimento do passado, e o jornal ao relato das atividades do presente. Não se pode deixar de reconhecer que, embora predomine no exercício jornalístico a busca pelo novo, seus discursos produzem sentido para os processos históricos e destacam os fatos que se tornarão memoráveis no futuro.

Tendo exposto o determinismo epistemológico construído ao redor da inviabilidade do jornal como objeto armazenador e evocador do relato memorialístico, chega-se à conturbada relação entre a atual precariedade da experiência e a memória. Este ponto também é fundamental para a compreensão da relevância de uma pesquisa sobre a polêmica combinação: jornal e memória.

Benjamin distingue experiência de vivência. Na vivência, predomina a memória voluntária, na qual recorremos aos elementos que se repetem mecanicamente em nosso dia-a-dia. Para o autor, os indivíduos modernos estão mergulhados na vivência, em que as pessoas e as formas são “fetichizadas” e destituídas de experiência, em boa parte pela mídia e pela industrialização.

Para compreender como a ausência de experiência na vida moderna também está vinculada à memória, Benjamin recorreu à obra de Proust, *Em Busca do Tempo Perdido*. Em *Sobre Alguns Temas em Baudelaire*, o autor comenta: “Segundo Proust, depende do acaso o fato de cada um alcançar uma imagem de si mesmo, tornar-se senhor da própria experiência” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

O autor diverge de Proust em relação à exclusividade da memória involuntária na constituição da experiência para o indivíduo. *"Onde há experiência, no sentido próprio do termo, determinados conteúdos do passado individual entram em conjunção, na memória, com os do passado coletivo"* (Ibidem, p. 38). Sendo assim, tanto a memória involuntária⁵² como a voluntária fazem o passado ser revigorado e adentrar o presente, a fim de transformá-lo.

Quando Benjamin questiona *"(...) qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós"*. (idem, 1994, p. 115), delinea-se uma ampla crítica à experiência vivenciada na modernidade. Segundo o autor, a visão fragmentada da história, na modernidade, impede que o indivíduo estabeleça criticamente conexões e, portanto, significados para determinados fatos e acontecimentos.

Nesse sentido, se a história é "barbárie" a memória pode ser "redenção" na tese do autor. Conhecer a memória dos oprimidos é conhecer o que a história é incapaz de divulgar em seus quadros lineares e ascendentes. Tomar conhecimento dessa outra face da história pode abrir uma nova possibilidade para a humanidade, uma significação que impeça que os erros do passado sejam repetidos.

Preocupados em preservar a imagem do passado sem o viés da história oficial, os moradores da região diocesana de São Miguel Paulista vislumbraram na criação de um jornal popular uma conseqüente memória popular como legado às gerações advindas.

Como exposto, entre os objetivos daquela comunidade estava o de que, por meio da conscientização sobre o passado de opressão, os jovens perpetuassem a luta travada até então.

Entretanto, os objetivos da comunidade foram corrompidos, e o grupo que pensava registrar suas memórias foi desfeito, provando que o estado de exceção pode ser uma constante ou assumir formas inesperadas.

"A tradição dos oprimidos nos ensina que o "estado de exceção" em que vivemos é na verdade a regra geral. Precisamos construir um conceito de história que corresponda a essa verdade." (BENJAMIN, 1994, p. 226)

⁵² O autor BERGSON (1859-1941) criou este conceito para referir-se à dimensão individual e inconsciente da memória. A memória voluntária seria o oposto.

Caso este jornal viesse a ser transmitido às novas gerações, seria revelada uma rica fonte de memória a respeito de indivíduos e um coletivo que despertariam da opressão e se prestariam a andar na contramão da história.

E como escreve Walter Benjamin, pouco importa a veracidade de suas fontes, mas a coragem de suas atitudes. Nem a história dos vencedores nem a história dos vencidos deve receber o emblema de verdadeira, para que não se torne por este mesmo motivo, um mito.

Entre os autores dedicados ao estudo da memória como recurso metodológico, Bernardo se torna referência, em obras como: *Memória em branco e negro – Olhares sobre São Paulo e Negras e Mulheres e mães – Lembranças de Olga de Alaketu*. Na primeira obra mencionada, a autora revela que diferentemente dos historiadores positivistas, os antropólogos valorizam os registros memorialistas na investigação acadêmica e cita Caldeira como apoio bibliográfico.

Os antropólogos, acostumados a investigar como as pessoas dão sentido às suas experiências vividas e interpretam seu mundo, parecem ficar menos incomodados do que historiadores positivistas com a idéia de se considerar memórias como interpretações. (CALDEIRA Apud BERNARDO, 1998, p.29)

Da mesma forma, este estudo não pensa o jornal *GRITA POVO* como fonte memorialista da “mais pura” verdade. Trata-se de uma memória manipulada de acordo com os interesses de seus emissores e os grupos sociais aos quais estão vinculados. Assim como qualquer outra mídia jornalística, este veículo não oferece a dita “neutralidade jornalística” ou até mesmo a dita “imparcialidade”. Mais curioso ainda é pensar que, ao considerar um jornal como objeto de resgate memorialista, estamos produzindo manipulações sobre manipulações já realizadas na elaboração desta mídia. Mesmo assim, apesar de tais constatações, a vontade de entender a memória produzida pelo *GRITA POVO* desperta interesse, na medida em que, assim como nas histórias de vida, se dá a exposição de uma outra versão para fatos conhecidos ou não por uma determinada comunidade.

Este estudo acredita na relevância e emergência de se preservar os relatos da contemporaneidade presente nos jornais, especialmente nos de cunho popular, como fonte de pesquisa sobre os vencidos nos círculos acadêmicos ou não. É sabido que a falta de vontade pública e de outras instâncias da sociedade para com o resgate destas memórias se deve a razões próprias do campo político, econômico,

religioso, etc. É notável como revelar a história contada a contrapelo pode ser comprometedor para a história dos vencedores, em especial, em países assombrados pela ditadura militar, como é o caso do Brasil.

Desse modo, diante do término daquele grupo, a análise proposta por este estudo pode contribuir para o resgate de uma possível memória coletiva. *“Quando um grupo não existe mais (...) o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem”*.(JEUDY⁵³, 1990, p. 85)

Obviamente, apesar da extinção do grupo, os seus membros ainda estão vivos e, periodicamente, se encontram, tendo assim, maneiras diferentes de fixar suas memórias além de escrevê-las, como menciona o autor Jeudy.

Entretanto, o que interessa na reflexão do autor é pensar que os jornais - narrativas escritas - podem ser uma possibilidade efetiva de fixação da memória.

Resta dizer, ainda, que a fixação da memória não é o bastante, muito menos apenas restaurar e/ou preservar determinado patrimônio histórico, esperando que sejam impressos, nos objetos em questão, significados para novas gerações. Nas palavras de Jeudy, a problemática é muito mais complexa.

Assim, esta opção temática de pesquisa não é uma cobrança à sociedade por mais espaços em seus museus, títulos honoráveis de tombamento ou de patrocínio para preservação patrimonial. Até porque revelar o passado somente pelas vias da institucionalização não trará ressonância alguma para as novas gerações. Ao contrário, um novo conceito de patrimônio é exigido.

É tomando por base o pressuposto de que a etnologia reforça uma aliança entre a tradição e a modernidade, em estudos relacionados à memória regional, que consideramos a criação de um novo conceito de patrimônio, não mais armazém do passado, mas elo do passado ao devir. (JEUDY, 1990)

A etnologia faz com que novas concepções do patrimônio fundamentem-se numa dinâmica de memória coletiva. É ela que assegura o controle da irrupção de uma lógica da conservação numa pluralidade de modos de investigação cultural. A etnologia rompe com o determinismo da monumentalização propondo um plano

⁵³ Henri-Pierre Jeudy foi escritor, ensaísta, professor de Sociologia na École de hautes Études em Sciences Sociales (Paris). Jeudy alcançou notoriedade mundial como pesquisador e analista de problemas relativos à gestão e salvaguarda de patrimônios culturais e nos servirá como embasamento teórico, ao lado de outros autores.

científico e de natureza prospectiva à gênese dos novos patrimônios. (JEUDY, 1990, p. 9).

Enfim, jornal e memória neste estudo de caso se combinam para realizar um apelo. Um apelo à redenção da humanidade, quando desprezou uma história em favorecimento de outra. Um apelo para que as novas gerações possam saber de muitas versões para um mesmo fato. Enquanto este apelo não for compreendido, a história que se conhece não é “citável em cada um de seus momentos”:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um de seus momentos. (BENJAMIN, 1994, p. 223)

Antes de prosseguir, convém ressaltar o trajeto percorrido até aqui. Primeiramente, houve a abordagem dos aspectos histórico-sociais sob a ótica da Igreja Católica brasileira e paulistana e da região diocesana de São Miguel. Em seguida, se expôs a abordagem dos aspectos teóricos presentes neste estudo. Enfim, após a exposição teórica dos temas: comunicação popular e memória coletiva, apresentam-se os procedimentos metodológicos traçados para a realização do estudo de caso.

“Conhecer é uma atividade original que se confunde com o impulso da vida.”

Antônio Joaquim Severino

III. I ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

“Explicar não basta para compreender. Explicar é utilizar todos os meios objetivos de conhecimento, que são, porém, insuficientes para compreender o ser subjetivo.”
Edgar Morin

O caminho percorrido durante a pesquisa será mapeado, a fim de esclarecer e justificar determinadas escolhas, atitudes e resultados obtidos. A forma como jornais e histórias orais foram tratados do início ao término da pesquisa se tornará pública, tendo em vista a intenção de reafirmar o direito à informação como elemento democratizador da história, principalmente no tocante à memória de sujeitos e grupos sociais que ocuparam, por muito tempo, as notas de rodapé da historiografia oficial.

Antes de iniciar a exposição, vem a propósito evidenciar a noção de pluralidade metodológica adotada nesta pesquisa e oportunamente salientada na obra *O Método* de Edgar Morin. Isso se deve à crise de paradigmas vivenciada na atualidade pelo mundo acadêmico e contraria a visão dogmática de determinados modelos científicos desfavoráveis ao saber plural. A pluralidade de métodos e sua conseqüente revisão também estão atreladas a uma nova etapa da epistemologia científica, ou seja, a um novo posicionamento científico no qual é considerado o compromisso ético da pesquisa e do pesquisador.

No que se refere a uma pesquisa que comporta o contato empírico com sujeitos de pesquisa, como a desempenhada aqui, a reflexão sobre o método acentua-se. A assunção de tais sujeitos como sujeitos históricos nos leva à reflexão a respeito de um método contemporâneo constituído pela interdisciplinaridade e os saberes diversos. Portanto, tanto pelo viés dos novos paradigmas e suas diversas incertezas no processo de construção do conhecimento, quanto pela humanização da pesquisa, não há como se fixar numa tradição científica fechada e única.

Por fim, Importa esclarecer que esta pesquisa é qualitativa e tem como unidade de análise o estudo de caso (SANTOS, 1999)⁵⁴, na medida em que se observam a peculiaridade e a especificidade da iniciativa promovida pelos moradores da região diocesana de São Miguel Paulista, em determinado período. Conheçamos, então, as estratégias metodológicas adotadas.

III. II ETNOLOGIA EM MEIO A RUÍNAS

“A reminiscência funda a cadeia da tradição,
que transmite os acontecimentos de geração em geração”.
Walter Benjamin

Meu primeiro contato com o jornal *GRITA POVO* foi no ano de 2.002. Na época, eu cursava a graduação de Jornalismo na Universidade Cruzeiro do Sul (UNICSUL), localizada em São Miguel Paulista, região da qual sou moradora, desde os cinco anos de idade. Profissionalmente, atuava como estagiária de comunicação no Canal Universitário de São Paulo (CNU-SP), especificamente, na TV UNICSUL, e havia recebido como pauta da semana uma reportagem sobre a comunicação popular brasileira, durante a abertura democrática.

As fontes em potencial na época e atuais sujeitos desta pesquisa me apresentaram algumas edições do jornal *GRITA POVO*, entre outros documentos, ou seja, vídeos e fotografias pertencentes aos seus arquivos pessoais. No entanto, na maioria dos casos, tratava-se de itens isolados do Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista (CEMI), referentes ao período de colaboração do indivíduo no centro.

Em conversas informais, após as entrevistas, foi possível identificar um comentário em comum na fala dos entrevistados. Eles afirmavam que todo o acervo

⁵⁴ Para o autor, o estudo de caso diz respeito à seleção de um objeto de pesquisa restrito com o objetivo de aprofundar-lhe os aspectos característicos. Santos acredita que o objeto pode ser qualquer fato ou fenômeno individual ou apenas um de seus aspectos (SANTOS, 1999).

do extinto CEMI e, conseqüentemente, o jornal *GRITA POVO* ainda permaneciam na Catedral, sem as devidas condições de preservação ou de acesso ao público.

O comentário, enfaticamente mencionado, despertou-me a atenção, já que representantes da antiga Catedral, hoje Arquidiocese de São Miguel Arcanjo, afirmavam desconhecer a existência do jornal ou de possíveis resquícios do acervo do CEMI em suas dependências.

A dirigente da TV em que eu trabalhava (Prof^a Ms. Vilma Lima), percebeu meu empenho e permitiu que eu a conduzisse pelo tempo que precisasse. Desde então, levei a efeito uma investigação intensa nas instâncias hierárquicas da Cúria de São Miguel Paulista - localizada ao lado da Arquidiocese - mas, principalmente, com os funcionários que lidavam diretamente com os espaços da Arquidiocese nos âmbitos da zeladoria, limpeza, pastorais, catequese, entre outros.

Na ocasião da abordagem, indagava, informalmente, a esses funcionários sobre um possível local na Arquidiocese que abrigasse jornais antigos e infraestrutura própria de um escritório ou de uma redação de jornal. O pretexto para os questionamentos girava em torno de justificativas como: *“Sou antiga moradora de São Miguel e minha família sempre comenta a respeito de um jornal chamado GRITA POVO, feito pela Arquidiocese há cerca de uns 40 anos. Você já ouviu falar dele? Sabe se há algum guardado por aí?”*.

Finalmente, uma funcionária⁵⁵ me indicou um local no qual se situava todo o patrimônio material do extinto CEMI, inclusive as edições do jornal *GRITA POVO*. Tratava-se do subsolo da Arquidiocese que mantinha, em condições inapropriadas, máquinas de escrever, fotografias, *slides*, vídeos, jornais, revistas, documentos, livros e até o letreiro que existia, antigamente, na fachada do estabelecimento.⁵⁶

Confiante no desconhecimento da funcionária em relação ao CEMI, indaguei se havia a possibilidade de gravar imagens daquele local, já que se tratava de um possível “arquivo morto”. Entretanto, ela recusou e afirmou tratar-se de um arquivo “bem vivo”. A funcionária em questão não só conhecia o jornal como havia acompanhado a trajetória do CEMI.

⁵⁵ A funcionária prefere manter-se no anonimato.

⁵⁶ Ver Imagens I, II, III e IV.

Durante o ano corrente e o seguinte, o lugar foi explorado esporadicamente e em caráter sigiloso. Apesar do acesso restrito ao acervo, produzi e dirigi um documentário sobre o tema, intitulado *GRITA POVO*⁵⁷.

A veiculação do documentário e a denúncia de não-preservação do patrimônio em questão motivaram a Cúria a tomar uma providência imediata. Padre Jair Coronado - responsável pelo Instituto de Teologia de São Miguel Arcanjo - foi designado para resgatar e preservar o acervo do extinto CEMI. No início de 2004, como primeira medida, o Padre solicitou que o acervo fosse incorporado à biblioteca do Instituto, também situado na Arquidiocese de São Miguel Arcanjo.

Em meados de 2005, com o ingresso nos estudos pós-graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), procurei Padre Jair e o informei sobre a pesquisa que tinha intenção de realizar. Após uma solicitação formal⁵⁸ para o devido acesso ao acervo do CEMI, iniciei o resgate e a preservação simples dos veículos de comunicação encontrados anteriormente. Porém, ao ter contato com o acervo do CEMI alocado na biblioteca do Instituto, notei que apenas os livros haviam sido resgatados.

Posteriormente, a mesma funcionária que tinha me revelado as "ruínas" do extinto CEMI havia dois anos, levou-me novamente ao acervo ainda não incorporado pela biblioteca, e pude verificar que os demais itens ainda estavam lá. Após aprovação de Padre Jair, o restante do acervo foi transportado para uma sala que não era utilizada, no segundo andar do Instituto, local onde realizei por dois semestres a restauração dos jornais localizados.

A pesquisa documental foi realizada em caráter semanal, durante o segundo semestre de 2005 e o primeiro semestre de 2006. No total, foram localizados 72 veículos de comunicação⁵⁹, com mais de 10 edições, e em estado apto à preservação patrimonial. O processo de restauração envolveu limpeza, organização e classificação por edições. Depois de preservados, todos os jornais foram alocados em estantes, obedecendo à ordem alfabética de seus títulos⁶⁰.

⁵⁷ MENEZES, R. T. *GRITA POVO*. Canal Universitário de São Paulo: Brasil, 2002 – 23 min.

⁵⁸ Ver Anexo I.

⁵⁹ Ver Tabela I.

⁶⁰ Ver Imagens V, VI, VII e VIII.

Além dos veículos de comunicação, outros documentos foram localizados, limpos, classificados, encaixotados e identificados por adesivos, conforme a relação que se segue⁶¹:

- Documentos administrativos, contábeis e jurídicos;
- Correspondências;
- Publicações acadêmicas;
- Fitas de vídeo (VHS e SuperVHS);
- Fitas cassete;
- Fotografias e negativos;
- *Slides*;
- Impressos;
- *Clippagem*.

Também foram localizadas informações e documentos sobre movimentos populares diversos, pastorais, CEBs, partidos políticos e personalidades em destaque na época. Os documentos foram alocados em caixas e identificados por etiqueta com a seguinte classificação:

- Movimento de Educação;
- Universidade Pública do Trabalhador;
- Pastoral Operária;
- Oposição Sindical;
- Sindicalismo;
- Marxismo e religião;
- Clube de Mães;
- Feminismo;
- Dossiês;
- Paju (Pastoral da Juventude);
- Movimento dos trabalhadores rurais sem terra e Movimentos dos trabalhadores sem teto.

⁶¹ Ver Imagem IX.

Após realizar a coleta de dados, o passo seguinte da pesquisa foi a leitura e a identificação das matérias do *GRITA POVO* que trouxessem como tema: memória, história, comunicação popular, comunicação de massa, movimentos populares, conquistas individuais e coletivas e a atuação da Igreja Católica sob a doutrina da Teologia da Libertação.

Tal procedimento é intitulado por Bardin (1979) como análise de conteúdo, método de pesquisa que define a comunicação impressa como objeto principal, além de ser usualmente indicado para estudos sobre motivações, atitudes, valores, crenças, tendências e até mesmo ideologias.

Para a devida análise do jornal, a tipologia criada pelo autor Gomes, em sua dissertação de mestrado sobre o jornal *GRITA POVO*, foi examinada novamente para identificar as principais fases do jornal por períodos (1º, 2º e 3º). Tal procedimento facilitou a realização da análise do conteúdo. Adiante, especificamente no estudo de caso, a tipologia será comentada com maior propriedade.

Da averiguação de todas as edições do jornal *GRITA POVO*, 42 edições foram pré-selecionadas e devidamente digitalizadas para análise das matérias jornalísticas que tivessem como pauta os temas sublinhados acima⁶².

A análise de todas as edições foi precedida de uma leitura sistemática e disciplinar. Como prova disto, há uma relação, contendo as seguintes informações de cada uma das edições⁶³:

- Ano (A classificação numérica do ano de publicação do jornal. O *GRITA POVO* foi publicado durante sete anos);
- Edição (A classificação numérica da presente edição. No total há 162 edições);
- Data (Data de veiculação do jornal, predominantemente, durante uma quinzena. Exemplo: 31 de maio a 13 de junho de 1985);
- Capa (Trata-se do título da matéria de maior destaque na capa; geralmente tal matéria conta com fotografia ou imagem, assim como título e chamada de tamanhos consideráveis e de localização geográfica privilegiada na página);

⁶²A digitalização das referidas edições foi encomendada à empresa de digitalização e microfilmagem “Macrosolution”.

- Editorial (Texto jornalístico de gênero opinativo no qual o conselho editorial ou um porta-voz do jornal em questão se posiciona diante de determinado fato. No caso do jornal *GRITA POVO*, os editoriais eram costumeiramente escritos pelos arcebispos: Dom Angélico Sândalo Bernardino e Dom Fernando Legal);
- Matérias (Listaram-se os títulos das matérias selecionadas);
- Observações da pesquisadora (Aqui, há uma descrição sucinta de interpretações sobre determinadas matérias jornalísticas descritas ou há determinadas considerações igualmente relevantes para o entendimento de definidas pautas e posicionamentos ideológicos presentes nas edições).

A pesquisa documental permitiu a visualização apurada da proposta do projeto de pesquisa, a verificação das hipóteses, a identificação de novas hipóteses e demais informações ainda não-constantes no mesmo projeto e, entre outras possibilidades, a associação e comprovação de eventos mencionados nas histórias de vida coletadas dos sujeitos da pesquisa.

Cabe esclarecer que o tratamento dos documentos descritos não significa a existência de um inventário. Pelo contrário, ainda há boa parte do acervo sem tratamento, já que somente os jornais impressos foram o foco principal.

A etnologia permitiu compreender a vivacidade do *GRITA POVO* nos dias de hoje, apesar de sua condição de “patrimônio marginal” na sociedade. Esta terminologia é adotada, graças às condições inapropriadas do acervo do CEMI, assim como pelo fato de ainda hoje não haver permissão da Igreja para expô-los.

A marginalidade do jornal *GRITA POVO* como fonte memorialista também pode ser notada pela dificuldade de encontrá-lo em bibliotecas e arquivos de imprensa. E mais, pela forma como é mantido pelos seus antigos produtores (e também sujeitos desta pesquisa) até hoje. Boa parte deles não divulga os jornais para a sua comunidade, pois tem medo de que “suas relíquias” se percam, ao expô-las aos pesquisadores que as procuram.

Novamente, a democratização deste jornal e do acervo do CEMI à sociedade apresenta-se como um desafio emergencial.

⁶³ Ver exemplo da análise de conteúdo do jornal *GRITA POVO* na Tabela II.

III. III ENCONTROS E DESENCONTROS NOS RELATOS MEMORIALISTAS

“Na realidade, o estudo da memória se revela como um recurso metodológico por excelência”.

Teresinha Bernardo

Para a reconstituição da memória individual e coletiva, esta pesquisa também se amparou nas fontes orais daqueles que fazem parte da história do CEMI e do jornal *GRITA POVO*. A seguir, são esclarecidos detalhes dos encontros e desencontros percorridos durante a aplicação desta técnica de coleta de dados.

Ao ler Bosi, tive a certeza de que este trabalho, única e exclusivamente amparado numa fonte documental, seria insuficiente, tendo em vista que a *“história que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se encontram atrás dos episódios”*. (BOSI, 2003, p. 15).

O autor Jeudy também compartilha do mesmo posicionamento que Bosi, pois, para ele, a preservação do acervo não deve atestar a existência de um depósito de “velharia”. Se a última hipótese for aceita, instantaneamente, se anulará a existência de uma memória, já que ela deve ser dialógica e permanecer em constante movimento. Desta forma, é preciso que a etnologia regional esteja aliada às histórias de vida, como ressalta o autor:

A memória coletiva da “cotidianidade” foi valorizada pelo método sociológico das “histórias oral e de vida”. Esse método, associado à démarche de uma etnologia regional, concorre para a quebra do círculo vicioso de uma obsessão pela conservação, reabilitando o papel fundamental do vivido nas transformações culturais. (JEUDY, 1990, p. 13)

Portanto, utilizar-se da pesquisa documental justifica-se, principalmente, pelo motivo de os documentos localizados não terem sentido sem as entrevistas e não

serem capazes de produzir por si só significados atuais e futuros para uma determinada comunidade.

É preciso esclarecer que atrelar as fontes documentais às fontes orais não é uma forma de apurar a veracidade de ambas as fontes. Este estudo não se interessa em identificar a legitimidade dos dados coletados das fontes documentais, tampouco, dos fatos contados pelos sujeitos.

Quanto às fontes orais, se dá justamente a intenção inversa. Interessa a este estudo a elaboração fantasiosa e/ou imaginária dos sujeitos, no instante em que contam suas histórias. Não há a ingenuidade de tentar identificar, nas histórias orais, a versão correta e única para a história. Nesta instância empírica e teórica situa-se um dos questionamentos existentes no cerne deste estudo: lembrar não é apenas rememorar, mas criar. Portanto, como haver a reconstituição fidedigna dos fatos?

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelo materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p. 55)

A inexistência de garantias quanto à legitimidade das histórias orais não traz incômodo ou desconfiança em relação aos depoentes. Note-se que os acréscimos e as invenções presentes na história contada trazem à tona as diferentes facetas da memória de um indivíduo a respeito de um determinado evento. Importa acrescentar que tal compreensão a respeito da história oral me acompanhou desde a pesquisa exploratória para este estudo.

A maioria da bibliografia referente às técnicas de pesquisa que utilizam a história oral sugere ao pesquisador que seja realizado previamente à execução do

procedimento, um período de visitas e interatividade com os sujeitos, intitulado como fase exploratória⁶⁴.

De acordo com a importância da produção do documentário *GRITA POVO* (2002) sobre a comunicação popular e alternativa de São Miguel Paulista, considero este período como uma fase exploratória legítima.

Apesar das condições adversas a um trabalho etnográfico urbano, a feitura do vídeo permitiu estabelecer contatos preliminares, conquistar a confiança dos entrevistados, pesquisar e levantar o perfil dos entrevistados, formular questionamentos que estimulasse respostas específicas, entre outras questões. Ou seja, houve um mergulho profundo na atmosfera dos sujeitos, mesmo antes da intenção de um estudo de cunho científico, que não deve ser desprezado, haja vista ter resultado em aporte bibliográfico considerável a este estudo.

As entrevistas foram gravadas em câmera beta, com duração média de uma hora cada. Todas ocorreram em dias e horários previamente estipulados. O local das entrevistas obedeceu à sugestão dos entrevistados, pois havia sido solicitado a eles que elegessem lugares capazes de despertar recordações sobre o passado.

Na fase exploratória, a coleta de dados se deu por meio de entrevistas semi-estruturadas. Segundo Triviños (1987), uma entrevista semi-estruturada corresponde a perguntas genéricas, abertas e com possibilidade de serem modificadas, conforme as respostas do entrevistado, além de servirem como guia para a entrevista com o objetivo de colher informações e opiniões a respeito de um determinado assunto.

Os sujeitos eleitos nesta ocasião foram indivíduos de envolvimento direto com a comunicação popular praticada na região de São Miguel, que atuaram como agentes conscientes de sua intervenção histórica e marcaram profundamente a comunidade da qual faziam parte em diferentes situações. São eles:

- *Dom Angélico Sândalo Bernardino*: Integrante do antigo CEMI. Diretor espiritual e professor em seminários, coordenador da pastoral arquidiocesana, bispo auxiliar de São Paulo, atuante na região episcopal de São Miguel Paulista. Antigo responsável pela Pastoral Operária

⁶⁴ Uma vez obtido o acesso ao campo, pode-se iniciar o período exploratório, cujo principal objetivo é proporcionar, através da imersão do pesquisador no contexto, uma visão geral do problema considerado, contribuindo para a focalização das questões e a identificação de informantes e outras fontes de dados. (ALVES MAZZOTTI, GEWANDSZNAJDER, 1999, p. 161)

Arquidiocesana, antigo jornalista responsável pelo jornal *GRITA POVO*. Atualmente, atua como Bispo em Blumenau;

- *Antônio Luiz Marchione (Pe. Ticão)*: Integrante do antigo CEMI, idealizador do movimento de rádios-cornetas na região da Zona Leste e padre da Paróquia São Francisco de Assis, em Ermelino Matarazzo;
- *Carlos Strabeli*: Integrante do antigo CEMI, na condição de fundador, e chefe de redação do jornal *GRITA POVO*, ex-padre da Paróquia do Itaim Paulista e atual gerente do posto de saúde de Santa Inês;
- *Beatriz Cannabrava*: Idealizadora de diversas pesquisas participantes com mulheres da região da Zona Leste, fundadora e atual responsável da Rede Mulher de Educação. Produziu diversos veículos e mecanismos de comunicação popular e alternativa, ao lado das mulheres de São Miguel;
- *Maria Cosmira dos Santos*: Líder popular do extinto Clube de Mães de Monte Santo, localizado na zona leste. Auxiliou na produção e difusão de veículos de comunicação destinados às mães progressistas;
- *Regina Festa*: Integrante do antigo CEMI, professora titular da USP (Universidade de São Paulo) e pesquisadora representativa nos estudos nacionais de comunicação popular e alternativa. Realizou inúmeras viagens pela América Latina, a fim de trocar experiências entre os membros do CEMI e outros centros de comunicação e educação popular em diversos países;
- *Renato da Silveira Martins*: Líder do antigo movimento de jovens da Zona Leste, integrou o CECOPI (Centro de Educação e Cultura Popular do Itaim Paulista) e hoje atua como membro da Fundação Ação Educativa;
- *Roberto de Oliveira*: Integrante do antigo CEMI, produtor e repórter do *GRITA POVO* e atual docente do curso de Jornalismo da Universidade Metodista e de Mogi das Cruzes;
- *Valdemar Rossi*: Ex-integrante do movimento sindical e do movimento de Oposição Sindical, atual responsável pela Pastoral Operária Atipa (Associação dos Trabalhadores do Itaim Paulista). Atuou como produtor e difusor de veículos de comunicação sindicais;
- *Vito Gianotti*: Ex-integrante do movimento sindical e do movimento de Oposição Sindical. Atuou como produtor e difusor de veículos de

comunicação sindicais. Hoje, é autor de livros sobre a questão sindical, sobretudo na área de comunicação sindical.

Durante as entrevistas, notava-se que as histórias parciais de vida traziam bem evidentes as suas interpretações. Porém, havia um núcleo de lembranças semelhante em todos os depoimentos. Em alguns casos, observava-se a construção de modelos típicos e idealizados, destruídos posteriormente nas conversas informais.

No caso das lembranças específicas à ditadura, repressão política, prisões e torturas, uma visão romântica e heróica sobre o passado omitia os detalhes desastrosos dos acontecimentos ou eventuais frustrações, para ceder espaço ao saudosismo.

Tendo em vista que este fato ocorreu com freqüência nas entrevistas realizadas para o documentário (fase exploratória) optou-se, para a dissertação de mestrado, em utilizar a história oral temática, para reconstituir períodos ou situações específicas, por meio da visão dos sujeitos envolvidos.

Os sujeitos selecionados para a pesquisa que deu origem a esta dissertação foram Dom Angélico, Carlos Strabeli e Pe. Ticão.

A seleção de tais sujeitos atende aos seguintes requisitos: eles atuavam na comunicação popular da região, como padres e ativistas políticos, no período estudado, além de terem seguido rumos diferenciados na vida, após a extinção do CEMI.

Além disso, Dom Angélico é sujeito desta pesquisa por sua representatividade na região de São Miguel como evangelizador e líder das ações de comunicação popular. No caso de Carlos Strabeli e Pe. Ticão, os dois se reencontraram em 2005, com mais regularidade, por conta da organização de um livro sobre a história de Dom Angélico.

Notoriamente, a seleção também se deveu à forma como ambos entregaram suas vidas à comunidade, em especial à comunicação popular.

No caso dos demais entrevistados, há uma ligação intensa de suas atuações não somente com a comunicação, mas com movimentos populares específicos, como a Pastoral Operária e a Oposição Sindical, Rede Mulher de Educação, Clube de Mães do Monte Santo, Movimento de Educação na Zona Leste, entre outros.

Desta forma, cada um destes agentes histórico deve receber menção em estudos específicos.

Além da alteração na técnica de coleta de dados (antes entrevistas semi-estruturadas, depois história oral), houve uma mudança referente à situação em que se coletaram os dados com os sujeitos. Trata-se, especificamente, da incorporação da técnica de participação observante e da consideração de conversas informais.

A participação observante⁶⁵ diz respeito à observação não-estruturada de fatos, cenários e comportamentos de determinados indivíduos. Segundo os autores Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1999), a observação não-estruturada corresponde a uma observação assistemática, antropológica e livre. Para a pesquisa, a opção pela participação observante foi determinante para identificar categorias de observação, relevantes para o paradigma teórico adotado, fortalecer a relação de confiabilidade entre os sujeitos da pesquisa e a pesquisadora, reformular velhas indagações e estimular o surgimento de novas.

Ressalta-se que, a fim de estabelecer uma relação ética e transparente, a identidade de pesquisadora foi claramente exposta, assim como a técnica de observação como recurso metodológico.

Para a devida sistematização das entrevistas formais e informais colhidas durante a participação observante, foram criadas categorias de análise intimamente ligadas à proposta de investigação desta pesquisa, o que otimizou o acesso às informações coletadas. As categorias são:

- Memória e história;
- Comunicação popular e alternativa, comunicação de massa;
- CEMI;
- *GRITA POVO*;
- Religião e teologia da libertação;

⁶⁵ A participação observante integrou as discussões acadêmicas em Ciências Sociais, a partir da década de 1970, o que indicava a crise da relação entre sujeito-objeto para emergir a relação sujeito-sujeito. “Durante os anos 70, a grande maioria dos trabalhos de campo reservou espaço para a discussão da relação sujeito/objeto de investigação, estes autores contribuíram para tornar visível um aspecto escondido do trabalho de campo”. (CARDOSO, 1986, p. 104). O aspecto invisível comentado trata da noção de neutralidade científica perseguida pela academia na observação participante. Hoje, a troca do adjetivo pelo substantivo ‘participação’ indica a assunção da imparcialidade científica, porém não a utiliza como justificativa para uma militância amadora ou um paternalismo cego. Para

- Ditadura militar e política;
- Movimentos sociais.

Para cada uma destas categorias, foi elaborada uma tabela com os itens:

- Entrevistado;
- Local;
- Data;
- Modalidade da entrevista;
- Uso de guia;
- Observações da pesquisadora.

A participação observante se deu em 2005, quando da conclusão do documentário. Passados dois anos, os sujeitos citados foram localizados e comunicados sobre a realização deste estudo. Naquele momento, surgiu a iniciativa de um dos sujeitos de organizar um livro sobre o antigo arcebispo da região diocesana de São Miguel Paulista - Dom Angélico Sândalo Bernardino - com o auxílio de outros sujeitos que vivenciaram as décadas de 1970 a 1990 (amostragem temporal desta pesquisa).

Por identificarem meu interesse em relação ao período e à personalidade do livro, fui convidada a organizá-lo, em parceria com o grupo. As reuniões com os possíveis escritores ocorreram quinzenalmente e possibilitaram novos registros memorialistas que, inclusive, divergiam das entrevistas já concedidas pelos mesmos sujeitos havia anos.

Diferentemente do ocorrido nas entrevistas feitas antes com os dois sujeitos, não houve um lugar, data e horário previstos para a execução das lembranças. No início, houve um registro com minigravador, porém diante de sua intimidação, o aparelho foi abolido. Geralmente, as conversas ocorriam a partir de algum tema mencionado durante os encontros, em virtude da organização do livro. A abolição do roteiro de perguntas tornou-se uma prática, entretanto, o mesmo não ocorreu com o

caderno de anotações (instrumento de registro considerado menos agressivo pelos entrevistados).

Quanto à não-existência de um roteiro de perguntas, cabe lembrar que se respeitou o trajeto de rememoração feito pelos entrevistados. Bosi nos fala sobre o respeito que o pesquisador deve ter para com os quadros “espaço-temporais” elaborados pelos depoentes durante o processo de rememoração. Em nenhuma ocasião, algum deles foi advertido por ter fugido ao assunto de origem do questionamento.

Se a memória é não passividade, mas forma organizadora é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são os mapas afetivos da sua experiência e da experiência do seu grupo (BOSI, 2003, p. 56)

De modo diverso ao momento de produção do documentário, os sujeitos se permitiram abusar da gestualidade, falar informalmente ou usar palavrões, acusar outros indivíduos, ter momentos intensos de afetividade e, principalmente, recolher-se em suas reservas de privacidade, em silêncios ou em comentários evasivos e ambíguos como: “É, essa é a vida”. Pollack nos fala sobre os significados dos silêncios ocorridos durante a coleta de histórias oral e de vida e os valoriza: “*O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais*”. (POLLACK, 1989, p. 5).

A respeito desta explosão de sentimentos durante a coleta de depoimentos, Bernardo aponta: “*Pelo recurso à memória é possível também captar os sentimentos experimentados, pois a lembrança do acontecimento vivido faz com que aflorem o ódio, o amor, a alegria, a tristeza, o conformismo, a revolta*”. (BERNARDO, 1998, p. 33)

Desta forma, muitas interpretações presentes neste estudo são frutos de observações nas quais a razão e a emoção jogaram com a pesquisadora e seus sujeitos.

Faz-se necessário mencionar aqui a existência de memórias subterrâneas. De acordo com Pollack, nestas memórias, é comum encontrar a erupção de crises e fatores, como a disputa, o conflito e a ruptura.

Em seu trabalho sobre a memória dos negros de São Paulo, a autora Bernardo (1998) comenta tal situação também vivida em sua pesquisa. A fim de compreender o ocorrido, a autora menciona as divergências entre os pensamentos de Halbwachs e Pollack. Segundo ela, enquanto para o primeiro autor o grupo é responsável pela preservação estável da memória coletiva, o segundo acredita que são os grupos marginalizados responsáveis pelo despertar de conflitos, disputas e rupturas, ao levantar suas memórias subterrâneas. Concone (1993) relata suas experiências com história oral e cita Halbwachs para revelar como a existência do grupo é fundamental para o consenso sobre determinados eventos memoráveis.

Quando um grupo trabalha intensamente em conjunto, há uma tendência de criar esquemas coerentes de narração e da interpretação dos fatos, 'verdadeiros universos de discursos', 'universos de significado', que dão ao material de base uma forma histórica própria, uma versão consagrada dos acontecimentos. (HALBWACHS por CONCONE, 1993, p. 26)

Neste estudo de caso, porém, apesar de desfeito o grupo, houve uma concordância de informações predominantemente positivas nas exposições individuais. Em contrapartida, nos encontros em grupo - durante a feitura do livro sobre Dom Angélico - sentimentos como rancor, decepção e nostalgia emergiam de forma explosiva, chegando a causar desentendimentos.

Como já dito, nestas situações não se temia a exposição de fatos negativos do passado, diante da presença da pesquisadora, justamente o oposto do que havia ocorrido nas entrevistas anteriores. Nos encontros, o passado era suscitado em situações diversas, já que o objetivo do trabalho era, justamente, levantar a biografia de Dom Angélico. Parecia que a nova preocupação do grupo era encontrar um consenso sobre determinados acontecimentos, a fim de acordar uma única versão para determinados fatos, seja para o meu conhecimento, seja para o devido registro naquele livro a ser organizado.

Assim, cada um dos encontros expunha a seguinte situação: a memória individual era um ponto de vista sobre a memória coletiva, estando esta última ainda em fase de gestação, ou seja, não havia um consenso para a rememoração de determinados acontecimentos, principalmente para aqueles que sugeriam vivências traumáticas e assuntos velados no grupo.

Quando as entrevistas eram feitas com cada indivíduo de forma isolada, uma espécie de mecanismo de defesa da memória do grupo era delineada e, mesmo jamais tendo acordado entre os membros do extinto grupo respostas semelhantes para determinados questionamentos, os indivíduos preservavam a memória daquele tempo e espaço contra lembranças negativas que pudessem, eventualmente, denegrir sua imagem. Ressalta-se, ainda, que estes consensos emitidos se assemelham às memórias publicadas no *GRITA POVO*. Era como se o registro das memórias naquele jornal (havia muito tempo não consultado pelos sujeitos) fosse um “grande guia” para as respostas.

A comparação com a pesquisa de Bernardo e a menção aos referidos autores tornam-se satisfatórios quando imaginamos como determinados sujeitos da pesquisa disputam - cada um de sua forma - a detenção do jornal sob a intenção clara de preservar ou não o passado no presente. Alguns desejam detê-lo justamente para apagá-lo da memória coletiva da região, ou por remeter a lembranças traumáticas e traumatizantes, ou por, simplesmente, não compreender o valor daquela respectiva memória. Nesse sentido, a difusão da memória coletiva pode muitas vezes estar atrelada a relações de poder.

No caso, relações de poder que envolvem Igreja, Estado, Movimentos populares e outros indivíduos responsáveis por gerar e perpetuar lembranças. Sim, memória e poder se dialogam e não por acaso. Mais que isso, a tese de que a memória é seletiva se comprova aqui. Afinal, no instante em que se disputam as memórias aptas a serem lembradas, se dá uma seleção.

A realização das entrevistas confirma a reflexão a respeito do método, como mencionado no início deste texto, bem como a assunção da relevância dos indivíduos e de seus saberes plurais para a produção do conhecimento científico.

“Um dos primeiros atos revolucionários é a criação de um jornal.”

Lênin

IV. I ETNOGRAFIA

“Esse jornal tinha a pretensão de ser o porta-voz
dos movimentos populares da Zona Leste .”
Carlos Strabeli

Etnografia é a especialidade da Antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião e manifestações materiais de suas atividades. Nas palavras de Geertz, a prática da etnografia é definida com base no “(...) *tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa*” (GEERTZ, 1989, p. 15).

Este nos parece um dos maiores desafios da etnografia para o (a) pesquisador (a), realizar uma “descrição densa” sobre o que um grupo particular de pessoas faz ou fez. Neste estudo de caso, o desafio foi entender uma manifestação material da comunidade de São Miguel: o jornal *GRITA POVO*.

A fim de demonstrar o esforço deste estudo na compreensão do jornal *GRITA POVO* (objeto e fonte documental desta pesquisa), seguem considerações descritivas sobre este “produto cultural”.⁶⁶

O jornal impresso *GRITA POVO* teve sua edição de número zero em 1982 e, com raras exceções, manteve-se em circulação numa regularidade estável até 1991 na região de São Miguel Paulista, Zona Leste do município de São Paulo. Sob influência da comunicação popular da época, o veículo foi mais um dos jornais populares das décadas de 1970/1980, nascido em alternativa ao contexto político de então.

Dentro dos princípios da comunicação popular, comunitária e dialógica, já apresentados no segundo capítulo, o jornal *GRITA POVO* procurou trazer o receptor para a condição de emissor da informação. Nesse sentido, contou com inúmeras colaborações, seja na produção das informações ao receber “furos” jornalísticos e

⁶⁶ A noção de produto cultural pede que haja a definição do que eu entendo como cultura. Portanto, cultura é a forma como o homem significa o seu mundo a partir da teia de signos e símbolos que ele criou e teceu ao longo de sua história (Geertz, 1989).

artigos escritos pelos moradores da região, seja na busca de assinantes para o jornal.

GRITA POVO iniciou-se dentro de uma proposta ideológica marcada, chegando a ser intitulado como “*porta-voz dos movimentos populares da Zona Leste*”, nas palavras de Strabeli (2005). Apesar de diferentes conselhos editoriais, ao longo de sua existência, não deixou de lado sua postura crítica em relação à sociedade em geral. Assuntos como política, preconceito, sexualidade e trabalho sempre compuseram sua agenda.

Em São Miguel eu lembro que fizemos um veículo chamado *GRITA POVO* e foi realmente a boca do povo, o clamor do povo. Foi o clamor da habitação, o clamor da creche, foi o clamor dos postos de saúde. Foi o clamor do povo que teve no “*GRITA POVO*” a sua voz. E foi num tempo árduo, de ditadura militar, de sofrimento que não era fácil. (BERNARDINO, 2007)

De acordo com a análise das edições do jornal, a proximidade com o público regionalizado facilitou o sucesso do veículo, chegando a atingir uma tiragem de 8.000 exemplares ao mês e um público de 3.000 assinantes. Ao analisar a centésima edição do jornal (Ver Figura 26), no sexto ano de sua existência, pude atestar por meio de uma notícia de capa, mais de 30.000 leitores, 3.000 assinaturas, 980 colaboradores (movimentos sociais, entidades e associações) e, aproximadamente, 50 milhões de páginas impressas. Naquele período, para um jornal popular de alcance limitado, os números eram representativos.

Os documentos localizados durante a pesquisa no antigo acervo do Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista (CEMI) atestam ainda a existência de uma organização disciplinada na redação e na administração do jornal. Quaisquer procedimentos rotineiros recebiam formulários e tratamentos de um requinte e método consideráveis, tal qual se emprega em um veículo de comunicação de massa. Para listar alguns⁶⁷:

- Logo do CEMI;
- Papel timbrado;
- Impresso para movimentação do caixa;
- Solicitação de jornais;

- Recibo;
- Ficha de catálogo dos produtos audiovisuais;
- Nota fiscal;
- Pesquisa de opinião;
- Solicitação de assinaturas.

Chamam atenção a solicitação de jornais, a solicitação de assinaturas e a pesquisa de opinião. Na “solicitação de jornais”, confirma-se o desejo do CEMI de dialogar com outros veículos de comunicação impressos, de cunho popular ou não. Este recurso estabelecia comunhão entre os diferentes movimentos populares do país, além de pautar o *GRITA POVO* em novas matérias jornalísticas. Vale dizer que o *GRITA POVO* também se preocupava em oferecer suas edições a outros jornais.

No impresso “solicitação de assinaturas”, há a intenção clara de fortalecer o aspecto financeiro do jornal, mediante o aumento de assinaturas. Ao analisar as edições, nota-se que o jornal sempre procurou deixar claro que a sua sobrevivência estava intimamente ligada ao esforço da comunidade em divulgá-lo e obter novas assinaturas. Isso se confirma ao observar o número de colaboradores responsáveis pela obtenção de novos assinantes. A população não se preocupava apenas em participar do jornal durante sua concepção e realização, mas também em promover formas de sustentar, financeiramente, o veículo.

O impresso “pesquisa de opinião” confirma a idéia de uma comunidade, no caso o CEMI, preocupada com a liberdade de expressão e a satisfação dos leitores do *GRITA POVO*. Geralmente, ocorria no final do ano e diagnosticava o nível de satisfação do leitor quanto às matérias, às fotos e às ilustrações; o envolvimento do leitor com o jornal e, por fim, a proposta de encontrar novos adeptos para a divulgação e a venda do veículo.

Além das preocupações com a participação da população e a sustentabilidade financeira, estava a busca pelo fortalecimento da identidade católica apostólica romana, de orientação guiada pela Teologia da Libertação.

Por este motivo, o jornal era incumbido de ser o porta-voz das pastorais e das CEBs da região da Zona Leste . Ao longo dos anos, o aspecto religioso foi motivo de união e desavença entre os idealizadores e produtores do jornal e serão comentados adiante.

Nos últimos anos de sua existência, conforme análises realizadas por este estudo, a linha editorial voltada à religião prevaleceu em detrimento à linha editorial de protesto agressivo e declarado dos movimentos populares, presente em seu surgimento. Tomando por base estas observações, é possível determinar diferentes fases vivenciadas pelo jornal, a fim de facilitar a análise.

As principais fases do jornal *GRITA POVO* foram identificadas, primeiramente, pelo estudo de caso de Gomes⁶⁸, por revistas e, mais recentemente, por este estudo. São elas:

- A primeira fase durou três anos e corresponde ao período que vai de 1982 a 1984, especificamente as edições 1 a 22;
- A segunda fase do jornal, identificada por Gomes em sua dissertação, vai de março de 1985 até o término de sua pesquisa, final de 1985. No estudo de caso que realizei, chamo atenção para os anos da segunda fase não observados na análise de Gomes, ou seja, os anos compreendidos entre 1985 a 1989;
- E a terceira fase do jornal, compreendida de 1989 a 1991.

Agora que informamos as principais fases vividas pelo jornal *GRITA POVO*, foi necessário analisar o jornal sob aspectos específicos, capazes de emitir referências para as hipóteses e o problema lançado por este estudo. As categorias criadas para análise foram: Descrição; Conteúdo; Linguagem; Produção e Registros de memória individual e coletiva.

Antes de prosseguir, vale ressaltar que durante a pesquisa de campo, foram localizadas 162 edições do jornal *GRITA POVO*, compreendidas entre os anos de 1982 e 1991, contabilizadas em 576 páginas. Para a devida análise de conteúdo, foram selecionadas 42 edições do *corpus* da pesquisa. Deste *corpus*, matérias aptas

⁶⁸ Ambas as pesquisas têm objetivos diferenciados, apesar do mesmo objeto de estudo. Enquanto a Gomes interessa a forma como o jornal se relacionava com as CEBs, minha pesquisa se concentra em pensar o jornal como objeto fixador e evocador da memória individual e coletiva. A vocação memorialista do jornal será pensada em dois momentos: durante a concepção e existência do jornal e, atualmente, diante de seu fim e da extinção do grupo que o produzia. Esta pesquisa não está, exclusivamente, concentrada numa análise jornalística das matérias do *GRITA POVO*. Haja vista que tal análise já foi desempenhada pelo autor a contento. Interessa-nos verificar quais são os indícios presentes no jornal - ou em outra fonte bibliográfica - capazes de demonstrar a relação do jornal *GRITA POVO* com a memória.

ao estudo de caso foram extraídas de forma aleatória, desde que trouxessem um elemento relacionado às categorias estabelecidas.

Destaca-se que, apesar de algumas edições do *GRITA POVO* já estarem encadernadas pelo CEMI, esta pesquisa preferiu resgatar edições menos agredidas pelo tempo ou outros pormenores, como perfurações, anotações, traças e rasgos.⁶⁹

IV. II *GRITA POVO*: UM JORNAL REVOLUCIONÁRIO (DESCRIÇÃO DO VEÍCULO)

De 1982 a 1989, o jornal *GRITA POVO* pertenceu à região episcopal - e depois, diocesana - de São Miguel Paulista da Arquidiocese de São Paulo, Zona Leste do município de São Paulo.

No período abrangido por esta dissertação, a região compreendia os seguintes setores: São Miguel Paulista, Itaquera, Artur Alvim, Ponte Rasa, Itaim Paulista, Cangaíba, Vila Esperança, Guaianazes, Cidade Líder, Ermelino Matarazzo. Como já mencionado, sua criação teve motivações que vão do contexto político da época ao fortalecimento dos movimentos populares. O editorial⁷⁰ da 11ª edição do jornal, intitulado “*Continuar é preciso*”, traz uma síntese das principais motivações para o surgimento do veículo (Ver Figura 3).

GRITA POVO nasceu de um sonho grande e uma longa espera. Fruto da exigência imposta pelo avanço do movimento popular e da caminhada das comunidades de nossa região, ele se faz porta-voz do protesto e da esperança de todos quantos ousam construir um amanhã socialista a despeito da selvageria do nosso regime político. (EDITORIAL. *GRITA POVO*, nº 11, dez. 1982. p.2)

Pela fala de Dom Angélico e o levantamento dos aspectos histórico-sociais e teóricos deste estudo, é possível entender a criação do jornal como resultado do crescimento do movimento popular que exigia um veículo de comunicação capaz de

⁶⁹ Apesar de contadas, oito edições compreendidas na amostragem, não foram localizadas até a conclusão desta dissertação.

⁷⁰ Espaço reservado para a opinião do conselho editorial do jornal.

reportar suas conquistas, realizar denúncias, fortalecer reivindicações e até registrar a memória de lutas sociais.

Entre as personagens deste avanço popular no período, está Dom Angélico. Sua preocupação com os meios de comunicação popular e o combate aos meios de comunicação de massa era uma constante em seus artigos, como denuncia a 10ª edição do *GRITA POVO*:

Precisamos acreditar na força do pequeno organizado contra o grande meio de comunicação opressor e alienador. Pequenos boletins, jornais murais, cartazes, poesias, músicas, teatro popular, pequenos jornais, encontros para discussão de rádio, TV., filmes, irão criando, devagar, consciência-crítica em todos nós. A gente irá aprendendo a se defender das mentiras dos grandes meios de comunicação e a criar os próprios meios populares de comunicação. (BERNARDINO. *GRITA POVO*, nº 10, mai. 1983, p. 2)

Sua vontade em criar um jornal popular como o *GRITA POVO* também era evidente. Segundo Dom Angélico, a população local necessitava: “*Ter um jornal popular e gratuito a ser distribuído nas periferias, para melhor comunicação. O jornal “O São Paulo” tem um preço muito alto e não coloca coisas feitas pelo povão.*” (BERNADINO, 1979). Esta declaração demonstra que o jornal *O São Paulo*, apesar de religioso, não era popular e sofria dificuldades em penetrar na comunidade diocesana de São Miguel.

Dom Angélico sabia do que estava falando. Jornalista por profissão, o “pai de todos” como era chamado, tinha larga experiência em jornalismo impresso e radiofônico. Sua habilidade com a comunicação lhe rendeu o título de jornalista responsável pela direção do jornal, como observado nos expedientes das edições de sua gestão (Ver Figura 3).

O religioso ainda assinava uma coluna regular chamada *Recado do Dom Angélico*, na qual ele se colocava de forma opinativa e livre (Ver Figura 12). Eventualmente, as edições traziam seus comentários, artigos, debates e entrevistas sobre temas que variavam entre política, religião, comunidade, comunicação de massa e popular.

Na 102ª edição (Ver Figura 29), o título deixa claro como a opinião do bispo-auxiliar é privilegiada, pela diagramação do jornal: “*O que pensa Dom Angélico sobre os próximos candidatos*”. A entrevista chega a ocupar as duas páginas centrais do jornal, local cativo em uma publicação impressa.

Em relação ao PT, Dom Angélico diz: “(...) *eu lamento que este partido que nasceu com tantas esperanças (...) não tenha tido sensibilidade de consultar as bases e sair às ruas para consultar o povão (...)*” (BERNARDINO. *GRITA POVO*, nº 102, ago. 1988, p. 6)

Sobre o candidato Paulo Maluf, cotado como o predileto das pesquisas de opinião à época, o Bispo afirma: “*O Maluf foi um péssimo político, ele foi um dos entusiastas da ditadura nesse país, não tem serviços para o povo paulistano e nem o povo brasileiro.*” (BERNARDINO. *GRITA POVO*, nº 102, ago. 1988, p. 8)

Ao longo da entrevista, além de combater determinados políticos, Dom Angélico ainda declarou apoio a Francisco Whitaker. “*Votar em Chico Whitaker é honrar o próprio voto.*” (BERNARDINO. *GRITA POVO*, nº 102, ago. 1988, p. 8)

Ao analisar tais trechos presentes na matéria, nota-se a influência do Bispo na região, inclusive, durante as eleições. Segundo as fontes orais, o posicionamento político de Dom Angélico, declarado na matéria, lhe rendeu conflitos com diversos políticos, entre eles, Paulo Maluf. Os artigos de Dom Angélico o caracterizam como formador de opinião, o que se confirma na análise das edições posteriores a esta matéria. Como prova da repercussão da matéria, nas edições que se seguiram, inúmeros leitores enviaram colaborações.

Há aqui a necessidade de se analisar a postura do Bispo nesta entrevista. Sob um viés crítico, apesar de atuar em um veículo de comunicação popular de parcialidade declarada, princípios éticos foram feridos, caso a força do Bispo como formador de opinião seja considerada.

Ao prosseguir a leitura e análise da entrevista, notei a preocupação da entrevistadora para com as declarações de Dom Angélico. Ela chega a questionar se é natural que padres e religiosas emitam opiniões políticas em público. Sobre o questionamento, ele se defende:

Claro que nós padres e religiosas não podemos, no culto, nos envolver nessa matéria política partidária. Agora, no trato do dia-a-dia, eu acho que (...) em qualquer lugar que estejamos nas nossas conversas e encontros informais, não somente devemos, mas podemos expressar nosso ponto de vista a respeito dos candidatos, não é uma matéria proibida. (BERNARDINO. *GRITA POVO*, nº 102, ago. 1988, p. 8)

Pelo trecho transcrito, percebe-se que o Bispo sabe de sua responsabilidade como formador de opinião na região, entretanto ele salienta que, apesar de religioso,

também continua sendo cidadão e acha injusto se isentar de opinião por sua condição de religioso. Segundo as fontes orais, Dom Angélico é caracterizado, justamente, por esta coragem em expressar-se livremente contra o que julgasse injusto ou inadequado.

Documentos coletados pela pesquisa denotam ainda o empenho de Dom Angélico para com o *GRITA POVO* no quesito financeiro. Os documentos demonstram que o Bispo chegava a realizar uma doação mensal ao jornal para cobrir despesas que iam da manutenção da gráfica ao pagamento dos salários de funcionários.

Bairros como São Miguel abrigavam, na época, cerca de três milhões de habitantes, em sua maioria composta por uma população de baixa renda, assolada por condições precárias de sobrevivência. Como já visto no primeiro capítulo, a grande mola propulsora para o surgimento dos movimentos populares era a carência da região em equipamentos públicos. A respeito, Strabeli diz: *“O caminho que a gente escolheu foi o das reivindicações por necessidades vitais, isto é, questões de qualidade de vida (...) era movimento de tudo: creche, escola, iluminação, extinção de lixões, moradias (...)”* (STRABELI, 2005)

Diante deste cenário, as CEBs e as pastorais da região estabeleciam laços estreitos com a comunidade. Para potencializar a voz dos movimentos populares emergentes na época, o CEMI amparava a produção de comunicação popular, como vimos anteriormente. *“Não era um órgão oficial dos movimentos, nem era um órgão oficial da igreja, mas todo mundo sabia que transmitia o pensamento de um movimento popular (...)”* (Idem, 2003) O centro foi criado após o jornal *GRITA POVO*, conforme a 11ª edição (Ver Figura 5).

O mesmo espaço, dividido pela administração do CEMI e pela redação do jornal *GRITA POVO*, se confundia, dado o número limitado de funcionários. De certa forma, isso estreitava os laços do jornal com os movimentos populares e seus indivíduos, tendo em vista que a maioria dos movimentos populares procurava o CEMI regularmente.

Quanto ao formato e o planejamento gráfico do jornal, destacam-se as diversas alterações, ao longo dos anos. Na primeira fase, a publicação era em formato tablóide, oito páginas, seis colunas, preto e branco, impresso em papel jornal no método *off-set*. A fonte possuía tamanho grande, entrelinhamento e espaçamento entre caracteres largos. Os textos eram distribuídos nas colunas de forma simétrica,

o que facilitava a leitura de quem não tinha acesso regular à imprensa escrita. As publicações desta fase utilizavam-se intensamente de fotografias, principalmente nas primeiras páginas, como no caso da 18ª edição em que se registrou em fotografia a reunião de 3.000 pessoas na Caravana da Saúde (Ver Figura 7). Isso se explica pelo alto número de matérias informativas sobre eventos ocorridos no período, como as coberturas de eventos. Um bom exemplo seriam as anuais Caminhadas da Ressurreição.

Nas duas fases seguintes do jornal, com a queda do número de matérias informativas (notícias, notas e reportagens), caiu, conseqüentemente, a presença de fotografias e aumentou o número de ilustrações. Isto indica a diminuição de repórteres dedicados exclusivamente ao jornal, como ocorria em sua primeira fase.

A partir da segunda fase, o jornal passou a ser impresso em tamanho ofício e contava com um novo planejamento gráfico (textos maiores, nova fonte, o uso preferencial de ilustrações em detrimento às fotografias e a adoção de um papel mais barato para impressão), adotou textos maiores e um tamanho de fonte menor. Poucas inovações gráficas marcaram esta fase do jornal, com exceção de montagens gráficas mais elaboradas e o uso eventual da impressão colorida, como é o caso da 100ª edição (Ver Figura 26).

A segunda fase do jornal também alterou sua periodicidade, de mensal passou a ser impresso quinzenalmente. A alteração da periodicidade trouxe maior dificuldade na produção de matérias, provocando, assim, um alto número de matérias extensas e de gênero opinativo. As agendas dos setores paroquiais compreendidos pela região episcopal de São Miguel Paulista também são incorporadas às edições e provam como o jornal tornava-se mais eclesiástico.

Em contraponto, as alterações trouxeram o barateamento do jornal. De acordo com o levantamento deste estudo, para efetivar as alterações propostas, o *GRITA POVO* ficou oito meses fora de circulação. Ao observarmos a 23ª edição do jornal, nota-se que, na intenção de reconquistar seu antigo público, a primeira edição da segunda fase foi distribuída gratuitamente.

“Vimos que fazer um jornal popular, com cara de grande imprensa, não era possível. (...) Voltamos, mas depois de concluirmos que o melhor seria fazer um jornal dentro de nossas possibilidades (com os pés no chão e a cabeça na realidade)”.(*GRITA POVO*, nº 23, março. 1985. p. 2)

Ainda de acordo com o levantamento, apurou-se que, mesmo sendo a questão financeira determinante, o veículo manteve-se até a última edição sem utilizar-se de propaganda comercial, fato este não observado com frequência nos veículos de comunicação popular de hoje. A urgência do aspecto financeiro explodiu já na 4ª edição (Ver Figura 1), quando se anunciou na primeira página: *“Esta será a última edição do GRITA POVO”*.

O sufoco está grande e o dinheiro curto. Só a nossa boa vontade e teimosia não conseguirão sustentar o jornal, Se não contarmos com sua colaboração para escrever as matérias e principalmente divulgar o jornal, teremos que fechar. E isto é uma pena. Amplie a vendagem do jornal na sua comunidade e pague em dia. (*GRITA POVO*, nº 4, nov. 1982. p. 1)

Em entrevista, Carlos Strabeli revelou que a nota lançada foi uma estratégia para despertar a atenção dos leitores quanto a sua responsabilidade para a preservação do jornal. A partir daí, os leitores se empenharam mais em obter novas assinaturas e em divulgar o jornal em suas respectivas comunidades.

Interessa atentar que nesta nota jornalística, houve um apelo realizado pela equipe do *GRITA POVO* ao senso de coletividade na região. Para Strabeli, este foi um dos fatores fundamentais para a manutenção do jornal, por muitos anos.

Em meio a todos estes aspectos, a segunda fase ficou marcada também pelo anúncio da crise interna da Igreja, em especial na ocasião da chegada das dioceses em São Paulo, como já abordado no primeiro capítulo. No período de 1985 a 1989, ocorreu uma profunda tensão provocada por especulações sobre a saída de Dom Angélico, sobre a crítica do Papa da época aos fundamentos evangelizadores da Teologia da Libertação e até sobre o futuro do jornal *GRITA POVO*. Em verdade, a segunda fase pode ser caracterizada como o pré-anúncio de uma crise que levaria o *GRITA POVO* ao fim.

Neste estudo, identifiquei como consequência desta crise: a evasão de funcionários do jornal e do CEMI, a troca de diretores do jornal⁷¹ e variados conflitos internos. Isso ficou em evidência, quando se comparam os expedientes das edições da primeira e segunda fases. Neste período, a evasão da equipe chegou a aproximadamente 90%. *“Os membros da equipe eram pessoas interessadas em comunicação alternativa e não tanto na Igreja. (...) Daí nasce a crise.”* (GOMES,

⁷¹ Pe. Carlos Alberto Garcia assume em novembro de 1988, em substituição ao Pe. Carlos Strabeli.

1985, p. 127) Com efeito, torna-se compreensível o depoimento de Carlos Strabeli a respeito de sua saída da equipe: “(..) *infelizmente mudou o pensamento da igreja, mudou a perspectiva que se tinha e ele (o GRITA POVO) se tornou um boletim intra-ecclesial sem nenhuma repercussão.*” (STRABELI, 2003)

A 101ª edição revela uma crise vivida entre os membros das comunidades eclesiais de base (grupos aliados aos movimentos populares) e os movimentos eclesiais (principalmente, a renovação carismática). Para os entrevistados, é lamentável que houvesse uma disputa de espaço no jornal pelas comunidades e não uma integração entre os dois grupos para empenhar ações sociais. O título do artigo escrito por Carlos Strabeli é enfático: “*Comunidades e movimentos: casamento impossível ou desquite circunstancial*”.

Nem as CEBs nem os movimentos esgotam a força do espírito que sopra onde quer. A fusão de ambos no que têm de riquezas, o permanente diálogo na busca de superação das tensões e limites, a humildade em se deixar governar pelo espírito, a abertura para se arejar por novas contribuições poderiam tirar nossa Igreja do impasse pastoral que a cada dia se avoluma mais. (STRABELI. *GRITA POVO*, nº 101, ago. 1988. p. 7)

Diferentemente das demais fases vividas pelo jornal, a terceira fase (compreendida de 1989 a 1991) trouxe, entre inúmeras alterações, uma mudança relacionada à sua concepção. Gradativamente, o *GRITA POVO* deixou o discurso político para tornar-se predominantemente eclesiástico e conservador.

O ápice desta “mudança de rota” ocorreu em 1989 com a substituição de Dom Angélico por Dom Fernando Legal. Seguidor de uma linha mais progressista da Igreja, Dom Fernando adotou novas estratégias de gestão episcopal em São Miguel. Sobre o assunto, os entrevistados preferem comentar pouco, contudo deixam transparecer, em suas conversas, uma predileção a Dom Angélico.

A presença de Dom Fernando nas edições não foi tão incisiva. Em determinadas publicações, o jornal comentava a impossibilidade do arcebispo em escrever a coluna. Em suas participações, prevaleciam textos mais extensos do que os de Dom Angélico, de norma culta aparente e com um tom moderado e apaziguador sobre as situações cotidianas nacionais e regionais. No geral, seus textos tinham motivação religiosa.

Neste período, o jornal passou a ter 12 páginas, tendo em vista a inclusão do roteiro litúrgico em todas as edições. O entrelinhamento e o espaçamento entre

caracteres também foram suprimidos, o que tornou a leitura mais enfadonha. O aumento considerável do número de matérias extraídas de outros veículos católicos é perceptível, por exemplo: a Palavra do Papa e a Agenda do Bispo e das Pastorais. A 158ª edição traz na coluna *“Deixa eu falar”*, a crítica do leitor a respeito da nova linha editorial adotada pelo *GRITA POVO*.

“(…) queremos através desta carta mostrar-lhe a avaliação que a nossa equipe fez do jornal *GRITA POVO*. Os pontos que merecem destaque são: há muitos textos longos, chegam até preencher uma página inteira, tornando as leituras cansativas. São eles: Palavra do Papa, Subsídio em preparação do Santo Domingo etc (DEIXA EU FALAR. *GRITA POVO*, nº 158, set. 1991. p. 10)

Enquanto as alterações eram promovidas, o jornal perdia a simpatia de seu público leitor, até que, em dezembro de 1991, o *GRITA POVO* emitiu sua última edição.

IV.III PÁGINAS POLÊMICAS (CONTEÚDO)

1982! A edição de número zero do jornal *GRITA POVO* trazia na primeira página o título: *“Cadê a abertura?”*. Pouco tempo depois, a segunda edição acentuava o tom crítico do jornal com a capa: *“São Miguel é o maior reduto da oposição. Nas últimas eleições, em 1978, a oposição conseguiu obter 94% dos votos em São Miguel Paulista”*. As primeiras edições do *GRITA POVO* já declaravam as características de seu conteúdo. Os dados coletados mostram que, dificilmente, houve alguma edição que escapasse do tom polêmico e crítico.

A primeira fase do jornal privilegiava assuntos relacionados ao povo, seus movimentos, sua cultura, seu cotidiano. *“O jornal circulou do nº 1 ao nº 22, afirmando-se como um ato em legítima defesa”*.(GOMES, 1985, p. 125).

Os assuntos pautados nesta fase do jornal apresentavam alguma ligação com o universo religioso, como a abordagem constante sobre as pastorais. Na 17ª edição (Ver Figura 10), destaca-se a Pastoral da Juventude (PAJU) com matérias preocupadas com a presença do jovem na Igreja. Um dos subtítulos evidencia: “o

jovem é a garantia da juventude da Igreja”. (*GRITA POVO*, nº 17, fev. 1984. p. 4). Verifica-se aí a intenção da Igreja em atingir os jovens. Faz sentido tal preocupação, quando aliada aos depoimentos de entrevistados que ressaltam o papel do jovem na condução de movimentos populares no seio da Igreja. Segundo Bernardino (2007), o jovem é a maior preocupação da Igreja no atual momento.

Baseando-me na análise dos dados, notei que há uma espécie de rodízio, uma rotatividade, entre as pastorais que ganham destaque nas edições. A atitude parece ser uma forma política de conviver harmoniosamente, com abordagens igualitárias no jornal.

Em matérias escritas por agentes pastorais, especialistas sobre o assunto (como pesquisadores) e colaboradores do povo, são evidenciadas lutas sociais como as empenhadas pelas mulheres, os negros e os ambientalistas. (Ver Figuras 13 e 30) Prova disso é que determinadas lutas sociais mencionadas no primeiro capítulo tiveram como fonte documental o jornal *GRITA POVO*.

A postura crítica se devia, em parte, pelo volume de denúncias feitas nas edições, como é o caso da 78ª edição em que se denuncia a onda de assassinatos de trabalhadores do campo, integrantes da luta pela reforma agrária. Por esta característica marcante, o jornal *GRITA POVO* chegou a enfrentar conflitos, como comenta Strabeli em conversa informal. No trecho abaixo, além de denunciar o descaso da Administração Regional, Strabeli diz que os membros e/ou colaboradores do jornal também estavam envolvidos com as reivindicações.

A gente comprou algumas brigas com a administração regional de São Miguel nessa época por questão de políticas equivocadas, de repressão às ocupações de terra, por repressão a movimento de favela e moradia, e repercussões ao nível da cidade de São Paulo, o que repercutiu até a derrubada de algumas cabeças. (STRABELI, 2005)

Sobre este momento de embate com a Administração Regional, Dom Angélico se posiciona:

Eu e mais duas mil pessoas ocupamos a regional de São Miguel. Nós delicadamente quebramos o vidro da entrada e ficamos lá. Aí eu telefonei para um cidadão que (sic) tenho grande admiração e que se tornou amigo meu: Mário Covas. Eu telefonei e disse: “Nós estamos aqui”. Ele respondeu: “Nós quem?” Respondi: “O povo da Zona Leste e eu, oras”. Aí ele disse: “Eu não falo com invasor”. Aí eu falei: “Dr. Mário, nós somos pacíficos cidadãos, nós precisamos conversar”. E a partir daquela conversa nós nos tornamos grandes amigos. (BERNARDINO, 2007)

Segundo o entrevistado, o contato com Mário Covas o auxiliou naquela ocasião a ter suas reivindicações atendidas nas áreas da Saúde e Educação. Este episódio interessa a esta pesquisa, quando expõe a ligação entre as matérias e a mobilização popular, uma vez que a comunidade reportava ao jornal os fatos ocorridos com ela. Desta forma, jornal e movimento popular se retroalimentavam.

Referindo-se às demais situações de repressão, especialmente durante a égide da “abertura”, Strabeli revela:

O pessoal saía às vezes pra distribuir o jornal, pra distribuir os materiais que a gente produzia e eram pegos nos pontos de ônibus e levados pro Dops (...). Nessa época eu coordenava também um centro de defesa de direitos humanos e passava a maior parte das minhas madrugadas tirando colegas da delegacia (...) nós sabíamos que éramos controlados, sabiam passo-a-passo do que a gente fazia. (idem, 2005)

Como se observa no depoimento, havia consciência de que o jornal estava sob a vigilância atenta do Estado. Inegavelmente, o CEMI e o *GRITA POVO* incomodavam o poder público. Strabeli relembra estes fatos com propriedade, já que era responsável pelo Centro de Defesa dos Direitos Humanos na região e deveria proteger os que sofriam censura naquele período.

O caráter crítico do jornal também se explica, em parte, pela quantidade de matérias do gênero opinativo presentes nas edições. Assim, particularizações, generalizações ou até outros erros crassos do gênero opinativo são comumente identificados. Cabe dizer que, em nenhum momento, tal aspecto incomodou este estudo. A livre emissão de opiniões representa a diversidade de vozes e até a constituição de eventuais registros memorialistas, dificilmente localizados na grande imprensa.

Contudo, não podemos ter ingenuidade ao verificar textos como o que consta da 5ª edição “*Sou Ritinha, tenho 12 anos*” (Ver Figura 4). Neste texto, a referida garota reflete sobre questões complexas como política, família e economia. A menina chamada Rita Helena diz: “*Bem, no Brasil muita gente não enxerga que o PDS que está no poder é o culpado da miséria que o povo sofre. A gente deveria votar nos candidatos do povo*”. (HELENA. *GRITA POVO*, nº 5, set. 1982. p.8)

A declaração traz desconfiança quanto a sua autoria. Afinal, é incomum ouvir de crianças opiniões concretas sobre partidos políticos. E mesmo que o depoimento

tenha sido espontâneo, a criança pode ter recebido influências diretas do discurso dos pais, por exemplo. Desse modo, atribuir a declaração à Ritinha é uma irresponsabilidade, tendo em vista que a menina ainda não tinha idade para refletir criticamente sobre tais assuntos. O depoimento pode ser apenas uma reprodução sem senso crítico algum.

Além do teor crítico do texto, a desenvoltura da menina para debater assuntos impróprios para crianças de 12 anos também surpreende e propicia dúvidas quanto à veracidade da fonte do texto.

Independentemente do veículo de comunicação questionado, a manipulação por meio da edição do texto e a seleção de determinadas matérias para publicação, em detrimento de outras, revelam as tendências ideológicas do jornal e de seus produtores.

Apesar da gama de matérias do gênero opinativo (como a de Ritinha), os gêneros informativo e diversional estão contemplados no jornal, especialmente na primeira fase, já que, na segunda fase, assume uma nova linha editorial na qual se priorizam as CEBs como cerne da pauta e público-alvo. Paralelamente, as dificuldades de orçamento, de pessoal e de tempo para a condução de notas, notícias e reportagens limitaram o número de matérias de caráter informativo.

A polêmica também fazia parte do conteúdo do jornal como está expresso na 18ª e 54ª edição. Na 18ª edição, o artigo *“Assumir a sexualidade é pecado?”* mostra repercussão nas edições posteriores do jornal. A matéria trata da relevância de se debater o tema nos encontros de jovens. Pela análise documental, percebe-se que esta matéria, relativamente curta, trouxe uma repercussão intensa, principalmente, por parte dos mais velhos. Para eles, era uma espécie de “pecado” debater o tema sexualidade entre os grupos de jovens na Igreja.

Mais adiante, a 54ª edição questiona: *“Por que Sarney visitou o Papa?”*. O articulista acredita que a visita do Papa tenha tido ligação com o crescente número de manifestações a favor da reforma agrária no Brasil (Ver Figura 19).

“Ele quer mostrar ao país que ele é católico. E se os Bispos do Brasil estão contra o seu projeto de reforma agrária, o Sarney quer mostrar que o Papa está com ele”. (SUNG. *GRITA POVO*, nº 54, set. 1986. p. 4)⁷²

⁷² O articulista desta matéria chama-se Jung Mo Sung, atuou como docente na PUC-SP e hoje está na Universidade Metodista de São Paulo.

A matéria deixa evidente que a reforma agrária proposta por Sarney é reprovada por uma ala da Igreja, inclusive pela mais progressista. Segundo o colaborador da matéria, alguns Bispos acreditavam que a reforma era falsa e não devia favorecer os mais necessitados. A intenção da matéria foi demonstrar os reais interesses de Sarney ao se declarar católico e esclarecer que o apoio dado pelo Papa a Sarney não condizia com o posicionamento da Igreja brasileira.

Outro aspecto determinante para a compreensão do conteúdo do jornal *GRITA POVO* é ser um veículo católico.

Temas abordados e campanhas encabeçadas pelas pastorais e CEBs recebiam destaque em suas edições. Neste aspecto, a maioria das matérias de gênero informativo era proveniente da cobertura dos eventos religiosos. Cabe observar como isto gerava certa regularidade de matérias semelhantes todos os anos.

Ainda sobre religião, a presença da Teologia da Libertação e de seus fundamentos críticos se expressam nos textos da ala progressista da Igreja. Destaca-se a menção constante aos mártires brasileiros e latino-americanos. *“A vida dos Santos afirma os mártires atuais da América Latina (pessoas que morreram lutando contra o arbítrio, a ditadura e a opressão do povo simples do continente)”* (GOMES, 1987, p. 147)

Para exemplificarmos, temos a 13ª edição a respeito do assassinato do operário Santo Dias, comentado no primeiro capítulo, e o da trabalhadora do campo Margarida Alves (Ver Figuras 8 e 9).

Presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Paraíba, Margarida foi assassinada na região à queima-roupa e impunemente. Ainda hoje, trabalhadores rurais em todo o país consideram Margarida um símbolo de coragem e resistência política.

Nas matérias analisadas sobre mártires, observa-se que, geralmente, se cumpria uma homenagem a tais líderes populares e se reconstituía a memória de suas respectivas lutas sociais.

Os temas “comunicação”, “comunicação popular” e “comunicação de massa” também eram constantemente abordados, de diferentes formas: por meio da educação popular ao ensinar determinada técnica de comunicação, ao criticar a grande mídia ou ao pautar os veículos de comunicação popular já existentes na

região. No caso da comunicação vista sob a ótica da educação popular, podemos mencionar:

4ª Edição: *“Faça o seu jornal mural”* - Esta matéria traz procedimentos de produção e veiculação de um jornal mural, a saber, os materiais a serem utilizados, o formato, a seleção do nome do veículo e a decisão sobre onde divulgar o jornal. Utilizando-se de uma linguagem simples e ilustrações diversas, a matéria enfatiza o papel da comunicação para a organização popular. Segundo a publicação, *“O jornal mural é ideal para ajudar a organizar o trabalho de uma comunidade e também provocar novos processos de organização dos grupos.”* (Faça seu jornal mural. *GRITA POVO*, nº 4, nov. 1982. p.8) (Ver Figura 2);

55ª Edição: *“Como se faz um jornal como o GRITA POVO”* - Esta matéria foi dividida em quatro publicações que trazem os procedimentos de produção e veiculação de um jornal periódico impresso, tal qual o *GRITA POVO*. Trata-se de um verdadeiro manual passo-a-passo, disposto a ensinar como produzir reportagens, realizar entrevistas, datilografar os textos, dispor as matérias no veículo e divulgá-lo com sucesso. (Ver Figura 20).

Em relação aos textos críticos sobre a grande mídia, temos como exemplo:

45ª Edição: *“Imprensa Mosquito”* - artigo de Dom Angélico sobre a relevância dos veículos de comunicação para os movimentos populares, em especial, o movimento dos operários. O termo “mosquito” se refere ao tamanho e alcance de determinados veículos de comunicação popular, a exemplo dos boletins sindicais distribuídos nas portas de fábricas;

96ª Edição: *“O que pinta de Globo na alienação do povo”* - artigo escrito por Cristina, Luciana e Naciel da equipe de saúde mental do Centro de Saúde de São Miguel. O texto refere-se a uma reportagem exibida no programa *Globo Repórter* sobre os tratamentos de saúde mental existentes na Cidade de São Paulo. Segundo as autoras do texto, a Rede Globo foi tendenciosa na reportagem e omitiu o descaso da saúde pública para com deficientes mentais e indivíduos acometidos por distúrbios psiquiátricos. Ao observar panoramicamente diversos estudos acadêmicos a respeito da conduta ética da Rede Globo, nota-se uma série de ocasiões na história do país em que a emissora demonstrou desvios éticos. Entre os exemplos estudados, está sua omissão diante dos “desmandos” do regime ditatorial e a possível manipulação ocorrida no debate eleitoral entre os candidatos à Presidência da República, Fernando Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva.

115ª Edição: *“Comunicação é guerra - Parte I”* - Artigo escrito por Carlos Strabeli sobre a suposta alienação promovida por organizações de comunicação de massa, como a Rede Globo. Por meio desta matéria, convocavam-se as lideranças populares para um embate direto com a comunicação de massa, por meio da crítica e da utilização de meios populares de comunicação. O artigo foi dividido em duas publicações, nas edições 115ª e 116ª;

Sobre as matérias relacionadas à comunicação popular:

Nº 19: *“Uma rádio que é do povo”* - história da rádio-corneta da Vila Nossa Senhora Aparecida (Ver Figura 14). Durante as histórias de vida coletadas [junto ao] com o Pe. Ticão (2005), a rádio-corneta foi lembrada com alegria e veemência. Conforme visto no segundo capítulo, um veículo de comunicação radiofônico e televisivo era uma alternativa de comunicação ao público analfabeto. Segundo os entrevistados, a rádio-corneta levava sua programação até mesmo a quem não queria recebê-la. Entre as inúmeras vantagens dessa rádio como veículo de comunicação, estava sua aparelhagem que era facilmente desmontada e, assim, poderia evitar transtornos diante de embates com a polícia;

Nº 71: *“A comunicação que se faz na luta pelo povo. A comunicação na região de 77 a 87”* - resgate histórico da comunicação popular na região (Ver Figuras 23 e 24). Esta matéria disposta em duas páginas - com ilustração e recursos gráficos como boxes e fontes atraentes - faz um resgate histórico do progresso da comunicação popular na Zona Leste. A publicação se deve ao quarto aniversário do CEMI e se propõe a debater de forma crítica a relação entre os meios de comunicação e o poder político no país. Entre as demais preocupações da publicação, está uma avaliação sobre a presença da comunicação popular na região e o seu sentido para aquela comunidade. *“Nos perguntamos: que sentido tem a comunicação popular? Que sentido tem a presença do CEMI na região? Que sentido tem os meios de comunicação do povo?”* (GRITA POVO, nº 71, mai. 1987. p.6-7)

O número de matérias sobre a comunicação popular na região denota a acentuada produção da própria comunicação popular da região. Assim, posso afirmar que a leitura do jornal *GRITA POVO* remete também à memória da comunicação popular de São Miguel Paulista.

A cultura popular também era comumente encontrada no *GRITA POVO*. A partir da 113ª edição, receitas caseiras para culinária e medicina popular tornaram-se freqüentes.

Provando a nova concepção editorial do jornal em sua terceira fase, matérias como *“TV - 40 anos de dominação”* passaram a dividir espaço com receitas de iorgute. O que não seria um total demérito, tendo em vista que, mesmo com a mudança de linhas editoriais, o jornal procurava abrigar expressões diversas de opiniões, ideologias e compreensões.

IV. IV NA LÍNGUA DO GRITA POVO (LINGUAGEM)

Entendendo como linguagem a comunicação verbal e não-verbal presente no *GRITA POVO*, seguem-se as observações:

Na medida em que a primeira fase do jornal se identifica, consideravelmente, com os movimentos populares da região, é compreensível notar uma linguagem mais “popularesca” neste sentido. Trata-se de uma linguagem na qual se abusa de charges, “tiras” humorísticas, aforismos, ditos populares, narrações e testemunhos. Os textos são, predominantemente, curtos, coloquiais e, por vezes, utilizam termos regionais ou gírias.

Na 19ª edição (Ver Figura 12), notamos a presença destes elementos nos respectivos títulos: *“O feitiço vai virar contra o feiticeiro”*, *“Te cuida Joaquinção, lá vem a oposição”*, *“Lutando contra a besta fera”*, *“Qual é a sua?”* e *“Pluct-Plact-Zum, deste jeito não vai a lugar nenhum”*.

Textos em forma de testemunho, favoráveis ao registro memorialista⁷³, podem ser encontrados facilmente nas edições. Como exemplo, esta mesma edição (nº 19) traz o depoimento de uma mulher recém alfabetizada, sob o título *“Agora eu vejo o mundo com clareza”* (Ver Figura 13). O conteúdo da matéria está referido no primeiro capítulo desta dissertação, na medida em que demonstra as conquistas do Movimento Feminista e a presença do Movimento de Educação na região;

⁷³ Partindo do pressuposto de que registrar é uma forma de fazer determinada informação persistir durante um período de tempo estabelecido, consideramos aqui fatos, acontecimentos e relatos gravados materialmente como registros memorialistas. Os meios de gravação e registro podem ocorrer em livros, vídeos, computadores, fitas cassetes, inclusive em jornais. No caso deste estudo, o jornal *GRITA POVO* foi considerado fonte documental de registros memorialistas sobre uma comunidade em um determinado período.

A 82ª edição versa a respeito da linguagem, por meio de diálogos narrativos e ilustrados, comumente encontrados no *GRITA POVO* (Ver Figura 25). Trata-se de um debate em grupo sobre a importância da comunicação na vida, em especial, da comunicação popular. Este recurso ocupa toda uma página do jornal e se assemelha a uma história em quadrinhos. Aliás, cabe ressaltar que os quadrinhos também foram utilizados em encartes especiais para explicar a história e a atual condição do povo latino-americano. O nome da história em quadrinhos era Granja Latina (Ver Figura 27). De forma bem humorada e sem identificar diretamente os autores, fazia-se uso de personagens existentes em uma granja para tecer críticas ao Estado, por exemplo.

Quanto à comunicação não-verbal, os quadrinhos em tiras, as charges e demais ilustrações bem humoradas ou não, merecem destaque (Ver Figura 17). Segundo o levantamento dos documentos, os colaboradores deste tipo de comunicação faziam parte da comunidade. Os desenhos recebiam inspirações religiosas ou sobre a sociedade em geral. Na edição usada como exemplo (39-Bª), chama atenção um exército romano em direção às comunidades de base depois da crucificação de Jesus Cristo.

Regularmente, o uso de termos técnicos ou da norma culta, como os provenientes da Igreja Católica, exigia matérias explicativas. Nesse sentido, a 11ª edição explica o termo conjuntura com base em conceitos sociológicos. Do mesmo modo, diferentes termos eram esclarecidos antes de tratar de um tema que demandava determinados repertórios como pré-requisitos. Ver (Figura 6).

Eventualmente, erros da língua portuguesa ou lapsos de revisão ocorriam. Na 13ª edição (Ver Figura 9), a ausência da palavra “do” comprometeu a leitura: “*O assassino Santo tem que pagar*”. A frase correta seria “*O assassinato do Santo tem que pagar*”.

IV. V UM JORNAL FEITO POR MUITAS MÃOS (PRODUÇÃO)

A pequena equipe (aproximadamente, cinco membros efetivos) do jornal *GRITA POVO* não permitia a confecção de um número elevado de matérias, motivo

pelo qual as edições tinham como base colaborações vindas de vários setores da sociedade, entre eles, os movimentos. “(...) *ele não era escrito dentro do centro, havia a participação das lideranças na confecção das matérias com fotos, ilustrações, charges, artigos (...) era difícil você fechar o jornal, fazer a seleção do material.*” (STRABELI, 2003)

As colaborações variavam entre matérias escritas com o rigor da língua portuguesa e cartas escritas por crianças. Além de colaborações textuais, imagens, como ilustrações, charges e fotografias também eram entregues ao conselho do jornal, periodicamente. Cabe ressaltar que havia um impresso próprio para os colaboradores disponibilizarem suas informações à redação do jornal.⁷⁴

Por não estabelecer uma regra estrita, era comum que determinadas colaborações sofressem mudanças por parte do conselho do jornal. Eventualmente, os colaboradores se irritavam com os cortes das matérias, consideradas muito extensas. Vejamos o “*Recado do Leitor*” da 8ª edição.

É com tristeza que vemos que a censura tão criticada por nós, quando usada pelo nosso governo, está sendo usada pelo nosso *GRITA POVO*, pois no meu último trabalho para este jornal vi que o mesmo foi cortado muitas vezes (...) Se isto continuar vou deixar de contribuir para o *GRITA POVO*, pois estão abafando meu grito e isto não permitirei (...) (NETO. *GRITA POVO*, nº 8, mar. 1983. p. 2)

Em seguida, a redação do jornal se desculpou:

A nossa intenção não foi censurar, abafar o seu grito e tão pouco fazer o jogo do governo. (...) nossa principal dificuldade tem sido publicar todas as matérias que recebemos, pois, geralmente, são longas e precisam ser resumidas. (...) Pedimos apenas que as matérias enviadas tenham de 20 a 30 linhas no máximo para que todos possam participar. (*GRITA POVO*, nº 8, mar. 1983. p. 2)

É interessante observar como os conflitos internos do CEMI e do jornal *GRITA POVO* eram expostos aos seus leitores, produtores da notícia e “leitores-produtores” da notícia. A atitude da redação chamou atenção desta pesquisadora por divergir da postura tomada pela maior parte das produções jornalísticas. Geralmente, observa-se certa dificuldade em estabelecer mecanismos de liberdade e autonomia, sem abalar hierarquias profissionais ou até religiosas, dependendo do veículo. Para os

⁷⁴ Ver Figura 42.

entrevistados, esta atitude de transparência na produção do jornal era condizente com os “princípios ideológicos” - nas palavras dos entrevistados - que guiavam a atuação dos movimentos populares da época.

A pesquisa de campo, o levantamento das fontes e dos dados coletados, somados à análise de conteúdo do jornal demonstram que nem todas as colaborações eram realizadas em nome de um grupo ou movimento organizado.

Muitas colaborações advinham de indivíduos independentes, interessados em expor suas idéias e opiniões sobre determinados assuntos. Para contar com a participação dos moradores como entrevistadores, repórteres, redatores, editores e difusores do *GRITA POVO*, as edições traziam chamadas aos “leitores - produtores” da informação. A 55ª edição convoca jornalistas populares, (Ver Figura 20) por meio de uma ficha cadastral destacável do jornal. A ficha deveria ser entregue antes do encontro com os “correspondentes”.

Os documentos consultados ainda apontam a existência de cursos promovidos periodicamente, para atender à formação de jovens e adultos interessados em criar matérias, veículos de comunicação ou até mesmo seus próprios centros de comunicação e educação popular, como é o caso ocorrido no bairro do Itaim Paulista, onde seus moradores criaram o Centro de Educação e Cultura Popular do Itaim Paulista (CECOPI).

Destes indivíduos - do CEMI e do CECOPI -, alguns resolveram atuar profissionalmente na imprensa e, ainda hoje, exercem a profissão, conforme revela Strabeli. *“Nós temos jornalistas importantes que estagiaram no GRITA POVO quando eram estudantes de jornalismo. Por exemplo, Gilberto Nascimento⁷⁵, jornalista que ganhou vários prêmios (...)”* (STRABELI, 2003)

A 52ª edição esclarece quais eram as possíveis formas de colaborar com o *GRITA POVO*:

- a. Colaboradores – pessoas responsáveis, escaladas para escreverem assuntos específicos, que determinam a linha do jornal (...);
- b. Correspondentes – pessoas das comunidades, responsáveis de enviar notícias da comunidade, do bairro etc.

⁷⁵ Atuou como produtor e repórter do *GRITA POVO*, foi colunista do jornal Diário de São Paulo, editor da revista IstoÉ e repórter da Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo e O Globo. É assessor de comunicação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e pertencente aos conselhos da Fundação Senco e Ação Educativa.

c. Contatos diversos – com os setores, Movimentos Populares, equipes, pastorais, entidades, órgãos e também recebemos muitas cartas. As notícias são entregues pessoalmente pelo correio ou por telefone. (*GRITA POVO*, nº 52, junho. 1986. p. 12)

Ainda no sentido de privilegiar a formação de “jornalistas populares”, o *GRITA POVO* promovia encontros com o objetivo de reunir interessados sobre o veículo. Segundo as fontes orais, tais encontros serviam para a realização de uma pesquisa de opinião e para definição de pautas de interesse coletivo.⁷⁶

Ao analisar o jornal *GRITA POVO* e os seus documentos, é possível afirmar sua relevância para a história do jornalismo popular, por ter promovido formas de se trabalhar tanto no jornalismo quanto no jornalismo popular. Suas práticas inspiraram jornais populares por todo o Brasil, como mostram algumas correspondências trocadas entre os membros do *GRITA POVO* e outros jornais populares da época. Tendo formado inúmeros jornalistas populares e até profissionais, como o citado Gilberto Nascimento, pode-se dizer que o *GRITA POVO* também é referência para o jornalismo praticado por seus remanescentes hoje. Assegura-se ainda que alguns destes também se tornaram educadores em Universidades de Jornalismo. Neste caso, novamente, o *GRITA POVO* se mostra como referência de forma e conteúdo ao jornalismo do passado e do presente.

A etnografia do jornal *GRITA POVO* e de sua produção, investigada aqui com base em fontes documentais e memórias, deve servir aos atuais e futuros jornalistas como recurso educativo da prática jornalística popular.⁷⁷ Contudo, além de formar jornalistas - populares, o jornal *GRITA POVO* serviu à formação de militantes sociais, haja vista o seu conteúdo.

Com o desenvolvimento deste estudo, pode-se notar que o jornal *GRITA POVO* informou e formou uma geração de jornalistas críticos que já não podiam confiar plenamente nas informações transmitidas pela comunicação de massa, censurada na ocasião. Em paralelo, os jornalistas se interessavam pelas informações privilegiadas sobre os movimentos populares, facilmente encontradas no jornal.

⁷⁶ Ver anúncio de um debate sobre o *GRITA POVO* (Figura 43).

⁷⁷ De certa forma, eu já utilizo o jornal e alguns documentos levantados na pesquisa em sala de aula, especialmente, na disciplina *Comunicação Comunitária*. Tal recurso tem agregado informações históricas à aula, aguçado o espírito crítico dos estudantes e exemplificado as práticas do jornalismo popular.

Numa outra instância, a população também era beneficiada por esta verdadeira “escola” chamada *GRITA POVO*. Muitos moradores da região me disseram informalmente como o jornal foi importante para atingir um nível de consciência mais crítico; outros salientaram o poder do jornal na formação de suas militâncias em movimentos sociais diversos.

Tais observações levam-nos a concluir que a função do jornal *GRITA POVO* para a população, movimentos sociais e jornalistas extrapola a atribuição de informar, porquanto também teve a intenção de formar uma população mais crítica e consciente, novos adeptos aos movimentos populares e uma nova geração de jornalistas populares.

Além dos objetivos de informação e formação, o jornal *GRITA POVO* também se destacou ao registrar a memória: uma memória em papel.

IV. VI MEMÓRIA EM PAPEL (REGISTROS DE MEMÓRIA INDIVIDUAL E COLETIVA)

Fundamentando nos aspectos teóricos traçados ao redor do conceito e da proposta metodológica “Memória”, observa-se, a seguir, como as matérias do jornal analisado podem revelar-se como registros efetivos de memórias.

Como foi demonstrado no primeiro capítulo desta dissertação, é explícita a preocupação de se criar um centro de comunicação e educação popular, assim como um jornal com vistas à fixação e evocação da memória individual e coletiva da região. Importa observar, novamente, a ata de constituição do CEMI: “(...) *Ser um local que preserve e divulgue a memória e a história de toda a produção criada pelos movimentos*”.(CEMI, [s.d]) Mais adiante, cita-se a criação de um jornal capaz de registrar as memórias dos movimentos populares, entre outros objetivos. “(...) *Ter um jornal informativo que facilite a circulação das experiências, idéias, agendas, realizações e lutas dos movimentos*”.(ibidem)

Pode-se notar por esta fala a vontade dos produtores de informação daquele período em divulgar as muitas e crescentes ações empenhadas pela melhoria das condições de vida no bairro.

A fixação de registros memorialistas se deu de diferentes formas. Num primeiro momento, em colunas específicas para alocar memórias de pessoas, lugares e movimentos. Convém lembrar que, antes da criação de colunas, os relatos memorialistas entravam nas edições sem uma editoria específica, como no caso da 5ª edição *“Sou Ritinha, tenho 12 anos”* (Ver Figura 4).

A primeira coluna criada para este tipo de texto foi *“Experiências de lutas populares”*, conforme se verifica na 11ª edição, em que se revela a experiência da cooperativa de costura das mulheres do Itaim (Ver Figura 31).

O levantamento dos jornais mostra, posteriormente, o surgimento da coluna *“A luta não pára com uma conquista”*. Nesta coluna, por meio de um testemunho, se falava sobre uma conquista alcançada no campo da moradia, da saúde, da educação, etc. (Ver Figura 26). Já na terceira fase do jornal, foi criada a coluna *“Comunidade e sua história”*: *“Esta coluna se destina à história da comunidade. Pedimos a todas as comunidades que colaborem, mandando-nos a sua história”*. (GRITA POVO, nº 125, mar. 1990. p. 4).

É notável constatar a preocupação com o registro das memórias da região, em especial, as que traziam a história de uma luta social bem sucedida, por exemplo, a conquista de casas populares, alcançada pelo Movimento de Moradia, liderado por Pe. Ticão (já relatado no primeiro capítulo).

A análise detalhada do jornal demonstra que seu foco era trazer diversas matérias com as conquistas dos movimentos populares na região, desde a inauguração do posto de saúde até o alcance de mais vagas na creche. Esta preocupação extrapolava as colunas destinadas às memórias e, muitas vezes, adentrava as matérias informativas do jornal. Alguns exemplos:

6ª Edição - *“Famílias conquistam casa própria”*: Para contextualizar a conquista de terrenos na Vila Nova Cachoeirinha pelo Movimento de Moradia, a matéria revela o histórico das reivindicações dos moradores de tal bairro durante a década de oitenta;

22ª Edição - *“O movimento de creche do Itaim Paulista continua firme na luta. Os passos da nossa caminhada”*: Neste caso, temos uma historiografia ilustrada com as ações tomadas pelo movimento de creches ao longo dos anos (1979-1984) (Ver Figura 15);

102ª Edição - *“Pastoral do menor em destaque - Histórico da equipe pastoral”*. Aqui, a matéria procura abordar entre vários aspectos, as dificuldades encontradas e

as conquistas alcançadas pela pastoral. Estes elementos se repetem nas demais matérias sobre memória e, aparentemente, são utilizados como incentivo aos outros movimentos. Ainda nesta edição, encontramos na última página do jornal, a história da horta comunitária São João Batista. *“Uma horta conquistada com a luta dos moradores da Vila Piracicaba”* (GRITA POVO, nº 102, ago. 1988. p. 12) (Ver Figura 30);

Nº 103 - *“Jardim São Carlos: uma ocupação que deu certo”*. Nas duas páginas centrais do jornal, situa-se uma extensa matéria a respeito da respectiva ocupação. Mais um movimento popular bem sucedido. Para a constituição da matéria foram utilizadas ilustrações e depoimentos dos moradores participantes da ocupação. *“Aqui estão os ingredientes que fizeram da ocupação do Jardim São Carlos uma das mais bonitas conquistas da luta da terra na Zona Leste ”* (GRITA POVO, nº 103, set. 1988. p. 6-7)

Em determinadas ocasiões, o registro das memórias dos movimentos populares da região ganhava destaque. Numa determinada edição, há uma retrospectiva das lutas empenhadas pelos movimentos populares da região no ano de 1983.

A importância do resgate histórico nacional e religioso fazia parte das preocupações do CEMI. Nesse sentido, eventos foram promovidos pelo centro e devidamente divulgados pelo GRITA POVO.

11ª Edição - *“História da Zona Leste I”*: Após encontros realizados no CEMI, identificou-se que os moradores desconheciam a história de sua região. Depois desta constatação, o movimento de história do CEMI criou a história da Zona Leste em quadrinhos para veiculação no GRITA POVO, em duas edições (Ver Figura 6);

18ª Edição - *“Cadê a revolução?”*: Por ser publicado no mês de março, o texto rememora o dia da dita “revolução”, ou seja, o golpe militar (31 de março de 1964). De intenso cunho opinativo, o texto procura refletir criticamente sobre o referido momento histórico;

22ª Edição - *“O povo foi o juiz: Sobre a semana de história em São Miguel”*. Aqui se revela a discussão levantada pela Semana de História em São Miguel, evento promovido pelo CEMI. Em um dos trechos da matéria discorre-se sobre a importância de conhecer a história: *“História se faz. História se conta. Memória perdida é vida que se perdeu. Numa só semana juntamos pedaços de história que são pedaços de cada um de nós. Com os pedaços fizemos um farol alto e robusto*

para iluminar nosso caminho de futuro. Entre os claros e escuros, avanços e recuos dos últimos 20 anos aprendemos a renascer confiantes.” (*GRITA POVO*, nº 22, jul. 1984. p. 12) (Ver Figura 16)

Nº 48 – “*Concílio Vaticano II – 20 anos de diálogo e as CEBs*”: Nesta edição, duas páginas são dedicadas ao respectivo assunto, na tentativa de fazer um balanço sobre o referido período da Igreja (Ver Figura 18).

Sendo o *GRITA POVO* um veículo da imprensa católica, a memória da Igreja também é abordada constantemente, como foi visto no último exemplo. Neste sentido, momento emblemático e crucial para entender as principais fases do jornal e parte da memória da região diocesana de São Miguel Paulista é a substituição de Dom Angélico por Dom Fernando. Para saudar a gestão de Dom Angélico e dar boas vindas a Dom Fernando, ambas as memórias foram colocadas em edições especiais (Ver Figuras 21 e 22).

Líderes de movimentos populares também eram constantemente lembrados pelo jornal. Como exemplo, o supracitado nesta dissertação: Santo Dias.

Como havíamos já sinalizado na dissertação, o *GRITA POVO*, de forma metalingüística, também é objeto da história da própria imprensa popular. Nas edições 19 e 71, a história da comunicação popular é contada pelo povo. (Ver Figuras 14, 23 e 24).

Faz-se necessário neste momento, falar da real intenção da comunidade episcopal de São Miguel Paulista ao registrar suas memórias no jornal *GRITA POVO*. O desejo pela memória está marcado pela intenção de criar uma determinada identidade. Para São Miguel, registrar suas memórias correspondia à criação de uma verdadeira identidade para o grupo. Entre os autores preocupados com a relação mantida entre memória e identidade está Pollack (1992). Para o autor, uma das funções da memória é, justamente, a criação da identidade.

Neste caso, a identidade almejada era a do cristão católico progressista, em especial, da linha da Teologia da Libertação, o que se deve à forte presença da Igreja e sua opção pelos pobres naquele período, conforme observado no primeiro capítulo da dissertação.

Isso nos leva à consolidação da idéia central na obra de Halbwachs. Segundo o autor, a memória se constrói na relação do sujeito com o que está fora dele, constituindo, assim, a própria subjetividade, por meio de uma relação com o mundo externo.

A etnografia formulada neste estudo de caso confirmou a idéia de que a memória é um fenômeno coletivo e social, submetido a mudanças constantes, de acordo com o momento histórico. Desta maneira, a construção da memória no passado possui um significado distinto da reconstrução da memória na atualidade.

No que diz respeito à análise do jornal, pode-se afirmar que a narrativa jornalística atua com legitimação, ao construir a realidade para aqueles que não a experimentaram. Daí a intenção da comunidade em questão de fixar e evocar suas memórias por meio do jornal, presentificando e reconfigurando o passado para as gerações advindas.

Assim, o jornal popular deve fazer parte das discussões sobre a memória coletiva, tendo em vista que a repercussão do *GRITA POVO* na atualidade, como lugar de disputa e de reconstruções permanentes, corrobora para a construção/reconstrução das identidades no momento atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória vivida ao longo deste estudo permitiu a elaboração de determinados pontos de discussão merecedores de destaque nesta última parte do trabalho. Para tanto, torna-se necessário recuperar os questionamentos norteadores desta investigação científica.

O que levou a comunidade estudada a se interessar pela fixação e evocação da memória coletiva?

Quais são os principais aspectos antropológicos da concepção, produção e difusão do jornal popular impresso e sua relação com o processo de constituição da memória individual e coletiva de determinada comunidade?

Tendo em vista a não-preservação do jornal *GRITA POVO* e o seu acesso restrito à população geral, qual é a vocação do jornal popular como objeto da memória?

O resgate, a preservação e o acesso democratizado do *GRITA POVO* e do acervo do CEMI são capazes de produzir significados ao passado e ao presente?

A imprensa é encarada como fonte efetiva das ciências humanas? E a imprensa popular, ocupa instância inferior por ser popular?

Para a sociedade, qual o valor patrimonial e histórico do *GRITA POVO* e do CEMI?

Há relação entre memória e identidade?

No que se refere ao desejo da comunidade de São Miguel Paulista em fixar e evocar a memória, deve-se observar que, além do regime ditatorial, outros motivos foram determinantes para promover a vontade de se ter uma memória coletiva, como: a situação de profunda desigualdade social e econômica em que viviam muitos moradores da região; a descrença nos veículos de comunicação da época, então censurados; a vontade de ter uma memória coletiva distinta da assumida pela sociedade em geral; o desejo de contar às novas gerações as lutas empenhadas pelos movimentos populares; e principalmente, o fortalecimento da organização popular.

Tais elementos, considerados favoráveis à concepção de memória, se confirmaram, no instante em que verifiquei as atas de criação do CEMI e do jornal *GRITA POVO*. Inúmeras edições do jornal também me levaram à mesma conclusão.

Frases como a do Pe. Falcone eram uma constante nas publicações estudadas: “O jornal *GRITA POVO* precisa viver, para contar ao nosso povo sua história”.

As fontes orais caminharam no mesmo sentido, alertando sobre a importância de se ter uma memória coletiva e não social, ou melhor, uma memória distinta de uma classe social dominante.

Durante as entrevistas, muito se falou sobre oprimidos e opressores. Nenhum dos sujeitos deixou de abordar o conflito de classes e a questão da memória, fosse após os meus questionamentos, fosse por livre iniciativa.

Essa ânsia por uma memória coletiva trouxe ressonância ao estudar as teses de Benjamin, Halbwachs, Judy, Bosi e Pollack. Durante a pesquisa bibliográfica e de campo, confirmava-se a idéia de que a memória era um instrumento de dominação, mas também de resistência e luta para os “vencidos”, como refere Benjamin.

Para os sujeitos do período estudado, a memória poupa a repetição de erros do passado na posteridade e agrega valor às conquistas dos movimentos populares e seus mártires.

Convém mencionar que, além do *GRITA POVO*, outros elementos foram realizados pelo CEMI para a criação e a consolidação de uma memória coletiva. A notar pelas Semanas de História promovidas na comunidade, nas quais se aprendia sobre a história de formação dos bairros da Zona Leste; sobre fatos da história nacional e mundial “maquiados” por um ensino mecanicista; sobre heróis da história, desconhecidos; sobre etnias, raças e religiões discriminadas e subjugadas pela humanidade.

Cito ainda as reivindicações dos movimentos populares ou até mesmo suas comemorações diante de alguma conquista. Ao observar as fontes documentais coletadas na etnologia, as edições do jornal *GRITA POVO*, ou até mesmo as conversas com os sujeitos de pesquisa, percebi a relevância de se informar à comunidade local tudo o que pode ser incorporado à memória coletiva.

Portanto, além de realizar o jornal com vistas à memória coletiva, a comunidade de São Miguel dispunha de outras formas de se preocupar com a memória.

Neste estudo sobre o jornal, foi possível perceber, ainda com base na análise das editoriais, das colunas e dos artigos criados e dos textos realizados, como a memória dos movimentos populares e de indivíduos ditos “comuns” era evidenciada. Isso explica por que alguns moradores da região, assim como os sujeitos da

pesquisa ainda preservam recortes do *GRITA POVO* em suas casas. É importante realçar que tais recortes são utilizados para mostrar a história de vida de alguém ou de alguma luta social. Ninguém utiliza o jornal para falar das condições climáticas daquele período ou da antiga condição financeira das principais bolsas de valores do mundo.

A memória em papel armazenada pelo jornal popular provou ser uma memória, por essência, popular.

Sobre os aspectos de concepção, produção e difusão do jornal, verificou-se o surgimento de mecanismos e técnicas inovadoras e pioneiras que vão da reunião de pauta à arrecadação de assinaturas. O CEMI e o *GRITA POVO* demonstraram ser verdadeiras escolas para a imprensa popular brasileira e latino-americana cuja influência pode ser sentida na formação de gerações de jornalistas, educadores populares ou universitários e integrantes de movimentos sociais. Ademais, a notoriedade alcançada pela comunicação popular daquele período promoveu a incorporação do “quesito” comunitário no universo da comunicação de massa. Hoje, a maioria dos jornais traz uma editoria regionalizada ou comunitária para atrair esta parcela de leitores.

Sobre o caráter jornalístico do *GRITA POVO*, a pesquisa atestou apontamentos de estudiosos como Festa, Gomes, Peruzzo. Entre as observações, chama atenção aquela que entende o jornal popular e alternativo, a partir de seu contexto.

Isso se confirma, ao se averiguar, numa determinada fase do *GRITA POVO*, próximo à sua extinção, que, apesar de contar com produtores populares da informação - ou seja, comunicadores populares - havia se perdido o cunho de popular sem o abrigo oferecido pelo CEMI e pela Igreja Católica. Em outras palavras, a ausência de um cenário sócio-político não justificava mais a existência de um veículo alternativo.

De forma alguma isso deve ser interpretado como apatia por parte dos sujeitos daquela comunidade, na medida em que verifiquei a presença deles em espaços alternativos, já que muitos dos militantes desencadearam outras lutas em partidos políticos, movimentos sociais específicos, ONGs e Universidades.

No que diz respeito à relação mantida entre memória e jornal foi possível confirmar o lugar cativo do jornal popular nas discussões sobre memória. Notou-se que o jornal foi pensado como objeto de fixação e evocação da memória coletiva por inspirar legitimidade na comunidade em questão. Com base nas teses de Hall a

respeito do caráter inacabado da identidade e da constante alteração da memória, mencionada por Halbwachs, constatou-se que a memória evocada hoje, por meio do jornal, presentifica o passado e interfere na identidade daqueles que a viveram ou não. Neste ponto, ressalta-se a relação estreita mantida entre memória e identidade, como aponta Pollack.

Um exemplo disso é que um dos indivíduos daquele período, não obstante o fim do jornal, utiliza as lembranças do *GRITA POVO* em outros coletivos, de forma orgulhosa ou amargurada. Ao analisar as fontes orais isso se confirma. A memória do (ou seja, do que foi reportado pelo jornal) e sobre (ou seja, a concepção, produção e difusão do jornal) do *GRITA POVO* acompanha o sujeito, faz parte de sua memória subjetiva e individual, assim como da memória coletiva da qual faz parte.

Estamos falando de Pe. Ticão que lançou recentemente o jornal *Voz da Comunidade*. Como ele costuma dizer, um jornal “sócio-religioso”. Para a construção e a produção do veículo, elementos do *GRITA POVO* foram lembrados e assim como no passado, um novo projeto de memória vem sendo idealizado. Pe. Ticão e sua comunidade esperam que o jornal se torne objeto de memória. No futuro, só a história dirá sobre o desempenho deste novo jornal como objeto memorialista.

Notoriamente, é possível refletir como a interrupção proposta por aquele momento histórico impôs uma suspensão nos planos daquela comunidade no que diz respeito ao jornal. Uma seleção do que deveria ser lembrado foi estabelecida. Contudo, ressalto que a memória não deixa de existir por este fator. E não seria injusto dizer que também faz parte do coletivo das gerações advindas, ao menos, aquilo que as memórias subterrâneas permitem extravasar ao outro. Tanto é verdade que eu soube do jornal e de seu conteúdo pelos moradores da região e agora tenho a oportunidade de falar do e sobre ele para um coletivo do qual faço parte: o acadêmico.

Sobre a influência do jornal para as gerações advindas, vale dizer que a realização deste estudo interferiu na minha identidade e na dos que estão ao meu redor, a saber, os sujeitos de pesquisa, amigos, familiares e alunos.

Apesar de não ter vivido aquela época, o contato com este universo propiciou determinadas sensações. Conforme se dava a conversa informal com os sujeitos, (momento de sinceros desabafos) gradativamente, até o manuseio do acervo do CEMI se encheu de significados para além da pesquisa, significados referentes à

minha origem, minhas convicções, meus anseios, meus lamentos...⁷⁸. Ou seja, estamos falando da memória coletiva de minha família, de meus professores, de meus vizinhos, entre outros indivíduos de meu convívio. Desse modo, tais memórias, apesar de alheias, me foram transmitidas ao longo da vida.

Portanto, a vocação do jornal como objeto da memória coletiva transcende a sua preservação e acesso.

Parece difícil falar da presença do jornal na comunidade sem sua devida preservação e acesso. Afinal, se o jornal por si só não é um dos recursos da produção gráfica, apto a perdurar ao longo dos anos, o que dizer em situações adversas de preservação? Este é o caso específico do jornal *GRITA POVO*. Apesar da restauração promovida por este estudo, é necessário que haja uma digitalização para divulgá-lo à sociedade. Mesmo restaurado, ele continua numa sala reservada e sem o acesso da população. Com o tempo, a falta de limpeza e de condições ambientais adequadas devem conduzir o jornal ao desaparecimento.

Contudo, me interessa - e em conversas com os sujeitos da pesquisa verifico que também - esclarecer ao maior número de pessoas possíveis o porquê de o jornal estar nessa condição. Melhor dizendo, entender por que ele foi fadado ao esquecimento daquela comunidade, em especial, da católica.

Atribuir significados às lembranças e ao esquecimento também interessa a este estudo.

No que se refere ao valor do jornal como fonte documental, verifiquei que a imprensa e a imprensa popular são encaradas como fontes documentais legítimas. Como observei nos aspectos teóricos, progressivamente, estudiosos consideram o jornal para além da simples concepção de mídia. Mas, daí acreditar que o *GRITA POVO* seja batizado como patrimônio da sociedade é um tanto difícil. Durante a pesquisa, procurei o Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN) para informar

⁷⁸ Por não permitir a entrada de estranhos no Instituto, minha estadia no ambiente era solitária - já que as três funcionárias do Instituto de Teologia situavam-se em outro andar - e permitia momentos íntimos de profunda reflexão com os documentos, móveis, equipamentos, etc. Além disso, os sujeitos relevaram generosamente significados existentes entre suas histórias de vida e o acervo do CEMI. Segundo Bosi, numa pesquisa relacionada à memória coletiva, os objetos podem carregar lembranças do passado em seus desgastes, impressões, etc. "*Mais que um sentimento estético ou de utilidade, os objetos nos dão um assentimento à nossa posição do mundo, à nossa identidade*". (BOSI, 1994, pg. 441). Desta forma, havia um respeito mútuo e sincero quando, nos encontros, surgia o comentário sobre determinado objeto e eu o citava como ainda existente no acervo. Os objetos e não somente os jornais, especialmente o *GRITA POVO*, ganhavam tamanho significado que chegavam a provocar em mim sensações de nostalgia e cólera por algo não vivido.

sobre o acervo do CEMI e recebi comentários do tipo: “*Mas, ele interessa a quem vive lá, né.*”

Em momentos como esse, notei qual era a concepção de patrimônio histórico concebido pela sociedade.

Há uma relação conflituosa entre tradição e modernidade, por meio da qual se valoriza e desvaloriza a memória, simultaneamente. Afinal, não se encontram - facilmente - promessas eleitoreiras interessadas na memória de uma determinada comunidade, tampouco em seu papel emblemático na história de uma nação, como é o caso da região diocesana de São Miguel. Em contraponto, corporações privadas seguem investindo na formação de suas memórias institucionais.

Diante deste e outros exemplos, coloca-se em xeque os elementos que atribuem o selo de patrimônio histórico à cidade de Olinda e não à casa do norte mais tradicional do bairro de São Miguel Paulista. Nesse sentido, a revisão de paradigmas proposta pela atual historiografia propõe discutir que tipo de memória pode ser considerada patrimônio cultural ou histórico de uma nação. O acervo do CEMI e o jornal *GRITA POVO* estão situados aí, nesta encruzilhada.

Todavia, isto não me desanima. Acredito que levar o acervo do CEMI ao IPHAN ou publicar a digitalização do *GRITA POVO* na Internet, por exemplo, deve provocar poucos avanços, caso não haja um trabalho de conscientização em paralelo. À experiência do que vejo em sala de aula, a preservação ou cultuação de uma memória deve vir acompanhada de conscientização se quiser produzir efeitos mais contundentes. A conscientização é necessária, pois traz significados ao presente diante da observação do passado.

Para exemplificarmos, cito a chegada do campus da Universidade de São Paulo (USP) na Zona Leste. Por muitos moradores da região, a chegada do novo campus foi acolhida como mais um mérito do atual Governo e não como o resultado de mais de quarenta anos de luta desencadeada pelo Movimento de Educação na implantação da Universidade do Trabalhador, conforme já mencionado no primeiro capítulo.

Com raras exceções, a grande imprensa e até mesmo a dita imprensa popular de hoje fez referências ao movimento de educação do passado. Sem esta lembrança e muitas vezes desprovidos de criticidade, alguns moradores não notaram a divergência entre o que foi idealizado pelo Movimento e o atual campus da USP instalado na Zona Leste. Entre os elementos de divergência está a proibição

de ofertas de cursos iguais no mesmo município. Desta forma, o novo campus traz cursos técnicos e não-tradicionais, provocando desinteresse nos jovens do entorno. Outro aspecto criticado é a ausência de políticas capazes de facilitar o acesso da população local à Universidade. Como resultado disso, o número de universitários residentes na Zona Leste representa uma porcentagem ínfima no novo campus.

Diante deste exemplo, como recusar a função cativa do resgate e da preservação do *GRITA POVO* em nossa sociedade, especialmente por meio da investigação científica?

Para concluir o levantamento de pontos-chave de discussão atingidos neste estudo, devo me referir, estritamente, a uma das funções principais da memória: a formação da identidade de um coletivo, conforme concepções trabalhadas por Maurice Halbwachs e Michael Pollack.

A história oral foi a grande vitrine do forte vínculo memorialista entre os integrantes deste grupo já extinto, unido pela afetividade ou pelo conflito. Diferentemente do que Halbwachs pensou, a memória não se dá simplesmente por adesão afetiva, mas também conflitiva, como alertou Pollack.

Durante a coleta de entrevistas e histórias de vida, notei que a memória é lugar de disputa e de reatualização permanente do passado, de acordo com as circunstâncias do presente. E, se memória é um fenômeno construído em decorrência das preocupações pessoais e políticas do momento, sua rememoração segue a mesma tendência.

Tanto para o Pe. Jair Coronado (representante atual da Arquidiocese) como para Dom Angélico, Pe. Ticão e Carlos Strabeli, a negociação, a busca pela legitimação, a disputa entre a memória oficial e pelas memórias subterrâneas são valorosas por integrarem a construção das identidades no presente. Trata-se de uma disputa por versões e/ou pela administração dos significados do esquecer e lembrar ao coletivo.

Para eles, possuir a memória é uma possibilidade de resgatar um projeto coletivo e político de construção da identidade, e isso é o que torna esta memória viva e em processo contínuo de criação e recriação, a cada rememoração.

Nesse sentido e pelo que foi exposto, entendo o material do passado -o *GRITA POVO* - como essência da cultura, como algo que, ao ser transformado em objeto cultural, pode ser tão essencial e valioso à memória coletiva.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, S. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- ALVES, M. H. M. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1989)*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J., GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais; pesquisa quantitativa e qualitativa*. 2. edom São Paulo: Pioneira, 1999.
- ARANTES, A. A. (org). *Produzindo o passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS e MCKINSEY&COMPANY, Inc. *Empreendimentos sociais sustentáveis*. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- AZEVEDO, DOM (2004), *A Igreja Católica e seu papel político no Brasil*. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 20/12/2006.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BELTRÃO, L. *Comunicação popular e religião no Brasil*. In: MELO, José Marques de (org). *Comunicação/Incomunicação no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1976.
- BENJAMIN, W. *Experiência e pobreza in Obras Escolhidas I - Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov in Obras Escolhidas I - Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. *Sobre o conceito de história in Obras Escolhidas I - Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. *A Imagem de Proust in Obras Escolhidas I - Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BEOZZO, P. J. O. *História da Igreja no Brasil*. In: ARNS, Cardeal Paulo Evaristo. *O que é Igreja*. São Paulo, Brasiliense, 1981 (Col. Primeiros Passos)
- BERGSON, H. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BERNARDINO, A. *Discurso sobre a participação e a organização popular*. São Paulo: 1979.

BERNARDO, T. *Negras, mulheres e mães – lembranças de Olga de Alaketu*. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BERNARDO, T. *Memória em branco e negro – Olhares sobre São Paulo*: EDUC, 1998.

BERTOLIN, G. *O Diálogo entre Lideranças Católicas e Intelectuais de Esquerda na Redemocratização Brasileira*. Dissertação de Mestrado em Educação – Universidade São Francisco. Itatiba, 2005.

BETTO, F. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOFF, L., BOFF, C. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOMTEMPO, S. *Origens Históricas de São Miguel Paulista*. São Paulo: UNICSUL, 2000.

BOSI, E. *Memória e sociedade - lembranças de velhos*. 3eDom São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BOSI, E. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRUNEAU, T. C. *Religião e politização no Brasil. A Igreja e o Regime autoritário*. São Paulo: Loyola, 1979.

BRUNEAU, T. C. *O catolicismo brasileiro em época de transição*. São Paulo: Loyola, 1979.

Cartilha educativa para trabalho em grupos populares. São Paulo: Fundação Fé e Alegria do Brasil, [s.Dom].

FILHO, P. C. *No olho do furacão: América Latina nos anos 60/70*. São Paulo: Cortez, 2003

CANCLINI, N.G. *Culturas híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

CHAUI, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.

CONCONE, M. H. V. B. *A memória Cristalizada: lendo os jornais*. Apresentado ao concurso de professor (a) titular do Departamento de Antropologia da PUC-SP. São Paulo, 1993.

DAMASIO, A. *O erro de Descartes – emoção, razão e cérebro humano*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

DAMASIO, A. *O Mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DUROZOI, G., ROUSSEL, A.; (traDom) APPENZELLER, M. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Papyrus, 1993.

EVERS, T., PLATENBERG, C.M., SPESSART, S. *Movimentos de bairro e Estado* (Lutas na esfera da reprodução da América Latina).[s.n.t].

FAUSTO, B. (org.). *História geral da civilização Brasileira. V III. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições. 1888-1930*. São Paulo: Depel, 1978.

FERNANDES, T. F. T. *DOM Cultura e memória social no discurso jornalístico*. In: TRIVINHO, E. (org.) *Sociedade Mediática*. São Paulo: Leopoldianum, 2000.

FESTA, R. *Comunicação popular e alternativa no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1986.

FESTA, R. *Comunicação Popular e Alternativa. A realidade e as utopias*. Dissertação de Mestrado - Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 1984.

FESTA, R. *Elementos para uma Análise de Comunicação na América Latina Perspectivas para os Anos 90*. Disponível em: <http://www.metodista.br>. Acesso em: 16/02/03.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARI, E. *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEERTZ, C. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, P. G. *Jornalismo nas comunidades eclesiais de base: estudo de caso do jornal GRITA POVO da região diocesana de São Miguel Paulista*. Dissertação de

Mestrado – Escola de Comunicação e Artes, Universidade São Paulo. São Paulo, 1987.

GOMES, P. G. *O jornalismo alternativo no projeto popular*. São Paulo: Paulinas, 1990.

GOUVEIA, E. H. *Apontamentos sobre novos movimentos religiosos*. In: SOUZA, B. M.; MARTINO, L.M. (org.), *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2004.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. TraDom De Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HIRSZMAN, L.; ECHEVARRÍA, N.; LAMATA, L. A.; CARRI, A. *Memória, história e identidade*. São Paulo: Aeroplano, 2004.

HOBSBAWM, E. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. *Teorias da Comunicação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

IMAMURA, A. C. *História de São Miguel - O Desenvolvimento Urbano de São Miguel Paulista*. Museu Virtual, São Paulo, 2000. Disponível em: http://200.136.79.4/Museu_Virtual/histo_sao_miguel_des.html. Acesso em: 15/05/2007.

IZQUIERDO, I. *Questões sobre Memória*. Porto Alegre: Unisinos. Coleção Aldus 19, 2004.

JEUDY, H. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense. 1990.

KUCINSKI, B. *Abertura, a história de uma crise*. São Paulo: Brasil Debates, 1982.

LANZA, F. *Matrizes ideológicas dos arcebispos paulistanos (1956-85): Um olhar sob o prisma do semanário "O São Paulo"*. Tese de Doutorado – Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2006.

LENIN, V. *Par où commencer?* In V.Lênine – Oeuvres. Moscou: V.5, 1973.

MAINWARING, S. *Igreja Católica e Política do no Brasil, 1916-1985*. São Paulo, Brasiliense, 1989.

MATOS, H. J. *Caminhando pela história da Igreja*. V.3. Belo Horizonte: EDom O lutador, 1996.

MÁRTIN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MENDES, A. *Dominicamos de Perdizes: movimento de prática política no Brasil dos anos 1960*. Dissertação de Mestrado em História Social - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.

MENEZES, R. T. *GRITA POVO*. CNU - Canal Universitário de São Paulo: Brasil, 2002 – 23 min.

MENEZES, R. T. *UNIPERIFERIA*. CNU - Canal Universitário de São Paulo: Brasil, 2004 – 23 min.

MENEZES, R. T. *Do mutirão à educação*. In: MEDINA, C. (CoorDom) *USP leste e seus vizinhos*. São Paulo: ECA/USP, 2004.

MONTELATTO, A. R. DOM, REGINALDO, L. *O cadastramento das entidades*. In: KHOURY, Y. A. (CoorDom) *Guia de Pesquisa: Igreja e Movimentos Sociais*. São Paulo: Com-Arte: PUC- CEDIC, 1991.

MORIN, E. *O enigma do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MORIN, E. *O método IV: as idéias – habitat, vida, costumes, organização*; tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, E. *Cultura de Massas no século XX. Espírito do tempo 1: neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

PERUZZO, C. M. K. *Comunicação nos movimentos populares*. Petrópolis: Vozes, 1998.

PIERUCCI, A. F. *Secularização e declínio do catolicismo*. In. SOUZA, B. M.; MARTINO, L.M. (org.), *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2004.

- PILETTI, N., PRAXEDES, W., *Dom Helder Câmara. Entre o Poder e a Profecia*. São Paulo: EDom Ática, 1997.
- POLLACK, M. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, 1989.
- POLLACK, M. *Memória e identidade social*. In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, 1992.
- PROUST, M. *No caminho de Swan*. TraDom De Fernando Py. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2003.
- ROSADO-NUNES. M. J. *O catolicismo sob o escrutínio da modernidade*. In: SOUZA, B. M.; MARTINO, L.M. (org.), *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2004.
- ROUQUIÉ, A. *O estado militar na América Latina*. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.
- SADER, E. *Quando novos personagens entram em cena*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1988.
- SADER, E., DURHAM, E. R., PAOLI, M. C., DUARTE, L. F. DOM, CARDOSO, R. C. L.. *A Aventura antropológica: teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- SANTOS, A. *Metodologia Científica: a construção do conhecimento*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- SANTOS, B. S. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SEVERINO, A. J. *Educação, sujeito e história*. São Paulo: Olho d'Água, 2001.
- SOUZA, B. M.; MARTINO, L.M. *Prefácio*. In: SOUZA, B. M.; MARTINO, L.M. (org.), *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2004.
- SOUZA, B. M.; MARTINO, L.M. (org.), *Sociologia da religião e mudança social*. São Paulo: Paulus, 2004.
- TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação – o positivismo, a fenomenologia, o marxismo*. São Paulo: Atlas, 1987.

TUFTE, T. *Estudos de mídia na América Latina*. IN *Comunicação & Sociedade*, n.25, p. 21-47. 1996.

WANDELLI, R. *Pesquisa mostra cartelização da mídia brasileira*. São Paulo: Instituto Gutemberg - Centro de Estudos da Imprensa, 2002.

WANDERLEY, L. E. W. *Movimentos Sociais Populares: aspectos econômicos, sociais e políticos*. In. BERNARDO, T.; RESENDE, P. E. A. (org.), *Ciências Sociais na Atualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.

WOLF, M. *Teorias das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FONTES ORAIS

BERNARDINO, A. S. Entrevista concedida à pesquisadora em Campinas. São Paulo, 06 mai. 2007.

MARCHIONE, A. L. Entrevista concedida à pesquisadora em São Miguel Paulista. São Paulo, 12 set. 2003 e 15 nov. 2005.

STRABELI, C. Entrevista concedida à pesquisadora em São Miguel Paulista. São Paulo, 10 set. 2003 e 25 nov. 2005.

FONTES DOCUMENTAIS

Esta será a última edição do *GRITA POVO*. *GRITA POVO*, São Paulo, nov. 1982, nº 4, p. 1.

GRITA POVO, São Paulo, nov. 1982, nº 4, p. 8.

Expediente. *GRITA POVO*, São Paulo, jun. 1983, nº 11, p. 2.

O que é? Análise da Conjuntura. *GRITA POVO*, São Paulo, jun. 1983, nº 11, p. 4.

História da zona leste. *GRITA POVO*, São Paulo, jun. 1983, nº 11, p. 4.

Experiências de lutas populares: A cooperativa de costura das mulheres do Itaim. *GRITA POVO*, São Paulo, jun. 1983, nº 11, p. 8.

Cadê a revolução?. *GRITA POVO*, São Paulo, mar. 1984, nº 18, p. 2.

Editorial: Continuar é preciso. *GRITA POVO*, São Paulo, dez. 1982, nº 5, p. 2.

HELENA, R. Sou Ritinha. Tenho 12 anos. *GRITA POVO*, São Paulo, dez. 1982, nº 5, p. 8.

O movimento de Creches do Itaim continua firme na luta - Os passos da nossa caminhada. *GRITA POVO*, São Paulo, jul. 1984, nº 22, p. 6.

O povo foi o juiz. *GRITA POVO*, São Paulo, jul.1984, nº 22, p. 8.

Faça o seu jornal mural. *GRITA POVO*, São Paulo, nov. 1982, nº 4, p. 8.

BERNARDINO, DOM A. S. A região leste 3 vem aí. *GRITA POVO*, São Paulo, abr. 1984, nº 19, p. 2.

O feitiço vai virar contra o feiticeiro. *GRITA POVO*, São Paulo, abr. 1984, nº 19, p. 2.

Te cuida Joaquinzão, lá vem a oposição. *GRITA POVO*, São Paulo, abr. 1984, nº 19, p. 3.

Qual é a sua?. *GRITA POVO*, São Paulo, abr. 1984, nº 19, p. 4.

Pluct – Plact – Zum, deste jeito não vai a lugar nenhum. *GRITA POVO*, São Paulo, abr. 1984, nº 19, p. 4.

Agora eu vejo o mundo com clareza. *GRITA POVO*, São Paulo, abr. 1984, nº 19, p. 5.

Uma rádio que é do povo. *GRITA POVO*, São Paulo, abr. 1984, nº 19, p. 8.

MANSUR, DOM Foto. *GRITA POVO*, São Paulo, abr. 1983, nº 13, p. 1.

BERNARDINO, DOM A. S. Um apelo: o povo precisa se comunicar. *GRITA POVO*, São Paulo, jun. 1983, nº 11, p. 2.

A morte de Margarida Alves. *GRITA POVO*, São Paulo, set. 1983, nº 13, p. 6.

O assassino Santo Dias tem que pagar. *GRITA POVO*, São Paulo, set. 1983, nº 13, p. 7.

SABETH, P. Os padres também se organizam. *GRITA POVO*, São Paulo, nov. 1985, nº 39-B, p. 12.

Concílio Vaticano II – 20 anos de diálogo e as CEBs. *GRITA POVO*, São Paulo, mai. 1986, nº 48, p. 10.

SUNG, J. M. Por que Sarney visitou o Papa?. *GRITA POVO*, São Paulo, jul-ago. 1986, nº 54, p. 4.

Cleide, S. Como se faz o *GRITA POVO*. *GRITA POVO*, São Paulo, ago. 1986, nº 55, p. 12.

Você quer ser jornalista popular?. *GRITA POVO*, São Paulo, agos. 1986, nº 55, p.12.

O grande profeta de nossa região. *GRITA POVO*, São Paulo, mar. 1989, Edição especial, p. 2.

Quero aprender com essa Igreja viva que tem sua história. *GRITA POVO*, São Paulo, mai. 1989, Edição especial, p. 1.

HEMESSIO, L. A comunicação se faz na luta do povo. *GRITA POVO*, São Paulo, mai. 1987, nº 71, p. 6-7.

Chegamos 100. *GRITA POVO*, São Paulo, jul-agos. 1988, nº 100, p. 1.

Granja Latina. *GRITA POVO*, São Paulo, s. n. t, nº 11, p. 1.

O que pensa Dom Angélico sobre os próximos candidatos. *GRITA POVO*, São Paulo, ago-set. 1988, nº 102, p. 1.

Pastoral do menor em Destaque. *GRITA POVO*, São Paulo, ago-set. 1988, nº 102, p. 10.

Saiam da frente, nosso povo quer viver. *GRITA POVO*, São Paulo, jul. 1984, nº 17, p. 6.

Pastoral da Juventude não é preocupação. *GRITA POVO*, São Paulo, jul. 1984, nº 17, p. 4.

CLEIDE, S. CIDA. P. A região saiu da toca. *GRITA POVO*, São Paulo, out. 1987, nº 82, p. 8.

Recolher matéria – *GRITA POVO*. *GRITA POVO*, São Paulo, jun-jul.1986, nº 52, p. 12.

Deixa eu falar. *GRITA POVO*, São Paulo, set-out, 1991, nº 158. p. 10.

A difícil volta. *GRITA POVO*, São Paulo, mar, 1985, nº 23, p. 2.

CRISTINA, LUCIANA, NACIEL, O que pinta de Globo na alienação do povo. *GRITA POVO*, São Paulo, junho, 1988, nº 96, p.10.

Trabalhador é espancado pela polícia, *GRITA POVO*, São Paulo, ago-set, 1987, nº 78, p. 9.

A comunidade e sua história. *GRITA POVO*, São Paulo, mar, 1990, nº 125, p. 4.

A comunicação é guerra. *GRITA POVO*, São Paulo, agos, 1989, nº 115, p. 5.

Jardim São Carlos: uma ocupação que deu certo. *GRITA POVO*, São Paulo, set, 1988, nº 103, p. 6-7.

IMAGENS DO CAMPO

Imagem I

Acervo do Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista (CEMI) encontrado em 2005. Em destaque livros e periódicos.



Imagem II

Acervo do CEMI encontrado em 2005. Em destaque documentos administrativos e jurídicos



Imagem III

Acervo do CEMI encontrado em 2005. Em destaque parte dos equipamentos técnicos.



Imagem IV

Acervo do CEMI encontrado em 2005. Em destaque, a pesquisadora durante a exploração.



Imagem V

Foto dos jornais já organizados após a pesquisa. Destacam-se etiquetas de identificação.



Imagem VI

Foto dos jornais já organizados após a pesquisa. Destaca-se proteção de plástico colocada nos armários.



Imagem VII

Outro ângulo dos jornais organizados após a pesquisa.



Imagem VIII

Outro ângulo dos jornais organizados após a pesquisa.



Imagem IX

Foto dos demais documentos do CEMI organizados em caixas após a pesquisa.



FIGURAS

Figura 1


GRITA POVO, nº 4, nov. 1982. p. 1

GRITA POVO

Jornal mensal da Região São Miguel

Ano I Novembro de 1982 Nº 4 Cr\$ 30,00

AS CEBs OPTaram?



Esta pergunta anda na boca de todo mundo. Os que estão fora da Igreja a usam com certa ironia. Aos que estão dentro, ela sempre incomoda.

Fizemos esta pergunta a D. Paulo Evaristo — Arcebispo de São Paulo, a D. Angélico — Bispo da Região Leste 2, a pessoas ligadas à Pastoral Operária, Pastoral de Direitos Humanos, Grupos de Mulheres. Conheça suas opiniões. Página 3.

Esta será a última edição do Grita Povo

O sufoco está grande e o dinheiro curto. Só a nossa boa vontade e teimosia não conseguirão sustentar o jornal. Se não contarmos com sua colaboração para escrever as matérias e principalmente divulgar o jornal, teremos que fechar. E isto é uma pena. Amplie a vendagem do jornal na sua comunidade e pague em dia.

LUTA PELA TERRA:
Quem não tem para onde ir fica onde está
página 4

MOVIMENTO NEGRO
A escravidão dos negros ainda não acabou.
página 5

NOSSA SEÇÃO CRIA CASO VOLTOU.
Pimenta e sal neles
Página 7

Aprenda a fazer seu próprio jornal mural. Todas as dicas para você na página 8

Figura 2

GRITA POVO, nº 4, nov. 1982. p. 8

GRITA POVO

Disco Santo Dias: tributo e protesto



**SANTO
"VOCÊ ESTÁ PRESENTE?!"**

Com a morte do operário Santo Dias, vítima da violência policial, da fome e do subdesenvolvimento foi criado o "Comitê Santo Dias".

A partir das reuniões nas bases operárias, Ana, esposa de Santo, juntamente com colaboradores dos mais diversos setores da sociedade, discutiram a proposta de criar um disco que fosse um registro das lutas operárias e ao mesmo tempo um documento que marcasse na história a memória de Santo Dias.

Com este mesmo objetivo, **ARRIBAÇÃO e CANTA POEMA**, grupos independentes que trabalham na periferia, realizando shows musicais, se reuniram pela primeira vez e gravaram o disco **SANTO DIAS**.

O lançamento ocorreu no dia 30 de outubro último, durante o Congresso de Comunicação e Direitos Humanos, realizado na Pontifícia Universidade Católica e, depois, na inauguração da Praça Santo Dias, no bairro onde ele residia, na zona sul.

O disco, com 13 músicas e uma poesia, é um **TRIBUTO** e um **PROTESTO**, segundo seus próprios criadores.

É Tributo daqueles que morreram na luta da causa operária e é um protesto a toda violência e assassinato que vêm acontecendo diariamente a toda a classe trabalhadora no campo e na cidade.

O objetivo do trabalho não é comercial, por isso o disco não vai entrar o mercado musical. Na opinião dos Grupos, a arte quando é comercializada deixa de ser arte e se transforma em mercadoria.

É, segundo eles, um projeto cultural educativo e popular, que visa combater a cultura de massa, baseada em interesses lucrativos e de consumo.

Arribação e Canta Poema, bem como todos aqueles que, durante mais de um ano, se dedicaram no trabalho de montagem, criação de músicas, arranjos e ensaios para o disco, acreditam que a arte não é privilégio de uma minoria dominante.

É assim que se encontram todos aqueles que, vindos do campo, se conhecem e descobrem entre si a capacidade de criar e fazer música.

A partir de novembro, o disco será distribuído através do Comitê Santo Dias a todos os estados, às entidades e pessoas interessadas.

Como tudo que é bom neste país, o disco já foi censurado e por isso já é um sucesso. Vale a pena conhecer!

Faça o seu jornal mural.

Está mais do que comprovada a importância da comunicação na formação e organização dos grupos e movimentos populares. O jornal mural é um dos meios de comunicação que está mais ao alcance dos grupos populares por motivos importantes:

- é econômico
- é fácil de fazer
- está sempre ao lado, informando um certo número de companheiros
- seu conteúdo pode variar sempre



Outra dica: Experimente pregar num dos cantos, uma folha em branco com uma pergunta escrita em letra grande. Por exemplo: "Você acredita que a inflação vai baixar? Dê sua opinião". Ao lado, amarrado com um barbante, deixe um lápis ou uma caneta. As pessoas têm opinião a dar a respeito das coisas que as envolvem. Não é necessário assinar.

Outra dica: Experimente pregar num dos cantos, uma folha em branco com uma pergunta escrita em letra grande. Por exemplo: "Você acredita que a inflação vai baixar? Dê sua opinião". Ao lado, amarrado com um barbante, deixe um lápis ou uma caneta. As pessoas têm opinião a dar a respeito das coisas que as envolvem. Não é necessário assinar.

vão à missa no domingo têm sempre notícias novas para lerem. Passado um tempo, as pessoas ficam esperando o dia da troca para saberem as novidades.



OS MATERIAIS

Podemos usar uma infinidade de materiais. Tudo depende dos recursos que temos e da criatividade do grupo. Como suporte para as informações podemos usar: uma cartolina, uma folha de papelão, uma folha de eucatex, uma folha de isopor, uma parede comum etc...

Em cima desse suporte pregamos (colamos ou espetamos) artigos e ilustrações. Se pudermos emoldurar nossos trabalhos com papel colorido, resalta e chama a atenção das pessoas para a leitura do texto, da fotografia etc. Tudo o que é colorido atrai e chama a atenção. As fotografias, os desenhos, as ilustrações, os títulos grandes, os gráficos, podem ser recortados de jornais e revistas.

AS SEÇÕES

As seções de um jornal são importantes porque ajudam a gente a se orientar segundo os assuntos. As seções variam de acordo com as atividades que o grupo realiza na comunidade e de acordo também com os objetivos que se quer alcançar. Por exemplo: se o grupo é de operários, vai ter seção de luta sindical. Se o grupo está ligado ao movimento de bairro, vai tratar da sua luta específica e informar o que acontece com os grupos parecidos etc.

Tem algumas seções que quase todos os grupos podem usar: **Editorial** (opinião do grupo sobre determinado assunto), **atividades internas** (quer dizer, atividades do grupo ou da comunidade), **denúncias**, **realidade nacional**, **realidade internacional**, **assuntos culturais**, **esporte**, **humor**, etc.

ONDE COLOCAR O JORNAL MURAL

O lugar onde colocamos nosso jornal é fundamental para conseguir que ele seja lido pelas pessoas.

É preferível colocá-lo num local de passagem ou muito frequentado pelas pessoas. Se o jornal escolhido pelo grupo é o de parede, aqui vai uma **dica importante**: deve ficar sempre na horizontal, porque aumenta o campo para a colocação de artigos. **Segunda dica**: como saber se a altura está correta? As notícias mais importantes são aquelas que ficam à altura dos olhos da gente. Isso quer dizer que o centro do mural deve estar à altura dos olhos.

Se o mural escolhido for do tipo cavalete, as notícias mais fáceis de serem lidas são as do alto. As que ficam em baixo dependem das pessoas se abaixarem.

QUEM FAZ O JORNAL MURAL?

Podem ser um grupo de operários, grupo de jovens, de mães... O que caracteriza mesmo o Jornal Mural Popular é que ele seja feito com a participação das pessoas que escolhem o que deve e o que não deve entrar, através do diálogo e do intercâmbio de opiniões. Pode ter um responsável escolhido pelo grupo. Mas convém que varie de vez em quando. Assim, todos os membros da equipe poderão participar também dessa responsabilidade.

O jornal mural é ideal para ajudar a organizar o trabalho de uma comunidade e também provocar novos processos de organização dos grupos.

EXPERIMENTE FAZER UM. VAI VALER A PENA!



O TAMANHO

O tamanho pode variar. Mas sem dúvida é aconselhável o que tem 1.20m por 1.50m. Este é o tamanho adequado e com o qual se trabalha perfeitamente.

O NOME DO JORNAL

Tudo jornal tem nome. O jornal mural também deve ter. Recomendamos que ele seja escolhido pelo grupo ou comunidade. O nome deve ser escrito de forma bem grande e chamativa. Convém que fique pregado no alto do mural, no centro ou à esquerda, que são lugares bem visíveis.

O FORMATO

É preciso ter sempre em conta que um jornal mural deve ser atraente e bonito. Essa é uma forma de chamar a atenção. Afinal, quem não gosta do que é bonito? Por isso a apresentação do jornal mural deve ser chamativa. Deve ter **títulos grandes**, **letra variada**, **desenhos** que ajudem a compreender o conteúdo dos artigos, **recortes pequenos de jornais e revistas**.

Um jornal mural não é para as pessoas se entretêm horas lendo o seu conteúdo. Pelo contrário, deve cumprir sua missão rapidamente. É necessário então que os textos sejam pequenos (não tenha medo de cortar um artigo pela metade), e a linguagem seja simples, sem palavras complicadas.

O TEMPO DE TROCA

Não trocar as notícias de tempo em tempo é condenar o jornal mural. As pessoas perdem o interesse. O ideal é trocar as informações uma vez por semana ou num dia marcado. Por exemplo: se o jornal mural que está na porta do centro comunitário for trocado todo sábado, os companheiros que

Figura 3

GRITA POVO, nº 5, dez. 1982. p. 2

Página 2

Grita Povo

Editorial**Continuar é preciso**

"Grita Povo" nasceu de um sonho grande e uma longa espera. Fruto da exigência imposta pelo avanço do movimento popular e da caminhada das comunidades de nossa Região, ele se faz porta voz do protesto e da esperança de todos quantos ousam construir um amanhã socialista a despeito da selvageria do nosso Regime Político. Já estamos na 6ª edição e não sem sacrifícios e pressões. Estamos pagando o preço de ser imprensa alternativa neste país de vergonhoso monopólio da informação. A Gráfica Metro News se recusou a continuar a imprimir o jornal por causa de sua audácia em colocar o dedo em algumas feridas do Regime. Estamos lutando desesperadamente para sair da crise econômica que atravessamos. Precisamos dobrar a vendagem do jornal sob condição dele continuar a circular. Os cinco jornalistas e demais colaboradores do jornal trabalham gratuitamente, melhor, até gastam do próprio bolso.

Não queremos e nem podemos parar. Acreditamos que o "Grita Povo" tem um papel a cumprir no processo de luta que nosso povo está travando. Ele pretende continuar informando, gritando contra os desmandos, apontando pistas e abrindo horizontes.

Nunca é demais lembrar que este jornal não tem pretensões capitalistas. É uma ferramenta de trabalho. Quer ser o espaço que é negado na grande imprensa ao pensamento, opiniões e experiências populares.

Por isso, amigo leitor, esperamos de você mais do que a mera leitura de suas páginas. Vemos em você um colaborador direto, um divulgador do jornal, um crítico permanente.

Uma coisa podemos garantir: Terminamos o ano de 82 com mais esperança e garra. E mais do que nunca, contando com sua colaboração.

EXPEDIENTE

GRITA POVO — Jornal mensal da Região São Miguel.

Publicação do Centro de Comunicação e Educação Popular Manoel do O'Praça padre Aleixo Monteiro Mafra, 11 São Miguel Paulista

JORNALISTA RESPONSÁVEL: D. Angélico Sândalo Bernardino

COLABORADORES:

Carlos Strabelli
Elizabeth Costa Dantas

Flora

Gilberto Nascimento

José Strabelli

Ralida Herrero

Rosa Alelula

Sara Santos Selles

Valdinet Gomes de Moraes

Diagramação: Jorge Beraldo

Cartuns: João Ceiso e Dulcimira Capisani

Fotografia: Douglas Mansur

Composição, montagem e fotolito: Editora

Letra Ltda. - Rua Artur de Azevedo, 1977 -

fone: 212-5061

Continuaremos caminhando entre lutas e esperanças

Cada vez mais o povo retoma a palavra. E o povo educando povo.

— Como foi a presença da Igreja, na Região de São Miguel, no ano que está terminando? Como vai ser em 1983?

— Temos motivo para agradecer ao bom Deus, por nossa caminhada neste ano! Em fevereiro, a Coordenação do Conselho Regional de Pastoral dizia: "neste ano, fizemos uma OPÇÃO BÁSICA: Comunidades Eclesiais de Base! E, nestas Comunidades, vamos trabalhar, de modo especial, em dois campos: "FORMAÇÃO DE MINISTROS" e aprofundamento sobre "FÉ E POLÍTICA".

Agora, em dezembro, podemos dizer que, apesar de todas as limitações, realizamos o que planejamos.

Nossas Comunidades vão crescendo em número e, sobretudo, na VIDA. Iluminados pelo Evangelho, estamos agarrando a vida pra valer! Vimos isto, na Assembléia das Comunidades no dia 3 de outubro, na Penha! Foi uma beleza! Percebemos este compromisso com a vida, nos Grupos de Rua, na solidariedade manifestada de muitos modos, nas reivindicações que se multiplicam.

"VEZ E VOTO"

Começamos a viver uma "explosão de minist-

térios". Leigos, muitos leigos, estão fazendo nossas Escolas de Ministérios. Fazendo escola no sentido de que a Escola são eles! É povo educando Povo! Na troca de experiências, no aprofundamento da realidade iluminada pela Bíblia, gente do Povo — antes marginalizada na própria Igreja — começa a ter "vez e voto", na vontade firme de servir!

NÃO AO SISTEMA!

Merece destaque também, nosso trabalho de Fé e Política. É claro que optamos por ação séria contra o Sistema capitalista opressor que aí está e seu sustentáculo no campo político: o Partido do Governo. Jamais escondemos isto, mas, nossa ação foi, antes de tudo e sempre, conscientizadora. Não caímos na tentação imediatista de opções partidárias, muito embora tenhamos visto com alegria, o ingresso de muitos de nossos militantes em Partidos Políticos, disputando, inclusive, cargos eletivos.

Fizemos inúmeras reuniões nos Grupos de Rua, seguindo nosso subsídio "ACORDA POVO". Realizamos pic-nics políticos com prévias eleitorais; promovemos conferências, debates com diversos candidatos de vários Partidos. Temos consciência de que avançamos no campo da "FÉ-POLÍTICA"! Aos poucos, vamos compreendendo que, por sermos filhos de um mesmo Pai, temos que nos engajar na luta para que o PAO (casa, terra, trabalho, saúde...) seja de TODOS e não privilégio de POUÇOS!

EM 1983?

E, no próximo ano, como vai ser?

Tudo indica que iremos continuar nossa caminhada no aprofundamento de nossa vida comunitária, dando atenção especial aos GRUPOS DE RUA, aos Conselhos de Pastoral.

Vamos continuar investindo na formação de leigos, nos mais diversificados ministérios.

E, porque a luta continua, vamos fincar pé no trabalho de "FÉ-POLÍTICA", comprometendo-nos, com firmeza, com o problema da TERRA. Não está certo que milhares de irmãos nossos continuem sendo roubados porque estão sem-terra, enquanto esta, abundante, se concentra nas mãos de poucos.

Nesta caminhada toda, dura e cheia de esperança, vamos cantando a certeza de uma amanhã melhor, porque feito de liberdade, fraternidade, justiça e paz!

D. Angélico Sândalo Bernardino

RECADO DO LEITOR**A ÚLTIMA EDIÇÃO**

Quando li a notícia "Esta será a última edição do Grita Povo", fiquei muito preocupado. Deveria o jornal morrer tão cedo? Não teria ainda uma missão a cumprir? Comecei a pensar no assunto.

Existe em nossa região um interesse cada vez maior pelos meios de comunicação e com sacrifício nasceu e continua em gestação este jornal que procura difundir uma ideologia, estando a serviço dos movimentos populares e da nossa região. Portanto um educador a mais entre os educadores. Isto é muito importante, em relação aos instrumentos de divulgação e propaganda que possui hoje a imprensa capitalista e burguesa.

Nosso jornal não pode acabar e deve ir assumindo a função da comunicação direta com o nosso povo, com os compromissos assumidos das comunidades, dos jovens, da saúde, dos universitários, da região — e as demais equipes, colaborando assim com a formação e a organização popular.

O nosso jornal "Grita Povo" veio a luz. Ele não pode e não quer viver fora do tempo. Ele quer estar aqui e agora. O jornal "Grita Povo" precisa viver, para contar ao nosso povo sua história.

Pe. Antônio Francisco Falcone — Itaquera


Figura 4

GRITA POVO, nº 5, dez. 1982. p. 8

Grita Povo

"SOU RITINHA. TENHO 12 ANOS."

"Política pra mim
é vida.
A criança faz
política sem querer"



Dessa vez, o "Grita Povo" deu a palavra às crianças e entrevistou Rita Helena, a mais jovem e ativa militante da Comunidade do Burgo Paulista.

Acompanhando sua mãe, dona Maria, seu irmão Manoel e a cunhada Ana, pois seu pai é falecido, Rita sempre participou das lutas do bairro.

"Nas reuniões eu fui conhecendo o pessoal e vendo as dificuldades de cada um. Eu perguntava pra minha mãe por que acontece isso. Assim fui aprendendo a entender a realidade da vida. Essa foi a minha formação".

Rita, as outras crianças, quero dizer, seus amigos, pensam como você?

Infelizmente as crianças do bairro não participam. Quase todas as minhas colegas têm a mentalidade de "Crys", quero dizer: só pensam em discoteca e namorado".

Você gosta de estudar? Que acha da escola?

Estou na 6ª série e gosto de estudar. Mas a escola ensina que Brasil foi descoberto por Pedro Álvares Cabral. Tai uma mentira.

A escola não ensina que o Brasil já estava descoberto, pois aqui moravam os índios. Mesmo assim eu me interesso pelas aulas de Estudos Sociais. Por isso eu acho que na escola a gente só escreve. Na comunidade é que a gente aprende.

AS BRINCADEIRAS

Para Rita toda criança precisa brincar. Ela gosta de todo tipo de jogo. Brincava de casinha, mas agora brinca de vôlei e hand ball com as crianças do bairro. "Muitas não têm

espaço pra brincar, nem mesmo bola. As vezes fazem um bola de papel".

CRIANÇA PARTICIPA NA POLÍTICA

Rita, que trabalhou até na boca-da-urna explica o que acha das eleições:

"Bem, no Brasil muita gente não enxerga que o PDS, que está no poder, é o culpado da miséria que o povo sofre. A gente deveria votar nos candidatos do povo.

Se as crianças pudessem votar, em que partido você votaria?

— As crianças ainda não podem votar, mas um dia precisaremos votar. Eu votaria no P.T. (Partido dos Trabalhadores).

Você sabe o que é política?

Política pra mim é vida. A criança faz política sem querer. Toda hora. Quando ela reclama. Na escola deveria ter uma aula onde se falasse de política, sobre os partidos e até como vive a criança.

Se você fosse um governador, que faria para acabar com a mortalidade infantil?

A primeira coisa que eu faria era abaixar a inflação. Acabaria com o desemprego; aumentaria os salários; abaixaria o preço das coisas; as ruas seriam asfaltadas e iluminadas; teriam esgoto.

**UM PLANO PARA ACABAR
COM A DOMINAÇÃO**

Rita Helena acredita que os trabalhadores podem participar do governo, mas as comunidades precisam fazer, no seu entender, um enorme trabalho de conscientização.

Ela com o seu jeito adulto de falar diz que os fazendeiros, industriais, banqueiros e o governo fazem as leis só para eles. São os que dominam. Ritinha, como é conhecida na Comunidade, até bolou um plano para acabar com a dominação:

Primeiramente acabaria com o dinheiro. Depois repartiria um pedacinho de terra igual para cada brasileiro produzir o que quisesse. Dai as pessoas teriam que discutir uma forma de trocar as mercadorias. Ela acha que assim todo mundo ia ser mais feliz.

Rita, e a religião, onde fica em tudo isso?

Esta fé que está com a gente é muito forte. Com ela, às vezes, a gente faz coisas que fica pasmada. Depois que passa tudo a gente nem acredita que fez. Quero dizer que é muito importante acreditar em Deus. Numa vida melhor.

APRENDER PARTICIPANDO

O recado de Rita certamente é mais do que um desafio aos pais, professores, catequistas e todos aqueles cuja tarefa é educar as crianças, hoje.

Com elas a gente vai aprendendo uma nova lição. Experimentando a satisfação de descobrir os conhecimentos que elas têm.

Portanto, o principal desafio é despertar nelas um espírito de observação crítica da realidade, através de uma educação libertadora, onde elas possam participar nas lutas da comunidade.

*O Ano de 1982 está no fim.
Conseguimos chegar ao final de mais um ano
sem deixar que a esperança morresse.
Resta-nos ainda um enorme
saldo de coragem
para iniciar 1983.
Fica aqui nossa homenagem agradecida a
todo aquele que transformou a força
de seu braço e a
capacidade de sua mente na*

*riqueza necessária para a vida;
a todo aquele que,
profeticamente,
anunciou a justiça e
defendeu o pobre; e àqueles,
que no anonimato de suas vidas espalharam
ternura e a bondade.
A todos os nossos leitores e amigos
um Natal abençoado e um Ano
de 1983 grávido de esperanças.*

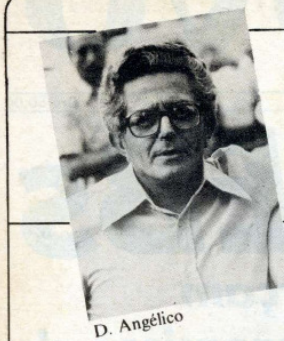
Figura 5

GRITA POVO, nº 11, jul. 1983. p. 2

Página 2

Grita Povo

RECADO DO D. ANGÉLICO



D. Angélico

Um apêlo: o povo precisa se comunicar!

Precisamos participar! Nada de marginalização. É necessário dialogar! Nada de isolamento. É urgente nos comunicarmos pois nos tornamos mais gente, na medida em que nos relacionamos com os outros!

Cada pessoa deve ser um COMUNICADOR! Passar adiante notícias que sacodem, que ajudam, o outro a se realizar na vida! Cada pessoa precisa se tornar um anunciador de experiências que colaboram com a libertação dos outros! Jesus mesmo nos empurra, com sua ordem: "Vão pelo mundo todo, anunciando a Boa Notícia de um mundo de irmãos" (Mt. 28, 19).

Vamos abrir os olhos! Diariamente, a T.V., grandes jornais, revistas, cinema, rádio, propagandas, despejam toneladas de informações sobre a gente, querendo "fazer a cabeça do Povo". Esses grandes meios de comunicação estão nas mãos dos poderosos, dos que exploram o Povo! Com técnica, com arte, eles desviam a atenção de todos, dos problemas graves que esmagam o Povo. É futebol, é sexo pelo sexo, são novelas, é "O Povo na TV", programas humorísticos bobos, é um mar de alienação que vai sendo injetado em nós a conta-gôta. Eles permitem a presença do Povo em seus programas, em suas páginas, para enganar ainda mais a todos nós. Os grandes meios de comunicação não somente não são do Povo, não estão sob controle do Povo, mas são contra os verdadeiros interesses do Povo!

O Povo precisa, portanto, reagir diante desta enxurrada que pretende anestesiá-lo, tapando seus olhos frente aos grandes problemas; que pretende mudar-lhe a cabeça, materializando-a. Para se defender dos grandes meios de comunicação, para ir dando colaboração séria à

construção de sociedade justa e fraterna, o Povo de Deus deve ir CRIANDO seus próprios e pequenos meios de comunicação! É o que está fazendo entre nós, o CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO POPULAR DE SÃO MIGUEL. Precisamos acreditar na força do pequeno organizado contra o grande meio de comunicação opressor e alienador. Pequenos boletins, jornais murais, cartazes, poesias, músicas, teatro popular, pequenos jornais, encontros para discussão de certos programas de rádio, TV., filmes, irão criando, devagar, consciência-crítica em todos nós. A gente irá aprendendo a se defender das mentiras dos grandes meios de comunicação e a criar os próprios meios, os meios populares de comunicação. Para isto estamos precisando acordar! Depois, vamos valorizar aquilo que é nosso como, por exemplo, o jornal GRITA POVO! Nossas pequenas iniciativas parecem insignificantes! Na realidade, quando somados, unidas, serão grande força! (O rio Amazonas, quando nasce, é um rio de nada; quando chega na embocadura, parece um oceano). Há muita gente entendida em comunicação que está convencida de que o jornalismo caseiro, a comunicação feita na comunidade, na vila, no bairro, têm imensa força na construção de maneira nova e crítica de pensar e agir do Povo!

Vamos, pois, construir nossos meios de comunicação a serviço da libertação do Povo. Vamos fazer nosso, de fato, o Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel que, desde seu nascimento, traçou seu próprio destino nestas palavras: ser arma de luta e ferramenta de construção da sociedade nova que todos esperamos!

Agora, por último, estas perguntas para você pensar e discutir com os outros: você é um comunicador? Sua comunidade, seu grupo, tem algum meio de comunicação? Vocês apoiam os pequenos meios de comunicação ou, ainda, não acordaram para o urgente problema de que o Povo precisa se comunicar?

O Centro de Comunicação já está funcionando



Na inauguração do Centro, o "Grita Povo" esteve em debate

Você sabia que a região São Miguel já têm um Centro de Comunicação e Educação Popular?

Ele foi inaugurado de 12 a 15 de maio. Nestes três dias, jornalistas, professores, estudantes, donas de casa e operários participaram de shows, debates e puderam conhecer os projetos de comunicação que o Centro vai desenvolver.

Os projetos são os seguintes: 1) Jornal Grita Povo, 2) Projeto Memória, 3) Projeto Criança, 4) Cadernos Populares, 5) Serigrafia 6) Vídeo-Cassete, 7) Projeto Sol Maior, 8) Audio-Visual, 9) Mimeógrafo além de curso de Jornalismo Popular, Apresentações de Debates e Livraria Popular.

ANOTE O ENDEREÇO E VENHA CONHECER

Praça Pe. Aleixo Monteiro Mafra, 13 (ao lado da Igreja Matriz de São Miguel) telefone: 297-6788.

Agora o nosso povo vai poder participar, divulgar suas lutas, criar seus próprios meios de comunicação. Queremos acertar ou errar com você.

EXPEDIENTE

GRITA POVO — Jornal Mensal da Região de São Miguel. Publicação do Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel. Praça Pe. Aleixo Monteiro Mafra, 13 — São Miguel Paulista.

Jornalista Responsável:
D. Angélico Sândalo Bernardino.

COLABORADORES: Carlos Strabeli, Regina Festa, Elisabete Costa Dantas, Gilberto Nascimento, Helena Segundo, José Strabeli, Luis Alves de Moura, Marcelo Nassif, Railda Herrero, Rosa Aleluia, Valdinete Gomes de Moraes, J. Eduardo Cruz Leão, Raimundo Nóbrega, Eliana B. de Almeida, Diagramação: Jorge Beraldo. Cartuns: Dulcimira Capisani — Miguel. Fotos: Douglas Mansur. Composição, montagem, fotolito e impressão: Cia Editora Jorúés — Rua Artur de Azevedo, 1977. Fone: 212-5061.

RECADO DO LEITOR

O NEGÓCIO DO BEIJO

Pela primeira vez escrevo a este jornal, talvez vou desagradar muita gente; é um fato curioso que acontece na comunidade e eu passo a analisar: é o negócio do beijo; percebo que alguns jovens saúdam ou dão o abraço da Paz à algumas mocinhas com um beijo, ao passo que com as senhoras de idade não acontece o mesmo, e também alguns padres têm esse privilégio ao que os velhos ou talvez um negrão que tem na comunidade se pega na mão bem de longe. Ora gente! Se o próprio D. Paulo pinta por aqui e merece abraços e beijos e os pequeninos — merecem um "oi" gelado, então há igualdade ou não. É só de conversa. Isto reflete as palavras do

Governo que é só falação. "Louva a Deus com os lábios e despreza o irmão como o coração".

Atenção, não estou cobrando nada por interesse, por que meu interesse é pelo Reino que é o do Pai.

Voltando atrás faz-me lembrar Neimar de Barros que certa vez no jornal "O São Paulo" que "antes de pular o muro para ver o que se passa lá fora, vamos ver o que se passa aqui dentro".

Agora vou ficar de campana para ver se a censura deixa esta passar.

Olha gente, com tudo que escrevi, não estou condenado ninguém, apenas estou na dívida. Se falei besteira desculpe-me.

Figura 6

GRITA POVO, nº 11, jul. 1983. p. 4

Página 4

Grita Povo

O que é?

Análise de Conjuntura



Análise de conjuntura não é tão complicado como parece. É simples. Quer dizer: **análise da situação atual.** É aquilo que a gente faz todos os dias na paróquia, nas CEBs, na nossa cidade, quando a gente procura entender o que está acontecendo.

Por que fazemos análise de conjuntura? — A gente faz análise de conjuntura porque quer melhorar a situação. Então tentamos compreender em que ponto estamos e para onde queremos ir. Primeiro a gente procura compreender o que aconteceu no passado. E analisa quais os fatos mais importantes desse passado. Em seguida, a gente tenta compreender o que está acontecendo

nos dias de hoje (com o nosso grupo, na Região, na cidade e no país), ou seja, o que anda acontecendo com o nosso povo. Depois, de entender o passado e o presente, a gente procura definir onde queremos chegar, ou seja, qual deve ser a nossa luta. Claro que não podemos prever o futuro. Afinal, quem sabe o que vai acontecer daqui a dois anos? O que vai acontecer com o movimento das CEBs? A gente não sabe, mas para dar os passos da luta, fazemos um estudo.

Esse estudo, depende de duas coisas:

1. Das informações que a gente tem. Por isso, é muito importante estar bem informado do que acontece.

2. Do conhecimento que temos de como os fatos sociais acontecem. É **muito importante** a vontade de mudar o caminho das coisas. Nada acontece automaticamente. O importante é acreditar que a nossa vontade e a nossa luta pode modificar o jeito que as coisas vão. Então, quando a gente faz análise de conjuntura, precisamos ter claro que: estamos procurando mudar o rumo das coisas; estamos tentando se organizar com outros grupos que também lutam; acreditamos que, com vontade e luta, a gente vai construindo o futuro mais do jeito que a gente quer. E acredita.

(Texto tirado de uma palestra de Plínio Sampaio)

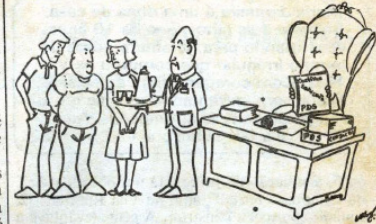
DOM ANGÉLICO, NOSSO PRESIDENTE



Dom Angélico foi eleito Presidente da Comissão Representativa do Regional Sul-1 da CNBB na última Assembléia dos Bispos do Estado de São Paulo realizada em Itaici, de 6 a 9 de junho último.

Como Presidente, Dom Angélico estará representando o pensamento dos Bispos do Estado de São Paulo, além de coordenar a caminhada da Pastoral

Novo Governo: P viola, e por



Não é de hoje que nosso povo vêm brigando por seus direitos junto às autoridades. Nos últimos 20 anos foram enganados e usados por prefeitos e secretários que também tinham alergia ao "cheiro do povo".

A teimosia popular conseguiu muitas vezes arrancar promessas que ficaram nas palavras e, quando muito, no papel... De fato não se podia esperar mais de um governo de coronéis e empresários.

Agora, dizem que mudou. O poder está nas mãos de gente que o povo escolheu. Será, que de fato, mudou alguma coisa? Veja e julgue:

• Uma comissão de 30 moradores do Jardim Planalto e Vila Reis foram até o governador pedir

conjunta das Dioceses que compõem o Regional.

Nosso desejo é que não lhe falte coragem e sabedoria para levar esse importante trabalho para a frente. Força, irmão, estamos com você.

História da Zona Leste - 1

TUDO COMEÇOU EM 1560 QUANDO OS PORTUGUESES E JESUITAS AQUI CHEGARAM PARA FUNDAR A VILA S.P. DE PIRATININGA, HOJE CIDADE DE S.P.



PARA GARANTIR O TRABALHO NA LAVOURA TIVERAM QUE FORMAR INDÍOS: OS PORTUGUESES VINHAM SEM MULHERES, SEM



BRAÇOS FORTES PARA O TRABALHO



OS INDÍOS GUAIANAZES ERAM DA REGIÃO, NÃO SUBMETERAM-SE AO TRABALHO ESCRAVO E DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS DOS PORTUGUESES



OS PORTUGUESES TROUXERAM INDÍOS E BRANCOS DE OUTROS LUGARES PARA EXPLORAÇÃO DO TRABALHO



OS JESUITAS PARA DOMESTICAR OS "REBELDES" USARAM A CATEQUESE, OS QUE NÃO ACEITARAM, ORGANIZARAM-SE



FORMANDO DUAS ALDEIAS: A DE N. S.ª DOS PINHEIROS E DE SÃO MIGUEL (ALDEIA DE URURAI)



A ORGANIZAÇÃO FOI LIDERADA PELO INDIO PIQUERUBI QUE... CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO.



A partir desta edição a Equipe do "Projeto Memória" do Centro de Comunicação, começa contar a verdadeira História da Zona Leste

a reti milha pesso camin Estad CON. de M de pé
• 1 ôni bu Migu tura enche març forar muita lados E gover Santc cionã Cc palav gover Nas p O. conti mud: caçõ

A R selh Ass mai Itaq A ress equi dad segu Equ A 151 tas. algu com apo par dad repr con

Chã ção um são "Pa da nó acc est

Figura 7

GRITA POVO, nº 13, set. 1983. p. 1

GRITA POVO

Jornal Mensal da Região de São Miguel

Ano 2 Setembro de 1983 Nº 13 Cr\$ 60,00

3.000 na caravana da saúde exigiram solução do Secretário



Fotos: Douglas Mansur

Mais de 3 mil pessoas, organizadas nas comissões de bairros, foram à Secretaria de Saúde do Estado para cobrar das autoridades antigas promessas. Detalhes na página 3.

Delegacia do Itaim
tortura e mata
leia página 5
e... cuide-se

**Esperança
e vontade
de ser livre.**
Isto é América Latina
Página 8

VITÓRIA:

Trabalhadores brasileiros já têm Central Única

Nos dias 26, 27 e 28 de agosto passado, 5.265 delegados realizaram em São Paulo o 1º CONCLAT, que tirou a CUT, rompendo assim com quase 50 anos de legislação trabalhista. O que é a CUT?

Leia na página 8.



Figura 8

GRITA POVO, nº 13, set. 1983. p. 6

Página 6

GRITA POVO

As CEBs querem uma nova sociedade

Durante cinco dias, 489 participantes da 5ª Assembléia Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base-CEBs, estiveram reunidos em São Francisco do Canindé, interior do Ceará, de 4 a 8 de julho, para se fortalecerem unidos pela fé de Deus e para discutirem porque esta sociedade é a negação de Deus.

Participaram do encontro agricultores, operários, domésticas, motoristas, mecânicos, peões de obra, funcionários públicos, pescadores, poetas, garimpeiros, músicos, estudantes, além de bispos, assessores, observadores e imprensa.

Da nossa região, participou a dona Marta, do Jacuí. Aqui, ela nos dá o seu testemunho, contado com o coração de quem viu e acredita na caminhada das CEBs.

Eu Vi

Eu vi o povo me dizendo adeus,

Eu vi São Paulo e entre fumaça ficando.

Eu vi a noite indo embora, o dia chegando e o sertão começando,

Eu vi, enquanto o ônibus corria, os olhos espantados do povo que dizia: olha o pé de árvore, como este povo vive aqui?

Eu vi pontes, mas não vi rios,

Eu vi o gado magro ardendo, sacudindo o badalo, pegando um mato aqui e ali,

Eu vi mulheres carregando latas na cabeça, numa triste fila indiana, lá longe no mato, como numa grande procissão.

Eu vi o tempo correndo, o dia passando, a noite chegando e novamente o dia e de novo a noite,

Eu vi alguém dizer estamos chegando no Canindé. A euforia chegou, mas a decepção mais depressa ainda.

Eu vi alguém dizer: meu Deus, quanta gente pobre



na praça. Uma igreja tão rica e tanta gente pobre. Eu vi a Doroti jogar fora os restos de comida, misturada com água e já azêda,

Eu vi o rosto de terror quando ela viu muitas pessoas arrancarem no prato de comida,

Eu vi a Doroti dizer: meu Deus, não comam que está estragada. Não faz mal dona, nós estamos com fome,

Eu vi o choro e a decepção no rosto das pessoas que não sabiam o que fazer com tanta gente no pedindo uns trocados,

Eu vi no abrigo dosromeiros o povo chegando, as mãos se encontrando e o povo todo devagar se conhecendo.

Eu sou do Norte, eu do Leste, eu do Sul e eu do Nordeste!

Eu vi o povo nos grupos se perguntando como vão as CEBs na sua região

A resposta era a mesma do norte ao sul do Brasil. Só opressão de um lado e de outro: o povo morrendo de fome, de sede ou afogado, posseiros expulsos, operário apanhando, bóia-fria sendo escravo, criança sofrendo fome, e prostituição.

Eu vi o segundo dia chegando, os grupos se organizando, o povo todo perguntando como as CEBs estão reagindo,

Eu vi o povo discutindo movimentos populares, sindicatos, partidos políticos e conscientização das comunidades,

Eu vi muita união entre bispos, padres, religiosos e leigos,

Eu vi o terceiro dia e os grupos perguntarem: o que as CEBs podem fazer para mudar a sociedade?

Então, veio a resposta:

— com a união, a participação e a partilha, as celebrações das lutas e não divisão dentro da Igreja. Que as CEBs sejam o espelho vivo da alma do pobre. Que os bispos, padres, religiosos e leigos possam caminhar juntos sem divisão de classes.

Eu vi a celebração da penitência, onde D. Pedro Casaldáliga fez todos ajoelharem-se e pedir perdão uns aos outros,

Eu vi a romaria sair às ruas cantando a caminhada do migrante, o sofrimento do bóia-fria e a ciranda da nova sociedade,

Eu vi a celebração final. Todos na praça da matriz assumiram o compromisso de seguir firme na caminhada,

Eu vi um homem abrir uma gaiola e libertar uma pomba que foi sentar-se no topo da Igreja, Eu vi a tristeza das pessoas na rua, quando a gente passava se despedindo,

Eu vi, minha gente, muita seca, muita gente sofrida, muita gente lutando com unhas e dentes para esta vida

melhorar,

Eu vi a vontade de fazer realizar esta tão sonhada sociedade,

Eu vi muito assessor falar como homem humilde e muito homem humilde falar como assessor.

Eu vi, em quatro dias, o sonho da sociedade nova acontecendo. E estou aqui para contar. Quem quiser saber e só a Marta chamar.

Lugar de mulher é na cozinha?

Enquanto muitas mulheres estão iludidas com as novelas, de cabecinhas fechadas, outras desligaram a televisão e, enfrentando a cara feia dos maridos, decidiram participar.

Dia a dia foram se organizando nos grupos de rua, associações e movimentos de bairro, reivindicando com muita garra, creches, saúde, terra, educação e outros benefícios para a população.

Atualmente, não se pode negar que as mulheres ocupam lugar de destaque nas lutas da nossa região. Com coragem e decisão de lutar, elas saíram da porta pra fora, dispostas a transformar o mundo, combatendo o machismo e a opressão.

Mas, como transmitir essa experiência de vida, quando muita gente ainda acredita que lugar de mulher é na cozinha?

Com a preocupação de tornar conhecida a sabedoria destas mulheres humildes e corajosas, nasceu o PROJETO MULHER. Sua primeira iniciativa será divulgar uma série de artigos no *Grita Povo* baseados em depoimentos de mulheres da nossa região.

Embora a proposta seja dirigida às mulheres, não significa que os homens não possam participar. As reuniões serão abertas e realizadas no Centro de Comunicação.



A morte de Margarida Alves

A queima-roupa, com um tiro na cabeça de espingarda calibre 12, assim mataram Margarida Maria Alves, a presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Alagoa Grande, na Paraíba, dia 12 de agosto passado.

Tudo aconteceu rápido. Eram mais ou menos 6 horas da tarde e Margarida estava na porta de casa, quando estacionou o Opala e dele desceu o pistoleiro. Depois de uma rápida troca de palavras, o assassino sacou a espingarda e atirou. Desfigurada pelo tiro, Margarida caiu morta, enquanto o pistoleiro corria para o carro onde dois capangas o esperavam. Fugiram como um raio.

Para o povo é a história que se repete. Assim morrem, barbaramente assassinados, os mártires como Gringo, Santo, Avelino, Angelo Cretã, pe. João Bosco, Marcelo dos Santos, Dom Oscar Romero. Como muitos. São os que morrem porque têm sede de justiça, porque lutam com o povo.

Margarida Alves tinha 50 anos, um filho de 8. Foi a primeira mulher a ser presidente de um sindicato na Paraíba. Há muito tempo ela vinha recebendo ameaça dos usineiros da região por seu trabalho à frente do sindicato. No dia 1º de maio passado, ela chegou a denunciar as ameaças no ato público, mas não tinha medo de morrer. Continuou lutando até a morte chegar.

Para testemunhar a coragem e o compromisso com seu povo, cerca de 5 mil trabalhadores rurais compareceram ao seu enterro. Vieram de vários estados do Norte e Nordeste representando 25 sindicatos da área.

Margarida, como todos os nossos mártires, continua viva. Ela é a semente boa da nova sociedade que está nascendo. "Se o grão de trigo caído na terra não morrer, fica só. Se morrer, produz muito fruto". Jo. 12,24).

Figura 9

GRITA POVO, nº 13, set. 1983. p. 7

O povo é poeta

A REALIDADE

*Na realidade, quem conhece não confunde
E do que vive, tem bom conhecimento
Vê que as causas dos pobres e vagabundos
São as riquezas injustas dos ricos avarentos
É sem dúvida, a catástrofe que envolve este
mundo
E, é a mesma que o deixa no relento.*

*Na sociedade, os traços da pirâmide
Engrossam através da violência
E vão tornando o povo pobre, que é nômade
Os quais ainda não conhecem a independência
Mas, em suas lutas, a esperança supera a vida
incômoda
Enquanto, dos ricos a ganância; justifica a
inconsciência.*

*Em cada ato violento praticado
Este "poder" acentuado perde um voto
E um protesto de repúdio lhe é dado
Por que ver-se a igualdade esquecida
A felicidade, comerciada é comprada e é
vendida
E só de lucros e misérias, o mundo fica
saturado.*

*Nos assassinatos dos líderes populares
Soa o choro de milhares do povão
Que massificados pelas idéias militares
Transportam o pesado fardo da opressão
(E à luz do EVANGELHO), se organizam
em seus lares
Buscando pistas para a libertação.*

Joaquim Veríssimo Ferreira Filho

Padres do Araguaia: vem aí novo julgamento

Os padres Francisco e Aristides, juntamente com os posseiros de São Geraldo do Araguaia, presos desde agosto de 1981, poderão ter novo julgamento no decorrer de setembro, em data a ser marcada.

RETIRO DOS PADRES: uma parada dinâmica

Foi um encontro internacional. Espanhóis, belgas, franceses, poloneses, irlandeses, italianos e brasileiros, reunidos no Seminário Franciscano de Agudos (interior de S.P.) de 22 a 26 de agosto passado, falando uma só língua e numa mesma busca: uma espiritualidade de libertação.

O Espírito de Deus se fez presente aproximando diferenças e abrindo os corações à partilha. Assim foi o retiro dos Padres e Diáconos.

Uma parada dinâmica, rumo ao ideal maior: o Reino de Deus.

Nasceu outro grupo de Pastoral Operária

Nasceu no dia 8 de agosto passado mais um grupo de Pastoral Operária em nossa região. Após várias discussões dos integrantes da comunidade São Benedito, do Parque Cruzeiro do Sul, setor São Miguel, verificou-se a necessidade de formar um grupo de trabalhadores que, na caminhada, pudesse contribuir para o avanço da luta. Cada grupo que surge renova nossa esperança. Continuem firmes, companheiros. A nossa força é a nossa união.

Daqui e Dali



Sindicalistas contam as experiências de luta de Santarém.

Sindicalistas do Pará, visitam a Região Leste

Camponeses, pescadores, trabalhadores da construção civil e do comércio das cidades de Santarém, Prainha, Óbidos e Monte Alegre, estiveram visitando a nossa Região.

Eram delegados sindicais que estiveram em São Paulo para participar do Congresso da Classe Trabalhadora (Conclat). Mas antes, andaram por toda a região conhecendo ocupações e favelas, problemas de transporte e nosso dia a dia.

Foram dois dias de trocas de experiências entre o campo e a cidade, seguidas de um debate onde se discutiram questões referentes às lutas que cada vez mais nos unem e deixando no final uma pergunta para ser respondida por cada um de nós: PORQUE ESTAMOS NA LUTA?

"Os jovens são a esperança desta comunidade"

Este é o primeiro de uma série de artigos que a Pastoral de Juventude do Setor Ponte Rasa pretende publicar.

O espírito destes artigos é criar uma discussão mais ampla? Baseados em alguns depoimentos, percebemos inicialmente, que são poucos os agentes que vêm na Pastoral de Juventude um canal na caminhada do Setor. Quase ninguém bota fé. Será que é só no nosso Setor?

Mas, a coisa não tá tão "braba" assim. Há os que acreditam. Só que estes vêm a Pastoral de Juventude nas nuvens, isto é, não se comprometem com o trabalho e justificam essa posição com argumentos que não convencem mais nem o bispo. "Os jovens são irresponsáveis, mal-criados, inconstantes". Estas são as coisas mais corriqueiras que se ouve por aí.

Querendo ou não, não se pode negar que os jovens representam um número expressivo no setor, a ser trabalho, pois percebe-se boa vontade e disponibilidade naqueles que estão "aos montes" nas comunidades, tentando se organizar, quebrando a cara. Mas os jovens tem cara dura.

E os agentes de pastoral, será que ainda não perceberam que a Pastoral de Juventude também tem o mesmo valor e objetivos que as outras pastorais? Ou será pré-conceito de trabalho? O debate está aí.

O assassino Santo tem que pagar.



D. Paulo foi à auditoria militar exigir justiça.

No último dia 16 de agosto, na 1ª Auditoria Militar de São Paulo, depois de ter sido adiado várias vezes, realizou-se o julgamento do soldado da Polícia Militar que assassinou o companheiro Santo Dias da Silva durante a greve dos metalúrgicos de 1979.

Alegando que teria que rever o processo, o Juiz Auditor não deu a sentença. O Juri foi composto por cinco pessoas, sendo dois militares e três civis.

O advogado Luiz Eduardo Greenhalg terá que acompanhar na Junta a data em que o resultado deste julgamento será divulgado, pois não haverá a publicação no Diário Oficial, como sempre acontece.

Transcrevemos aqui, trechos de uma carta de D. Pedro Casaldáliga — Bispo de São Felix do Araguaia (MT), enviada em março de 1982 à Companheira Ana Dias da Silva, esposa de Santo, falando sobre o julgamento:

"Sinceramente, não nos fazemos ilusões sobre esse "julgamento final". Quem vai julgar? Com que poderes? A serviço de quem? O réu verdadeiramente autor desse crime é todo um Sistema contra toda uma Classe, não é um simples PM... Nem poderá ser esse um livre e certo julgamento; nem muito menos será, para todos nós, um julgamento final..."

Faça-se o julgamento, sim, e seja o mais limpo possível. Mas sempre será um julgamento parcial e provisório. O julgamento final, além de feito por Aquele que é o único Juiz verdadeiro, será feito do Santo ou do Gringo. Feito no dia a dia. Feito no Dia, que esperamos..."

Festa da Padroeira

A Comunidade de Nossa Senhora do Brasil estará realizando no dia 11 de setembro, às 18 horas, a festa de sua Padroeira.

Nossa Senhora dos Divinos Corações, venerada pelos índios já no século XVIII, no Estado de Pernambuco, é hoje conhecida como N.ª S.ª do Brasil.

Tanto a imagem de Nossa Senhora, quanto a de seu filho Jesus, tem características bem acentuadas de mestiços brasileiros. Este nome foi dado na Itália onde a imagem foi levada em 1928, e se encontra até hoje.

A Comunidade de Vila Brasil — Setor Ponte Rasa — espera a presença de muita gente para esta festa.

Convite do União e Consciência Negra

O Grypo União e Consciência Negra convida a todos, principalmente a seus irmãos de cor, para comparecerem ao seu grande Bailão do dia 17 de setembro, a partir das 22 horas, no Salão da Comunidade do Burgo Paulista. A renda do baile será utilizada para a compra de instrumentos musicais. Traje: preto e branco.

Figura 10

GRITA POVO, nº 17, fev. 1984. p. 4

Página 4 * Um Ato de legítima Defesa Grita Povo

Levando fé na rapaziada

Pastoral da juventude não é preocupação é opção

Eles são muitos. Um milhão trezentos e vinte cinco mil. Todos jovens. Todos querendo espaço para viver e criar. A droga, fliperama, a falta de escola e trabalho assassina seu poder criador. Nossa Igreja reage. Apela. Grita. Convoca. Juventude não é preocupação. É opção clara e definitiva. É mandamento de Deus para cada comunidade, para toda a Região.

A Juventude entre a vida e a morte

A juventude rasga espaços e abre caminhos. Quer viver. Seu desejo de participar na vida da sociedade em todos os níveis demonstra sua imensa potencialidade de transformação. Reage decididamente contra todas as formas de instrumentalização e assume cada vez mais uma posição crítica frente à sociedade e à Igreja.

Esta vitalidade é mais marcante entre os jovens mais pobres que crescem na consciência de que são explorados, assumem uma postura de classe e optam por transformações mais radicais. O futuro da sociedade e da Igreja depende da capacidade de escutar o mundo dos jovens, respeitando sua sensibilidade própria e sendo capaz de articular com eles.

Entretanto, as forças da morte não descansam. Insistem em usar os jovens como mão-de-obra barata, em trancar as portas à sua participação, em frustrar sua possibilidade de estudar e trabalhar, em reprimir violentamente seu desejo de liberdade quando isto coloca em risco a "ordem e o progresso".

A poderosa máquina de comunicação de massa mergulha o jovem na onda consumista, levando-o a fugas através da droga e do erotismo. A educação dada nas escolas estimula o individualismo e a competição. A ganância do Capital força o êxodo rural, e o desemprego empurrando milhares de jovens à prostituição.

Mais do que resistir, é preciso ir ao ataque.

O jovem é a garantia da juventude da Igreja

A Igreja precisa aprender do jovem e deixar-se evangelizar por ele. Ser capaz de romper velhos esquemas, arrebentar cercas e muros tradicionais e não temer a ousadia de querer o Novo.

Esta sensibilidade cresce e o Espírito de Deus rejuvenesce a Igreja. Puebla faz uma opção pela juventude. A Conferência dos Bispos do Brasil a escolhe como destaque pastoral. As Igrejas do Estado de São Paulo, através de seus Bispos, elaboram um importante documento de orientação à Pastoral da Juventude. A Assembléia Regional de Itaipu decide que nos próximos 3 anos a Juventude é prioridade pastoral.

são do que é específico na Pastoral da Juventude; a formação teórica dos militantes ainda é deficiente; há uma insuficiente vivência de uma espiritualidade mais consequente, certa distância entre bases e lideranças; inconstância dos grupos; relacionamento nem sempre adequado entre grupos de jovens e o clero; atendimento deficiente à questão da afetividade e sexualidade.

GRUPOS DE CRISMA: DESAFIO À PAJU

São centenas de jovens e adolescentes que durante todo um ano se preparam para receber o sacramento do Crisma. É um imenso potencial. Deixar que isso corra ao bel prazer de cada comunidade é omissão pastoral. Não perceber nestes grupos uma fecunda sementeira de novos militantes para a Pastoral da Juventude é miopia imperdoável.

NÃO SE FAZ PASTORAL DA JUVENTUDE SEM AGENTES LIBERADOS E RECURSOS SUFICIENTES

O campo de trabalho é inesgotável. A eficácia pastoral exige uma séria reformulação metodológica e organizativa. Há níveis diferentes a serem trabalhados com pedagogia e organização próprias.

- pré-adolescentes
- adolescentes
- jovens em geral
- jovens trabalhadores
- jovens estudantes
- jovens universitários

Para cada um desses níveis são necessários agentes qualificados e recursos. Uma pastoral séria como é exigida para a PAJU não se faz com resto de período integral para a Paju ou eta pastoral estará de muletas o resto da vida.

PAJU EM ASSEMBLÉIA

Nos dias 23, 24 e 25 de março próximos o Tabor de Mogi das Cruzes irá receber todos os Conselhos Setoriais da Pastoral da Juventude para decidir, em Assembléia, os rumos da Paju para 1984.

O objetivo é este: "Partindo da situação e necessidade da Juventude, ir descobrindo formas de trabalho dos conselhos setoriais e regional".

Em preparação a esta Assembléia, os grupos de jovens estão realizando uma pesquisa no meio juvenil para captar suas aspirações e necessidades.

Acompanhe de perto. Fique por dentro.

É HORA DE VIVER ESTA OPÇÃO SOLIDÁRIA PREFERENCIAL E PROFÉTICA

No dia 1º de fevereiro último a Equipe Executiva do Conselho Regional esteve reunida com a Coordenação da PAJU, numa busca honesta de caminhos. Constatou-se inegáveis avanços. Sete dos oito setores da Região têm Conselhos Setoriais de jovens, formados com representação de todos os grupos de base. Alguns setores investem em caminhos novos formando grupos específicos de jovens trabalhadores e jovens estudantes. Praticamente todas as comunidades da Região têm grupos de base, onde os jovens ensaiam os primeiros passos de uma participação eclesial e social mais comprometida. Há muita vitalidade e isto é uma bênção.

VAZIOS E CARÊNCIAS

Há perguntas no ar e necessidades a serem satisfeitas. Um desafio à criatividade. Notou-se certa falta de compreensão.

Mas existem alguns jovens que participam da pastoral e que dão uma "assessoria marrom" (não reconhecida), pois já têm alguma vivência de PAJU.

"DEVE TER ALGUMA COISA ERRADA NA FORMAÇÃO"

"É uma coisa muito séria esta questão da formação. D. Angelico afirma que estamos dando apenas um mobil da fé. Veja: de repente você tem um grupo de base e leva a coisa mais simples para ele mas se esquece de acompanhar o pessoal de linha de frente. E aí não aparece ninguém nestas linhas de frente. Não estamos criando novas lideranças".

ENTREVISTA

Ismael, membro da Coordenação da PAJU.

Em entrevista ao Grita Povo Ismael afirmou:

"PASTORAL DA JUVENTUDE NÃO É GRUPO FECHADO"

"Em Itaipu, fomos colhidos de surpresa. A maneira como alguns representantes da Paju defenderam as propostas no plenário, deixou a impressão de que somos um grupo fechado e auto-suficiente. A infelicidade de certas colocações nos deixaram um tanto perdidos. Não era por ali que a gente queria mostrar uma proposta melhor. Acho que estamos conseguindo provar que a coisa não é bem esta. Estamos vivendo um momento de grande abertura, inclusive com os padres".

"ACHO QUE HÁ UMA DIVISÃO DENTRO DO CONSELHO REGIONAL DA PAJU"

"Há duas linhas de pensamento, mas acho que se está caminhando para um ideal comum. Em todo lugar em que se abre um debate para colocar suas idéias, existem posições antagônicas que ajudam bastante a gente e o crescimento se dá através disto".

"OPTAR SOMENTE PELO 'MEIO ESPECÍFICO' É DECRETAR O FIM DA PAJU"

"O trabalho com jovens do meio específico (estudantes, trabalhadores) é apenas uma das opções da Paju. Mas temos muitos grupos de base por aí. A partir do momento em que se tiver somente o trabalho com 'meio específico' está decretado o fim da Paju. Temos que dar igual importância para o meio específico e grupos de base".

"Nossos grupos querem celebrar a fé de maneira diferente"

"A espiritualidade militante tem sido uma preocupação muito séria. Os setores estão criando celebrações. Celebrando a partir das lutas. Também se vê cursos de formação, estudando o documento do Regional Sul I (Alguns princípios e Diretrizes para a P. da Juventude) tentando celebrar de uma maneira diferente, mais nossa, não tanto dentro de esquemas".

"Assessoria marrom atua na Paju"

"Um dia convidei um padre amigo para ser assessor da Paju e ele disse que não iria porque tem muitas reuniões".

Figura 11

GRITA POVO, nº 17, fev. 1984. p. 6



Ninguém mais segura a gente.

SAIAM DA FRENTE, NOSSO POVO QUER VIVER

O homem é da terra. É gente quando tem chão.
O direito ao lote e à casa construída com suor e sangue é sagrado.
Não arreda pé. Luta teimosamente.
Negro é bonito. Trabalhador. Inteligente. É gente.
Cor não é atestado de dignidade. É beleza criativa de Deus. Negro é irmão.
A enchente é sempre criminosa. Mata e destrói. Só não mata quem devia morrer.
Os que permitem que isso aconteça.
O trombadinha precisa trombar um dia com escola,
carinho, família, comida, direito de crescer.
Por isso nossa Região se compromete a ser voz,
gana e raça na luta contra a exploração do nosso povo.

Lutas populares e participação política

No momento em que optamos por trabalhar pela população explorada, é necessário refletir o que significa ver essa mesma população se organizando e a nossa participação nessa organização.

São as más condições de vida que levam, normalmente, as pessoas lutarem para que essa situação seja alterada. E o governo para evitar o nosso fortalecimento, entra com a repressão.

A gente pode distinguir em dois níveis a organização de um movimento popular:

— num primeiro momento, as pessoas lutam por uma solução imediata de seus problemas, como emprego, moradia, saúde, etc., e como denúncia pública dessa situação de miséria;

— já num segundo momento, as reivindicações passam a ter um caráter político, quer dizer, não só se reivindica alguma coisa, mas também se exige uma participação maior nas decisões que dizem respeito àquelas reivindicações. É



A luta de reivindicação leva a uma participação política.

nesse momento que se percebe que se a gente vive nessa situação de miséria não é porque Deus quer, como muitos dizem, mas porque temos um governo que não se preocupa com as pessoas menos favorecidas, permitindo a existência da fome, favelas, desemprego e tantos outros males mais.

E agora eu pergunto: é cristão ficar calado num mundo que permite que algumas pessoas fiquem cada dia mais ricas com o trabalho de outras, que ficam com fome?

Movimentos populares estão de volta

Para os movimentos populares, o ano de 1983 foi bastante cansativo. Pudera; afinal, lutar contra um governo que pouco se importa com a gente, não é fácil. Por isso, iniciamos 84 dispostos a recomeçar um trabalho pelo qual todos nós somos responsáveis: conquistar nossos direitos de comer, morar e trabalhar.

Saúde: encontro no dia 18

No dia 18 de fevereiro, durante a tarde toda, a coordenação do movimento de saúde terá sua primeira reunião. Será no CIFA, Itaquera.

A importância desse primeiro encontro é que vai ser discutido como o movimento vai trabalhar durante o ano todo. Quer dizer, será estudado o plano de luta para este ano que já caminha rápido.

E tudo isso começa com uma boa notícia: vão ser construídos na região de

Itaquera-Guaianazes, em lugar ainda não definido, dois hospitais, com 200 leitos cada, e 115 postos de saúde. Finalmente, a Secretaria da Saúde resolveu atender a antiga reivindicação do movimento.

Coordenação única para o movimento de creche

Depois de um longo tempo de trabalho separado, parece que os movimentos de creches dos nossos bairros vão trabalhar juntos. O que se pretende, segundo o pessoal do Itaim e de São Miguel, é a criação de uma coordenação única, o que uniria todos os trabalhos isolados.

E isso vai ser tratado no dia 19 de fevereiro numa reunião de planejamento de todo o movimento. A partir de hoje se lutará também pela participação na administração das creches, seja ajudando na escolha da diretora, seja tirando-a, quando ela não estiver trabalhando bem.

Pra quando a chuva chegar



O dilúvio de todos os anos é culpa da prefeitura.

No ano passado, na época do carnaval, a nossa região foi arrasada por uma grande enchente. As ruas se transformaram em rios, casas desabaram e muita gente perdeu tudo o que tinha. Muitos pensaram que eram um segundo dilúvio que Deus mandava. Só que daquela vez ele não avisou antes e não deu tempo pra ninguém construir uma outra arca.

Deus pode ser o responsável pelas chuvas, mas as enchentes, o homem pode evitá-las. O movimento das enchentes sabe muito bem disso e portanto não arreda o pé e continua cutucando as autoridades para que se resolva esse problema.

E enquanto as chuvas não vêm, o movimento realiza reuniões, organiza a

população e passa pelas vilas mostrando as causas das enchentes. As causas são muitas: córregos, pontes estreitas da Rede Ferroviária Federal, construções em locais impróprios, etc.

As pessoas afetadas pelas inundações, além de perderem os seus bens, ainda correm o risco de pegar uma doença, como tifo, micose, hepatite e a leptospirose, a pior delas e que é transmitida pela urina dos ratos.

A solução definitiva para o problema das enchentes ainda está longe, mas o movimento já está discutindo um plano de emergência que pelo menos diminua os efeitos mais prejudiciais. Nesse plano, constam reivindicações que a Administração Regional tem condições de atender, e inclui principalmente a limpeza de córregos, transferência de famílias para lugar seguro, distribuição gratuita de cloro, remédios, materiais de limpeza e a eliminação dos ratos, que são os causadores de doenças.

Agora, o movimento pretende se fortalecer junto à região, pois muita gente só se lembra da enchente quando ela acontece. Além da região, é importante também que toda a cidade se articule para que se ponha um ponto final nesse aguiaceiro que atinge a população todos os anos, porque uma coisa é certa: as chuvas vão continuar a cair.

Para 84, construção e participação nas creches

"Me parece que o governo Montoro ainda muito devagar. Até agora, a gente só ouviu promessas". Certamente, poucos ainda não ouviram essas reclamações. Mas o Sr. Roberto Pereira, assessor de Marta Godinho, da FABES (Secretaria da Família e do Bem Estar Social) e algumas supervisoras de creche tiveram que engolir, mais uma vez, essas mesmas queixas.

E não é pra menos, pois no último dia 5 de fevereiro nenhuma resposta concreta foi dada às reivindicações encaminhadas à FABES pelo Movimento de Creche. Está tudo em estudo. Os itens são os seguintes:

— **Creches diretas:** segundo o assessor, a partir de março serão construídas 20 creches diretas na Zona Leste. O movimento não aceita creches indiretas ou conveniadas;

— **Funcionários:** o atendimento nas

creches continua péssimo com quadro de funcionários incompletos e mal preparados;

— **Administração:** o movimento vai continuar lutando para criar comissões nos bairros onde ainda não existem e organizar conselhos para que a população possa participar na direção e administração das creches;

— **Alimentação:** foi denunciado que a alimentação já vem deteriorada. Um morador do Itaim disse que uma pedra, e um pedaço de vidro foram encontrados num pacote de bolachas. Diante disso, o Sr. Roberto propôs que o movimento convoque uma reunião com os técnicos da FABES para apurar o assunto.

E se essas reivindicações não forem mesmo totalmente atendidas, fica a pergunta em nossa cabeça: "Pra onde vão nossos impostos?"

Figura 12

GRITA POVO, nº 19, abr. 1984. p. 2

Página 2

Um Ato de Legítima Defesa

Grita Povo

Recado de D. Angélico

A Região Leste 3 vem aí!

Dom Paulo Evaristo gosta de repetir a frase que o papa Paulo VI lhe disse quando conversavam sobre a necessidade de mais bispos para São Paulo: "O Povo tem direito de ter o Bispo, dedicado pastor, junto de si".

Aqui está um motivo sério para o aparecimento de mais uma Região Episcopal em nossa Leste! Crescemos muito nesses últimos anos!

Depois, é hora de aparecer nova Região para melhor coordenação, organicidade de nossos trabalhos pastorais! Eis outro

motivo para a criação de nova Região.

Leste 3 ou Região Episcopal da Penha será constituída por 4 (quatro) dos 8 (oito) Setores da Região de São Miguel: Cangaiaba, Vila Esperança, Artur Alvim e Ponte Raza: Excessões: paróquia da Cidade A. E Carvalho ficará pertencendo a São Miguel; assim como algumas comunidades do Setor Itaquera (conjuntos habitacionais Padre José de Anchieta e Nóbrega, Santa Maria, Vila Arise) — integração a Região Penha. Em breve, publicaremos mapa indi-



cando os limites precisos da nova Região!

Muitos me perguntam: quando surgirá, oficialmente, a Região da Penha? — Não temos data exata para que isto aconteça, pois

a nomeação do bispo vem de Roma e o Colégio Episcopal de São Paulo condicionou a criação da nova Região à nomeação de seu Bispo. Dom Paulo Evaristo já mandou para Roma dados populacionais, limites da

Região da Penha e sugestões de nomes para seu Bispo. Estamos, agora, aguardando a resposta que poderá aparecer já ou daqui alguns meses! Agora, mais do que antes, com ânimo renovado, precisamos ir dando resposta evangélica à sofrida realidade de nossa Região, em breve, Regiões!

Além de tantos vínculos que nos unem e continuarão a nos conservar UMA, apesar de DUAS, unidos a Cristo, nosso Libertador, vamos nos organizando melhor, em ações concretas, para que na VIA SACRA da vida, possamos estar firmemente com-

prometidos:

— com os TRABALHADORES, para que tenham vida!

— com os JOVENS das classes populares, para que tenham vida!

— com as MULHERES, para que tenham vida!

— com o POVO mais explorado (dando destaque especial aos MENORES, aos NEGROS), para que tenham vida!

Que a Senhora da Penha e São Miguel nos ajudem nesta caminhada que é feita de esperança e que pretende construir uma sociedade justa e fraterna, onde todos possamos ter VIDA, VIDA EM PLENTUDE!

Recado do leitor

A INSEGURANÇA PÚBLICA DE TODOS OS DIAS

Enquanto as chamadas consumiam o prédio da HOECHST, uma empresa multinacional do ramo farmacêutico, situado na Av. Marechal Tito, em S. Miguel Paulista, muitas viaturas de polícia chegavam ao local, mais viaturas da polícia do que do Corpo de Bombeiros (Mas, polícia apaga fogo?). Pelo que se sabe não havia perigo imediato de vida, pois ninguém estava no prédio. A polícia oube o mister de afastar as pessoas que se aglomeravam na via pública, para permitir a passagem dos bombeiros e facilitar-lhes o trabalho. Tratava-se de pessoas comuns, em dia de folga já que era domingo, que foram atraídas pela curiosidade de acompanhar o trabalho dos bombeiros. Ao invés de fazer uso de um megafone ou similar, para pedir civilizadamente que as pessoas que desobedeceram a via pública a fim de possibilitar o trabalho dos bombeiros, os policiais

usaram do único meio que conhecem para, aos socos e pontapés, jogarem as pessoas para cima das calçadas. Muitos, enforcados, reagiram e foram ainda mais agredidos pelos policiais, outros correm sobre as calçadas. Seria difícil afastar todas as pessoas por essa forma e temendo do povo uma reação em massa, os policiais resolveram jogar as suas viaturas contra a multidão.

Os que tiveram tempo saíram da frente; um senhor de meia-idade, não rápido o bastante, foi violentamente atropelado por uma viatura. Seria mais um crime fadado à impunidade? Um incidente que poderia ter ficado restrito a danos patrimoniais para uma empresa multinacional poderosa, que pouco sentiria a perda, acabou se transformando numa catástrofe, com pessoas fisicamente feridas e moralmente violentadas em sua dignidade de cidadãos, por culpa exclusiva dos dignos representantes da Secretaria da Segurança Pública.

Quando esses policiais se

conscientizarem de que têm a função de proteger e respeitar a população e o dever de não tratá-la como a perversos marginais? Quando nós poderemos nos sentir seguros com a presença de policiais ao invés de sentirnos medo? Se o fogo estivesse devorando casebres de madeira de uma favela, a exemplo da catástrofe de Cubatão, teriam os policiais agido com a mesma energia?

Será que com a mudança do Secretário da Segurança Pública, o terceiro em apenas um ano de Governo Montoro, haverá alguma perspectiva de mudança?

Por causas dessas atitudes imprevidentes, arbitrarias e autoritárias, tão comuns à polícia paulista, pessoas inocentes são todos os dias agredidas fisicamente e moralmente, baleadas e mortas. Não será a grande responsável por todos esses desmandos a filosofia orientadora da Secretaria da Segurança Pública, que investe aos seus policiais de superpoderes, acobertando os seus abusos e lhes dando impunidade?

Edson Ferreira da Silva

O feitiço vai virar contra o feiticeiro

Os feiticeiros de hoje já não se vestem com roupas pretas e longas, já não usam chapéus de bico, abandonaram as barbas brancas e não mostram suas unhas encurvadas. Em seus caldeirões de poções mágicas já não se misturam mais asas de morcego, barrigadas de escorpião, nem dentes de dragões. Suas palavras mágicas já não têm nada de Abra-ca-dabras.

Os feiticeiros de hoje trocaram as cavernas secretas e os castelos assombrados por sofisticados prédios de muitos andares e altíssimas antenas de rádio e TV. Substituíram seus caldeirões ferrentes por complicados aparelhos eletrônicos; seus abra-ca-dabras por Plim! Plim!; seus venenos em maçãs saborosas por mensagens escritas e faladas; suas princesas e brancas de neve por trabalhadores, jovens, donas de casa e crianças.

Os feiticeiros de hoje já não viajam em vassouras voadoras, mas entram em nossas casas por ondas curtas, médias e de frequência modulada. Seus nomes são simples e simpáticos, nada têm de misté-

rios. Há quem tenha a vontade de dar seus nomes aos próprios filhos: Silvio Santos da Silva, Afanázio Jazade da Costa, Flávio Cavalcante Pereira, Gil Gomes do Nascimento...

Mas, em uma coisa, os feiticeiros de ontem e de hoje se parecem: Enfeitiçam com eficácia e conseguem transformar-se em quase-deuses. Todos cobriam seus baus da felicidade, todos investem em suas poupanças milagrosas, se enfeitam com seus cosméticos e se sentem cidadãos de uma rede global.

Mas, ontem como hoje, há quem luta contra os feiticeiros tentando quebrar o encanto e destruir o feitiço. Só que os heróis de hoje já não têm espadas encantadas, cavalos alados e poderes sobrenaturais. Acreditam na força da verdade que corre de boca em boca, escrita em milhares de folhetos, convites, pequenos jornais. Apostam no poder da voz popular, traduzida no linguagem dos subdícios, no bate papo dos grupos de rua, nos cartazes e faixas que desfilam em suas procissões e passeatas. Aprendem e

ensinam a ver a beleza dos astros e estrelas das novelas da vida real, vestidos de macacões e aventais; a gostar das melodias que saem de suas violas; a bailar no ritmo de seus pandeiros e sanfonas.

Contra o feitiço da comunicação de massa, criam a força libertadora da comunicação popular.

Nosso Centro de Comunicação quer ser escola desta guerrilha contra os feiticeiros da comunicação oficial. Colocamos à sua disposição as nossas armas estratégicas: Jornal Grita Povo, departamento de documentação, projeto vídeo-cassete, cadernos populares, projeto criança, serigrafia, mimeógrafo e off-set, áudio-visuais, cursos de capacitação, assessoria em comunicação.

Somos um time de 43 voluntários dispostos a ensinar o que aprendemos. E convidamos vocês a virem apagar a velinha do bolo do nosso primeiro aniversário de luta contra o feitiço da comunicação de massa.

Aguardem a programação.

EXPEDIENTE

Grita Povo — Jornal Mensal da Região de São Miguel — Publicação do Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel — Praça Padre Aleixo Monteiro Mafrá, 13 — São Miguel Paulista — Telefone: 297-6388.

Jornalista Responsável: Angélico Sândalo Bernardino

COLABORADORES

Carlos Strabeli, Elisabete Costa, Gilberto Nascimento, Valdinete Moraes, Marcelo Nassif, Luis Moura, Eduardo Leão, Regina Vilela, Celina, Joãozinho, Lourival.

Fotos: Douglas Mansur e Robson Martins, Diagramação: Jorge Beraldo — Desenhos: Miguel P.A.

Composição, Montagem, Fotolito e Impressão: Cia. Editora Jorúes — Rua Artur de Azevedo, 1977 — Telefone: 815-4999.

Figura 13

GRITA POVO, nº 19, abr. 1984. p. 5

Grita Povo Um Ato de Legítima Defesa Página 5

MULHER

Criando sua própria história

Durante muito tempo às mulheres foi negada a educação, e portanto, certo poder: o do conhecimento. Já em 1789 algumas mulheres reclamaram uma melhor educação para não serem totalmente dependentes dos homens. Mais tarde, as mulheres aprenderam a ler, porém a diferença entre elas e os homens continua sendo enorme e o número de analfabetos no mundo aumentou em 40 milhões, entre as mulheres, e 8 milhões, entre os homens.

Acaso a mulher é sujeito de cultura? É capaz de criar? Sem dúvida, no passado, as mulheres escreveram e pintaram, hoje também. E, sem dúvida, a máquina que dá a conhecer os criadores é essencialmente masculina (críticos, meios de comunicação de massa, editores, publicitários). Sendo assim, a história das criadoras tem sido ocultada.



Alfabetização e a luta popular

As comunidades, grupos e movimentos populares começam a criar seus programas de alfabetização como parte de um trabalho muito mais amplo e libertador de **educação popular**. Por outro lado, nas experiências mais tradicionais de alfabetização, o método sempre foi imposto de cima para baixo, através dos programas oficiais. Na verdade, depois de 1964, os movimentos populares foram re-

primidos no Brasil. E, mais ainda depois de 1968, o governo criou o MOBRAL — Movimento Brasileiro de Alfabetização.

O Mobral é criação deste tempo. O seu trabalho foi exatamente o contrário dos sonhos e métodos de Paulo Freire. Visando uma transformação social, hoje em dia, os educadores procuram recuperar esse método criado há vinte anos, pelo educador pernambucano. Assim,

de 23 a 25 de março, 30 pessoas participaram de um Curso de Treinamento — Método Paulo Freire, coordenado por uma equipe do Sedes Sapientiae que, há vários anos, se dedica ao trabalho de **educação popular** nas comunidades da região. Compõem a equipe: Yolanda Setúbal, Joana A Coutinho, Aparicida Rodrigues e Angela Santos.

Além de agentes de diversas pastorais, mi-

litantes e monitores de alfabetização, que já atuam, entre os participantes estava dona **Maria do Carmo**, 42 anos, casada, três filhas e que mora na Vila Suíça, perto da Ponte Rasa, onde os grupos de alfabetização já funcionam há três anos.

A presença de dona Maria do Carmo enriqueceu as experiências trocadas entre os participantes, durante o encontro, transmitindo sabedo-



ria, através de seu **testemunho de vida**.

Dona Maria do Carmo resolveu participar do curso, pois pretende formar um grupo de alfabetização no seu bairro. Ela conta para os leitores do Grita Povo a importância deste trabalho e como sua vida se transformou depois que aprendeu a **ler e escrever**.

Alfabetizar visando uma transformação social

A participação da mulher na vida e na educação

A mulher tem tido uma grande participação na vida brasileira e até na vida política deste país. A professora Célia Maria é casada e tem dois filhos. Trabalha na E.P.G. "Antonio da Pádua Vieira", no Jardim das Oliveiras. Isto tudo não a impede de participar da sociedade de qual faz parte. Para ela a mulher enquanto profissional enfrenta os mesmos problemas que o homem: baixos salários, convênios médicos hospitalares que deixam muito a desejar. Como profissional a mulher se vê obrigada a número de aulas cada vez maior restando-lhe cada vez menos tempo para se dedicar aos filhos e ao lar.

Continuando o depoimento, Célia Maria afirma que é importantíssimo a participação da mulher no trabalho fora do lar já é marcante e portanto sua presença se faz necessária em todas as decisões e reivindicações. A mulher de uma forma ou de outra sempre contribuiu com os homens nas suas lutas sociais. A diferença marcante é que hoje mais livre e politizada ela o faz de maneira direta e lutando em nível de igualdade.

A seu ver, o magistério precisa de mudanças urgentes. Sabe-se que o índice de repetência nas escolas é alarmante, assim como é assustador a desistência nas séries iniciais do 1.º

Grau. Isso significa que o ensino não está acompanhando a realidade da grande maioria da população. O ensino tem sido preparado para uma criança rica: uma criança que tenha boa alimentação; moradia decente e condições de higiene e saúde.

O principal avanço do magistério está na tomada de consciência do professor em lutar pela sua causa. A medida que o professor convencer-se de seu importante papel na sociedade, não haverá nada que possa deter o magistério na recuperação de sua dignidade profissional. A mulher tem desempenhado um grande papel.

"Agora eu vejo o mundo com clareza"

"Me sentia frustrada por ser analfabeta. Sentia a dificuldade das minhas filhas, que iam precisar sempre da minha orientação. Ser analfabeta é como viver entre quatro paredes, gente tem medo de conversar e aparecer na sociedade.

Por causa da repressão que existe no Mobral, no começo eu fiquei com medo de participar do Grupo de Alfabetização da Comunidade. Mas logo eu mudei de opinião, porque neste grupo não encontrei professores. Encontrei amigas. Tive liberdade total. Não era mais: "Você tem que fazer isso!" — de professor para aluna, mas sim, **de amiga para amiga**.

A Maria Campos e a Cidinha tiraram esse tempo delas para me dar um pouco do que elas tinham. Agora eu sei ler e escrever. Então, quero retribuir o trabalho delas, transmitindo o que eu sei para os meus companheiros. Eu ainda gostaria de ter mais tempo disponível para participar em muitas atividades da comunidade. Atualmente eu participo nos grupos de rua e grupo de mães. E, no grupo de Reforço (Alfabetização) eu incentivo meus companheiros a vencerem o cansaço. Vamos em frente! Eu cheguei lá e vocês também vão chegar! Mesmo assim, muitos desistem por cansaço e desânimo.

Esse treinamento foi muito importante para mim. Conheci novos companheiros e aprendi com as idéias e a humildade do grupo. Sabe, antes eu me sentia deprimida. Agora eu me sinto uma mulher segura de mim mesma. Agora eu tenho mais visão do mundo. Eu tenho certeza daquilo que estou fazendo. Antes eu vivia na escuridão. **Agora eu vejo o mundo com clareza.**"

Figura 14

GRITA POVO, nº 19, abr. 1984. p. 8

Página 8 Um Ato de Legítima Defesa Grita Povo

Uma Rádio Que é do Povo

Atenção senhoras, senhores e todos os nossos leitores. Acaba de entrar no ar a primeira rádio popular de nossa região. São quatro alto-falantes na torre da Igreja da Vila Nossa Senhora Aparecida, construída pelo próprio pessoal que mora lá, que atinge 90% da população.

Tudo começou com um grupo de alfabetização que se transformou numa equipe de comunicação. O primeiro trabalho realizado foi a rádio, criada para ajudar o pessoal nas lutas populares existentes na vila: água, lixo e outras, como diz o Carlos, um dos membros da equipe de comunicação. Só que o grupo não pretende parar por aí

não. Está no plano da equipe a produção, também, de boletins, jornal-mural e folhetos.

O microfone é do povo

Dona Lurdes é uma das moradores mais antigas do lugar. De vez em quando o microfone dos alto-falantes da vila é dela. Só que desta vez ela falou foi ao Grita Povo: "O importante é que a rádio é nossa, dos moradores aqui da vila. Existe muita sabotagem nessas rádios grandes que a gente ouve. Eles acham que o povo não existe, que estamos fora do ar; mas não, nós existimos e estamos no ar. Precisamos gritar nesse microfone".

Para o Paulo, que também participa da equipe de comunicação, "o importante dessa rádio é que a maioria do pessoal da vila tem vontade de participar, mas eles acham que não sabem nada. Com a rádio, a gente os chama para participar".

Mas o serviço de alto-falantes também é, além de outras coisas, para ajudar as pessoas, como diz a Zilda, outra moradora da vila. "Outras rádios não vão dar importância para os problemas de uma favela. A nossa poderia ajudar na organização, porque surgindo problemas, a gente falaria pela rádio. Também, se um vizinho estiver doente e a gente não puder ajudar, a rádio

seria útil para chamar outras pessoas".

Como funciona

Como o Carlos, da equipe de comunicação, conta, todos os dias uma pessoa recorta as principais notícias de um jornal. No sábado, as mais importantes são lidas e comentadas por um morador. Tudo com muita música.

E por falar em música, nos dias 28, 29 de abril e 1º de maio (dia do trabalhador), vai haver um festival de música para inaugurar essa rádio e o povo de uma favela de 13 mil habitantes vai tomar conta dos microfones e, finalmente, ter voz. Tudo muito pequeno, como dizem eles, mas feito com muita força e fé.



Um serviço de alto-falantes onde o povo terá voz

Luta por creches, grandes avanços

Quando um movimento cresce e ganha força, fica difícil as autoridades fazerem de conta que não estão vendo nada. O governo é obrigado a lhe dar atenção e pelo menos conversar com os representantes desse movimento.

Esse é o caso do movimento de luta por creches, que se reuniu no dia 25 de março com os representantes da FABES (Secretaria da Família e do Bem Estar Social) para exigir e participar nas decisões sobre as creches da região.

Nesta reunião foram colocados problemas relativos à merenda, saúde, quadro de funcionários e à construção das creches. As promessas foram muitas, como por exemplo, quanto aos funcionários, os técnicos da FABES disseram que estava sendo feito um estudo completo sobre as funções e quantidade de empregados dentro de cada creche.

Os participantes do movimento levantaram problemas como a não admissão de funcionários aprovados em concursos feitos há muito tempo. No caso da merenda houve o compromisso de descentralizar a compra dos alimentos perecíveis, até então feita pela FABES Central e depois enviados para as diversas creches, que nesse caminho, acabam se estragando.

A Cida participante do movimento de creche, destacou como avanço o fato de todas as creches da região serem DIRETAS, ou seja, de responsabilidade direta do governo, sem intermediário. Disse ainda, que "essa nova administração da FABES, dá atenção ao movimento, mas é necessário que todos estejam firmes, pois precisamos atingir mais pessoas para garantir o atendimento das reivindicações".

CEMI Informa:

O Centro de comunicação de São Miguel coloca à sua disposição:

1. AUDIO-VISUAIS

* **A Nova Nicarágua:** sobre a situação da Nicarágua pós Revolução.

* **Chega de Enchente, queremos ser gente:** analisa a situação das enchentes em São Miguel e apresenta propostas de luta a médio e longo prazo.

* **Povo Líder:** mostra como acontece na prática a organi-

zação popular para lutar por melhorias.

* **As onças e os gatos:** através de uma fábula mostra como surgiu na sociedade as classes sociais e analisa os conflitos de classe.

* **A história da Riqueza do Homem:** apresenta pedagogicamente a evolução das diversas fases da história da humanidade, da acumulação dos bens, e do conflito das classes.

* **Ronda Alta:** Conta a luta, resistência, e

organização do pessoal de Ronda Alta num sério conflito de terra.

* **América Latina: Desafio à Igreja de Jesus Cristo:** Analisa a situação sócio-econômica e política da América latina em slides formidáveis.

2. VIDEO CASSETE

* Temos vários filmes gravados, excelentes para debates em grupos.

* Documentários. **E MUITO MAIS...** Entre em contato com a gente.

NOME _____	
ENDEREÇO _____	Nº _____
CASA/APTO _____	BAIRRO/VILA _____
CEP _____	CIDADE _____ ESTADO _____

Leia, Divulgue e Assine o GRITA POVO

COMECE B4 BEM INFORMADO:

Estou enviando cheque nominal para Região Episcopal Leste II, no valor de **Cr\$ 1.000,00 (6 meses)**.

Correspondência: Praça Pe. Aleixo Monteiro Mafra, 13 — 08.000. — São Miguel Paulista — SP.

Figura 15

GRITA POVO, nº 22, jul. 1984. p. 6

página 6 um ato de legítima defesa Grita Povo



Ninguém mais segura a gente

No dia 08 de julho, os moradores do Bairro dos Pimentas e o Movimento de Terras de São Miguel realizaram um ato público para denunciar a situação dos posseiros daquele bairro, constantemente ameaçados por grileiros, bem como para exigir providências das autoridades quanto à apuração dos fatos em relação à morte de dois líderes do Movimento dos Posseiros do Pimentas (Antônio e Paulo). Neste sentido o Procurador Geral da Justiça, atendendo um requerimento de vereadores do PT de Guarulhos, nomeou um

Novos passos para defesa da terra

promotor para acompanhar o inquérito aberto para investigar as mortes, o que representa maior garantia de que os fatos serão apurados.

Compareceram ao ato, para manifestar apoio à luta dos moradores, a Oposição Metalúrgica de Guarulhos, o PT de Guarulhos, a Comunidade e Associação dos Moradores do Jardim Normândia (vizinha à área dos posseiros do Bairro dos Pimentas), e integrantes do extinto Centro de Defesa dos Direitos Humanos de São Miguel.

O ato foi encerrado com a proposta de um novo encontro, desta vez promovido em conjunto pelos posseiros do Pimentas e pela Comunidade e Associação dos Moradores do Normândia, já que este bairro também vive problemas de terra e a luta deve ser comum.

Encerramento da Semana da Terra
O Movimento de Terra de São Miguel se reuniu, no último dia 15, às 15 horas, na Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, para encerramento da Semana da Terra. Entre os vários assuntos tratados, o Movimento assumiu dar novos passos para defender a terra onde moramos.

Inconformados com a lentidão das autoridades, representantes do Movimento irão, no dia 01 de agosto, à Assembleia Legislativa e à Prefeitura Municipal, reivindicar, mais uma vez, a legitimação de posse para os milhares de moradores da área, sobre a qual recai a Ação Discriminatória.
(Movimento de Terra — Região São Miguel)

Como pagar menos nos alimentos

Você já pensou na possibilidade de comprar alimentos pagando 21% mais barato que nas vendas e supermercados? Pois foi isso que 840 famílias da nossa região conseguiram no mês passado participando das Compras Comunitárias.

Roberto, um dos participantes, conta como funciona. "Primeiro, são formados vários grupos de compras. Cada grupo tem que ter, no máximo, 30 famílias. Essas famílias recebem da CEAGESP uma lista individual de compra com dez tipos de alimentos: arroz, feijão, macarrão, óleo, farinha de mandioca, farinha de trigo, batata, cebola, alho e ovo. Cada família faz sua relação de compra e a entrega para o coordenador do grupo. Ele reúne todos os pedidos, faz um só total e o repassa à CEAGESP, que é quem vai comprar os produtos alimentícios.

Preços mais baixos

Até agora, a maioria das pessoas está achando que as compras comunitárias está valendo a pena. Neste mês, por exemplo, o quilo do arroz estará custando Cr\$ 580,00, o do feijão Cr\$ 1.400,00, o da cebola Cr\$ 450,00 e Cr\$ 945,00 a dúzia de ovos.

Para a Cida de Souza, da Comunidade de São José, tudo isso está sendo bom porque "assim a gente come uma comida pura. A batata até parece que foi colhida naquela hora".

A preocupação agora do pessoal é com as exigências da CEAGESP que está querendo cobrar uma taxa das famílias participantes para cobrir algumas despesas. Na opinião de Roberto, deve-se exigir que o governo subsidie essas despesas com funcionários e transporte, senão, no final das contas, o preço dos alimentos será o mesmo que em qualquer casa comercial.

A próxima reunião das Compras Comunitárias será no dia 21 de julho, às 16 horas, na Casa de Encontros de São Miguel. Participando, além de economizarmos, você estará pressionando os comerciantes a abaixarem os preços dos alimentos. Pense nisso.

O Movimento de Creches do Itaim continua firme na luta

OS PASSOS DA NOSSA CAMINHADA



1979

Fizemos uma grande pesquisa no bairro



1980

Organizamos as comissões de moradores por vila. Houve uma assembleia para apresentar os resultados às autoridades.



1981

Conseguimos arrancar do prefeito a promessa de construção de 8 creches no bairro.



1982

Começaram as construções das 8 creches. Formamos comissões para acompanhar as construções e fiscalizar o andamento das obras.



1983

Continuamos a nossa luta pela construção das creches ainda não construídas: indo a prefeitura, administração regional e pressionando as autoridades.



1984

Precisamos articular a luta pela construção de novas creches com a luta pelo bom funcionamento.

Só com muita união e organização conquistaremos os nossos direitos. Estamos nos reunindo no último sábado de cada mês às 15hs, no Salão Paroquial do Itaim Paulista. Venha Participar!

Ermelino Matarazzo terá hospital



Foi muito tempo de promessas e enrolação das autoridades do estado e município. Mas o Movimento de Saúde de Ermelino Matarazzo não ardeu pé e, finalmente, vai ser construído um hospital no bairro. Será na Vila Robertina e terá 250 leitos. Essa foi mais uma vitória do povo que se organiza reivindicando saúde.

Todos os Setores Unidos na Luta pela Terra



O que vamos fazer para que todos nós, povo sem habitação, tenhamos terra e casa? Como cadastrar as áreas livres da Zona Leste? E quando estivermos no terreno, como ele vai ser pago? Esses são alguns assuntos que vão ser discutidos na Assembleia da Terra a ser realizada em todos os Setores da Região. Serão todas no dia 22 de julho.

Cooperativa de alimentos na Comunidade São João

A Pastoral Familiar da Comunidade São João, Setor Artur Alvim, acaba de inaugurar uma cooperativa comunitária de alimentos. Todos os domingos, a partir das 8 horas da manhã, o pessoal pode adquirir cenoura, beringela, pimentão, pepino, alface, mandioca, arroz, feijão, farinha e outros produtos por preços bem inferiores aos das quitandas e feiras. O endereço é: Rua Alberto Flores, nº 34, no Jardim São João, e está aberta a todas as comunidades.

Figura 16

GRITA POVO, nº 22, jul. 1984. p. 8

Página 8 Um Ato de Legítima Defesa Grita Povo

Semana de História na Região São Miguel

O POVO FOI O JUIZ

História se faz. História se conta. Memória perdida é vida que se perdeu. Numa só semana juntamos pedaços de história que são pedaços de cada um de nós. Com os pedaços fizemos um farol,

alto e robusto para iluminar nosso caminho de futuro. Entre os claros e escuros, avanços e recuos dos últimos 20 anos aprendemos a renascer confiantes.

Foi assim a "Semana de História" realizada de 19 a 14 de julho. O povo se propunha a julgar. E julgou. Diariamente, mais de 300 pessoas se reuniram na casa de encontros de S. Miguel para discutir os últimos vinte anos da história brasileira. A sentença foi dada.

NA POLÍTICA, 20 ANOS DE REPRESSÃO

Desde o golpe militar de 64, imposto pelas forças armadas e pelos grupos dominantes sobre a classe trabalhadora, até os dias de hoje, tentou-se alienar o povo de toda participação política. Os métodos variaram entre a tortura mais brutal e os sucessivos pacotes de leis. Mas, em todos esses anos de escuridão a resistência e os pequenos ensaios de reação sempre marcaram a presença do povo no processo político brasileiro.



NA ECONOMIA, 20 ANOS DE EMPOBRECIMENTO

Arrocho salarial, fraude nos índices de inflação, lei antigreve, abertura incondicional ao capital estrangeiro, venda do país ao FMI, empobreceram o povo e levaram o país a uma crise jamais vista em nossa história. O Brasil foi para o buraco... e agora? Quem segura este país? Ninguém. Os militares prometiam

acabar com a corrupção, e começam a bater em retirada, atolados num mar de lama. Alardearam que reduziriam a inflação e agora deixam o poder afogando o povo num índice de mais de 200% ao ano.



NO MOVIMENTO POPULAR, 20 ANOS DE RESISTÊNCIA E LUTA

Castelo, Costa e Silva, Médici, Geisel, Figueiredo, príncipes de um tempo de escuridão. Trazem as mãos sujas de sangue de centenas de vidas cujo crime foi querer liberdade. Construíram um império de pés de barro que o povo da periferia e do campo, as entidades civis e democráticas fizeram por minar. O povo resistiu. O amanhecer se aproxima.



NO MOVIMETNO OPERÁRIO, A VOZ QUE NUNCA SE CALOU

Mais de 1000 sindicalistas eliminados com o golpe. Lei antigreve. Fundo de garantia. Lei 4725 (arrocho salarial), foram cenas de um teatro obscuro criado por atores não menos inescrupulosos. Contagem, Osasco, S. Bernardo, a reação não se fez esperar. O sindicalismo autêntico vai se fortalecendo, as oposições ganham terreno. Chegaremos lá.



IGREJA, UMA PRESENÇA AO LADO DO POVO

Da timidez ao profetismo, a Igreja dos pobres se fez voz entre as mordanças e o silêncio imposto. Apurou sua fidelidade, anunciou o Evangelho clara e seguramente nas vilas e roças. Foi solidária. Mais de 80.000 Cebs tecem um tecido novo de uma nova sociedade. A Igreja se converte. Torna-se a cada dia mais uma Igreja do povo. Do Povo de Deus.



IDEOLOGIA DA SEGURANÇA NACIONAL, UM PECADO QUE EXIGE CASTIGO

Em seu nome foram assassinados Alexandre, Tito, Fiel Filho. Para sua proteção, arrombaram-se casas e vidas. De seu escremento nasceu o AI-5. De seu ventre assassino saiu e cresceu toda uma geração sem história e sem memória. A história vai julgar e será severa, pois, "do ventre fecundo das filhas do povo, das cinzas dos ranchos, da terra queimada, das marchas, das greves, das ruas feridas nascerão seus julgadores"...

Nosso grande agradecimento a Clovis Azevedo, Carlos Eduardo de Carvalho, Paulo Vanuchi, Elias Stein, D. Angélico Sândalo Bernardino e Gilson Schwartz que, num tempo de usura desmedida souberam repartir na gratuidade suas experiências e esperanças.

Você poderá adquirir o texto síntese de todas essas palestras no CEMI, ao preço simbólico de Cr\$ 100,00.



Leia, Divulgue e Assine o Grita Povo

NOME.....

ENDEREÇO.....Nº.....

CASA/APTO.....BAIRRO/VILA.....

CEP.....CIDADE.....ESTADO.....

Estou enviando cheque nominal para Região Episcopal Leste II, no valor de Cr\$ 1.500,00 (6 meses).
Correspondência:
Praça Pe. Aleixo Monteiro Mafra, 13 — 08.000. —
São Miguel Paulista — SP.

Figura 17

GRITA POVO, nº 39-B, nov. 1985. p. 12

DE 08 a 21.11

GRITA POVO

PAG. 12

Os padres também se organizam!

"Vencer unidos na mesma esperança da imposição das mãos".

Reunidos, em Itaici-SP, de 21 a 25.10, mais de 400 padres de todo o país. Não poderíamos deixar de explicitar com alegria nossa comunhão com vocês.

Vivemos dias de confraternização, aprofundamento e oração, tornando realidade o 1º Encontro Nacional de Presbíteros. Entre temores e esperanças constatamos que as esperanças venceram, revimos a chama do dom que nos foi comunicado pela imposição das mãos tornando disponíveis para o serviço do evangelho.

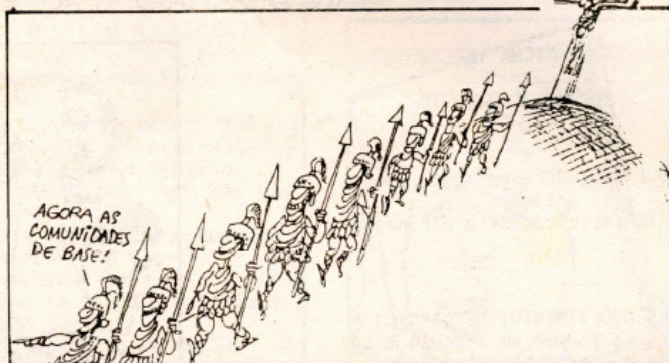
DE OLHO NA HISTÓRIA

Em conjunto, tomamos consciência da grande importância de nossa missão na Igreja e na sociedade. Sem dúvidas enfrentamos nestes 20 anos, muitos bravos no processo de mudanças que exigiram de nós novo posicionamento no exercício do ministério. Sobretudo, porque vividos nas mesmas décadas em que o nosso país foi subjugado um regime ditatorial que oprimiu a nação destruindo muitas vidas e levando nosso povo a um empobrecimento extremo.

Revisamos nossas fraquezas, à luz da Palavra de Deus e das Diretrizes da CNBB, para animar a articulação dos padres diante dos novos desafios do presente e do futuro.

COM OS PÉS NA REALIDADE

O clima reinante, entre os padres, confirmou a necessidade de mais empenho na construção da fraternidade, no aprofundamento da nossa missão. Revelou, também, que nosso serviço presbiterial não poderá ser exercido fora de uma Igreja solidária com as angústias e as esperanças do nosso povo. Firmamos o primado da evangelização como serviço ao irmão,



em especial no nosso país onde as causas que afligem os homens, viessem à tona com a força profética:

- a) No plano internacional, os problemas:
 - da África do Sul
 - da América Central
- b) No plano nacional
 - reforma agrária
 - negros, índios
 - marginalização da mulher
- c) No plano institucional:
 - padres perseguidos
 - movimento dos padres casa - dos
 - viabilidade do celibato opcional
 - valorizar e legitimar a participação das mulheres na vida das CEB's
 - participação dos padres e leigos no processo de nomeação episcopal
 - formação de novos padres

NAO ABRIREMOS MÃO DOS POBRES

O Ministério Presbiterial deve estar voltado hoje, antes de tudo, para a evangelização. Terá como horizonte o Reino, a serviço do qual está a Igreja. Por-se-á a serviço do povo prioritariamente dos mais pobres. Concretamente, comprometer-se-á com as lutas do povo brasileiro, vítima da injustiça generalizada que gera fome, violência e miséria. Para tanto exige uma comunidade eclesial toda evangelizadora, ministerial e missionária.

HOMENS DE DEUS, IRMÃOS DE TODOS

Nós os padres, nos caracterizamos pela não apenas capacitação humana, mas pelo sacramento da Ordem recebemos a graça especial para o nosso ministério. Isso é expressado de modo peculiar na presidência sacramental, sobretudo da reconciliação e da eucaristia.

É importante compreender que o padre não realiza sua missão como "funcionário", mas através do testemunho pessoal de sua fé e do seu compromisso ao evangelho e ao povo.

A espiritualidade do padre hoje, deve traduzir a escolha de um lugar social, que o coloque, de fato, próximo dos pobres e aberto a todos; alimente-se no Cristo Pastor, que tem compaixão com o sofrimento do povo (Mt 9,36). Mas a sua identificação pessoal com o Cristo não deve levar o padre a estar acima dos fiéis, mas em íntima comunhão com os leigos a servir a comunidade, promover participação e responsabilidade e viver intensamente, sem discriminação de pessoas, como irmão de todos.

Texto adaptado do Comunicado Final do 1º Encontro Nacional de Presbíteros: Pe. Sabeh.

NAO FURE O ESQUEMA PARA NAO CRIAR PROBLEMA!

Solicitamos aos COLABORADORES, COORDENADORES DE SETOR, CORRESPONDENTES E AO POVO DAS COMUNIDADES que enviassem matérias, notícias de acordo com o prazo estabelecido para que o jornal não atrase. Peguem no CEMI uma folha de orientação contendo o esquema do jornal.

Figura 18


GRITA POVO, nº 48, mai. 1986. p. 10

De 18 a 9 de maio de 1986

GRITA POVO

Página 10

concílio vaticano II 20 anos de diálogo e as CEB's.



Para falar sobre o significado dos 20 anos de caminhada da Igreja após o Concílio Vaticano II, 40 representantes das Ceb's de nossa Região se encontraram no dia 6 de março na Casa de Encontros para um dia de formação.

O professor Julio Santana mostrou que para compreender esses 20 anos de caminhada pós-conciliar, é necessário ir além na história, ir até o Vaticano I, acontecido uns 92 anos antes do Vaticano II (1962).

Havia, naquele tempo do Concílio Vaticano I, um esforço em centralizar a ação da Igreja a partir da palavra do Papa.

Na história da Igreja do Brasil, se pode observar que até 1850, ou 1860, a Igreja era, por assim dizer, muito mais brasileira. A vinda das ordens religiosas no fim do século passado, caracteriza uma Igreja mais "Romana", orientada a dar mais importância ao Vaticano que mesmo ao espírito, a história, à cultura brasileira.


Depois do Vaticano I (1870) existia na Igreja, estreita relação com o poder político, porque ela mesma pretendia participar desse poder. A Igreja estabelecia juízo sobre tudo, aparecendo, por causa disso, bastante antipática. Era muito mais uma Igreja de "proibições" do que de "diálogo" com o mundo moderno...

Acontece finalmente, de 1962-1965, o Vaticano II. Em 1958, morre Pio XII, Papa vindo de aristocrática família romana. No Vaticano, se processa a eleição do sucessor. Depois de demorada espera (2 semanas), o que prova que lá dentro as coisas estavam bastante quentes. A fumaça branca, sinal de escolha, sobe aos céus! Viva João 23! Filho de camponeses!

Começa uma grande etapa na história da Igreja. Depois de somente 3 meses João 23 convoca o Concílio Vaticano II. Três anos de preparação. Convide a 3 mil bispos. Chegam também representantes das outras Igrejas, "Irmãos Separados".

Na palavra do maior teólogo do nosso século, Carlos Rahner, "através do Vaticano II, a Igreja volta a ser CATÓLICA, isto é UNIVERSAL".

Que aspectos destacamos a respeito do Concílio Vaticano II?



1. O Cristianismo tem que ser universal. Os problemas tem que ser vistos a partir da Igreja da África, da Ásia da América Latina. A Igreja não pode tomar posturas arrogantes ou colonialistas! Onde está realmente a caminhada da Igreja? De um lado, a Igreja se organiza de forma hierarquizada, por outro lado ela se define "POVO DE DEUS". Igreja vem de "Dialogar", tem de ser Comunhão, isto é, Entidade Colegiada. Reconhecer as outras culturas, e realidades: Os leigos tem que ganhar novo destaque e importância.

2. Igreja dos Pobres. A Igreja tem que reencontrar a única forma para ser EVANGELIZADORA, ser a Igreja dos Pobres. A maioria dos pobres do mundo não são cristãos, não estão na Igreja Católica, enquanto a maioria dos ricos do mundo são "Cristãos"! Realidade dura de encarar! Questão de compromisso de Batismo! Deus ama sobre tudo os injustiçados! Como evangelizar? Qual o enfoque da ação evangelizadora de nossas Comunidades?

3. Abertura da Igreja ao Mundo Moderno. No mundo vivem pessoas humanas adultas que nem sempre, na Igreja antiga, eram tratadas como adultas. Igreja tem que ser Presença e Testemunho! Não dar lições de superioridade! O mais importante não é dizer aos outros o que fazer, mas, sim FAZER! É uma nova compreensão da Evangelização! É pôr toda a força na partilha do Amor de Deus! Acompanhar assim a transformação! Buscar no coração do mundo os sinais do Reino!

Figura 19

GRITA POVO, nº 54, ago. 1986. p. 4

Por que Sarney visitou o Papa?

4

Na semana passada o presidente Sarney viajou até Roma para conversar com o Papa. Por que? Será que é uma simples demonstração de fé do presidente do maior país católico do mundo? O que está por trás desta visita?

Para entendermos a razão desta visita devemos olhar com cuidado outras coisas que aconteceram no país. Não é segredo para ninguém que a Igreja do Brasil não está de acordo com a reforma agrária que o governo quer implantar no país. Aliás, tem muita gente achando que isso nem é uma reforma agrária de verdade. Em todo caso, a Igreja tem dado apoio aos movimentos dos Sem-Terra, a CPT (Comissão Pastoral da Terra) e todos outros grupos que têm lutado por uma reforma agrária seria que resolva os problemas dos milhões de camponeses sem terra para plantar.

Missão da Igreja

Ao mesmo tempo, em oposição a esta luta da Igreja, a UDR (União Democrática Ruralista) (os latifundiários) e outros capitalistas estão articulando uma campanha contra a Igreja. Eles estão acusando a Igreja de querer se intrometer nos problemas do governo e até de querer controlar o país. Para eles a Igreja tem que ficar só na sacristia e cuidar das almas. Até parece que eles sabem da missão da Igreja melhor do que os bispos e cristãos engajados.

A Igreja do Papa

Estes capitalistas, além de atacarem a Igreja, tem a "cara-de-pau" de dizerem que são católicos. Só que eles dizem que a Igreja deles é a Igreja do Papa e não a Igreja do Brasil, que segundo eles está infiltrado de "comunistas". Com

isso, eles querem dizer que a nossa Igreja não é a verdadeira Igreja... Convenhamos, eles são pretenciosos...

É neste contexto que o Sarney foi até Roma. Ele quer mostrar ao país que ele é católico. E se os bispos do Brasil estão contra o seu projeto de reforma agrária, o Sarney quer mostrar que o Papa está com ele. Mas, apesar desta tentativa de manipular a Igreja em favor dos capitalistas, sabemos que o Papa e nós, com os nossos bispos, fazemos parte de uma mesma Igreja. E que o Papa está a favor da Igreja do Brasil, e de uma verdadeira reforma agrária para acabar com a fome no Brasil!

Jung Mo Sung

A Formiga está acabando com o Brasil



Todos os brasileiros conhecem a formiga saúva, tão inimiga do agricultor, pois ela devora as plantações, principalmente quando as plantinhas ainda estão novas. Se o agricultor não levar a sério o combate a esta maldita formiga, ela acaba com as plantações.

Existe hoje no Brasil outra praga tão destruidora, talvez muito pior que a formiga saúva, são os maus políticos que deturpam as leis, modificam as leis a seu favor em prejuízo

do povo que os elegeram. Os empresários, patrões e todos aqueles que sugam o sangue do trabalhador pagando um salário minguado e até despedindo-os para não diminuir seus lucros; São os latifundiários que tomam todas terras para si, deixando milhões de brasileiros sem um pedaço de terra para morar.

Tornar-se grande com os pequenos

Existe outro animal que é para as formigas um inimigo mortal chama-se Tamanduá. Hoje, os maus políticos, os empresários, patrões, latifundiários, etc. matam os Tamanduás do povo que se organizam ou organizam o povo contra eles. Exemplos de Tamanduás do povo: Santo Dias, Josimo Tavares, Margarida Maria, Josael Lima e tantos outros que o povo tão bem se lembra. E ainda não contentes, estão se organizando para fazer Nova Constituição para o Brasil, pois a que aí está, já não satisfaz a ganância deles.

Antonio Neto - Jd. Campos

Figura 20

GRITA POVO, nº 5, ago. 1986. p. 12

12

CEMI *informa*

Nova Maneira de Comunicar

Na Comunidade São José Operário, o Darcio Ferraz (47 anos) e seu filho Plinio Marcos, Animam a Comunidade com a Rádio Popular.

"Eu a princípio - explica Darcio - pensava que as reuniões sobre a Rádio Popular fosse um "saco", mas quando comecei a participar fui envolvido de uma tal maneira pela proposta que se hoje a Rádio de minha comunidade acabar eu vou procurar outras Rádios.

Perguntamos para ele qual era essa proposta que o envolvia tanto e ele colocou: "a proposta de atingir o povo com opções novas, programas novos, porque os programas da rádio oficial são feitos para que você não pense, não crie um espírito crítico. E a Rádio popular pretende criar o senso crítico. Não entra na casa da pessoa e diz que ela está certa ou errada, mas fazê-la entender o que está certo ou errado".

A Rádio Popular da Comunidade São José Operário fica na R. Tacha n. 50 - V. Nova Cuçuca.



Como se faz o Grita Povo
3. passo

Depois das matérias selecionadas e distribuídas nas páginas certas, o jornal está pronto para datilografar.

Desta maneira as matérias são digitadas no Micro Computador e gravadas uma a uma.

Com tudo digitado passamos a imprimir na FACIT 8000 (máquina de escrever eletrônica).

As matérias são feitas em colunas de 6 cm. de largura, em cada página cabem 3 colunas.

No próximo número falaremos sobre a diagramação (montagem das páginas).

Cleide - CEMI

CURSO DE VÍDEO NO MEIO POPULAR

Continua o curso de treinamento para a equipe de vídeo, aos sábados das 14 às 17 horas.

Contatos com o Pe. Mário, no CEMI.

MANDEM NOTÍCIAS PARA O GRITA POVO!

O PRÓXIMO NÚMERO SAÍRA NO DIA 15/08

PORTANTO O FECHAMENTO ÚLTIMO PRAZO PRA ENTREGAR AS MATÉRIAS

É O DIA :



VOCÊ QUER SER JORNALISTA POPULAR?

Então venha participar do Encontro de Correspondentes do GRITA POVO.

DIA 17 DE AGOSTO DOMINGO ÀS 14:00 HORAS

NOME _____

END. _____ CEP _____

COMUNIDADE _____ SETOR _____

PREENCHA A FICHA E ENTREGUE NO CEMI ANTES DO DIA DO ENCONTRO

Figura 21

GRITA POVO, ed. especial, mar. 1989. p. 2

O GRANDE PROFETA DE NOSSA REGIÃO

Esse jornal é fruto de depoimentos vários e de uma conversa gravada com dom Angélico, em 17 de março de 1989, onde Ele relata com muita emoção e esperança sua vida em nossa querida Região de São Miguel.

Tentamos ser o mais fiel possível na transcrição da fita. Ressaltamos que os textos entre aspas são do próprio dom Angélico.

JUSTIÇA: a grande herança de D. Angélico

Neto de imigrantes italianos, dom Angélico nasceu em Saltinho, pequeno Município de Piracicaba, interior de São Paulo, em 19 de janeiro de 1933, num berço cristão e operário. Seu pai, Duílio Bernardino, foi trabalhador na lavoura, passando mais tarde a ser operário metalúrgico. Sua mãe, Catarina S. Bernardino, além de cuidar da casa incentivava os filhos a se preocuparem com o povo, vivendo dentro de uma prática religiosa intensa.

Dom Angélico vem de uma família numerosa. Ele tem 8 irmãos: o mais velho é industrial, das seis irmãs cinco são casadas com operários metalúrgicos e uma com um pequeno industrial, sendo que o seu "irmão pequeno" como Ele mesmo prefere chamar, faleceu.

"Sou de uma família de muito trabalho, de muita alegria, de muita união. Toda a minha família praticamente mora muito perto, fisicamente falando e espiritualmente eles são muito unidos e a grande herança que meus pais deixaram a seus filhos foi uma grande preocupação pelos outros e um grande amor a Deus. Uma prática religiosa muito intensa, intensa vida de oração marca a



minha família. Essa garra e preocupação para que o povo tenha vida eu herdei. Eu sou de uma família de militância, o meu avô era um grande militante e o meu pai também não ficava quieto não, tinha um sentido de justiça que eu admiro muito, ele tinha quatro anos de grupo e era um homem realmente de uma grande sensibilidade social; sentia na pele a injustiça e reivindicava também que houvesse maior fraternidade e maior justiça entre os homens", diz dom Angélico.

BISPO SEM COMUNIDADE VIRA PASTOR DE GABINETE

O povo da região de São Miguel se acostumou a ver dom Angélico celebrando, batizando, participando de reunião de conselho da comunidade, rezando em grupo de rua, conversando com grupo de Direitos Humanos, Pastoral Operária..., enfim um Pastor que assume junto com seus agentes tudo aquilo que acredita e incentiva. E Ele diz enfaticamente: "muito embora isso seja muito sacrificado é fundamental participar de uma pequena comunidade onde a gente possa mais de perto exercer o ministério pastoral, para que a gente jamais seja PASTOR DE GABINETE, mas que na prática, veja como aquilo que falamos, aquilo que ensinamos que discutimos, está acontecendo na vida do povo - Muitas vezes as nossas idéias caminham muito mais rapidamente do que as possibilidades sofridas da vida do povo. Ver como funciona o conselho da comunidade, ver como funcionam as diversas equipes. Isso na minha ótica vale desde o Papa até o padre que está sendo ordenado".

"A MAIOR GRÇA DA MINHA VIDA FOI TER SIDO PADRE"

Vocação: "Eu acho que surgiu porque sinceramente Deus colocou o germe no meu coração. Na aldeia em que nasci, digo aldeia porque é um lugar muito pequeno, a Paróquia era grande por causa da zona rural, mas Saltinho era muito pequena. Havia teatro que a própria comunidade fazia, a criançada toda virava artista, inclusive eu fui ator, na catequese. Fui moleque de rua, corria atrás de bola, andava encima de cavalo de pau feito com cabo de vassoura... Foi nesse ambiente que realmente foi despertando em mim o desejo de ser padre e quero dizer o seguinte: A MAIOR GRÇA DA MINHA VIDA FOI TER SIDO PADRE".



SENTADO NOS TRILHOS: OFERTA DA VIDA PARA QUE OUTROS TENHAM VIDA!

Uma história que marcou a vida da Região: "Em 1976, houve um terrível desastre de trem na passagem de nível de Artur Alvim; um trem colheu um onibus e 25 pessoas morreram. A rede ferroviária se negou a receber a comissão que foi solicitada uma porteira. Eu disse na Assembléia: se não nos receberem e não colocarem as porteiros que estamos pedindo nós vamos paralizar os trens, nós vamos sentar encima dos trilhos; esta decisão aprovada, pegou fogo. Os meios de comunicação deram ênfase a esse fato e imediatamente, e eu estava integrando a comissão, a comissão foi recebida pelo superintendente e que quis negociar dizendo que era muito difícil colocar a porteira e tal... É uma porcaria uma rede ferroviária que se quer não tem capacidade de colocar cancelas, porteiros nas passagens de nível. Disse a ele que nós não arredaríamos o pé - ele disse que o momento era perigoso, nós estávamos na época do regime militar, que o nosso gesto poderia ser subversivo, toda aquela conversa, aí eu disse que a decisão tomada em assembléia, que nós estávamos com medo inclusive, mas que os trens iriam parar e que o prejuízo que a rede ferroviária ia ter seria muito maior do que se eles colocassem as porteiros. Eles então cederam a nossa pressão, tempos depois as porteiros foram colocadas, e um fato impressionante é que antes nessas passagens de nível sempre haviam pessoas que morriam. Depois que colocaram as porteiros essa miserável medida, nunca mais alguém foi colhido pelo trem. Essa história marcou a vida da região. As reivindicações foram se multiplicando, os movimentos populares foram ganhando mais confiança, maior corpo e nós fomos crescendo como região". (D. Angélico)

Figura 22

GRITA POVO, ed. especial, mai. 1989. p. 1

GRITA POVO

ANO VI - EDIÇÃO ESPECIAL -DIOCESE DE SÃO MIGUEL - 28 de maio de 1989

"QUERO APRENDER COM ESSA IGREJA VIVA QUE TEM SUA HISTÓRIA"

(D. Fernando Legal - S.D.B.)



**"Ser Bispo é estar em comunhão e
participar da vida do povo!"**

D. Fernando Legal nasceu na cidade de São Paulo, no Bairro da Barra Funda, aos 17 de dezembro de 1931, seus pais João Legal e Benedita de Moraes Legal tiveram 8 filhos, dos quais D. Fernando é o mais velho. D. Fernando praticamente passou a sua infância na cidade de Bragança Paulista (SP), de onde era a família de sua mãe. Também foi em Bragança que D. Fernando diz ter nascido sua vocação e onde ele começou a alimentá-la. No ano de 1944 mudou-se novamente para São Paulo, em Santana, quando começou a frequentar a Paróquia de Santa Terezinha, onde trabalhavam os padres Salesianos. Em 1945, foi encaminhado pelos salesianos para Lorena (São Paulo), onde estudou 3 anos. Passou também um ano em Lavrínhas (São Paulo) e fez o noviciado em Pindamonhangaba (São Paulo). Novamente em Lorena cursou Filosofia por mais 3 anos e após a Filosofia fez 1 ano de Tirocinio, período em que os candidatos ao sacerdócio dos salesianos fazem uma experiência prática nas obras da Congregação, para aprofundamento e discernimento da vocação. Após esse período fez a Teologia em São Paulo, no Instituto Pio XI, durante 4 anos. Foi ordenado sacerdote a 8 de dezembro de 1959.

SUA TRAJETÓRIA COMO PADRE

Já como padre, frequentou por um ano a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, no Ipiranga. Em 1961 foi para a Europa (Roma), onde permaneceu até 1965, fazendo tese em Teologia. Em Roma frequentou o curso de Sociologia, com os Jesuítas: Neste curso havia um acompanhamento especial para os padres do 3º mundo, frequentado por padres da África e América Latina. Frequentou também o curso de Moral e fez sua tese sobre "A Obediência nos últimos 50 anos da Teologia". No ano de 1965 retornou ao Brasil, onde foi professor de Teologia, reitor de Seminário, coordenador de Pastoral dos Salesianos, na província do Sul e provincial dos Salesianos. Neste tempo de padre, devido ao serviço que prestou na formação de novos padres, D. Fernando aprendeu a ter um carinho muito grande pelo trabalho da formação, o que ele encara com muita seriedade, assim como o trabalho da Pastoral Vocacional. Falando sobre a sua opção pelos salesianos e qual a contribuição que os salesianos devem prestar à Igreja hoje, D. Fernando comenta: *"A preocupação pela Juventude, segundo o carisma de D. Bosco, de modo especial a juventude marginalizada e carente das grandes cidades"*, para a qual devemos estar voltados, num trabalho de formação e conscientização.

Aos 31 de maio de 1980 D. Fernando foi sagrado bispo. Nestes nove anos, São Miguel será a sua 3ª Diocese. Antes passou por Itapeva, onde permaneceu 5 anos. Depois Limeira, onde esteve por 4 anos e agora em 1989, está

Figura 23

GRITA POVO, nº 71, mai. 1987. p. 6

6

A COMUNICAÇÃO SE

A PALAVRA FOI ROUBADA DE NÓS



Há quase 500 anos quando nossas terras foram invadidas pelos portugueses, junto com o ouro e a prata, junto com o café e o açúcar,

NOS ROUBARAM TAMBÉM A PALAVRA!

A força do grito, calaram os, nossos antepassados. Os índios e os negros tiveram que abaixar a cabeça e guardar silêncio (e hoje mudou?)

A sociedade cabloca se desenvolveu, conseguimos a independência política. Porém nossas economias são cada vez mais dependentes dos caprichos dos países ricos. Também os MEIOS DE FALAR os MEIOS DE COMUNICAÇÃO continuam nas mãos dos poderosos.

O povo ainda não tem acesso a estes meios.

O POVO CONTINUA SEM PODER FALAR ...

Quando pensamos que o nosso continente está cada vez mais saturado de imagens e de sons; que a duração anual de seções de cinema ultrapassa os 60 bilhões de horas; que as de televisão passam os 200 bilhões de horas; que um número semelhante de horas chegam através de 400 milhões de receptores de rádio; e que a venda anual de discos e cassetes ultrapassa os 700 bilhões.

Quando observamos que o jovem de hoje lê mais de 20 mil páginas de historietas e novelas por ano, e que mais de 50% da juventude não abre um livro por vontade própria, se é que os tem ao seu alcance.

Quando junto ao crescimento demográfico atual, a linguagem radial penetra 60%, e a linguagem dos filmes 100%, a da televisão em 130% e a imprensa escrita em 20%.

(Fonte: Doc. e Com. Pop. - CELADEC - 1979)



MAS NÃO É SÓ ISSO:

A RÁDIO	(deles)
A TELEVISÃO	(deles)
OS JORNAIS	(deles)
O CINEMA	(deles)
OS DISCOS	(deles)

Servem (a eles) para NOS ENGANAR para NOS DOMESTICAR para NOS DEIXAR MUDOS

NOS PERGUNTAMOS: QUE SENTIDO TEM A COMUNICAÇÃO POPULAR? QUE SENTIDO TEM A PRESENÇA DO CEMI NA REGIÃO? QUE SENTIDO TEM OS PEQUENOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DO POVO ?

a comunicação na região 1977-1987

Breve histórico do processo de comunicação na Região São Miguel no 4º Aniversário do CEMI

Aqui na Região, até o início de 77, não existiam movimentos reivindicatórios significativos e, em consequência, a produção de impressos era insignificante. Além de poucos, os boletins e folhetos tinham circulação reduzida e conteúdo não definido. Surgiram em torno de algumas comunidades de base, grupos culturais, de centros comunitários, cursos profissionalizantes, compras comunitárias, etc.

Essas organizações tentavam ser conscientizadoras, mas acabavam desenvolvendo uma consciência apenas teórica, pois raramente levavam lutas em defesa dos direitos do povo. Não empolgaram, a não ser pequenas parcelas da população. A necessidade de comunicação era restrita, por isso não criavam muitos veículos. Eram organizações isoladas que, quando muito mantinham alguns contatos esporádicos entre si. Destacaram-se, na Região as Compras Comunitárias do Centro Comunitário de A.E. Carvalho, do Burgo Paulista e de Engenheiro Goulart, que tinham seus boletins; um grupo cultural da Igreja de Vila Ré, que publicava o RÉ-UNIR e outros. E a

forte atuação nos primeiros movimentos reivindicatórios no período de agosto de 77 (luta por água encanada e melhoria no centro de saúde) para o qual se reuniu, segundo dados da imprensa, cerca de 2 mil moradores.

Neste mesmo período ocorreu um acidente de trânsito na passagem de nível em Artur Alvim, com um trem da FEPASA colidindo um ônibus e matando 22 pessoas no local. Um pequeno grupo de moradores iniciou um movimento reivindicando colocação de cancelas nas quatro passagens de nível existentes na Região Leste. Uma carta de D. Angélico, foi lida em todas as missas protestando contra o ocorrido e pedindo apoio para

Figura 24

GRITA POVO, nº 71, mai. 1987. p. 7

FAZ NA LUTA DO POVO

um abaixo-assinado. Foram 46 mil assinaturas coletadas em apenas uma semana. Houve grande divulgação na imprensa e a vitória alcançada. A partir daí deu-se como estímulo ao uso da pressão na reivindicação e à necessidade de organização de muitas comissões de Direitos Humanos nas comunidades.

Foi em torno de lutas por água encanada, centros de saúde, terrenos clandestinos, extinção de lixões e lagoas, habitação, que mais os habitantes da Zona Leste se organizaram.

INSTRUMENTOS DE COMUNICAÇÃO



A necessidade de comunicação, o não acesso e a falta de confiança nos meios de comunicação de massa que não estão a serviço das lutas populares levaram esses movimentos organizados a buscarem outras formas de comunicação próprias de seu meio e não controladas.

Surge então a Equipe de Comunicação da Comissão Regional de Direitos Humanos da Região, que elaborava roteiros de temas para a discussão - ex.: VIDA, MAS A QUE PREÇO?, fez também vários boletins, convites, cartilhas de orientação das eleições, etc...

Existia nesta época o jornal da Região chamado TRAÇO DE UNIAO, mimeografado e de circulação interna, com pouco mais de cem exemplares. Posteriormente teve algumas edições impressas em tablóide, tendo curta duração.

INFRA-ESTRUTURA PARA PRODUÇÃO DE IMPRESSOS

Na Região, no início da década de 70, praticamente nada existia além de mimeógrafos a álcool e dois a tinta em comunidades. Um passo importante foi dado em 1977 com a aquisição, pela Região, de um mimeógrafo elétrico e equipamento para confecção de estêncil eletrônico e de duas off-sets em Igrejas de bairros.

Era inexpressiva essa infraestrutura de equipamentos, quando considerávamos que a Região tinha cerca de um milhão e 200 mil habitantes e a quantidade de impressos publicados.

Foi então no período de 1981 que esta mesma comissão iniciou a discussão para organização de uma infra-estrutura que fosse mais adequada às exigências das comunidades que vinham atuando no movimento de reivindicação.

Com uma sala atrás da Igreja de São Miguel e posteriormente na Torre da Igreja, junto com os pombos e os ratos renascia com mais energia o nosso Jornal Grita Povo. Depois de 2 anos de gestação do projeto para um Centro de Comunicação, a 15 de maio de 1983, nesta casa velha ao lado da Igreja de São Miguel, nascia o nosso Centro de Comunicação e Educação Popular que inicialmente se chamou Manoel do Ó, mais conhecido como Centro de Comunicação de São Miguel, dando origem a seu mais recente apelido: CEMI.



Temos que ajudar ao povo dizer a sua verdadeira palavra, como a parteira ajuda a nascer a criança.

GRITA POVO - A proposta do Grita Povo é ser um jornal alternativo na região, buscando ser um canal que fale das lutas das reflexões e experiências das nossas comunidades. Para isso você é convidado a participar, a colaborar na redação e na montagem do jornal. Participe!

VIDEO-CASSETTE - "Uma imagem fala mais que mil palavras". A nossa proposta é documentar em som e imagem os acontecimentos mais significativos da caminhada das Comunidades e as lutas do movimento popular de nossa região. E temos também um aparelho de vídeo cassete e uma TV à disposição das comunidades.

PRODUÇÃO DE CADERNOS POPULARES - Produzir e multiplicar cadernos em linguagem e forma popular para os grupos das comunidades no trabalho pastoral e político.

RÁDIO POPULAR - Recuperar a voz do povo, divulgar a vida da comunidade, apoiar as lutas do povo, esses são alguns objetivos do Departamento de Rádio Popular que hoje conta com 25 rádios e 47 comunidades participando dos nossos encontros.

DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO - Organizar arquivo de materiais escritos e fotográficos produzidos pelas comunidades; arquivo de materiais produzidos sobre a região e publicados em jornais, revistas, livros, filmes, etc. Tudo isso está à disposição das comunidades na Igreja velha, no centro da Praça de S. Miguel.

EDUCAÇÃO POPULAR - Visa um trabalho de conscientização de classe e de grupos de alfabetização de adultos. Iniciamos este trabalho com representantes de bases.

PROJETO ÁUDIO VISUAIS (slides) - Temos uma série deles à disposição das comunidades e, a nossa proposta é multiplicar e incentivar o uso de áudio visuais para os trabalhos nas nossas comunidades e nos grupos de reflexões.

Fonte dos dados: Com. e Sociedade nº 5 1981 - Texto: Luiz Mamêssio

Figura 25

GRITA POVO, nº 82, out. 1987. p. 8


A Região saiu da toca.!

Para entendermos melhor o que é **COMUNICAÇÃO**, vamos primeiro pegar a origem da palavra. **COMUNICAÇÃO** vem do latim **COMUNIS**, que quer dizer; por em comum, repartir, e é também a raiz das palavras: Comunidade, Comunismo e Comunhão.

Como podemos observar com o passar do tempo a palavra **COMUNICAÇÃO** se distanciou de sua origem e passou a ser somente um meio de transmissão de idéias, quer dizer; um fala e, muitos escutam sem o direito de falar o que está pensando.


A **COMUNICAÇÃO POPULAR** tem como proposta resgatar o verdadeiro significado da **COMUNICAÇÃO**, através do diálogo, da troca de informações e do ato de compartilhar as idéias. Uma Comunicação onde todos têm o direito não só de escutar, mas também de falar.

E na Assembléia de Comunicação, o Povo falou?




- E aí, Marcos, o que você achou da Assembléia no domingo?

- Mas espera aí, você tá falando de outra comunicação, você não acha que está na hora de sair da toca, não?



- Ah Gilberto, esse negócio de Comunicação, eu escuto todos os dias na Televisão, no Rádio, leio de vez em quando um jornal... Eu já estou com o saco cheio de ficar escutando, escutando...



- Espera aí, não estou entendendo, explica melhor, o que aconteceu de fato? Você está tão empolgado que eu já estou morrendo de curiosidade.

- Sair da toca como? por acaso existe outra maneira de Comunicação que não seja uma pessoa falando e as outras escutando?

- Tinha também pirulito, mas não pense que é doce, pirulito é uma letra grande com um cabinho de madeira. Ao chegar, todo mundo ganhava um pirulito. E aí durante a Assembléia as pessoas foram formando palavras e frases, ninguém podia ficar de fora. E a partir de cada palavra formada, nosso Bispo D. Angélico criava uma mensagem.

- Não, parece que você não quer mesmo sair da toca, Comunicação não é só falar; é escrever, é cantar, é gesticular, enfim comunicar é se relacionar com as pessoas.

- Teve também a participação dos jovens, mostrando a dominação dos meios de comunicação de massa sobre nós, e por sua vez, o povo mostrou como quebrar essa dominação. As crianças também participaram, enfim só não participou quem não quis.

- Participaram como Gilberto, todo mundo falando ao mesmo tempo?

- Não, foi apenas o começo, porque a Comunicação continua no nosso dia-a-dia, em casa, na Comunidade, no trabalho, na escola, nas rodinhas de amigos...

Cleide e Cida - CEMI

EXPEDIENTE

GRITA POVO - Jornal Quinzenal da Região São Miguel

Jornalista Responsável: Angélico Sândalo Bernardino - **Redação:** Jung Mo Sung, Pe. Sabé, Sr. Tarcísio Reis, Carlos Neder e Macarrão (P.O.)

Equipe Coordenadora: Carlos Strabelli, Elizabete Costa, Cida Pimentel, Cleide A.D.D. Carlo e Roberto Joaquim de Oliveira - **Desenho:** Antonio Edson Ferrão e Rafael Herrera.

Composição, Montagem e Impressão: CEMI GRAFICA EDITORA LTDA. Pça. Padre Aleixo Monteiro Mafra, 13 08000 - S. Miguel Pta. - Fone: 297-6388

ASSINATURA SEMESTRAL DO JORNAL GRITA POVO

DATA...../...../.....

NOME _____ Cz\$ 35,00 COMUNIDADE

ENDEREÇO _____ Cz\$ 50,00 CORREIO

CEP _____ BAIRRO _____ Cheque nominal ao Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Pta.

CIDADE _____ ESTADO _____

COMUNIDADE _____ SETOR _____

Figura 26

GRITA POVO, nº 100, ago. 1988. p. 1



Figura 28

GRITA POVO, nº 101, ago. 1988. p. 9


de 29/07/88 à 12/08/88

GRITA POVO

Página 09

**A Nação
acaba
onde
acaba o
Latifúndio**

José Strabeli - CPT



A Constituinte, ao negar o direito à terra aos trabalhadores rurais, transforma-o em subcidadão. Neste centenário da abolição da escravatura, podemos dizer que os trabalhadores rurais são os descendentes sociais dos escravos.

No ano de 1987, segundo relatório publicado recentemente pela CPT (Comissão Pastoral da Terra), revela que foram assassinadas 153 pessoas em conflitos de terra no Brasil. Esse número é maior que o de 1985 quando, com a assinatura do Plano Nacional de Reforma Agrária, os latifundiários se organizaram e a repressão contra o trabalhador foi maior. A realidade negou a previsão de que o recorde de 1985 não seria facilmente batido.

Nos últimos anos, mais de 150 mil famílias do sul do país perderam suas propriedades por causa dos altos juros cobrados pelos bancos em seus empréstimos.

A concentração de terra nas mãos do latifúndio está sendo mais intensa que a capacidade e vontade do governo fazer a prometida Reforma Agrária.

PALAVRAS SÁBIAS

O lavrador Raimundo Bezerra, do Bico do Papagaio no norte de Goiás, definiu assim a situação dos trabalhadores rurais:

"Aí é que eu fui entender que nós, lavradores, não somos parte da nação. Porque a nação acaba onde acaba a cerca do latifúndio".

PARABENS AO GRITA POVO!

Quero parabenizar a todos que tem se empenhado na elaboração do jornal GRITA POVO pelo seu nº100. É com muito carinho que leio-o na certeza de estar sempre mais me conscientizando através dos vários artigos escritos pelos (as) companheiros de caminhada, desejo que haja sempre mais colaboração por parte de todos aqueles que tem algo a nos transmitir. O meu fraterno abraço a todos.

Maria das Graças - Pastoral do Menor

**A LUTA NÃO PARA
COM UMA
CONQUISTA**

Meu nome é Rosângela, sou do Movimento de Terra. No início da luta eu não acreditava e, a minha família era toda cadastrada, minha mãe e minhas 3 irmãs sempre insistiram para que eu fosse nas reuniões. Daí um dia, não sei, acho que foi o Espírito Santo que me iluminou, eu fui na reunião, participei de umas 3 reuniões, quando o Pe. Nildo começou a insistir para que eu fosse para a Região, na reunião dos Sem-Terra e, eu insistia que não queria, porque achava que não estava preparada pra participar e mesmo porque no fundo eu continuava não acreditando.

Daí aconteceu a perda do Pe. Nildo, e, eu comecei a acreditar e a assumir assim, tudo aquilo que o Nildo tinha em mente, ficava todos os dias em São Miguel, das 8:00 horas da manhã até, teve dias que eu fiquei até meia noite, quando começamos a chamar as famílias para fazer o cadastramento pelo FUNAPS. A notícia para fazer o cadastramento nos foi dada um dia, para cadastrar no outro. Nesse dia eu, a Marilena, o Zé Ivanildo, o Neto e mais os coordenadores de São Miguel, passamos a noite inteira indo de casa em casa convocando as famílias para no dia seguinte ter gente lá pra fazer o cadastramento, senão eles iriam alegar que o movimento não tem força, coisas que a gente sabe que eles alegam mesmo. Depois disso a luta aqui no Gianetti continuava para a construção das casas. Conseguimos o material e começamos a construção das casas de pouco em pouco.

A minha casa foi uma das últimas a ficar pronta, ficou pronta no final de março de 1987, porque o meu irmão era um dos coordenadores da área e também era vigia e não dava pra ele construir, a gente não tinha condições de pagar um pedreiro. Um dia resolvi, juntei um monte de homens daqui do Gianetti, meti a cara e enchemos a laje da minha casa. Na minha casa eu fui um pouco pedreiro, um pouco ajudante, fui um pouco electricista também. Mas, tudo bem, hoje eu acredito mesmo na luta, com absoluta certeza, não ligo por nada, pra mim uma das prioridades da minha vida é o Movimento da terra e as lutas, porque eu acho que se a gente não lutar, nunca vamos ter nada na vida!

Rosângela - Jd. Gianetti

Figura 29

GRITA POVO, nº 102, ago-set. 1988. p. 1

GRITA POVO

ANO VI Nº 102 - JORNAL QUINZENAL DA REGIÃO SÃO MIGUEL - de 26/08/88 à 09/09/88 - Cz\$30,00 *

O QUE PENSA DOM ANGÉLICO SOBRE OS PRÓXIMOS CANDIDATOS

Veja nas páginas 06 e 07

Agosto, mês das Vocações

VOCÊ TAMBÉM É CHAMADO

A VOCAÇÃO É DE TODOS

Proclamar e defender o direito ao trabalho, à terra e à vida, animar e organizar a caminhada das comunidades.
(Pe. Nildo)

Leia na pg. 09



ARROCHO E DESEMPREGO:
a solução para as crises?

Leia na pg. 03

REFORMA URBANA:
Alguns ganhos importantes

Leia na página 04 quais foram esses ganhos

FESTIVAL DE CRISES

Não é segredo para ninguém as crises pelas quais o Brasil está passando. O que muitos não sabem é a intensidade dessas crises.

Leia na página 04 o que pensa Jung Mo Sung sobre isso.

MOVIMENTOS DE MORADIA EM BRASÍLIA

Veja na página 03 as perspectivas que levaram os Movimentos de Moradia à Brasília e quais foram as conquistas obtidas.

BÍBLIA NAS MÃOS DO POVO

Leia na pg. 02

Figura 30

GRITA POVO, nº 102, set. 1988. p. 10

Página 10 GRITA POVO de 26/08/88 à 09/09/88

PASTORAL do MENOR em DESTAQUE



HISTÓRICO DA EQUIPE PASTORAL

- A Pastoral do Menor da Região São Miguel, iniciou-se a partir do ano de 1979, e fortaleceu-se criando raízes na Assembleia da Região realizada em Itaici no ano de 1983, quando do D. Angélico a propósito, onde foram destacadas as prioridades Pastorais da Região. Algumas pessoas de vários Setores que participavam da Assembleia começaram a se encontrar para organizar e articular os trabalhos já existentes na Região.

Isto porque sentiu-se a necessidade de fortalecer o entrosamento, incentivar as trocas de experiências, promover encontros de formação nos diversos níveis e organizar equipes. Em fevereiro de 86 inaugurou-se a Casa do Menor, com o objetivo de acompanhar, articular e organizar os trabalhos com menores.

ABRANGÊNCIA - A Pastoral tenta através de sua organização romper todo o ciclo de marginalização que vai desde a zona rural até a delinquência nas grandes cidades. Ela procura sensibilizar e mobilizar as comunidades e famílias dos menores, sobretudo dos mais carentes e abandonados, levando-os a uma organização e participação na luta pela transformação do meio em que vivem.

Busca novas maneiras de trabalhar junto as crianças e jovens através de uma formação alternativa de agentes envolvidos com o menor: articula as experiências existentes. Celebra a vida do menor à luz da Palavra de Deus.

CAMPOS DE ATUAÇÃO - Meninos (as) de Rua, Carentes e abandonados, Infratores e viciados e Menores vindos de Instituições etc.

LINHAS DE AÇÃO - Libertadora, Profética, Evangelizadora, Comunitária, Promocional, Integrada, Integradora, etc.

ORGANIZAÇÃO ATUAL DA EQUIPE - a Equipe de coordenação é formada por dois ou mais representantes de cada Setor, porém pela falta de organização de alguns setores, falta seus representantes. Isto dificulta a articulação e a organização Pastoral. A Equipe se reúne todos os primeiros sábados do mês das 8:30 às 11:30 horas na Casa do Menor.

PROPOSTAS A SEREM REALIZADAS: Cursos de formação com temas específicos; retiros; Assembleias; Semana Ecológica do Menor; Semana do Menor (Região); Assembleia Arquidiocesana; Encontro de educadores; Seminários (Arquidiocese); Encontros meninos (as); Formação dos militantes; Encontros - movimentos populares, etc.

DIFICULDADES: Falta de opção pelo Trabalho Pastoral; de organização da Equipe Regional, de apoio e reconhecimento nas comunidades; Poucas pessoas disponíveis para o trabalho; Falta de organização dos setores; Falta de recursos humanos e financeiros; Os meios de Comunicação de massa e a própria estrutura da Sociedade que individualiza as pessoas.



CONQUISTAS E AVANÇOS: - Campanha da Fraternidade/87; Nôve na de Natal; Assembleias Regionais e Setoriais; Semana do Menor; Encontros de formação para agentes, Ciranda da Constituinte; Cartilha de Atividades da Pastoral; Subsídios; Artigos para o Grita Povo; Pessoas se despertando para o trabalho;

A casa do Menor funciona diariamente de segunda a sexta-feira na Igreja velha de São Miguel, que tem o objetivo de encaminhar, orientar e acompanhar os menores e suas famílias com um atendimento jurídico (às 4ª feiras a tarde). Conta com 3 pessoas liberadas e mais os representantes vindos dos setores que formam a Equipe

Equipe de Pastoral do Menor

POLÍTICOS DE BLA-BLA-BLAS

Toda época de eleições, com as caras mais deslavadas, os mesmos políticos vêm ao Parque Paulistano para iludir, enganar, trapacear e se sentirem realizados em suas promessas demagógicas. Pelo que prometeram, este bairro já teria infra-estrutura há muito tempo. Um deles tem 40 anos que aplica a mesma picaretagem para se eleger vereador.

Agora chega! O Parque Paulistano tem indústrias, estabelecimentos comerciais e milhares de famílias pagando impostos sem obras necessárias ao desenvolvimento social do Bairro.

AGORA CHEGA! BASTA! eis a nossa reação

VAMOS PUBLICAR NOMES, FOTOS E PARTIDOS POLITICOS DAQUELES QUE PROMETERAM E NAO CUMPRIRAM.

BASTA!

Figura 31

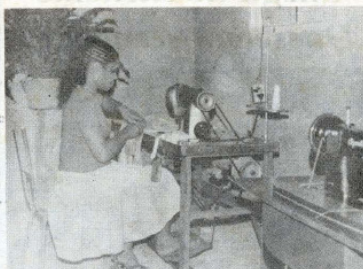
GRITA POVO, nº 11, jul. 1983. p. 8

Experiências de lutas populares

Uma cooperativa de produção de costura que quer acabar com a exploração das costureiras pelas fábricas de roupa, ajudar aos desempregados e despertar nas mulheres do bairro uma consciência política e de luta. É o que um grupo está fazendo no Monte Taó, em Itaim Paulista. Quem vai contar esta experiência é a Cida e a Dona Ermenegilda, duas participantes da cooperativa.

Cida: "No fim do ano passado fiquei desempregada, e com um grupo de pessoas do Monte Taó resolvemos fazer um trabalho no bairro que mostrasse a situação das mulheres que costumam para as fábricas. Começamos a fazer reuniões todos os domingos e vimos que a proposta era boa. Fizemos um levantamento do que tínhamos e o resultado foi: algumas máquinas de costura e muito boa vontade. A Dona Nega e a Dona Ermenegilda compraram outras máquinas. O Silas, que também participa da cooperativa, conseguiu retalhos na fábrica onde ele trabalhava, e retalhos até bons. Compramos um pouco de tecido com o dinheiro que a gente tinha e a costura começou. Marcamos o primeiro bazar no dia 15 de Maio, no Diretório do PT do Itaim Paulista. Com o dinhei-

A cooperativa de costura das mulheres do Itaim



Cida: "A intenção é que a coisa seja espalhada por toda a periferia".

ro conseguido compramos mais tecido. Depois disso mais dois bazares foram realizados. A proposta era que tudo que a gente fizesse fosse dividido. Constantemente fazemos reuniões para encaminhar melhor o trabalho. O que a gente quer também é que as pessoas, ao invés de comprarem

roupa na cidade, onde ela é mais cara, passem a costurá-las; combater a exploração das fábricas, que eu sei como é, pois já trabalhei nelas; e mostrar às costureiras que aceitar fazer roupa em casa para as fábricas, é tirar o emprego de quem poderia estar trabalhando lá."

Dona Ermenegilda — "A gente ainda está em experiência. Falta dinheiro para aplicar em tecidos e uma máquina overloque. O Padre Chico, do Itaim, pediu um orçamento dessa máquina e o encaminhou ao Dom Angélico. Talvez a gente vai para as feiras livres pra ajudar a vender as roupas. Mas tem os fiscais que perseguem a gente e eles não deveriam fazer isto. Com o dinheiro que a gente conseguir, é também para o trabalho de menores aqui do Monte Taó, que, às vezes as crianças nem tem o que comer".

Cida — "A Intenção é que a coisa seja espalhada por toda a periferia. Em São Marcos e Itaquera já vão começar um projeto parecido com o nosso.

O trabalho não está sendo fácil, como elas fazem questão de dizer. Mas está valendo a pena, pois o sentido da cooperativa é a ajuda mútua, é acabar com a exploração.



Dona Ermenegilda: "A gente tem que começar uma cooperativa com a cara e a coragem".

Mas, o que é uma Cooperativa Popular?

Uma Cooperativa Popular é uma reunião de gente do povo para fazer um trabalho juntos, com as despesas e os lucros divididos entre todos. O povo sempre faz uma cooperativa quando falta dinheiro. Ela pode ser de costura, como já vimos, de alimentos, que é comprar mantimentos no atacado, que sai mais barato, e depois dividir para quem colaborou com dinheiro, ou então vender por preço mais baixo; ou uma cooperativa

habitacional, onde várias pessoas se unem para construir casas mais baratas, com material comprado por todos.

Esta é uma forma de ajuda que precisa ser feita. E não só de costura, de alimentos ou habitacional. Cada um, de acordo com o que está precisando, devem pensar na cooperativa popular como uma saída para a organização de suas lutas.

Aprendendo e ensinando Tira o rabo

I. Objetivo: Animação II. Materiais: Cordas panos ou papéis III. Desenvolvimento



Todos os participantes devem colocar um pedaço de pano na parte de trás da cintura sem amarrá-lo; em seguida passa seu braço esquerdo por trás da cintura....



... e o amarra, com uma corda no cotovelo do braço direito. (Desta maneira, se reduz consideravelmente a capacidade de movimento do braço direito).

Quando todos estiverem prontos, dá-se o sinal do início da brincadeira e todos devem tentar arrancar os panos dos demais participantes. Aquele que conseguir arrancar o maior número de panos, sem perder o seu, será o vencedor.

Aquele que tiver seu pano arrancado, ou que solte seu braço esquerdo para arrancar o pano do outro, cai fora da brincadeira.




(do livro "Técnicas de Educação Popular", do Grupo Alforja, da costa rica).

Figura 32

Recibo

08/05



**cemísom
& publicidade**
C.G.C. 82.213.870/0001-30
C.C.M. 9.260.072-07
Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, 13 Tel.: 297 3953
CEP 08010 São Miguel Paulista São Paulo SP

RECIBO

Cz\$

Recebi de _____

Endereço _____ Nº _____

R.G./C.G.C. _____ Insc. Est. _____ Insc. Mun. _____

A importância de _____

São Paulo ____ de ____ de _____

Figura 33
Clippagem

Movimento n.º 290 - 19 a 25/01/81.

pg 2 - "Formais e jornalistas na mira agressiva de policiais e juizes" - As perseguições a jornais independentes de jornalistas combativos, que vão de impostos extorsivos a interrogatórios e processos policiais.

pg 5 - Campanha por uma "condenação" - Preparações para início de uma campanha nacional pela libertação de Sílvan Cellisati e Arivesindo Diaz.

pg 5 - "PT antecipa convênções" - e prepara uma campanha em defesa dos sindicalistas processados.

pg 7 - Reparos sobre a violência e o socialismo - CNBB divulga posição oficial, em decorrência de entrevista de D. Waldin Calheiros sobre justa violência contra o PT.

pgs 8, 9 - O Rio sob o sítio da violência policial - As violências praticadas cotidianamente contra a população pobre do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense.

pg 10 - Naufrágio/Amapá - Excesso de passageiros e descarga no barco Novo Macapá, que fez a travessia Macapá - Monte Dourado, provocou uma tragédia inenarrável: naufrágio com cerca de 300 vítimas fatais.

pg 10 - Cartão vermelho para o pastor Schaffer - Greje luterana exonerou pastor

Figura 35
Logo



Figura 36
Papel Timbrado

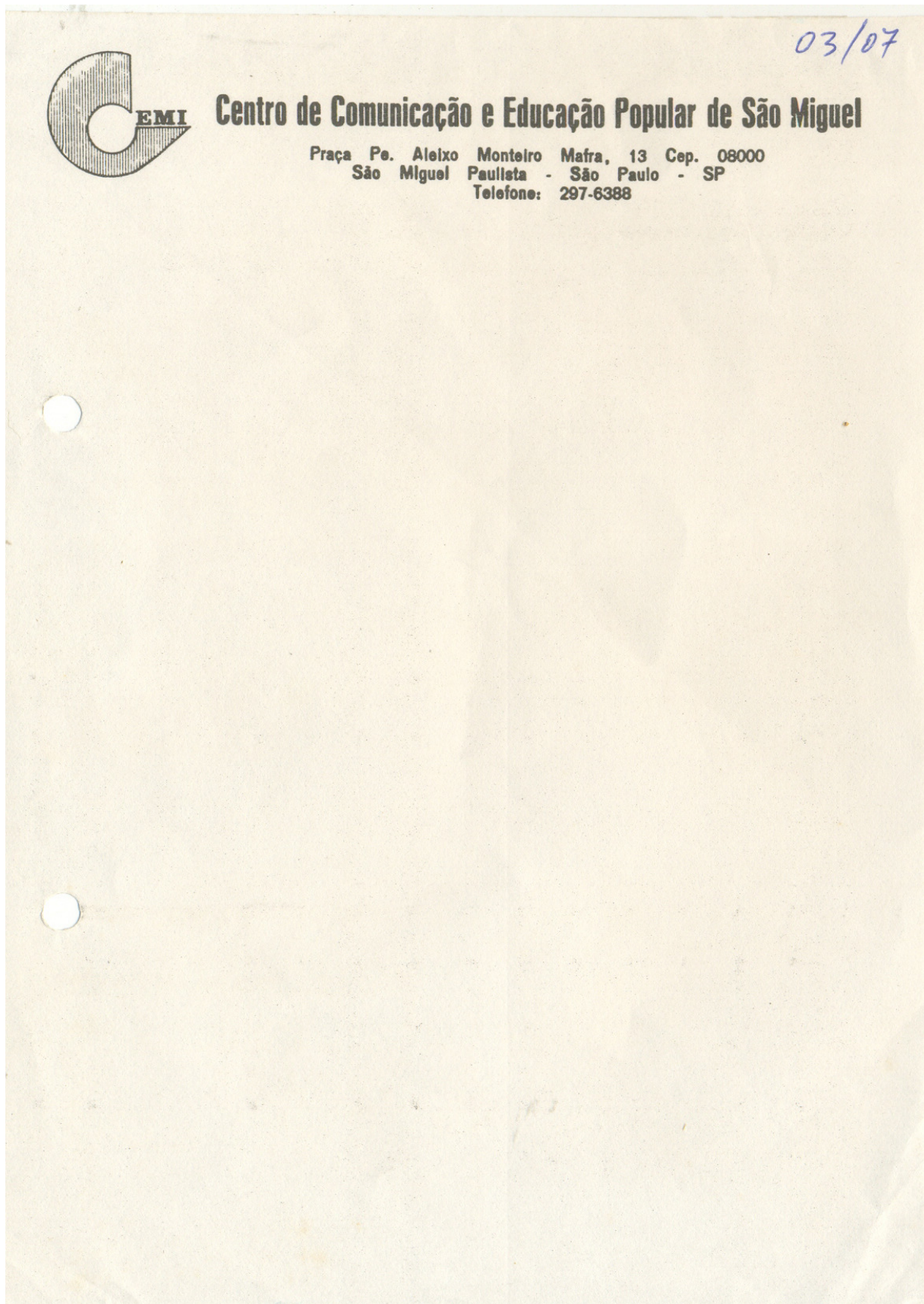


Figura 38
Solicitação de assinatura

Grita Povo

SOLICITAÇÃO DE ASSINATURA Data ____ / ____ / ____

Nome _____

Endereço _____ Nº _____

Vila _____ Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____

Comunidade _____ Setor _____

ASSINATURA ANUAL SIMPLES Cz.\$ _____ Ass. Nova

ASSINATURA ANUAL (CORREIO) Cz.\$ _____

ASSINATURA DE APOIO Cz.\$ _____ Renovação

Forma de Pagamento

Cheque Dinheiro

Grita Povo

Tel: 297-6388
Pça. Pe. Aleixo Monteiro Mafra, 13
CEP 08000-Sao Miguel Paulista-SP

Pagamento em cheque deve ser nominal a
CEMI-Centro de Comunicação e Educação Popular de Sao Miguel

Figura 39

Cartaz de debate sobre educação, com a presença do educador Paulo Freire

debate

PARTIDO POLITICO E A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE NOVA

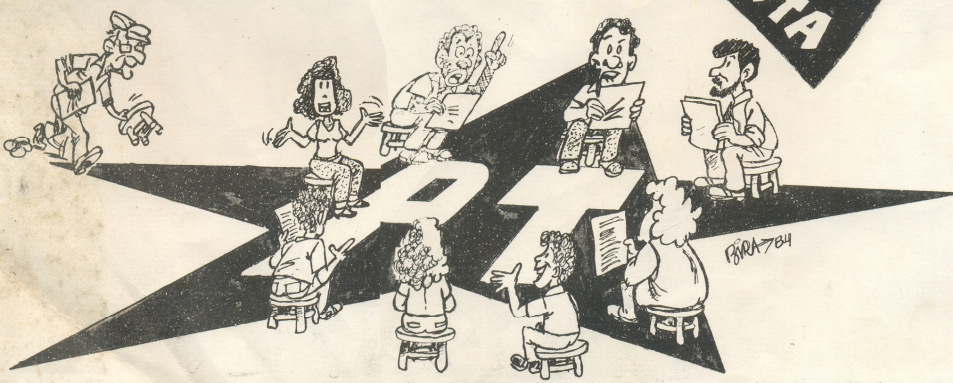
COM:

- ★ MASSIMO CANEVACCI

(PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE ROMA, AUTOR DE "DIALÉTICA DO INDIVÍDUO" E "DIALÉTICA DA FAMÍLIA")

- ★ PAULO S. PINHEIRO
- ★ PADRE AGOSTINHO
- ★ PAULO FREIRE
- ★ JAIR MENEGUELLI
- ★ JOSÉ ARTUR GIANOTTI
- ★ JOSÉ ALVARO MOISÉS

**DIA: 10/05
ÀS 20:30 hs
LOCAL: CÂMARA MUNICIPAL
VIADUTO JACAREÍ
PLENÁRIO PEDROSO HORTA**



PROMOÇÃO: GRUPO DE SAÚDE MENTAL DO PT

Figura 42

Impresso para colaboradores de matérias

GRITA POVO
Jornal Quinzenal da Região São Miguel

MANDE O SEU RECADO

O que vai acontecer?

.....

.....

Quando (dia/mês/ano/hora)

.....

Local

.....

Tema

.....

.....

Quem vai participar?

.....

.....

Seu nome completo (em letra de forma)

.....

.....

Envie seu recado para o JORNAL GRITA POVO
Praça Pe. Aleixo Monteiro Mafra. 13
08010 — S. Miguel Paulista — SP.
Telefone: 297-6388

Figura 43

Anúncio de debate sobre o jornal *GRITA POVO*

Página 04

GRITA POVO
ANO VI Nº 100 - JORNAL QUINZENAL DA REGIÃO DE SÃO MIGUEL - JULHO/88

NO DIA AINDA TEREMOS:

* *

- exposição dos números editados em 1988

* *

- mostra da coleção encadernada desde o início do Jornal

* *

- amostra do encarte "Granja Latina"

* *

- mural com os melhores momentos do GRITA POVO

* *

E mais ...

Após o debate haverá um conquetel de confraternização!

PARTICIPE DE UM DEBATE SOBRE O JORNAL DA REGIÃO DE SÃO MIGUEL:
 DIA: 30 de julho
 HORÁRIO: às 19:00hs.
 LOCAL: Secretariado
 R. José Dias Miranda, 46


JORNAL
 "GRITA POVO"
 UMA ALTERNATIVA POPULAR???



Convidamos você para participar deste debate em comemoração ao nº 100. LEIA as pags. 02,03 e 04.

Figura 44

Impresso para fluxo de caixa


Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel

DEBITE		CREDITE			
CONTA Nº		CONTA Nº			
HISTÓRICO					VALOR
CONTADOR	CAIXA	ADMINISTRAÇÃO			
			São Paulo, _____ de _____ de 19____		

Figura 45
Jornal Sintonia

JORNAL DO BAIRRO

SINTONIA

O JORNAL DA BOA NOTÍCIA

GUIA COMERCIAL

ANO 1 - I EDIÇÃO - AGOSTO 2002 - TIRAGEM 10.000 EXEMPLARES - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

VOCÊ SABIA?

Sede da Sociedade dos Amigos de Vila Parque Paulistano e Vilas Reunidas.

Você sabia que em seu bairro existe uma sociedade que visa o bem estar da comunidade?

Ela existe!!! E tem a função de reivindicar as melhorias necessárias ao nosso bairro. Juntamente com a Administração Regional de São Miguel Paulista, que a partir do mês de agosto desse ano passa a ser Sub-Prefeitura, assim aumentando sua capacidade de atender as nossas reivindicações.

A Sociedade dos Amigos de Vila Paque

Paulistano e Vilas Reunidas, é composta por uma diretoria de quatorze pessoas, tendo como presidente o Sr. Aldo de Oliveira Lima, onde todos trabalham em caráter voluntário para a realização de diversos projetos, como o da melhoria de infraestrutura do nosso bairro. Atualmente está sendo construída uma nova sede,

que irá oferecer à comunidade, lazer e cursos profissionalizantes aos adolescentes e adultos em diversas áreas, como também apoio ao pessoal da terceira idade.

Para concluirmos é imprescindível que em nossa sede social haja o engajamento de todos os moradores da vila, tais como: proprietários, comerciantes, profissionais liberais, autônomos e industriais.

Contamos com você e participe!

Subprefeituras agilizam melhorias nos bairros. Págs. 4 e 5.

Agrava-se a questão da saúde no Jardim Helena. Confira a declaração do Dr. Francé é, diretor do Distrito de Saúde da Vila Curuçá.

Pág. 6

Figura 46

Boletim diário da Paróquia São Francisco de Assis

Ser Cristão: fazer o Caminho e a prática Libertadora de Jesus.

1)= INTRODUÇÃO: O que é essencial no Cristianismo?

"Nisto conhecerão que sois meus discípulos se vos amardes uns aos outros, assim como eu vos amei". (Jo 13,35).

O que nos une como Cristãos não é a idade, nem a raça, nem a língua, nem a política, nem a cultura, **mas é a vontade comum de viver o Evangelho de Jesus Cristo, de realizar a doação das nossas vidas, de prestar serviço aos irmãos, sobretudo aos pobres, e de realizar a vontade de Deus**, dentro das Comunidades, de acordo com o ideal que ela nos propõe na sua Tradição, na sua Prática, nos seus Santos e Santas.

Uma Comunidade Cristã nasce à partir de uma necessidade do povo de Deus. Alguém, um grupo, sente o apelo e responde: São Bento, São Francisco de Assis, São Domingos, o grupo de romeiros no Monte Carmelo, Santa Teresa de Ávila, Madre Tereza, tantos outros, homens e mulheres. Cria-se um grupo, do qual vai nascendo a Ordem, a Congregação, a Família, a Comunidade. Assim nasceu e continua nascendo as Comunidades Eclesiais, até hoje, nos vários cantos do mundo e da Igreja. Somos desafiados a fazer renascer o carisma. **Chamados a recriar**, não a repetir!

1.1)= Estamos sempre entre dois pólos: de um lado, a realidade presente, as necessidades do povo de Deus, os pobres; **do outro lado**, o nosso passado, a tradição mística das Comunidades Eclesiais. Os dois, em nome de Deus, fazem apelo à nossa consciência, cada um a seu modo. A tradição mística nos oferece a forma concreta de como nós, cristãos, devemos viver o Evangelho. O Evangelho é o coração da Bíblia. **Os pobres do mundo denunciam qualquer forma de riqueza acumulada que é causa de privação para os outros**, inclusive a riqueza acumulada da tradição religiosa. Por isso, a tradição deve ser sempre relida a partir do anúncio da Boa Nova aos pobres: Lc 4,18.

1.2)= Mas há um terceiro pólo. Somos nós mesmos, isto é, a realidade da nossa família Cristã. Quem somos de fato? Somos muitos! Milhares, no mundo inteiro: irmãos e irmãs das várias Ordens e Congregações, das Ordens Terceiras, dos muitos movimentos e associações, espalhadas por todo canto. **Somos aquilo que fazemos:** paróquias, colégios, orfanatos, família, trabalho profissional, movimentos, pastorais, Comunidades, administração. A rotina dos nossos trabalhos **absorve 90%** dos nossos esforços.

Este é o nosso presente, nossa realidade concreta, o peso de cada dia, cheio de ambivalência. Não é só dos pobres, nem só da tradição, mas também desta realidade da família que chegam até nós os apelos de Deus. **É o terceiro pólo!** É a fidelidade que devemos às nossas famílias e comunidades, aos nossos confrades, às nossas irmãs e ao povo que nos foi confiado. É esta realidade ambivalente que mais pesa na tomada das decisões e no encaminhamento concreto das coisas. Muitas vezes, ela nos faz entrar em conflito, pois nem sempre nossa vida está de acordo com as exigências do Evangelho, da tradição mística e das opções pelos pobres. É com este desejo de fidelidade ao que Deus pede de nós hoje, que vamos a refletir sobre a **Prática Libertadora de Jesus, descrita nos quatro Evangelhos.**

Não se pode pedir ao Evangelho aquilo que ele não pode dar. Por exemplo, no tempo de Jesus não havia fábricas de automóveis, nem organização de sindicatos. Não havia ônibus nem avião, não havia Internet, nem tantas outras coisas que hoje existem. O Evangelho não tem receita pronta para resolver estes nossos problemas.

2)= Mas, como veremos, no tempo de Jesus havia: (10 faces da realidade no tempo de Jesus)

1. Gente explorada por um sistema injusto: (Mt 25,26);
2. Desemprego crescente: (Mt 20,1-6);
3. Empobrecimento e endividamento crescentes: (Mt 18,23-26);
4. Poderosos ricos que não se importavam com a pobreza dos outros: (Lc 16,19-21);
5. Tensões e conflitos sociais: (Barrabás);
6. Repressão sangrenta que matava sem piedade: (Lc 13,1-3);
7. Classes altas comprometidas com os romanos na exploração do povo: (Jo);
8. Grupos de oposição aos romanos que lutavam pela libertação: (Zelotes e atos);
9. A religião oficial, ambígua e opressora: Mt 23;
10. A piedade confusa e resistente dos pobres.

2.1 OLHAR NO ESPELHO DO PASSADO PARA VER A SITUAÇÃO DO POVO

A)= A Época de Jesus. Como era a vida do Povo no tempo de Jesus?

Quando Jesus tinha mais ou menos quatro anos, morreu Herodes, o seu filho Arquelaus recebeu o governo sobre a Judéia, no Sul. Ele era menos inteligente que o pai, mas mais violento (cf Mt 2,22). Só na tomada de posse dele, foram massacradas em torno de 3000 pessoas na praça do Templo! Governou dez anos e foi deposto pelos romanos por incompetência.

A Galiléia, no Norte, a terra de Jesus, ficou para outro filho de Herodes, chamado Herodes Antipas (Lc 3, 1), aquele que matou João Batista (Mc 6,14-29). Este Antipas permaneceu mais de quarenta anos no governo. Durante todos os trinta e três anos que Jesus viveu, nunca houve mudança de governo na Galiléia! Foi sempre o mesmo Herodes Antipas. Que governo era esse?

B)= O Governo de Herodes Antipas na Galiléia.

Quem mandava mesmo na Palestina, desde 63 antes de Cristo, era Roma, o Império. Por isso, Herodes Antipas, para não ser deposto como o irmão Arquelaus, procurava agradar a Roma em tudo. Insistia sobretudo numa

TABELAS

TABELA I

Relação dos periódicos impressos localizados:

	Título
1.	A Defesa
2.	A mulher e a Saúde
3.	Ação e Fatos
4.	Aconteceu
5.	Alternativa
6.	Alvorada
7.	Aqui Agora
8.	Barricada
9.	Boletim da Comissão Pastoral da Terra
10.	Boletim Mensal
11.	Caminhar Juntos
12.	Carta Mensal
13.	Construindo
14.	Cunhary
15.	Desde las Bases
16.	Dial
17.	Diálogo
18.	Direitos Humanos
19.	Dívida Externa
20.	El Taycán
21.	Entre Todos: Los que queremos la liberacion
22.	Fala, Paraná
23.	Folhetim
24.	Forças Novas
25.	<i>GRITA POVO</i>
26.	Hoje São Paulo
27.	Hora Extra
28.	Igreja Hoje
29.	Informativo Popular
30.	Informativo São Judas
31.	Informe
32.	Integração
33.	Jornal do Jornalista
34.	Jornal PUC-MG
35.	Justiça e Não-Violência
36.	Kosmos
37.	Missão jovem
38.	Movimento
39.	Notas e Notícias
40.	Notícias
41.	O Ascensor
42.	O Diálogo

43.	O Espalha Fato
44.	O lutador
45.	O Migrante
46.	O Planeta Diário
47.	Opinião
48.	Partilha
49.	Pasquim
50.	Passos
51.	Pau de Arara
52.	Pilar
53.	Porã duba
54.	Porantim
55.	Queixada
56.	Quinzena
57.	Resenha
58.	Retratos do Brasil
59.	São Miguel Agora
60.	Sem Terra
61.	Sertal
62.	Serviço Pastoral dos Migrantes
63.	Sial
64.	Sin
65.	Sisac
66.	Tablóide
67.	Teto e Chão
68.	Transformação
69.	Unidade
70.	Vai e Vem
71.	Vamos Governar Juntos
72.	Voz da Nação

TABELA II

Exemplo da análise de conteúdo das edições do jornal *GRITA POVO*

Ano	ED.	Data	Capa	Editorial Recado do Dom Angélico	Notícias*	Observações da pesquisadora
1	0	[s.D.]	Cadê a abertura?	Pró-família: Governo quer enganar o povo	<ol style="list-style-type: none"> 1. Creche é conquista e não um presente 2. Povo reivindica legitimação de posse 3. Conselhos de saúde e suas lutas 4. São Miguel apóia condenados 5. Quando o crime vira show 6. Pior que a derrota, foi a volta à realidade 	<ol style="list-style-type: none"> 4. Sobre padres presos no Araguaia 5. Sobre o repórter Gil Gomes 6. Sobre a derrota do Brasil na copa <p>**Há um quadro chamado "Já estamos funcionando". Nele comenta-se o que já é feito pelo centro de comunicação (como: serigrafia, livraria, audiovisual etc)</p> <p>**O centro de comunicação que assina a impressão desta edição é o Manoel do Ó.</p>

Legenda:

(*) Notícia é entendida aqui como uma matéria jornalística de uma lauda (1.400 caracteres) ou mais e que compreenda além de um fato de interesse no presente, desdobramentos da pauta.

ANEXOS

ANEXO I

Carta enviada ao Instituto de Teologia de São Miguel Arcanjo

A/c: Pe. Jair Coronado

Prezado,

A presente declaração pretende registrar o início do processo de resgate, restauração, conservação, preservação e consolidação de um possível inventário do acervo deixado pelo Centro de Comunicação e Educação Popular de São Miguel Paulista (CEMI).

Conforme observado em meu currículo anexo, o objeto de pesquisa central da dissertação de meu mestrado será o extinto Jornal *GRITA POVO*, publicado pelo CEMI. Sendo assim, realizamos no período compreendido pelo dia 10 a 15 de julho; a reunião, a higienização, a organização e a conservação de todas as edições do jornal mencionado. O montante equivale a 162 edições, com exceção de apenas 5, ainda não localizadas.

Finalizada a primeira etapa de preparação do material histórico e etnológico para a posteridade, nos resta iniciar o trabalho de microfilmagem. O mesmo consiste na forma mais viável de preservação de jornal existente na atualidade. Desde já, ressalto que tal atividade possui um custo elevado e que consiste em um trabalho sofisticado e, demasiadamente, lento. No entanto, me tranqüiliza saber que a UNICSUL, a Universidade na qual trabalho, não hesitaria em nos ceder gratuitamente a máquina para a realização de tal atividade em longo prazo. Para acordarmos tal procedimento, seria necessária uma reunião entre ambas as partes para a confirmação de preceitos e responsabilidades.

Entendendo outros itens existentes no restante do acervo como essenciais para a compreensão do jornal *GRITA POVO*, nos propomos nos dias que se seguirão a estabelecer processo semelhante ao realizado com as publicações do referido jornal, desde que haja interesse do Instituto de Teologia São Miguel em empenhar-se na construção de um possível centro de memória da Diocese. Cabe ressaltar que não nos responsabilizamos pelo o que ainda não enfrentou um pré-inventário, bem como não podemos assegurar que todo o acervo do CEMI foi

mantido intacto desde seu fechamento. Desta forma, isentamo-nos de qualquer responsabilidade pelo acervo, já que o mesmo ainda não está totalmente quantificado e qualificado.

Devo atestar ainda, meu compromisso verdadeiro e desinteressado no acervo mencionado, dada a minha condição de pesquisadora bolsista da CAPES em âmbito nacional. Acredito que tal ação cidadã me fará retornar para a sociedade o valor financeiro empregado em minha formação acadêmica.

Finalmente, ressalto o justo agradecimento ao senhor pela não mensuração de esforços em busca da preservação da memória religiosa e sócio-histórica da região da zona leste do município de São Paulo e pela dedicação empenhada ao transformar o Instituto em um espaço público e democrático de bens culturais e patrimoniais do Estado de São Paulo.

Os demais agradecimentos são destinados às funcionárias do Instituto e seus auxílios generosos, representativos e prestativos.

Obs.: Tendo em vista o cumprimento de expedientes burocráticos na coordenação de estudos pós-graduados do curso de Ciências Sociais da PUC –SP, faz-se necessário que o senhor redija uma carta simples, atestando a permissão que me foi concedida para manuseio do acervo supra citado.

Cordialmente,

Regina Tavares de Menezes

Docente Universidade Cruzeiro do Sul

Discente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Anexo II

Matéria jornalística publicada no Jornal Voz da Comunidade

O BOM FILHO A CASA TORNA: A VISITA DE D. ANGÉLICO À SÃO PAULO

O mês de maio trouxe a honra da presença de Dom Angélico em São Paulo. A visita do antigo bispo responsável pela região episcopal de São Miguel Paulista se deve a 5ª Conferência de Aparecida. Em entrevista exclusiva a este jornal, um dos maiores ícones de evangelização nacional, nos fala sobre as perspectivas da Igreja Católica para este século e sua relação com o povo da zona leste.

Jornal: Nos conte sobre a vinda do Papa pela primeira vez à América Latina.

D. Angélico: Ele deveria escolher outro país, uma vez que já teve outras Conferências por aqui e tinha outros países como a Argentina e o Chile que estavam desejosos a sediar a 5º Conferência. Então, o Papa num gesto de reverência para com o Brasil, escolheu a pátria amada para a realização desse evento. E isso é importante, uma vez que se discutiu muito para definirmos se era conveniente ou não darmos continuidade às Conferências Latino-Americanas no Brasil. Prontamente, os Bispos disseram que: “Sim, vamos continuar realizando as Conferências”. Aproveitando essa vinda, o Papa também se encontrou com a juventude do Brasil para lhes dar a benção. Aliás, o Papa deu atenção a todo o povo brasileiro. Ele também canonizou o primeiro santo brasileiro, um homem que nasceu em Guaratinguetá e viveu muitos anos em São Paulo. Entre tantas coisas que ele fez, destaco sua função de arquiteto e pedreiro. Calejou as mãos na construção de seu convento e Capela. Vale dizer que Frei Galvão também se empenhou em iniciativas voltadas para dependentes químicos numa fazenda em Guaratinguetá.

Jornal: E quanto a outros nomes cotados para canonização? Mártires latino-americanos...

D. Angélico: Veja bem, aqui no Brasil, nós vamos ter a canonização do Frei Galvão e a beatificação de três pessoas. E essas três pessoas são mártires. Uma religiosa lá de Salvador. Uma jovem adolescente que foi assaltada por um homem lá em Santa Catarina. E um coroinha e um padre que na defesa do povo, acabaram assassinados lá no Rio grande do Sul. Essas três beatificações serão em outubro. É válida esta pergunta, mas precisamos compreender que há santos e santas em toda

parte. Eu sempre digo: “São Domingo, rogai por mim; Santa Catarina, rogai por mim”. Eles foram nada mais, nada menos, do que os meus pais. Os virtuosos santos são simples e deram a vida de tal forma que nós já os temos canonizados. Nós temos uma multidão de santos e santas que dão a vida por aí, no cotidiano. Eles são santos dentro da caminhada de um povo. Como o Frei Galvão que andava pela São Paulo e veio lá do Rio São Francisco até a Igreja que é dele, a das Irmãs da Imaculada Conceição.

Jornal: Além destes objetivos, o Papa possui outras intenções junto ao Brasil e a América Latina?

D. Angélico: Há quem diga que o Papa veio para mandar um recado à Pastoral da Igreja da América Latina. Dizem, que ele estaria dando um recado com algumas diretrizes do que pode e do que não pode na Pastoral. Não sei, acho que basicamente, o Papa veio dar orientação sobre o Evangelho de Jesus.

Jornal: E quanto à advertência sobre João Sobrinho, teólogo da libertação?

D. Angélico: Essa advertência não é à toda a obra de João Sobrinho. Como fiel da libertação eu devo abrir um parêntese. O Papa quando mandou uma carta para os Bispos do Brasil falando também da teologia da libertação, fez uma distinção entre a “teologia da libertação” e a “teologia da libertação”. A teologia da libertação insere os ensinamentos da Igreja, dos padres nos ensinamentos bíblicos. A teologia da libertação tem o compromisso evangélico de libertar os pobres, disse o Papa. Então, não seria agora que o Papa Bento via dar um recado. Eu acredito que não é bem por aí. Porque para um discípulo de Cristo que se comprometeu com os pobres, marginalizados, com os menores infratores, com aqueles que tem fome, que não tem habitação nem escola, mas nada é necessário. Nós precisamos somente e urgente discernir os ensinamentos de Jesus, o filho de Deus que assumiu o seguinte: - “E aqui está o sinal de vitória”. Ele não vai perguntar se eu fiz aquilo ou fiz isso, se eu usei colarinho ou não. Ele só vai perguntar: - “Você deu pão pra quem estava com fome? Você foi visitar o carcerário? Você vestiu o nu? Quando você fez isso, você fez para mim?”. No declinar de sua vida, dizia São João da Cruz que nós seremos julgados através do amor. Então, eu espero que esse recado passe para todos, para que sejamos discípulos de Cristo com empolgação e entusiasmo. Essa é a minha maior expectativa.

Jornal: Essa é a expectativa da Igreja?

D. Angélico: Eu sempre digo que nós precisamos na Igreja - comparando a um carro - de um acelerador e também do pé no breque quando precisar. Nós estamos na fase bonita de ir para frente e quando necessário colocar o pé no breque também. Porque esse negócio de Igreja não é só do Papa. Todos nós, discípulos e missionários de Jesus somos responsáveis por ela. Hoje, a grande convocação é a novidade. A gente quer convocar os leigos e leigas. Precisamos atingir leigos que têm entregado a vida na defesa da liberdade, da participação popular.

Jornal: Quais são os desafios da Conferência?

D. Angélico: Vão ser três grandes desafios que essa Conferência vai encarar para dar linhas e pistas pastorais. Nós estamos vivendo uma nova situação cultural e civilizacional. O mundo mudou e mudou dramaticamente. Nós precisamos assumir a mensagem de Jesus e cultivar essa mensagem aqui na América Latina e no Caribe. O ponto básico de mudança nesse mundo é que a Igreja sempre se volte para o pobre e o sofrido. É triste saber que tanta gente passa fome na América Latina, que não há escolas etc. Gente morrendo de tanto comer e gente morrendo por não ter o que comer. A concentração de renda na mão de poucos é um escândalo. Então, tem que ter a contemplação para um mundo de justiça e de paz, tem que receber a atenção a América Latina. Para isso, a juventude é o caminho. Nós precisamos dialogar com a juventude. Aliás, essa 45ª Assembléia acaba de aprovar um documento oficial da CNBB de evangelização da juventude. É preciso ouvir o jovem, amar o jovem nas mais diversas situações para realmente propõe a mensagem de Jesus de Nazaré, o filho de Deus. A família está sendo nocauteada de todas as formas, então devemos nos aproximar da família, de todos os tipos de família. Precisamos avançar e muito, inclusive na questão do ministério. Eu sou francamente a favor do padre celibatário porque o celibato é um carisma que Deus dá a determinados homens que abraçam a causa do rei integralmente. Mas, eu também sou favorável que o homem que é casado e com família possa ser chamado a ajudar a Igreja, como discípulo. Os Apóstolos e os discípulos eram casados, eu não vejo hoje porque não abrimos essa porta. Uma outra questão também é a valorização cada vez maior da mulher na Igreja. É um tema que deve receber contemplação dessa Assembléia. Contudo, nem todos os problemas serão resolvidos nessa Assembléia. Há muitos problemas na Igreja, mas, que não são da competência de uma Conferência regionalizada.

Jornal: O senhor tem esperança que avancemos nessas discussões?

D. Angélico: Há pessoas que dizem que não vai mudar nada. Mas, eu sou um velho que tem muita esperança. Eu gosto muito daquela bandeira levantada pelo Apóstolo Paulo na Carta XII: “Seja um alegre, cheio de esperança, firme e perseverante na oração”. O tempo para uma análise conjuntural é a sensação de uma volta para o exterior da Igreja. Nós temos que analisar muito, aprimorar muito, mas a Igreja existe para evangelizar, a Igreja existe em função da construção do rei. Então, eu espero que essa abertura continue para o diálogo inter-religioso, o ecumenismo etc. O que eu acho que já é uma mudança nessa conferência é que de uma maneira carinhosamente especial, as nossas dioceses e comunidades elaboram várias sugestões para essa Conferência. Eu sou Bispo há 32 anos e eu jamais vi uma participação tão grande. Inclusive até gente de Santa Catarina mandou sugestões para essa Conferência. De tal forma que houve uma movimentação e é impressionante o número de e-mails, de colaborações, de sugestões e de telefonemas que eu tenho recebido. Eu acho que a Conferência tem o seu ponto mais importante depois quando arregaçarmos as mangas para devorar o Evangelho e procurarmos ser realmente missionários e missionárias da boa nova de Jesus.

Jornal: Qual é a marca da Igreja no século XXI?

D. Angélico: Quando perguntaram a um determinado grupo qual é a cara da Igreja no Século XXI, o grupo deu a sugestão que fosse o rosto da misericórdia. Então, a Igreja tem que ser um exemplo de bondade e misericórdia. De tal forma que seja a pessoa de qualquer jeito, devemos ter misericórdia, vamos trabalhar para ajudar casais que por um motivo x ou y são cercados por sofrimento. A Igreja hoje abre as portas para todas as múltiplas famílias. Entretanto, não queremos banalizar os relacionamentos afetivos. Passou no Fantástico, uma reportagem onde os jovens estavam lá contando quantas meninas pegariam a noite: - “Ah, hoje eu vou pegar quinze meninas”.

Jornal: Falando em comunicação, qual a sua opinião sobre os meios de comunicação popular?

D. Angélico: Eu acho que os pequenos meios são extraordinários, eles precisam ser muitos mais valorizados. Em São Miguel eu lembro que fizemos um veículo, um caderno chamado *GRITA POVO* e foi realmente a boca do povo. O clamor do povo. Foi o clamor da habitação, o clamor da creche, foi o clamor dos postos de saúde. Foi o clamor do povo que teve no “*GRITA POVO*” a sua voz. E foi

num tempo árduo, de ditadura militar, de sofrimento que não era fácil. Então cada vez mais eu acredito nesses meios simples de comunicação. Porque esses grandes meios não atingem nem resolvem o problema da Dona Maria, o problema daquela comunidade. Tanto isso é verdade que em Blumenau, fizemos a voz da diocese, com 42 mil exemplares. Temos que valorizar meios como as rádios comunitárias, elas não são rádios piratas coisa nenhuma. São as vozes do povo. E o governo devia ajudar esses meios, protegê-los, regulamentá-los.

Jornal: E os meios de comunicação da Igreja?

D. Angélico: Os meios de comunicação da Igreja são sempre encantados. Abriu uma rádio: “Parabéns!” “Abriu um canal de TV. Parabéns!” Eu gostaria de ver um veículo nacional de comunicação em que nós realmente pudéssemos evangelizar e modernizar com programas, novelas e uma série de coisas. Anunciar a boa nova de Jesus, anunciar um som de uma nova sociedade, um Brasil diferente. Falo de um meio de comunicação livre a serviço do povo. Nós estamos ainda pulverizados. Nós temos muitos meios de comunicação. Nós temos, sobretudo, rádios. Somos fortes em rádio difusão, mas nós precisamos melhorar a qualidade dos programas e eu não estou os criticando, hein. Precisamos apenas melhorar os programas para passar a realidade do povo e que defendam claramente as causas da justiça pelo povo. Por exemplo, precisamos falar da reforma política que não se trata só de passar um partido para outro, mas uma reforma política ampla. E das velhas questões como: a reforma agrária, a reforma urbana, o plano da educação. Enfim, todos os segmentos da sociedade.

Jornal: E os movimentos populares, teriam espaço na comunicação católica?

D. Angélico: Nós estamos em maré baixa a respeito dos movimentos populares. Esse que é o problema. Isso é uma pena para o sistema democrata. É preciso ter participação popular. Povo na rua, pressionando o Congresso, o Judiciário. Eu me lembro de inúmeros momentos de luta na zona leste, como quando nós estávamos fazendo uma Assembléia reivindicatória por um posto de saúde lá no Jardim das Oliveiras. Fazia um sol que Deus mandava e a gente lá firme e forte. Ah, que saudades...

Jornal: Deu saudade da zona leste?

D. Angélico: A zona leste somos nós! Eu faço parte da zona leste. Com Corinthians e tudo. E tenho uma saudade de São Miguel. Eu sou devedor da Zona Leste. Quer ouvir uma coisa? A primeira vez que eu fui numa reunião como Bispo no

dia 5 de janeiro de 1975, Dom Paulo Evaristo, extraordinário profeta da América Latina disse: -“Olhe, eu acho que você deveria ir pra lá e você deveria ir pra cá”. Aí, então ele falou para mim: - “Você vai para zona leste”. Naqueles anos, a zona leste estava unificada. E eu morava no Largo São José do Belém quando houve uma primeira reunião dos Padres em Itaquera. Aí veio um Padre de Itaquera para me levar até a região. Aí quando estávamos no Artur Alvim, numa rua que estava junto com a estrada de ferro, lá longe estava um aglomerado. Aí, eu perguntei para o Padre Júlio: - “Padre, o que é aquilo?” “Não sei!”. E aí chegamos no aglomerado, onde estava um jovem que tinha caído do trem e o povo estava esperando por socorro. E ele tinha cortado no trem a perna. Daí eu perguntei: “Onde está a perna dele? Pensando em “colar” a perna dele, desci até lá embaixo e peguei a perna. Coloquei o rapaz no banco de trás, eu estava em choque. Fomos para o hospital Santa Marcelina e imediatamente o acolheram. Eu levei a perna dele, mas não houve saída. Ele ficou sem a perna. Esse foi o primeiro encontro que eu tive com a realidade concreta da zona leste. Anos depois, tinha a passagem de nível no Artur Alvim com uma porteira. Ali havia muito desastre a população era sacrificada. Era uma omissão da rede ferroviária e das autoridades em geral. E houve um desastre onde muitas pessoas morreram e nós fizemos uma Assembléia em Artur Alvim e o povo foi falando, falando e eu estava ouvindo. E eu sou muito emotivo até chorei em determinados momentos. E aí se levantou uma irmã, militante da primeira linha que se chamava Anete. E ela disse o seguinte: “Precisamos fazer alguma coisa de concreto, não é possível”. E o Espírito Santo baixou na minha cabeça. Aí eu fui na frente e falei assim: “Não adianta a gente ficar falando, reivindicando, a gente vai parar o trem, vamos sentar na linha do trem”. Daí todo mundo bateu palma. E no dia seguinte os grandes jornais publicaram que o Bispo e o pessoal iam breicar os trens. E a superintendência da rede ferroviária convocou uma reunião para ir à sede da rede ferroviária. Formamos uma comissão e fomos lá. Aí o superintendente me disse: “O senhor deve saber que nós estamos em momento de recessão”. Aí eu falei: “Olhe, nós dissemos que vamos sentar na linha do trem e nós vamos sentar na linha do trem”. E depois quando eu voltei o povo perguntou: “Nós vamos mesmo?”. Eu respondi: -“Nós vamos, mas quando o trem chegar nós todos pulamos!” (risos). Daí a rede ferroviária se responsabilizou de colocar as porteiras. Enfim, eu fui sempre encantado com as mobilizações. Eu sempre fui empurrado para o povo. O povo sempre me ensina, me solicita. Eu sempre acredito na multidão.

Uma vez, nós estávamos lá na frente da Catedral de São Miguel Paulista, na Praça Aleixo e chovia muito. Essas reivindicações foram gloriosas. Uma vez estávamos numa inauguração e uma mulher de raça negra falou: “Bispo, venha ver minha casa”. E eu falei: “Espere um pouco minha filha”. Acabou a manifestação ela me pegou pela mão e me levou até sua casa. Era uma casa de habitação popular. Eu sempre fui pobre e o senhor não imagina. Essa é a primeira vez que eu tenho uma casa. Eu posso dar um beijo no senhor?” E me beijou. Tantos beijos sacramentais que eu ganhei que tenho até marcas.

São coisas que eu vivi na época de militância em São Paulo, na Zona Leste, que mostra a grandeza do povo, a teimosia de um povo, a esperança de um povo que tem sido, às vezes, deixado de lado pelas lideranças políticas e econômicas. Então, poderia ser melhor, tem direito de ser melhor e se não é, não é por causa do povo, é por causa da omissão daqueles que não querem o desenvolvimento do povo.

Foram quinze anos de militância que eu procurei viver com o meu amado povo da região episcopal de São Miguel. Do qual, eu aprendi muito, do qual eu guardo muitas lembranças. E eu tive a felicidade, aí é uma opção pessoal, que sendo Bispo de toda a região pude assumir mais concretamente as comunidades.

Jornal: Qual o recado que o senhor deixaria para os moradores da zona leste?

D. Angélico: Longe é um lugar que não existe e quando a gente ama alguém a gente reza. E constantemente eu rezo pela Igreja, pela diocese de São Miguel, pelo povo de São Miguel. E não escondo não, eu assino o jornal de São Paulo. E leio tudo sobre a zona leste, como eterno habitante de lá. Eu sempre digo que, quando o meu querido irmão D. Fernando Legal tomou posse da Catedral de São Miguel, eu falei: “Bem vindo seja aquele que vem em nome do Senhor!” Ele vem para São Paulo como pastor, como arcebispo e como missionário.

Jornal: O que o senhor acha da atual estrutura da Igreja em São Paulo?

D. Angélico: Devo dizer que me parece que a Igreja não tem uma solução para a presença episcopal na metrópole. Isso vale para São Paulo, para o Rio, para as grandes cidades. É evidente que ser Bispo numa metrópole, não é o mesmo que ser bispo em Blumenau. Há uma complexidade enorme e o Bispo tem que trabalhar nisso. A experiência que nós tivemos durante vastos anos em São Paulo, na minha modesta opinião não pode ser disfarçada pela Igreja. A Igreja, em âmbito mundial, fará bem se debruçar sobre modelos vividos. A arquidiocese de São Paulo viveu um

modelo novo. Paris também. Madri também. O simples fato de seccionar a metrópole, na minha opinião não resolve a problemática. O simples fato de termos um bispo com bispos auxiliares que ficam um tempinho e depois se vão, para mim, também não resolve. Eu continuo firme na opinião de que a Igreja não tem um modelo de presença episcopal colegiada na metrópole. Têm muitas estruturas eclesiais que precisam ser revistas. Tem muitas coisas da Idade Média. Nós precisamos rever, não é fácil, mas é complexo, temos valentia sim, coragem para caminhar veredas e estradas longes também neste aspecto. E eu, a cada dia que passa, tenho mais paixão por Jesus Cristo e por isso creio em mudanças.

Jornal: Como vai o espírito de D. Angélico?

D. Angélico: Eu sou discípulo de Jesus Cristo e digo isso com o maior orgulho do mundo. Para mim, ele é a verdade e a vida, a luz e o caminho. Ele é o filho de Deus, é o filho de Maria, o carpinteiro de Nazaré, é o redentor, é o libertador do mundo. O discípulo deve ser apaixonado por ele e agarrar aquilo que foi a paixão de Jesus e a causa da vida, o reino de Deus. Então, esse reino de Deus está construído, a Igreja dá uma colaboração enorme para a construção desse reino, mas há muita gente que também colabora para essa construção que é feita de justiça, amor e paz. Todo ato de justiça, todo ato de amor constrói o reino.

O importante é que a gente consiga ser seguidor de Cristo. Algo que me apaixona e que está no discurso de Cristo é: “Amais uns aos outros”. E seus discípulos o cercaram e ele abrindo os braços continuava disse: “Bem aventurados os pobres, pois é deles o reino dos céus; bem aventurados os que choram, pois eles serão consolados; bem aventurados os que tem sede de justiça, que eles serão saciados; bem aventurados os misericordiosos, pois alcançarão o que querem; bem aventurados os puros de coração, eles verão a Deus; bem aventurados os perseguidos pela justiça, pois deles serão o Reino dos Céus; bem aventurados os pacificadores, eles serão chamados de filhos de Deus”.

Você sabe quem é Dom Angélico?

Dom Angélico Sândalo Bernardino nasceu no interior do Estado de São Paulo em 1933. Vinte e seis anos depois teve sua ordenação presbiterial na Catedral São Sebastião, em Ribeirão Preto. A ordenação diocesana aconteceu em 1975, na Catedral de São Paulo. Atuante em suas funções religiosas foi diretor espiritual e

professor em seminários, coordenador da pastoral arquidiocesana, bispo auxiliar de São Paulo, responsável pela Pastoral Operária Arquidiocesana e jornalista responsável pelo jornal *GRITA POVO*. Atualmente, além de membro da CNBB, o bispo atua na região de Blumenau. Dom Angélico é um símbolo de luta social pelo Povo de Deus e ainda hoje, ele é lembrado na região como o “pai de todos”. Ah... E aguarde! Em breve, a comunidade saberá do lançamento de um livro que conta a história de vida deste cidadão cativo da zona leste.

Regina Tavares

Irmã Rosa

Carlos Strabeli